

Gonçalo José Trindade Fernandes de Santareno Bento

Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras
Apropriação e vida do espaço público

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2014

Gonçalo José Trindade Fernandes de Santareno Bento

Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras
Apropriação e vida do espaço público

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura no Curso de Mestrado Integrado em Arquitectura, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2014

Dedicatória

Dedico esta Dissertação de Mestrado aos meus pais, Elda Maria Trindade Fernandes Bento e José Luíz Pimenta Alves Bento, pelo incentivo e apoio que sempre demonstraram em todas as minhas escolhas e decisões.

Agradecimentos

A elaboração desta dissertação só foi possível graças à Professora Doutora Patrícia Santos Pedrosa. Agradeço todo o apoio no delinear das directrizes que envolveram o presente trabalho, a sua disponibilidade incondicional e preocupação em contribuir, sempre de forma positiva, para a melhoria dos conteúdos abordados.

Índice

Dedicatória.....	2
Agradecimentos	3
Resumo.....	6
Abstract	7
Introdução	8
1. Enquadramento: os jardins e as cidades	12
1.1. Origem dos jardins	12
1.1.1. Mesopotâmia, Egito e tradição Assírio-Persa	12
1.1.2. Grécia, expansão Helénica e Roma	14
1.1.3. Oriente e Islão	17
1.1.4. Idade Média e Renascimento.....	19
1.1.5. Barroco e Classicismo.....	20
1.1.6. Romantismo	24
1.1.7. Elementos tradicionais do jardim português	26
1.2. Planeamento urbano.....	29
1.3. Paisagem – território humanizado.....	34
1.3.1. Elementos fundamentais	35
1.3.2. Padrões na paisagem	37
1.3.3. Vocabulário visual	38
1.3.4. Arquitectura e arquitectura paisagista	41
2. Oeiras: história e geografia	45
2.1. Caracterização e evolução do território.....	45
2.2. Património Paisagístico	60
2.3. Reconversão de jardins privados para uso público.....	64
2.4. A Quinta dos Sete Castelos	69
3. Jardim da Quinta dos Sete Castelos: apropriação e vida	80
3.1. Metodologia da análise.....	80
3.2. Inquéritos-piloto	83
3.3. Estrutura dos Inquéritos.....	85

3.4. Análise dos Inquéritos	89
3.4.1. Identificação dos Inquiridos	89
3.4.2. Questionário.....	91
3.5. Plantas síntese da ocupação de espaços e fluxos de circulação	112
3.5.1. Dias úteis da semana.....	113
3.5.2. Fim-de-semana.....	117
3.5.3. Fluxos de circulação	120
4. Conclusão	124
Bibliografia	131
APÊNDICES	I
Apêndice 1 – Inquéritos	II
1.1. Minuta dos Inquéritos-piloto	II
1.2. Minuta dos Inquéritos (2.ª fase)	IV
1.3. Inquéritos efectuados	VI
1.4. Tratamento de dados	LVI
Apêndice 2 – Plantas da ocupação de espaços e fluxos de circulação	LXIII
2.1. Minuta das plantas.....	LXIII
2.2. Plantas efectuadas	LXIV
Apêndice 3 – Registos fotográficos	XCIII
ANEXOS.....	CII
Anexo 1 – Correspondência	CIII
1.1. E-mail de Célia Garret Florêncio.....	CIII
1.2. E-mail de Rodrigo Alves Dias	CIV
Anexo 2 – Tabelas do Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011	CV
2.1. População Residente por grupos etários	CV
2.2. População Residente por países de naturalidade	CV

Resumo

A presente investigação sobre o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, unidade urbana de carácter público recente, pretende aferir a validade da sua reconversão espacial para os utilizadores; diagnosticar o ajustamento funcional e adequação do equipamento às necessidades da população; avaliar o quadro de potencialidades e fragilidades do espaço como gerador de dinâmicas na comunidade local e apurar a necessidade da realização de outras intervenções.

Sendo a reabilitação e a reconversão processos cada vez mais comuns, pretende-se caracterizar este caso, enquadrando-o histórica, tipológica e funcionalmente, abordando da génese do jardim, no contexto do planeamento e da gestão urbana, à prossecução do ideal paisagístico/urbanístico de equilíbrio e o vocabulário morfológico de elementos e unidades paisagísticas. Nesta linha, procedeu-se a uma análise do território de Oeiras e das quintas de recreio, na estruturação do território e de um património paisagístico a preservar e valorizar.

A análise da intervenção e o grau de apropriação do espaço, assentou numa metodologia e conjunto de instrumentos – inquéritos, plantas síntese, mapas de ocupação dos espaços, fluxos de circulação e respectivas interpretações – em linha com uma pertinente política de acompanhamento e avaliação de resultados inserida na problemática da apropriação do património privado para a esfera do uso público.

PALAVRAS-CHAVE: espaço público; jardim; reconversão; apropriação; vida urbana.

Abstract

The main aim of this study, which focuses on a relatively recent public urban unit, the *Quinta dos Sete Castelos* Garden, is to assess the validity of the garden's spatial conversion and refurbishment; diagnose the functional adjustment and the equipment's suitability to the population's needs. Thus, outlining the potentialities and fragilities of this space as a dynamic generator within the local community and assessing the need for further intervention.

In view of the fact that urban rehabilitation and conversion interventions are increasingly common, this study intends to portray a historical, typological and functional framework broaching the genesis of the garden, within urban management and planning, pursuing the ideal equilibrium between urbanism and landscape and the morphological vocabulary of landscape elements and units. Thus, the Oeiras territory and its recreational farms – *Quintas de Recreio* – were also analysed, particularly regarding their effect on the structuring of the territory and landscape heritage, to be safeguarded and enhanced.

The analysis of the intervention and degree of spatial appropriation was based on a specific methodology and set of tools – surveys, synthesis plans, space occupation charts, circulation flows and respective interpretations – connected with a relevant result monitoring and assessment policy for appropriation of private property for public use.

KEYWORDS: public space; garden; refurbishment; appropriation; urban life.

Introdução

O objecto de estudo da presente dissertação é a apropriação do Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras para uso público e a validade/necessidade da realização de diagnósticos e acções de avaliação que incidam sobre este tipo de iniciativas.

O espaço analisado teve a sua génese urbana como um lote privado de habitação permanente da família D'Orey – 1898 até 2000 – numa lógica de vivência do espaço enquadrada no conceito das quintas de recreio que proliferavam nas zonas nobres da costa de Oeiras e Cascais no século XIX. Tendo atravessado um período de inactividade funcional, foi no ano 2000 que a Câmara Municipal de Oeiras adquiriu a propriedade aos herdeiros desta família, procedendo posteriormente à sua reconversão. Em 2005, o espaço tornou-se um jardim público destinado à fruição e lazer comunitário, tendo parte do conjunto edificado – antiga casa dos caseiros – sofrido uma alteração de atributos e funções para uso como Café/Restaurante. Contudo, o edifício principal permanece, até à actualidade, como um imóvel expectante por restauro/reabilitação e sem função atribuída.

Consistindo este espaço numa unidade urbana com um carácter público, relativamente recente, pretende-se com o presente estudo identificar as diversas áreas componentes deste jardim e as regras morfológicas presentes. É também objectivo deste trabalho analisar de que forma os utentes/fruidores do Jardim da Quinta dos Sete Castelos se apropriam do espaço, avaliando o grau de satisfação dos mesmos e identificando factores de compatibilidade e incompatibilidade entre espaços e usos.

As acções de reabilitação e reconversão de espaços, de origem privada em espaços públicos, são cada vez mais utilizadas e urgentes, fruto de uma sociedade contemporânea em constante mutação – consequência da alteração de mentalidades e hábitos – em conjunto com o envelhecimento natural a que os núcleos urbanos e populacionais estão sujeitos. Quando estas alterações, ao nível de funções e usos têm como alvo populações onde a multiculturalidade e a heterogeneidade etária predominam, deveriam ser efectuados estudos para análise da adaptabilidade destas intervenções às necessidades dos seus utilizadores.

Apesar das mais variadas diligências no sentido de uma participação activa por parte dos cidadãos comuns nos diferentes actos governamentais – como por exemplo as iniciativas integrantes dos orçamentos participativos, essenciais no delinear de estratégias/projectos a colocar em prática – não existe ainda uma política de acompanhamento e avaliação dos resultados obtidos nas intervenções efectuadas. Por vezes são realizados, em espaços de carácter público, inquéritos de satisfação, no entanto, lamentavelmente, os mesmos ocorrem usualmente em períodos de alternância política pré-eleitoral, numa lógica de promoção de

‘obra-feita’, procedendo-se à recolha de opiniões genéricas da opinião pública sobre um dado tema, resultando quase sempre numa completa lacuna ao nível da análise qualitativa de determinada intervenção – um tipo de acção estratégica que, infelizmente, é característico e apanágio da prática política e da gestão autárquica no nosso país.

Se por um lado o levantamento e diagnóstico prévio das necessidades da população é um trabalho essencial no âmbito destes projectos, por outro lado não é menos pertinente que sejam efectuados estudos que avaliem o sucesso/insucesso dos mesmos, identificando o grau de satisfação/insatisfação da população. É neste sentido que o presente estudo se pretende debruçar, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida em espaços de carácter público – dotados de coerência e adaptabilidade – face às reais necessidades e realidades dos seus utilizadores.

Assim, entre outros temas e assuntos, o presente trabalho pretende dar resposta às seguintes questões:

Será que a reconversão espacial da Quinta dos Sete Castelos, em jardim de carácter público, é vista por parte dos novos utilizadores como um espaço útil e necessário no contexto em que está inserido?

De acordo com a utilidade a que o espaço se propõe será o mesmo dotado de características, funcionais e de equipamento, devidamente ajustadas à população a que se destina?

O Jardim da Quinta dos Sete Castelos é um polo agregador e gerador de actividades e iniciativas dinamizadoras do tecido urbano e da comunidade local, palco e ponto de intersecção multicultural e multigeracional?

Haveriam alterações pertinentes que, a serem levadas a cabo neste espaço público, proporcionariam aos seus utentes uma melhoria significativa?

A presente investigação teve o seu início com a selecção de diversas fontes, referências e autores, procedendo-se à leitura e recolha de informações de âmbito científico, consideradas essenciais para a compreensão basilar no contexto dos jardins ao longo da História – o seu lugar e simbologia associada. Foram igualmente efectuadas leituras no âmbito do planeamento urbano, com especial incidência nos actos de projectar em cidade – espaços públicos, arquitectura e arquitectura paisagista – evolução e enquadramento dos mesmos como elementos constituintes da paisagem. Será também alvo da presente investigação a evolução histórica e geográfica do território de Oeiras como forma de aproximação à génese do espaço em estudo. De forma a ver respondidas as questões/problemáticas referidas sobre o caso de estudo – Jardim da Quinta dos Sete Castelos – procedeu-se à observação directa

dos usos e apropriações, por parte dos utentes deste espaço público, recorrendo-se ao suporte gráfico e/ou fotográfico sempre que necessário e de uma forma regular. Foram ainda efectuados inquéritos junto da população-utente deste jardim de modo a validar a opinião dos mesmos quanto às condições de adaptabilidade do espaço às suas necessidades reais. O resultado da presente dissertação será o produto da análise efectuada com base nos factos e dados recolhidos ao longo da investigação.

O trabalho encontra-se dividido em três capítulos sendo que os dois primeiros – de carácter teórico – pretendem fazer a ponte com o último capítulo, de carácter prático:

O primeiro capítulo pretende fazer um enquadramento histórico sobre a temática dos jardins, e as particularidades do jardim tradicional português; identificar factos notórios na evolução do planeamento urbano na cidade; fazer referência a fenómenos e práticas essenciais para um correcto planeamento de espaços verdes, através da comunhão da Arquitectura com a Arquitectura Paisagista e identificar padrões e vocabulário visual na paisagem capazes de atribuir especial significado aos mesmos.

No segundo capítulo caracteriza-se do ponto de vista histórico e geográfico o território de Oeiras – concelho no qual o objecto de estudo está inserido – fazendo-se igualmente a abordagem às particularidades do património paisagístico deste território. Aborda-se a questão da reconversão de jardins privados para uso público referindo-se alguns casos específicos – Jardim da Quinta do Marquês de Pombal; Jardim da Quinta Real de Caxias; Jardim do Palácio dos Arcos. Conclui-se este capítulo com a caracterização e descrição da evolução da Quinta dos Sete Castelos ao longo do tempo, enquadrando-a nos exemplos de reconversão de uso privado para a esfera pública.

O terceiro capítulo é o resultado de um conjunto de análises directas e indirectas, empregando os vários instrumentos para a produção de dados: apresentação da metodologia e meios empregues; análise e interpretação dos dados produzidos; geração de elementos gráficos de análise comparativa. Com um conjunto generalizado e abrangente de dados qualitativos, procedeu-se à elaboração de um relatório preliminar sobre a validade e a abrangência da intervenção, dando corpo para a realização da conclusão, evidenciando as fragilidades e as potencialidades do caso de estudo.

No decorrer da elaboração da presente dissertação denotaram-se algumas dificuldades, factores de certa forma limitativos no desenvolvimento do trabalho. Nomeadamente a falta de dados referentes à história da Quinta dos Sete Castelos – consubstanciado no facto de existir uma grande diversidade de espaços do mesmo género, no concelho de Oeiras, cuja importância é mais mediática em detrimento do espaço escolhido – sendo os dados utilizados

baseados em testemunhos da família d'Orey e em algumas informações fornecidas pela Câmara Municipal de Oeiras. Surgiu ainda uma dificuldade recorrente, durante a fase de observação directa: fotografar determinados grupos ou pessoas que, quer por se encontrarem a consumir substâncias ilícitas ou por reserva de privacidade, não autorizaram o seu registo fotográfico. Contudo, não deixaram de participar na realização dos inquéritos, nem de prestar outro tipo de depoimentos e testemunhos que se constituíram como contributos válidos para a elaboração do presente estudo.

A listagem das referências bibliográficas presente é relativa a todo o material informativo que foi utilizado para a elaboração do trabalho, tendo sido utilizadas as Normas APA – 6.^a edição. Os registos fotográficos sem indicação de fonte foram captados pelo autor do presente trabalho.

1. Enquadramento: os jardins e as cidades

Pretende-se com o presente capítulo percorrer, assinalar e coligir de uma forma crítica, concisa e sistemática, um variado conjunto de fontes, referências e autores que se debruçaram sobre a temática dos jardins, reflectindo sobre o seu lugar histórico e simbólico ao longo dos tempos. Esta tarefa poderia constituir temática para uma dissertação *de per si*, assim, para evitar uma centralidade demasiado profunda deste tema no todo da dissertação optou-se por reduzir o universo de autores e fontes, restringindo à partida a potencial multiplicidade de objectos, e de sub-temáticas, que o estudo dos jardins acarreta.

Em essência, pretende-se enquadrar e definir o jardim no contexto da paisagem, da cidade e da cultura urbana, mas igualmente o seu lugar como actor e coadjuvante da leitura dos objectos arquitectónicos, na sua roupagem mais monumental ou nas suas facetas de maior humildade e intimidade; dos extensos e pródigos jardins clássicos italianos ou franceses, passando pelos hortos monásticos e abarcando os reflexos estéticos do Romantismo patentes nos jardins das *cottages* britânicas, pretende-se analisar as leituras contemporâneas dos espaços verdes e as mais recentes tendências ambientalistas; da redução da 'pegada ecológica', ao papel do jardim, como instrumento da preservação da biodiversidade.

1.1. Origem dos jardins

Na actualidade, damos muitas vezes como garantida e natural a presença quotidiana dos espaços verdes, públicos e privados, no seio das nossas cidades, pontuando vilas e aldeias rurais, definindo territórios humanizados com maior ou menor exuberância, sem contudo nos questionarmos sobre a sua origem, importância e significado; assim, para nos debruçarmos sobre este tema, tal como em qualquer caso de análise a um objecto mais ou menos próximo da nossa vivência quotidiana, torna-se essencial buscar a raiz profunda da temática da paisagem e do jardim.

1.1.1. Mesopotâmia, Egipto e tradição Assírio-Persa

As primeiras paisagens desenhadas das civilizações da Asia Menor surgiram no Sul da Mesopotâmia, emergindo no seio de um ambiente extremamente severo e árido. Acerca de cem mil anos atrás, no fim da última glaciação, a vegetação floresceu no agora desértico território do Golfo Pérsico – que apresenta ainda hoje sinais da existência de múltiplos canais de água que o atravessavam. Com uma rica fauna que incluía leões, veados e várias espécies de antílopes, no Norte subsistiam alguns Homens do Paleolítico para os quais este território pareceria o mítico Éden das civilizações bíblicas. A alteração climática e o aumento de

temperatura parecem ter banido tanto Homens como animais desta região, numa espécie de encenação física da lendária expulsão de Adão e Eva. No período pós-glacial, a fertilidade nesta área passou a depender do Eufrates, um dos quatro rios mencionados no Génesis. Este território, conhecido como o Crescente Fértil, encontrava-se separado pelo deserto impedindo o contacto entre as civilizações Suméria e Egípcia. Num contexto agrário, o controlo das cheias cíclicas era tão importante como os trabalhos de irrigação, uma vez que águas das cheias atingiam a Mesopotâmia bem depois das colheitas se encontrarem num estado avançado de desenvolvimento. Os depósitos de lamas que enriqueciam o delta do rio também elevavam o nível do seu leito acima dos terrenos circundantes, exigindo assim uma assinalável quantidade de mão-de-obra para elevar os sistemas de irrigação e os canais de drenagem. A cidade da Babilónia encontrava-se juncada com estes canais, utilizados igualmente para transporte e actividade comercial. Nesta civilização a agricultura desenvolveu-se a partir de variedades selvagens de cevada e trigo que foram primeiramente cultivadas mais como jardins do que como terrenos de cultura intensiva. Foram tidos, neste sentido, em grande estima pelo seu aspecto decorativo. (Jellicoe, 1995, p. 24)

Os famosos Jardins Suspensos da Babilónia seriam um misto entre espaço cénico exótico e exuberante, mas também uma manifestação de cariz religioso, estando na génese da palavra hebraica para jardim – com o significado sinónimo de retiro – sendo igualmente estreita a associação entre esta visão primordial de jardim e a carga simbólica atribuída ao mítico Jardim do Éden. Associado ao jardim, os conjuntos escultóricos e à estatuária representando as divindades, juntava-se o próprio templo consagrado no topo do zigurate, arquétipo da Montanha Sagrada, numa formulação que traduzia a devoção pelos espaços naturais e sagrados, montanhas e locais onde a exuberância e explosão de fertilidade resultavam na mente dos antigos habitantes desta região como manifestações divinas – objectivo que o rei da Babilónia, Nabucodonosor II (645a.C.-562a.C.), pretendia precisamente incutir nos seus jardins e estruturas anexas. (Rodrigues, 1993, p. 22)

No Egipto, o princípio estético era fundamentalmente visual e não tanto literal. Simbólica e religiosamente, à excepção da zona do delta do Nilo, a luz do dia era mais significativa do que o céu nocturno. As sensações de formas, fortemente ensombradas, observavam-se por todo o lado. Os monumentos inspiravam-se em montanhas, especialmente nos penhascos de granito cujas faces se encontravam em constante mutação devido ao movimento solar. Quer templo, monumento ou túmulo a escala era sobre-humana, com o intuito de expressar uma ideia maior que a própria vida: nos hieróglifos que por todo o lado perpetuavam as glórias temporais dos faraós, a escala era intermutável entre grande – Deuses – e pequeno – os mortais. No contexto metafísico dos monumentos há indícios de uma vida altamente civilizada

decorrendo em casa e no jardim. Toda a arte representativa, mesmo a doméstica, encontrava-se disciplinada pela geometria, parecendo cristalizar a própria força vital. Os jardins dos mais ricos, dos quais nada sobrou, eram recintos geométricos altamente cultivados. O aspecto colorido e brilhante da paisagem deve-se, em parte, da agricultura irrigada que se estendia ao longo do estreito vale do Nilo. Para além deste, não existia paisagem natural verde. A pontuar esta paisagem linear encontravam-se os grandes monumentos em pedra, os templos na margem nascente e os túmulos sempre a poente. (Jellicoe, 1995, p. 109) O jardim egípcio é assim um paralelo filosófico dos jardins babilónicos, diferindo destes pela sua particular evocação da ordem cosmológica – num estreito paralelismo com os seus monumentos arquitectónicos (Rodrigues, 1993, p. 22).

Com a ascensão da civilização Assíria (1350 a.C.) originária da zona Norte da Mesopotâmia – território caracterizado não só por uma temperatura mais fria como pela existência de áreas arborizadas de grande riqueza cinegética; a ascensão da caça como atividade lúdica das classes dirigentes contribuiu para encorajar o desenvolvimento das artes do paisagismo (Jellicoe, 1995, p. 27). Também os jardins persas eram acima de tudo uma representação do Paraíso. Através de fontes, flores, bosques e árvores de fruto era estabelecida uma ligação às forças regenerativas primordiais que permitia a ligação ao divino e ao sagrado. A caça, desporto do monarca persa por excelência, constituía-se como um momento altamente ritualizado e quase litúrgico, tendo lugar em extensos parques murados, autênticas coutadas exclusivas que eram definidas por longas avenidas circundadas por condutas de água com sistemas hidráulicos de grande complexidade. Sendo uma sociedade onde a exaltação da vida andava de par em par com uma visão teocêntrica e espiritual da ordem natural do mundo, na civilização egípcia, o jardim surge como um espaço de representação à microescala das suas visões religiosas. (Rodrigues, 1993, p. 22)

1.1.2. Grécia, expansão Helénica e Roma

A busca de perfeição através de geometria teve origem na Grécia com o filósofo/matemático Pitágoras de Samos (571a.C.-497a.C.) que descobriu a relação entre as proporções espaciais e musicais. O filósofo grego Platão (428a.C. - 348a.C.) considerava que a ordem cósmica e a harmonia se poderiam compreender através de certos números, que continham consoantes musicais mas também a música inaudível dos céus e da alma humana. O templo grego era a pura manifestação da busca de proporções, seguro e sereno. Era um microcosmos da ordem dos céus trazida à terra e era em si um objecto para ser visto e não tanto para ser usado – à excepção dos sacerdotes. Nenhum edifício grego pretendia dominar a paisagem mas antes associar-se a esta através dos elementos que a compõem, por mais agrestes e selvagens que fossem – que no entanto retinham sempre algum grau de harmonia. A busca pela

perfeição na paisagem, como algo para além da percepção e fora deste mundo, deteriorou-se no início do período Helénico, com a introdução do planeamento racional que mais tarde se veio a manifestar nas obras Império Romano. Em Creta não existiam fortificações; os palácios abriam-se para a paisagem. A vida era doméstica e existiam jardins para usufruto. Em Micenas e mais tarde por toda a Grécia, os jardins eram ou pátios plantados com árvores de fruto, ou confinados para espaços públicos ou semi-públicos tais como campos sagrados, fontes sagradas e academias para ensino e aprendizagem. Platão, em particular, reconheceu que uma paisagem ordenada era propícia à aprendizagem. A paisagem da Grécia era montanhosa, com colinas e ilhas que surgiam com grande clareza de forma, tendo cada pequena planície o seu *genius loci*. O templo encontrava-se usualmente no afloramento lateral ou no topo das colinas ou montanhas envolventes, construído com a pedra extraída do próprio local, harmonizando-se assim ainda mais com a envolvente. Não existia nenhuma abordagem axial para ancorar os edifícios à envolvente a que presidiam. A essência do planeamento intuitivo grego residia na ideia de que toda a arquitectura – quer templo, teatro, ágora ou habitação – era subsidiária à paisagem natural. Esta visão da arquitectura era fundamental. A mudança nestes valores naturalistas começou com a concepção urbana/intelectual da cidade de Mileto e o seu subsequente desenvolvimento no helenismo. (Jellicoe, 1995, p. 117)

O conceito helenístico de planeamento urbano e paisagem materializou-se sob a acção de Alexandre Magno (356a.C.-323a.C.), sobrepondo-se ao planeamento irracional e instintivo grego e estabelecendo as fundações do planeamento ordenador romano. A concepção paisagística atingiu o seu apogeu no período de Augusto (63a.C.-14d.C.), criando para as gerações e séculos vindouros a ideia mítica de uma idade de ouro, de vivência luxuosa e fruição dos frutos da terra. Os jardins dos ricos eram imensos; todos os edifícios quer sagrados, públicos ou as residências de quem detinha o poder, ecoavam em princípio a forma universal do templo grego. Muito embora a relação com a paisagem natural fosse em geral uma de total dominação, a harmonia dos opostos entre ordem e natureza selvagem era demonstrada em pequenas intervenções paisagísticas, nas esplendidas cidades edificadas nos desertos e nos grandes feitos de engenharia, em especial nos aquedutos, eles próprios monumentos de arquitectura. O símbolo de Roma era a estrada, uma linha direita atravessando o território. Os princípios de proporção e de unidade no seio de um edifício derivavam dos gregos mas os romanos foram para além destes em complexidade de forma arquitectónica e na organização do espaço urbano exterior. Os jardins eram decididamente uma extensão da arquitectura, surgiram primeiro de quintas nos arredores de Roma, sendo a tradição dos pequenos jardins fechados continuada nos jardins de pátio. Com a emergência de proprietários ricos e viajados, com conhecimento dos jardins helenísticos e do sudoeste da Ásia, a importância e magnitude da vila de campo cresceu fenomenalmente. Plínio o jovem

(23d.C-79d.C.) deixou descrições detalhadas que transmitem a sensação de formalidade arquitectónica, o valor particular dos percursos sombreados, das vistas do mar e do campo, dos pórticos frescos com pinturas românticas que integram casa e jardim, da escultura, dos terrários, das sebes topiadas, da água e das grutas. Flores eram colhidas de todas as partes do império, assim como estatuária. A propriedade por mais vasta que fosse permanecia equilibrada na sua composição entre jardim e território agrícola, sendo mantida por trabalho escravo ilimitado. Roma, em si, tornou-se uma cidade de parques, que se estendiam ao longo do rio Tibre contrastando em extremo com os bairros pobres adjacentes. (Jellicoe, 1995, p. 129)

Como refere Rodrigues (1993, pp. 23-24), é com a civilização romana que se alcança pela primeira vez uma simbiose perfeita entre os espaços cénicos naturais e a arquitectura. Chegaram até aos nossos dias muitas das soluções preconizadas pelos romanos, nomeadamente o uso de pórticos, pérgolas, terraços, e muros, na definição dos espaços de jardim, bem como o emprego de jogos de água, fontes e repuxos, manifestações visíveis da excelência da engenharia hidráulica que caracterizava as suas construções. Enquadrados por muros e grandes colunatas, com pavimentos ostentando mosaicos trabalhados de forma exuberante, formavam o *ambulatío* – locais de passeio – que são ainda visíveis em Conímbriga [Img. 1]. É também com Roma que surgem pela primeira vez, e de forma concisa, os parques e jardins de uso público.



Img. 1 – Calçada romana, Conímbriga, séc. IX a. C. (Miranda, 2005)

1.1.3. Oriente e Islão

A tradição dos jardins orientais apresenta por sua vez características próprias e peculiares. Na cultura ancestral chinesa, o jardineiro é entendido como um artista, misto de poeta, pintor ou músico, sendo o seu trabalho, resultado da sua arte, espaços que promovem o descanso e a meditação, ao mesmo tempo que se cumprem como exemplos simbólicos da sabedoria e do conhecimento intimamente ligados à experiência e à reverência pelos mais velhos. O jardim japonês segue em essência a mesma linha de pensamento anterior, numa perspectiva de espaço propício à meditação. A forma meticulosa e ordenada como são dispostos os materiais encontra-se sempre relacionada com o exercício da meditação e a promoção de atmosferas contemplativas, não descurando a existência de um templo a partir de onde tudo se desenrola, palco e plateia para a narrativa da natureza e do seu simbolismo. (Rodrigues, 1993, p. 24)

A cultura Persa foi absorvida pelo Islão e continuou sem aparente interrupção. Os jardins possibilitavam entender e absorver as duas visões opostas de pensamento desta época: a dos extremistas religiosos e a dos filósofos lógicos, para os primeiros o jardim permanecia o paraíso do Corão, para os segundos um local privilegiado para a contemplação e conversação, onde corpo e espírito se encontravam em repouso e a mente liberta de pré-concepções. Na cidade, com as suas habitações e jardins, a nova forma e silhueta introduzida no contexto urbano foi a mesquita – local de reunião e oração. A esta tipologia adicionou-se a madrassa, um local de aprendizagem intimamente ligado à mesquita. A concepção da arquitectura como a união entre o Céu e a Terra permaneceu, enriquecida com o novo simbolismo da relação do quadrado com o círculo – na forma da cúpula. De acordo com crenças religiosas pouca importância era dada à durabilidade dos edifícios. No entanto, as cidades e as construções continuavam a ser situadas em pontos estratégicos ou tendo em consideração outros motivos de ordem prática. Apenas com o Império Otomano surgiram visões menos restritivas na concepção da paisagem. Da Bagdad de Harun al-Raschid (763-809) e dos seus fabulosos palácios e jardins nada chegou aos nossos dias senão a lenda e as suas descrições. Casas e jardins continuaram as linhas tradicionais mas com os interiores e os exteriores estreitamente interligados; existiam terraços para disfrutar do vento e das vistas, árvores de prata, pássaros mecânicos e outras maravilhas. Após a invasão dos Mongóis, a iniciativa em termos de intervenção paisagística passou para os Turcos Otomanos. Empregando artesãos bizantinos, os turcos desenvolveram a ideia de agrupar pequenas cúpulas baixas, semelhantes a cogumelos espalhados na paisagem. Esta concepção livre poderá ter surgido como uma memória da paisagem marcada pelas tendas nómadas que eram parte da sua herança cultural; mais tarde em Bursa e Constantinopla os turcos

desenvolveram uma concepção na qual os edifícios se situavam em enquadramentos paisagísticos primariamente por razões estéticas. Baseados em princípios que derivam directamente dos jardins persas, os planos urbanísticos das cidades otomanas são caracteristicamente islâmicos no seu todo, ao serem compostos por quadrados e rectângulos que podem ser acrescentados até ao infinito; a simetria e funcionalidade no planeamento urbano eram evitadas como um desafio à perfeição que podia apenas ser atingida por Alá. (Jellicoe, 1995, p. 33)

As ideias metafísicas que surgiram da geografia do Médio Oriente adaptaram-se às novas circunstâncias da Andaluzia; nos desertos o céu era proeminente, eventualmente simbolizado na terra pela cúpula; em Espanha o céu tinha menos significância devido ao ambiente mais fértil e arborizado que atraía a atenção para longe da força e majestade dos céus. A cúpula deu lugar ao minarete, que apenas aparecia internamente como a fresca e sombria profundidade de uma caverna. Atraídos pelo ambiente, os pátios internos começaram a expandir-se em imaginação para além das paredes envolventes num quase místico entretecer de interior com exterior; o feito final foi a desmaterialização das superfícies das paredes e coberturas. Muita da arte mourisca foi transmitida para o Ocidente Medieval. Esta transferência de ideias pode ser exemplificada pela transformação do jardim do paraíso persa – tradicionalmente quadrado – no jardim do claustro, contemplativo, dos mosteiros cristãos, catedrais e nos pátios das universidades. Contidas nas edificações deste período, encontram-se delicadas composições de espaços, cuja relação parece única e particular ao Islão. Esta complexidade não surge no sentido romano do termo, como um plano unificado, pois para os muçulmanos a simetria como elemento ordenador de escala poderia aparentar arrogância e desagradar a Alá. As formas acumulam-se mais na mente do que nos olhos, com as aparentemente intrincadas composições a basearem-se no seu todo, em formas simples e contrastantes. Os espaços são matematicamente proporcionados, humanos na sua escala e, em princípio, livres do ponto de vista imaginativo. Sempre que possível o interior projeta-se para o exterior de modo a permitir visões do território envolvente. Os jardins são assim uma extensão da arquitectura, surgindo abertos em relação à paisagem. As formulações assentam numa composição romântica, abrangendo a Natureza e a envolvente. (Jellicoe, 1995, p. 41)

Neste sentido, os jardins do Islão no contexto ibérico, definiam-se como espaços de grande intensidade sensorial, onde se empregavam as cores, os perfumes e o ruído da água, numa abordagem que evoca a dimensão simbólico-religiosa do jardim persa, reflectido no carácter sagrado e vivificante da água. No território nacional, a influência desta filosofia foi determinante; os árabes legaram-nos os seus processos de irrigação de caleiras decorativas,

os espelhos de água, os canteiros aromáticos e a enraizada tradição da horta. (Rodrigues, 1993, p. 24)

1.1.4. Idade Média e Renascimento

A Idade Média foi uma época de fé em Cristo que se expressava em directa oposição à serenidade clássica e mundana e à geometria terrena dos romanos. A silhueta, nas ténues luzes do Norte, revestia-se de particular importância. As cidades e vilas, excepto quando eram dominadas por castelos, faziam notar a sua presença através de torres e pináculos que se elevavam acima das habitações – como dedos apontando aos céus. O Homem não desejava projectar a sua personalidade na paisagem mas antes crescer dela, fazer parte dela; a influência do crescimento florestal era aparente em todo o lado. Os jardins cultivados, principalmente com vegetais e plantas medicinais, apenas existiam no interior de recintos dos edifícios. O sistema de campo agrícola aberto proporcionava a visualização de um padrão envolvente a todas as habitações, quer dentro quer fora de muros. Ao longo desta paisagem, e para além dela, os sinos convocavam os trabalhadores para a oração nos gigantescos santuários da Igreja – que poderiam conter a qualquer momento a maioria da população. A arte do jardim estava confinada ao jardim do claustro – cujos antecedentes podem ser traçados até aos claustros mouriscos e ao jardim do paraíso persa; aos pequenos jardins cercados domésticos ou aos jardins dos castelos – enriquecidos com leitos elevados, fontes, pérgolas e outros deleites que poderão ter tido a sua origem no oriente. Para além dos jardins, as artes paisagísticas desta época eram intuitivas ao invés de conscientes e o apelo contemporâneo residia na mensagem do simbolismo. Cruzes ou calvários ao ar livre incutiam no território um sentido de propósito e significância, associando a Bíblia ao homem comum. Esta época, de paisagismo emocional, em vez de paisagismo intelectual, influenciou o futuro em dois sentidos: como inspiração para o Romantismo do século XVIII e XIX e como um *standard* estético para as composições assimétricas, quer baseadas numa quinta, num mosteiro, num castelo ou cidade – tendência que permanece ainda atual. (Jellicoe, 1995, p. 139)

Para os Cistercienses, Beneditinos, Agostinhos e Franciscanos o jardim é visto como um local de virtudes medicinais e virtudes morais, ao mesmo tempo que evoca a ordem natural divina. Nos mosteiros eram cultivados legumes e plantadas árvores de fruto. No interior dos claustros as plantas medicinais e aromáticas definiam os espaços ajardinados, retomando, a par com o uso da água e da sua sonoridade, a tradição árabe. (Rodrigues, 1993, pp. 25-27)

Com a Renascença surgiu uma nova forma de ver/interpretar o mundo. A visão espiritual do Homem – interior, alusiva à vida eterna – transformou-se numa visão mais física, externa e

objectiva. Para reforçar os prazeres do Homem a casa estende-se para o ar livre, criando ligações com o exterior tão importantes como as estabelecidas entre as diferentes salas. A vista da envolvente fazia parte da concepção, de uma maneira muito semelhante às das paredes de fresco clássicos; foi apenas mais tarde que os jardins e a paisagem se tornaram fisicamente mais integrados. O propósito fundamental passava por criar formas que respondiam à procura intelectual da mente por ordem, tranquilidade e estímulo dando dignidade e *status* ao homem em si. A *villa* florentina permanecia doméstica e em espírito, associada à envolvente rural, já a *villa* romana era quase e apenas humanística e heroica, com o propósito de encarnar o espírito de grandeza da Antiguidade. O jardim passava a ser feito para o Homem e para o dignificar, as proporções davam-lhe paz, a forma era assim crucial. O interior da casa projectava-se para fora, nivelando-se com o aprofundar do local, as formas feitas mais por intuição do que por cálculo matemático. Os locais encontravam-se usualmente em colinas, devido à vista e clima, os terraços descendentes eram escavados no próprio solo e harmoniosos com este; as formas alongadas eram propícias à deambulação contemplativa. Os conteúdos eram basicamente vegetação, pedra e água – materiais que eram permanentes em vez de efémeros. Incluíam terrários, sebes aparadas, ciprestes; esculturas, escadarias, pérgolas e árvores; água em repouso e em fontes. As flores desempenhavam o seu papel. A grande variedade de *design*, especialmente na Toscana, foi devida às incontáveis combinações possíveis entre a personalidade do proprietário, do arquitecto e do local. As concepções centralizadas do arquitecto italiano Palladio (1508-1580) eliminaram o jardim ortodoxo e prepararam caminho para a harmonia da geometria com forma natural que constituía a base da revolução do jardim inglês do século XVIII. (Jellicoe, 1995, p. 155)

Também segundo Rodrigues (1993, pp. 29-36) no Renascimento os jardins eram igualmente uma expressão da importância social, prestígio e poder dos seus proprietários. A natureza aparecia subordinada e estruturada, em estreita ligação com a ordem arquitectónica e as estruturas edificadas, numa afirmação de encantamento e luxo. De carácter geométrico e racionalista eram traçados em função das construções arquitectónicas. Não se poderá de todo ignorar as viagens que o clero português fez a Itália no século XVI trazendo assim a influência da arte dos jardins da Renascença. A recolha de plantas exóticas, fruto das Descobertas, faz com que surgisse um novo conceito – o jardim botânico – e conseqüentemente um léxico mais alargado no que concerne à flora portuguesa e europeia.

1.1.5. Barroco e Classicismo

A segunda metade do século XVI marcou a transição de um conceito filosófico para outro: do finito clássico para o infinito barroco. A expressão do finito é factual, a do infinito apenas pode

ser imaginativa. A mente e não os olhos dominam, e é da criação de espaço imaginativo e movimento que a arte do barroco depende. Era tecnicamente baseada na emoção e na redescoberta da arte do teatro. No interior das igrejas, os volumes espaciais sucediam-se uns aos outros em progressão, culminando nas grandes visões pintadas dos céus que extravasavam dos tectos que as confinavam. Arquitectonicamente, as partes encontravam-se em constante e imaginativo movimento, simbolizado pela curva e contracurva. No exterior, em particular na concepção paisagística, a percepção de que o Homem era agora parte de uma espiral complexa – que incluía tanto rochas e água como os céus – estabeleceu a ideia de que um objecto não era um objecto em si mas algo relacionado com os outros, numa cadeia infinita. Todos estes objectos e não apenas o Homem em si inspiravam as suas concepções. A partir das rochas ele criava formas abstractas; de água e conchas ele criava incontáveis formas em mutação; ele juntava céu e terra com o reflexo da água. A síntese da envolvente como uma entidade abrangente, e como parte do infinito, tinha agora começado. Com o Barroco o jardim tornou-se teatral, concebido para o desenrolar do drama, no qual as pessoas eram participantes e não tanto filósofos. A organização do espaço no campo podia ir bem para além das restrições impostas pelo planeamento urbano. A liberdade de escolha do local deu origem à inspiração para a originalidade do *design*, sendo o local a determinar normalmente o principal eixo da composição. Se se tratasse de uma colina, com abundância de água e uma vista, o jardim poderia emergir como uma gigantesca cascata artificialmente planeada para a perspectiva, com terraço sobre terraço para puro espectáculo. O sentido de forte composição era magistral; os pormenores eram por vezes exuberantes. Deste uso lírico e experimental do território surgiram muitas das ideias para o futuro do planeamento urbano. (Jellicoe, 1995, p. 165)

Em Portugal, no século XVII, o jardim de influência renascentista ainda imperava sendo que o jardim barroco – mais exuberante nas formas e de grande carga simbólica – definido por grandes labirintos de buxo, estatuária e grutas se fazem sentir mais na zona Norte do país. Na verdade, os jardins desta época distinguiam-se do modelo francês, quer pela adaptação que era feita ao terreno, como pela sua escala mais humanizada ou até mesmo rural/bucólica. Os socacos foram amplamente empregues, por um lado, respeitando a estrutura dos terrenos onde se implantavam os jardins, mas sobretudo como meio técnico, favorecendo a distribuição da água, por efeito da gravidade. Exemplo maior desta tipologia, o jardim do Paço Episcopal em Castelo Branco – mandado construir pelo Bispo da Guarda D. João de Mendonça (1711-1736) no séc. XVIII – surge como um dos mais bem preservados na sua estruturação vegetal e na sua relação com o conjunto edificado [Img. 2]. (Rodrigues, 1993, pp. 29-34)



Img. 2 – Jardim do Paço Episcopal, Castelo Branco, 2011

Três escolas de pensamento do século XVIII interligaram-se, influenciando a forma como o Homem intervém na paisagem: a primeira é conhecida como Clacissismo Ocidental, ao longo do século a influência clássica francesa misturou-se com a italiana, encorajando a extensão formal do espaço através da geometria. Os principais elementos consistiam na avenida fechada, intercalados com espaços abertos; estes facilmente se transformavam – com as necessárias mudanças de escala – de paredes verdes de sebes topiadas em ruas e praças urbanas. A Alemanha, ao contrário da França, apresentava condições para a expressão paisagística de todas as diferentes correntes, indo por vezes até ao ponto da estranheza; a originalidade e inventividade apareceram em inúmeras intervenções de paisagismo e jardins, ofuscando a eclosão filosófica e artística do fim do século. Neste contexto, o desenvolvimento do conceito de planeamento paisagístico, como a extensão dos parques e até mesmo do planeamento urbano, pode ser atribuída a uma espécie de claustrofobia do território, com pretensões a estender-se para além dos próprios limites territoriais. A segunda corrente ficou conhecida como a Escola Chinesa, os seguidores desta escola não se davam conta de que o espírito do jardim tradicional chinês era eminentemente simbolista. Provavelmente os viajantes apenas viram e descreveram os prodigiosos trabalhos dos Manchus, seus contemporâneos, pelo qual o verdadeiro espírito chinês pode não ter sido convenientemente

veiculado. Contudo, estas testemunhas foram claramente impressionadas, face às novidades apresentadas ao seu olhar, pela ideia de que a paisagem devia corresponder às sensações de espanto tal como às de encantamento e prazer. Os europeus erigiram elegantes estruturas de jardins, pontes, passadiços e elementos semelhantes, contrastando com formações rochosas e grutas sombrias. Se por um lado a escola inglesa, atingindo o seu estatuto completo em meados do século, adquiriu as suas curvas a partir da ondulação natural da terra, os movimentos ondulatórios da *chinoiserie* eram artificialmente próximos e serpenteantes, muito embora, para os chineses, estes movimentos fossem parte do seu processo particular de pensamento. As estruturas leves, tal como na China, eram construídas de madeira e eram assim efémeras: é-nos actualmente difícil de imaginar as paisagens que se produziram, contendo estes elementos que a pontuavam com a sua presença tão vividamente colorida. A terceira e última corrente ficou conhecida como a Escola Inglesa. A teoria das 'quintas ornamentais' era tida em grande estima pelos seus contemporâneos. Não tendo uma influência imediata esta era a única forma de arte que ainda não se tinha cristalizado. A ideia de que uma quinta ou uma fábrica podiam ser elevadas a obra de arte foi ilustrada através da poesia e da prosa. A arte do pitoresco dependia em grande parte do gosto pessoal, demorou muito tempo a maturar e era tão vulnerável à decadência que apenas a pintura a poderia cristalizar para a posteridade; no entanto, permaneceu como um ideal para a maioria dos jardins privados de concepção autodidacta. O conceito apelidado de jardim de ligação com o parque prendia-se mais na questão da forma do que com a questão do conteúdo, apelando sobretudo aos profissionais, devido à sua escala – em tudo semelhante à arquitectónica – bem como pela capacidade de sistematização. Esta tendência artística no campo do paisagismo não só sobreviveu como tornou-se universal por duas razões aparentes: no mundo sobrelotado oferecia espaços nostálgicos e imaginativos; numa era de produção em massa ela garante a individualidade da arquitectura, através da inspiração directa na natureza de cada local. (Jellicoe, 1995, p. 205)

No contexto nacional, pode-se dizer que o século XVIII foi marcado por um grande eclectismo: por um lado resultante de uma influência italianizante – devido à presença do arquitecto italiano Nicolau Nasoni (1691-1773); por outro, uma influência mais rural e utilitária de suporte à tipologia de solar palaciano, com o qual se combinava, criando jardins dentro de jardins, mantendo-se assim coexistentes, tanto a tradição medieval como a tradição clássica; numa fusão de exotismo exuberante e o racionalismo. No panorama cultural do século XVII e XVIII, o intelecto domina a natureza, os contornos verdes são nítidos, regulares e precisos e definem espaços cénicos que buscam uma perfeição que vai além do mundo natural. No jardim do Palácio de Queluz – exemplo da influência da tradição francesa na concepção dos jardins portugueses, desenhado pelo arquitecto francês Jean Baptiste Robillon (1704-1782) – é bem

visível esta abordagem; o jardim surge assim como um prolongamento dos enquadramentos cénicos do palácio e materialização simbólica na paisagem dos desígnios do domínio senhorial [Img. 3]. (Rodrigues, 1993, pp. 36-41)



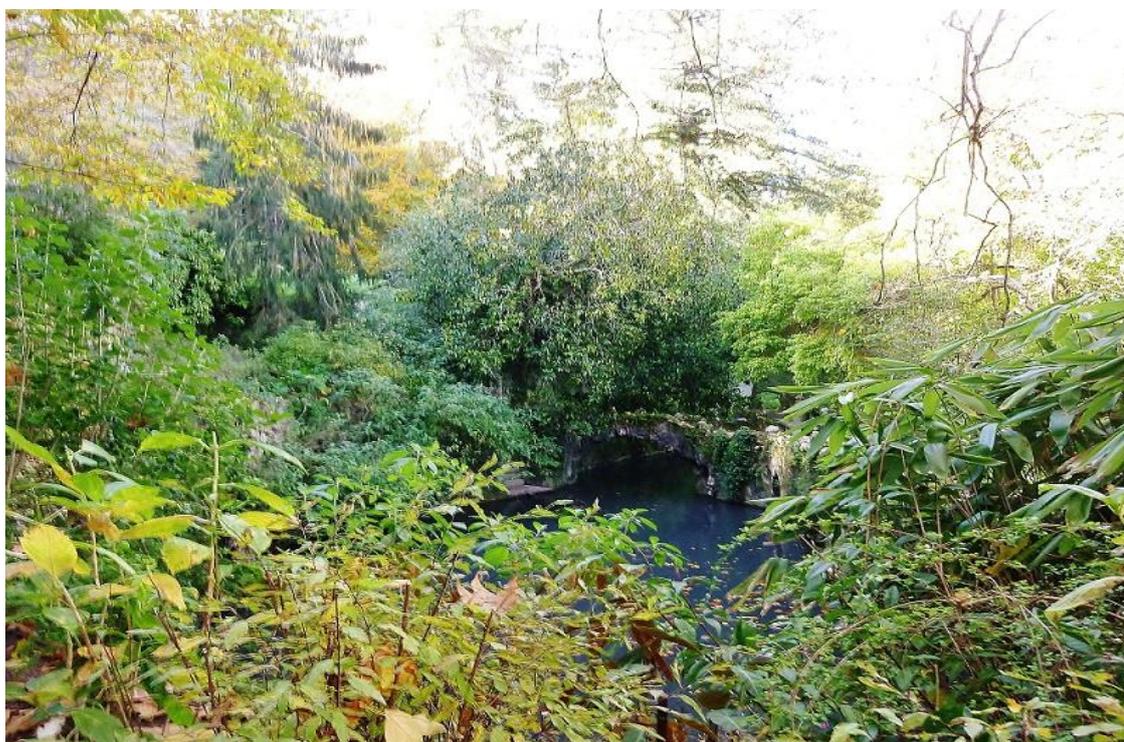
Img. 3 – Jardim do Palácio Nacional de Queluz, Queluz, 2013

1.1.6. Romantismo

Num contexto internacional, o principal fenómeno do Romantismo como movimento cultural, assentava na necessidade urgente de fuga, sensação potenciada pela literatura e pela viagem. No campo da arquitectura, a maior parte dos países ficou atolada com estilos e neologismos que eram góticos ou gregos, egípcios ou indianos ou então da alta renascença italiana. O planeamento urbano permaneceu mais conservador: no continente, com algumas excepções, desenvolveu-se o classicismo do paisagista francês Le Nôtre (1613-1700); em Inglaterra, dava-se continuidade a um sereno classicismo arquitectónico e a um paisagismo romântico com frequentes silhuetas góticas. Ambos os movimentos seguiam em empatia com o generalismo internacionalista e com a particular necessidade de absorver planos estrangeiros. O jardim inglês foi pioneiro na forma como desenvolveu um estilo cosmopolita de *habitat* natural, no qual a influência japonesa foi particularmente vincada. Na restante Europa, principalmente através da engenharia e da pintura, as novas direcções da arte e do paisagismo tornaram-se mais significativas na sua busca por um novo sentido. O século começou com Turner (1775-1851), Constable (1776-1837) e os aguarelistas inspirados pelos

Lake Poets. Esta inspiração passou depois à França, através do Impressionismo e do Pós-Impressionismo, proféticos na revolução que viria a ocorrer na atitude do Homem perante o ambiente. (Jellicoe, 1995, p. 249)

Em Portugal, a influência dos jardins ingleses que caracterizaram o final do século XVIII foi de grande importância para a manifestação da estética do Romantismo; estes jardins caracterizam-se pelo elogio do lado mais selvagem e indomável da Natureza, apresentando composições marcadas pela presença de grandes árvores, incluindo grutas e bosques sagrados numa inspiração misteriosa e ancestral que reporta à antiguidade clássica e a um hipotético paraíso perdido. São espaços cuja intenção racional resulta numa aparência selvagem, na simulação dos meandros dos rios, de planícies ou colinas que remetem o observador para um ambiente de natureza idealizada. A ruína artificial é um dos meios utilizados para produzir este tipo de ambiente de imitação da paisagem. Muitas das quintas e parques existentes em Sintra, como a Quinta da Regaleira [Img. 4] – mandada construir por António Augusto Carvalho Monteiro (1850-1920) – são reveladores desta influência no nosso país. (Rodrigues, 1993, pp. 41-45)



Img. 4 – Jardim da Quinta da Regaleira, Sintra, 2013

Os modelos e princípios subjacentes ao jardim Romântico apresentam-se, de certa forma, em oposição ao jardim tradicional português. Procurando objectivamente estabelecer uma relação íntima e profunda com a Natureza, numa fusão de conceitos provindos do jardim

formal, inserido de forma harmónica numa floresta ou mata, integrando espaços de transição e respectivas clareiras, é em muitos aspectos radicalmente diferente da tradição dos jardins nacionais que, devidamente delimitados, seguem sem efectivamente se assumirem como tal, a linha conceptual dos jardins racionais. Na verdade, os factores climáticos adquirem no nosso contexto uma especial relevância; fruto dos Verões secos e longos, bem como do limitado acesso à água, os jardins em Portugal eram tradicionalmente concebidos de forma a economizar este recurso escasso – que, a par da geografia acidentada da maior parte dos nossos núcleos urbanos, conduziu ao surgimento de jardins em socalcos, com tanques de armazenamento de água e sistemas de rega que permitiam de uma forma mais económica e eficaz a gestão deste recurso – formulação contrária à do jardim romântico que se fazia ladear por florestas frondosas e verdejantes, incluindo nas suas composições cenográficas riachos e lagos. Este facto contribuiu para que, a partir de meados do século XVIII, este tipo de jardins tivessem uma expressão mais significativa nas regiões do país mais a Norte ou nos locais onde a presença da água era constante, como na região de Sintra. (Carita & Cardoso, 1998, pp. 287-289)

Apesar destes espaços resultarem de um processo de planeamento e concepção profundamente intencional pretendia-se, com o seu traçado, evocar objectivamente a espontaneidade da Natureza. A pontuar estes territórios, aparentemente naturais, surgem construções – de um grande ecletismo arquitectónico – normalmente com enquadramento integrado no coberto florestal, dando-se a entender como parte integrante do todo, acrescentado graciosidade ao conjunto numa visão bucólica e cenográfica muito associada visualmente, ora às paisagem da Europa do Norte, ora aos espaços mitológicos arquetipais da bacia do Mediterrâneo. Em essência, o jardim romântico resume-se formalmente a uma manifestação espacial eminentemente lírica, pictórica e naturalista, na qual o pano de fundo – altos arvoredos e geografia – se combina com elementos poéticos – templos, arcos, riachos, lagos e pontes – criando, um conjunto de percursos, nos quais se sucedem as imagens cenográficas e as vistas perspécticas com diversos *layers*, como médium para aceder à memória colectiva e à nostalgia do passado. (Carita & Cardoso, 1998, pp. 287-289)

1.1.7. Elementos tradicionais do jardim português

Desde cedo que o jardim português surge como um prolongamento da casa, uma extensão ao ar livre cuja característica principal é a sua habitabilidade. Para além disso, o jardim constitui-se como o elemento de ligação entre a casa e a paisagem; é a parcela de espaço exterior que o homem molda de acordo com as suas necessidades e prazeres de modo a que tudo lhe obedeça, isto claro dependendo sempre das posses de quem o constrói. (Cabral, 1993, pp. 87-88)

Uma das características constantes, desde o período medieval, nos jardins a nível nacional é o carácter de intimidade e sossego; rodeados por altos muros ou sebes, por vezes com janelas abertas ao exterior, privilegiando as vistas unilaterais para a paisagem ou para a rua, protegendo o interior dos olhares inquisidores dos transeuntes; um reflexo persistente da influência islâmica na cultura e vivência nacionais. O jardim possui sempre acesso directo à casa, surgindo por vezes ao nível do primeiro andar quando o terreno é acidentado – situação visível no jardim do Palácio da Mitra, em Marvila, construção do século XVII e cujas características nos levam a crer que seja da autoria do Arquitecto Giacomo Antonio Canevari (1681-1764) [Img. 5]. Quando em planta a casa não se encontra ao mesmo nível do jardim é habitual existir um terraço de onde se possa contemplar o mesmo. Por vezes, este terraço é substituído por uma divisão – que interliga o interior com o exterior – envidraçada e aberta à luz solar, estes espaços preconizam o conceito de jardim de inverno surgindo sobretudo na região norte do país. Existe uma grande preocupação em transpor a vivência do interior para o exterior. (Cabral, 1993, pp. 119-132)



Img. 5 – Jardim do Palácio da Mitra, Marvila, Lisboa (Sacchetti, 1998)

Como refere Cabral (1993, pp. 119-132) a latada é um elemento constante nos jardins tradicionais portugueses, normalmente com videiras. O tanque, utilizado como depósito de água para rega e por vezes também para recreio, é também muito comum. Por vezes os

mesmos aparecem ricamente decorados com azulejaria de época. Outra das presenças fundamentais nos nossos jardins são os famosos alegretes, muitos deles também decorados com azulejos. Em Portugal, no processo de definição dos espaços de habitação eruditos, apresenta-se de forma concisa, historicamente sistemática, a tendência de escolher as melhores vistas para a construção das suas casas e dos respectivos jardins, sendo os miradouros, privados ou públicos, muito frequentes; Sintra é um excelente exemplo desta prática – o projecto de 1920 do arquitecto Raúl Lino (1879-1974) para a Casa dos Penedos em Sintra é a prova disso [Img. 6]. Sendo um país de sol, a escolha das espécies arbóreas recai sobre as de folhagem permanente já que proporcionam sombra durante todo o ano. O olfacto não é menosprezado; plantas e árvores dotadas de frescos aromas e intensos perfumes como a cevadilha, a lúcia-lima, a laranjeira, o alecrim, a alfazema, a madressilva, as rosas, os cravos, a manjerona, entre muitas outras, fizeram sempre parte do léxico nacional. Os jardins dividem-se, regra geral, em diferentes áreas criando assim recintos delimitados por muros, sebes, latadas ou fiadas de árvores. Sempre que as vistas o exigem e os enquadramentos permitem, surgem bancos inseridos nos próprios muros.



Img. 6 – Casa dos Penedos, Sintra, 2013

Após esta primeira abordagem analítica aos espaços verdes e jardins, no âmbito da história universal e nacional, é possível concluir que ao longo do tempo, as diferentes escalas e âmbitos de intervenção paisagística a que o Homem submeteu o mundo natural humanizado

– abarcando tanto os programas vernaculares habitacionais e de subsistência agrícola, como as idealizações eruditas e as grandes transformações do território – consistiram essencialmente numa tentativa bipolarizada de controlo e comunhão do Homem com a Natureza, manifestadas numa multiplicidade de visões mais ou menos estruturadas do que é, em determinado momento o mundo natural. Estas intervenções revestiram-se e revestem-se na sua essência de um carácter quase conciliatório, tanto simbólico como formal, entre a paisagem pristina e o território humanizado, tanto na sua vertente rural como urbana. Permeadas de intenções mais ou menos expressas, os programas privados e públicos, simples ou complexos no conjunto das diferentes manifestações e intervenções nos espaços verdes são, na sua essência, a cristalização de uma imagem estética, social e política ideológica da Natureza reinterpretada, bucólica, ordenada ou reprimada; em todos os casos um reflexo de uma sociedade e de um tempo.

1.2. Planeamento urbano

Analisada a génese do espaço verde humanizado, torna-se essencial o seu enquadramento no conjunto e na variedade dos territórios ocupados pelas actividades humanas, tendo particular atenção às diferentes interacções e tipologias existentes em contexto urbano consolidado ou em crescimento orgânico, com particular incidência nas seguintes áreas: as relações entre as estruturas verdes ocasionais – resultantes da apropriação de bolsas de vegetação natural ou territórios rurais, progressivamente envolvidos por estruturas urbanas consolidadas – e as estruturas verdes planificadas, tais como parques e jardins convencionais construídos e plantados; as semelhanças e diferenças vivenciais patentes nos espaços verdes privados e públicos, com especial incidência nos exemplos que transitaram entre realidades/âmbitos – espaços privados tornados públicos; o papel institucional não só na promoção dos espaços verdes em ambiente urbano, mas igualmente na mediação entre as necessidades das populações e na promoção dos valores ambientais e sociais – com incidência prática nas políticas de aquisição, manutenção e transformação de espaços verdes privados, para fruição pública.

A revolução industrial e o conseqüente crescimento urbano, que de forma acelerada e anárquica se fez sentir nas principais cidades da Europa, acelerou e agudizou as más condições de salubridade das cidades, que em grande medida não iam além das que existiam nas estruturas urbanas de raiz medieval; estas condições conheciam o seu pico de gravidade nos bairros operários. O aparecimento de novas técnicas construtivas, como o betão-armado e a produção económica em grandes quantidades de materiais de construção, permitiu a

edificação em massa de novos e extensos aglomerados habitacionais. A quantidade, muitas vezes em detrimento de qualidade, fez com que surgisse a preocupação de projectar modelos urbanos centrados numa forte sensibilidade higienista. O desenvolvimento e as descobertas da ciência que tiveram lugar durante o século XVIII e o surgimento da Biologia – ciência que identificou as causas para os focos epidemiológicos, salientando concomitantemente a importância das plantas na melhoria do ar – veio mais tarde a influenciar de forma decisiva a propagação e inserção de massas de vegetação nas cidades industrializadas, materializando-se durante o século XIX em parques-pulmões e faixas verdes, de forma a obter melhorias na qualidade da atmosfera urbana. Os técnicos responsáveis pelo planeamento urbano adquirem assim extrema importância, como agentes activos e indispensáveis, na compatibilização do crescimento urbano com os interesses e saúde da população. (Magalhães, 2001, pp. 71-83)

No início do século XX, o abandono do campo e o crescimento das cidades, marcaram uma das maiores problemáticas no que concerne ao ordenamento do território. Estas modificações mostraram-se essenciais no surgimento da necessidade de controlar, através do planeamento, o crescimento e a adaptação dos espaços citadinos às suas funções de uma forma ordenada e eficaz. A paisagem rural que, desde o século XIX, havia deixado de ser considerada como o local de trabalho por excelência, passou a ser encarada como local de evasão/fuga aos centros urbanos, tornando-se espaço privilegiado para o encetar da recuperação física e psicológica, necessária para equilibrar a stressante vivência humana citadina. Urgiu assim trazer para o meio urbano um ambiente contínuo natural, interligado e interpenetrante com o próprio tecido edificado, trazendo consigo a vantagem funcional de enquadrar edifícios e infra-estruturas, colmatando a cidade com as funções de lazer e recreio tão necessárias ao cidadão. Pretendeu-se acima de tudo repor o equilíbrio na paisagem; a Ecologia – disciplina que se ocupa do estudo da interacção dos organismos com o meio ambiente – teve um papel fundamental como sistema holístico na cidade, em que o todo é o reflexo do comportamento e da interligação das partes. (Magalhães, 2001, pp. 102-108)

Jane Jacobs (1916-2006), jornalista, autora e activista no âmbito dos estudos urbanos, abordou na sua obra *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961) temáticas relacionadas com a descontextualização dos bairros degradados no seio das cidades, situação que caracterizou a década de 60 do século passado nos Estados Unidos da América. Delineou estratégias de regeneração urbana associadas à reintegração coerente destes espaços, de acordo com a sua visão pessoal da cidade e da vivência ideal do espaço público que preconizava. Na sua obra, reflecte ainda sobre a importância da relação entre o edificado, a rua e os seus utilizadores. Esta visão tornou-se bastante útil no delinear de acções de intervenção

transversais com vista à resolução ou colmatar, de todo um conjunto de problemas, e focos problemáticos, que afectam os tecidos urbanos contemporâneos.

Teorizando sobre a forma como o observador entende, do ponto de vista emotivo e social, o espaço/percurso vivenciado, e de que forma esses mesmos elementos dictonómicos poderão ser definidos, o arquitecto, escritor e consultor de planeamento urbano, Thomas Gordon Cullen (1914-1994), na sua obra *Paisagem Urbana* (1961), introduz elementos para a abordagem da temática e da forma como cada um de nós interpreta a paisagem urbana, enunciando um léxico próprio para caracterização da mesma.

A expressividade e equilíbrio da imagem ambiental são factores essenciais para o bem-estar da vivência em cidade. Esta imagem é o reflexo da relação sensorial estabelecida entre quem observa e o que é observado, sendo fundamental, para o sucesso deste tipo de intervenção a forma como um projectista/planeador concebe e prevê o conjunto de experiências que os observadores irão vivenciar. O reconhecimento do espaço terá obrigatoriamente de ter uma abordagem analítica e concisa, inicialmente mais restrita no que concerne à identidade das estruturas e dos elementos isolados, não esquecendo que os mesmos só fazem sentido quando se encontram interligados com outros elementos, que lhes são próximos, e com o todo que as envolve. Este reconhecimento é fundamental, como forma de apurar e estruturar uma resposta funcional e eficiente para colmatar as necessidades paisagísticas e intrínsecas das cidades contemporâneas. Imaginar/projectar um ambiente de grande escala será sempre um processo problemático e até mesmo penoso, igualmente devido à rapidez das alterações dos hábitos e necessidades do homem, em paralelo ao crescente ritmo de construção e alteração dos ambientes urbanos. O que é verdade hoje poderá não o ser amanhã. (Lynch, 2008, pp. 121-122)

Para Lynch (2008, p. 122) torna-se impossível criar uma ordem estática e estratificada possível de aplicar de forma global e generalizada a uma cidade. As soluções mais versáteis – que se moldem aos hábitos das populações, capazes de acomodar possíveis mudanças de funções e significados, receptivas à presença de novas imagens – consubstanciam-se cada vez mais como o caminho a seguir. Um meio ambiente de sucesso incorpora na sua organização tanto o carácter poético e simbólico como a clareza estrutural, aliada a um forte sentido de identidade, possibilitando assim o desenvolvimento de espaços-símbolo de carácter mais vincado. Uma elevada identidade do local associada a espaços devidamente interligados darão lugar a uma cidade alinhada com as actividades humanas nelas existentes. A educação visual encontra-se a par com a modelação do espaço, na medida em que obriga o homem a ser um agente activo e participativo, intervindo no seu próprio ambiente espacial e visual. A arte do *urban design* – urbanismo e paisagismo – no

seio da cidade, será tanto mais bem-sucedida quanto mais activos, atentos e críticos forem os seus cidadãos.

Neste contexto, uma cidade não se identifica apenas pelo número de habitantes que nela residem mas também pelo intrincado conjunto de interacções que gera, pela forma dinâmica como proporciona bem-estar, serviços, funções e facilidades aos seus residentes; quanto melhores sucedidas forem estas dinâmicas, maior será o número de pessoas a preferirem viver nesta comunidade específica, em detrimento da sua localização prévia. É fácil caracterizar e definir uma construção arquitectónica no meio rural, isolada de uma envolvente edificada, no entanto quando esta tarefa se realiza no seio de uma cidade ou meio urbano consolidado, ter-se-á obrigatoriamente de considerar não apenas o objecto primário de estudo/análise, mas alargar o âmbito, abarcando uma visão do conjunto. É impossível dissociar um objecto arquitectónico da sua envolvente. Num conjunto edificado surgem fenómenos inter-relacionais, cuja função, dimensão e complexidade não podem ser encarados isoladamente. Pode-se assim considerar que existe uma *arte do relacionamento*, traduzível num objectivo principal, que se constitui como o somatório de todos os seus componentes: edificado; vias pedonais e de trânsito; árvores; água e toda a Natureza. Este conjunto de elementos têm de ser conjugados, de forma harmoniosa, para que o produto final seja um ambiente saudável, viável, funcional e de interesse para todos. Este é claramente um fenómeno resultante de um conjunto de esforços, sem os quais será impossível obter o sucesso, reunindo, entre as mais diversas áreas e campos de actividade, disciplinas tão variadas como a demografia, a sociologia, a engenharia, a arquitectura e o urbanismo. Ao projectar para um meio urbano não basta possuir uma técnica baseada em médias e aritméticas taxativas. Não deixando de ter importância, estes elementos e informações fazem parte do conhecimento científico, contudo, só fazem sentido quando aplicados de uma forma flexível e coerente, adaptando-se a cada caso específico, ou melhor, a cada conjunto específico. Os campos sensoriais, em particular a visão, constituem-se como factores determinantes na definição de um caminho, de uma estratégia a seguir, já que geram experiências emotivas, através das quais conseguimos perceber o que nos rodeia. Ver com olhos de ver é aqui mais importante que nunca; torna-se essencial e necessário compreender o contexto, apreender o que existe, para que seja possível delinear uma trajetória de intervenção eficiente. (Cullen, 1961, pp. 9-10)

A opinião pública é de extrema importância, no que concerne ao planeamento de espaços urbanos. Encontramo-nos inseridos num determinado ambiente – alterado pelo homem para a satisfação das suas necessidades – um território que não sendo estático foi sendo adaptando aos novos requisitos da sociedade, no entanto, e apesar do mesmo dever evoluir

de uma forma regrada e organizada, nunca devemos contribuir para fazer cessar o diálogo estabelecido entre o público e os responsáveis pelos actos de projecto; é deste diálogo que resulta o sucesso. (Cullen, 1961, pp. 17-18)

Na verdade a cidade terá que ser substantiva em relação aos cidadãos, estabelecendo com estes uma relação-diálogo emocional e intimista, cumulativamente significativa e interpretante das incógnitas que estão para além dos aspectos da vivência urbana mais estritamente racionais. Pensar a cidade pressupõe a aceitação da coexistência dos responsáveis pela sua concepção e gestão – técnicos altamente especializados – e do público, sendo que este último nunca poderá ser um elemento passivo, mero observador, num contexto/processo que é o seu. (Santa-Rita, 1995, pp. 11-13)

O público, com a sua tradição histórica de tecer críticas e juízos de valor constitui-se como um actor crucial na definição de estratégias concertadas no âmbito do planeamento e gestão da cidade. Os verdadeiros utentes/fruidores do espaço-cidade estabelecem um conjunto de interacções e inter-relações com o seu *habitat*, no entanto, para que este inter-relacionamento se concretize na perfeição é essencial o florescimento de uma cultura urbana num sentido antropológico verdadeiramente moderno – uma vivência e convivência harmónica do homem para e com o seu semelhante. A cidade será vivida e pensada desta forma, será assim um espaço social apto a responder às necessidades dos seus habitantes. Para se viver e vivenciar a cidade torna-se verdadeiramente indispensável que os seus cidadãos-utilizadores estabeleçam com ela um processo contínuo e vivo de comunicação, de diálogo. (Santa-Rita, 1995, pp. 13-19)

As iniciativas de intervenção no espaço público, no quadro nacional, têm sido da responsabilidade do estado – entidades municipais ou organismos regionais – sendo assim acções unilaterais cujo sucesso ou insucesso nunca esteve ligado à consulta pública, estando restrita aos agentes técnicos da área do urbanismo e paisagismo das respectivas entidades. A democratização do território é, nesse sentido, uma inovação no quadro correspondente da governância em Portugal. No período imediatamente posterior ao 25 de Abril de 1975 os âmbitos de incidência e os graus de consulta eram relativamente estritos: urbanização de pequena e média escala, habitação colectiva, equipamentos sociais e algumas acções de regeneração social e urbana. Os níveis de consulta, directos ou indirectos, se bem que promissores numa primeira fase – mercê de iniciativas em tudo semelhantes aos modelos organizativos de algumas organizações sindicais e partidos, atores de um palco político pautado pela multiplicidade e pela variedade – foram muitas vezes desvalorizados, com o reforço do regime democrático representativo e do papel regulador e hierarquizado, desempenhado pelas instituições clássicas. A este factor, há que acrescentar o facto de

questões mais abrangentes, de impacto profundo na ordenação e reformulação do território, nunca terem sequer atingido o mesmo grau de debate e consulta pública que se observou em âmbitos mais estritos. Esgotando-se o tempo do debate do bairro, nunca se chegou a debater, ao nível da consulta popular, o território. (Plataforma Barómetro Social, 2013)

O advento dos orçamentos participativos, e a crise da participação política da sociedade civil e do cidadão na auto-regulação do sistema político nacional, trouxeram de novo para o primeiro plano do debate a consulta pública. Se bem que, por um lado, estas iniciativas surjam como meio e veículo para a validação de acções concertadas e elaboradas à margem da consulta popular, são cada vez mais os casos e os âmbitos em que é dado aos cidadãos, principalmente na esfera do poder local, municipal, não só o direito de se expressar sobre a validade de uma determinada intervenção no espaço urbano, como decidir quais as acções a implementar, contribuindo para o estabelecer de prioridades na gestão corrente e na prossecução de estratégias a médio e longo prazo. (Associação In Loco, 2013).

O paisagismo com as suas ligações às disciplinas da arquitectura e do urbanismo, com todas as suas implicações e interligações aos campos psicossociológicos, tornou-se efectivamente um campo franco para o debate e para a inovação em aspectos variados, como a problemática da adequação da forma ao conteúdo/função, sendo essencial que se verifique a participação do próprio público utente, abandonando o papel de passividade perante o autocratismo dos projectistas e dos promotores.

1.3. Paisagem – território humanizado

A intervenção do ser humano no mundo natural remonta a várias centenas de milhar de anos, contudo, o Homem apenas se pode considerar como um agente determinante na alteração da paisagem a partir do Neolítico; numa primeira fase com o desenvolvimento das actividades ligadas à pastorícia e transumância e numa segunda fase, com o advento da agricultura e da criação de gado intensiva. A par com a revolução cerealífera, a apropriação dos espaços florestais e a sua posterior ordenação e propagação completaram o círculo de abrangência da marca da humanidade no território natural.

O surgir dos povoados permanentes e o rápido desenvolvimento do urbanismo orgânico, da arquitectura e do traçar de vias de comunicação estruturadas e planificadas, vieram contribuir para o panorama da humanização da paisagem com os primeiros elementos verdadeiramente artificiais – construções. Assim, constatamos que nos territórios mais profundamente humanizados, desde a Europa até às Américas, de África ao Próximo e Extremo Oriente, poucas são as paisagens verdadeiramente vírgens, nas quais não existam marcas da

actividade do Homem, quer nas suas manifestações artificiais – construção, edificações e outros tipos de estruturas – quer nas suas manifestações naturais – espaços rurais agrícolas, florestas de produção, parques e reservas naturais – a grande diferença entre os diferentes extractos da paisagem reside sobretudo no grau de organicidade dos seus elementos constituintes.

1.3.1. Elementos fundamentais

Sendo o objecto de estudo a própria matéria viva, há que considerar como essencial, abordar os elementos constituintes que garantem e suportam o esforço de sobrevivência dos seres vivos. O sol, elemento fundamental gerador de vida, adquire igualmente extrema importância na psique humana. É comum um dia ensolarado ser associado à boa disposição, alegria e vontade em aproveitar ao máximo os espaços exteriores como jardins, parques e praças. Podemos assim dizer que o sol é gerador de vida biológica e de vida social – na medida em que conduz o homem a satisfazer a sua necessidade de estar no exterior, procurando activamente o contacto com a natureza. O astro, mediante a sua posição ao longo do dia, proporciona diferentes ambientes, quer de luz directa – tão apreciada em dias de temperatura amena – quer de ensombramento – quando o calor se faz sentir mais fortemente. Ambas as hipóteses são indubitavelmente do agrado do homem e têm gerado estudos no âmbito sociológico, aplicados à vivência dos espaços urbanos. Na verdade a estrela do nosso sistema solar manifesta-se de uma forma evidente, clareando ou obscurecendo, não só o mundo natural, como o próprio ser humano e os seus objectos arquitectónicos, motivo pelo qual sempre foi e deverá ser considerado na forma como se projectam os espaços. (Whyte, 1980, pp. 40-44)

O vento é um dos fenómenos-problema que têm vindo a ser objecto de estudos diversos no campo da psicofisiologia do espaço. A sua génese assenta nos fluxos atmosféricos, mas também podem ser condicionados por outros factores, nomeadamente o posicionamento, orientação e escala das ruas, edifícios e das próprias árvores ou plantas. Cabe ao homem projectar e construir de forma aprazível e conveniente para o seu próprio uso e benefício; que isso suceda será necessário ter o conhecimento de como contornar, proteger e evitar problemas relacionados com os ventos dominantes e com o reforço ou atenuar das correntes de ar no contexto urbano. (Whyte, 1980, pp. 44-46)

A sombra das árvores – com o seu carácter protector, sobretudo durante os meses mais quentes – sempre foi um dos espaços icónicos preferidos para a permanência e repouso do ser humano [Img. 7]. É comum encontrar em espaços públicos e jardins, pessoas sentadas ou deitadas à sombra, debaixo de árvores, mesmo na ausência de mobiliário urbano para

esse fim. Os elementos de ensombramento são igualmente úteis, quer nas ruas das cidades como nos largos e praças, sobretudo quando assumem uma proporção equilibrada com o espaço onde estão inseridos, proporcionando aos cidadãos momentos de descontração física e/ou relaxamento visual e emotivo, contrastando com a massa muitas vezes opressiva das estruturas construídas. (Whyte, 1980, pp. 46-47)



Img. 7 – Victoria Tower Gardens, Londres – projecto de Joseph Bazalgette da década de 70 do séc. XIX (Associated Newspapers, 2012)

Da complexidade de elementos que caracterizam a paisagem urbana, as espécies arbóreas são, inevitavelmente, uma presença constante e tradicional nas intervenções paisagísticas ao longo do tempo. Na verdade estes elementos foram inseridos nas nossas cidades seguindo uma ordem arquitectónica, sendo interpretados de uma forma muito próxima ao edificado. Não nos devemos esquecer mas sim interiorizar que a árvore é em si mesma uma presença viva, que se surge entre nós sob as mais variadas formas; apresentando-se com elementos geométricos ou curvilíneos, com texturas lustrosas ou aveludadas, possibilitando o estabelecimento de novas relações com os objectos construídos, não só como extensão destes, mas igualmente como definição e interposição de contraste. (Cullen, 1961, p. 84)

Segundo White (1980, pp. 47-49) a água é outro dos elementos fundamentais utilizado em espaços públicos, assumindo as mais diversas formas, tais como: lagos, piscinas, espelhos de água, canais, repuxos ou fontes. Este elemento, desde muito cedo na história, é

considerado como um dos preferidos na construção de barreiras delimitadoras e intransponíveis. É indiscutível a sensação de prazer visual e sonora que a água nos pode oferecer, nas suas mais variadíssimas formas de expressão, no entanto, tem sido motivo de preocupação o facto de que, em grande parte dos casos, essa mesma água não estar acessível ao homem. Normalmente os lagos e espelhos de água que encontramos no seio das nossas cidades pretendem apenas colmatar uma necessidade visual/sonora sendo impossível chegar o seu usufruto directo, a sua fruição e o contacto directo com ela – uma prática que poderia constituir-se como um risco para a saúde face à utilização de produtos químicos. Por vezes a falta de utilidade, para além dos efeitos sensoriais referidos, leva a uma progressiva falta de manutenção ou até mesmo à inactividade destes equipamentos, tornando-os um perfeito testemunho da incúria e um atentado ao ambiente desejável para uma cidade harmónica. Em essência, os elementos naturais podem ser empregues como coadjuvantes, reforços do carácter funcional e/ou simbólico nas intervenções paisagísticas.

1.3.2. Padrões na paisagem

A leitura da semântica da paisagem implica essencialmente a capacidade de compreender os sinais e os signos da mesma e o estabelecimento de relações ente o espaço e o utente/fruidor – através da acção dos agentes de planeamento: arquitectos, técnicos de manutenção, promotores, entre outros – expressas de forma a transmitir sensações estéticas e padrões variados – funcionais, codificados ou de beleza. Do conjunto de elementos, e ligações relacionais, pretende-se obter espaços caracterizados pelo equilíbrio entre identidade formal, social e ambiental.

Independentemente dos pontos de vista pessoais de cada um, da sua tradição, cultura ou formação base, a verdade é que todos conseguimos reconhecer, ao nível mais básico e estrutural, os padrões existentes que compõem e definem a paisagem, estabelecendo com ela uma relação. A primeira interacção existente entre o homem e a paisagem é de cariz sensorial. Ao entrarmos no campo da percepção do ambiente que nos envolve, da sua resposta estética e formal, tentamos mentalmente dar um sentido lógico à sua estrutura e composição. Podemos dizer que o indivíduo procura padrões compreensíveis no mundo à sua volta, de modo a encontrar prazer estético naquilo que o rodeia. Estes padrões não são apenas uma imagem bela, são uma herança histórica da qual importa compreender as origens, percurso e transformações com o decorrer do tempo. Existem padrões resultantes de simples processos ecológicos, relacionados com o relevo e o clima, e outros resultantes da actividade humana no seio da natureza, sem, em muitos casos, haver consciência do que essa interacção poderá advir em termos estéticos. O resultado de alguma aleatoriedade

natural na organização/composição da paisagem pode até tornar-se interessante, na medida em que apela ao nosso sentido artístico e estético. (Bell, 2005, p. 18)

Como refere Bell (2005, p. 18), na verdade, nenhum padrão é estático nestes casos, todos estão sujeitos à evolução e mudança ao longo do tempo, quer como resultado de processos naturais ou mesmo como resultado de processos induzidos pelo homem. O ritmo das mudanças, nestes casos, poderá ser súbito e abrupto como, noutros casos, ser mais gradual e subtil. De forma concreta, ao identificarmos a morfologia de uma paisagem, tomando consciência dos processos e intencionalidade que a levaram a formar-se, conseguiremos defini-la em termos culturais, atribuindo-lhe uma determinada identidade. Este processo de identificação é fulcral na forma como podemos e/ou devemos actuar na atribuição de um novo uso futuro, na conservação, gestão e desenvolvimento dessa mesma paisagem. Estaremos assim, aptos a prever que tipo de padrões irão resultar, num determinado contexto, tanto ao nível formal como ao nível estético. Não podemos no entanto esquecer que a paisagem, alvo de mudanças, sofre pressões-tendências ligados à nossa própria sociedade e à cultura, no seio das quais teremos, numa analogia com o mundo natural, de conseguir saber sobreviver e prosperar. Assim, a forma como se produz a leitura e compreensão do espaço/paisagem deriva da forma sensorial e social como percebemos o mundo.

1.3.3. Vocabulário visual

A paisagem como expressão criativa encontra-se igualmente sujeita às regras da estética, as mesmas que se aplicam à arte e à arquitectura. O gosto individual/subjectivo não se constituiu como um impedimento para a concepção e materialização de uma determinada ideia, no entanto, nos casos dos espaços verdes públicos a obtenção de um consenso estético entre promotores e utentes, numa lógica de gestão integrada e democrática do território, pode ser complexa e difícil de obter. Para a obtenção desse consenso, contribui grandemente a constituição de uma plataforma comum de linguagem estética e espacial entre os projectistas, os promotores e os utentes, conducente ao estabelecer de sinergias entre os diferentes intervenientes, obviando à elaboração de um conjunto de soluções, manifestadas numa proposta que vá ao encontro das necessidades de todos.

Cada indivíduo possui, em si mesmo, uma preferência pessoal que de certa forma é influenciada e/ou condicionada pela sociedade, cultura e até mesmo pelas modas e tendências das diferentes épocas. Estas condicionantes tornam o trabalho de conservação, manutenção e desenvolvimento de um determinado espaço/ambiente numa tarefa árdua. Terão de ser tidos em consideração os mais diversos pontos de vista. Não basta encontrar uma solução bem enquadrada no mundo físico-biológico, existe também uma solução e/ou

resposta que corresponde à visão ou percepção do *designer*/projectista que desenvolve o trabalho, sendo que esta deverá ser também tida em conta. Se existem respostas rápidas de dar neste contexto outras tornam-se bastante mais complexas. Se por um lado pode existir um consenso alargado da população em geral, balizando o caminho a seguir para resolução de determinados problemas – ou de forma mais comum, definindo as soluções ou vias que não querem ver trilhadas; por outro lado, quando esse percurso abandona a objectividade do campo técnico e científico, entrando definitivamente nas vias subjectivas do *design* e da estética, o trabalho torna-se tudo menos fácil. Podemos ter uma solução cujo *design* seja simples e funcional, à partida cumprindo com a sua função, mas que não consegue cativar e agradar o público; neste caso não se pode afirmar que foi encontrada a melhor solução. (Bell, 2005, pp. 18-19)

Tal como em muitos outros casos, também na arquitectura, uma entidade cliente ou contratante – que seja composta ou definida na sua cúpula de decisão por um número limitado de pessoas com pontos de vista próximos ou conciliáveis – torna-se fácil de gerir, promovendo interacções positivas com outros intervenientes no processo; no entanto, tudo se torna mais complicado quando o número de pessoas envolvidas na decisão é mais amplo ou se trata de um projecto do domínio público; fruto de uma maior divergência de opiniões a serem tidas em consideração, a obtenção de um consenso que conduza a uma decisão final sobre o projecto em questão torna-se mais moroso e difícil.

Quando se trata de uma paisagem num sentido mais amplo – espaços públicos ou acessíveis ao público – as entidades clientes não são necessariamente os utilizadores finais do espaço, ou pelo menos não são os únicos utilizadores. Inúmeras pessoas contribuirão com o olhar crítico e pessoal sobre essa paisagem o que implica dever ter em consideração a forma como essas mesmas pessoas a poderão ver e vivenciar. Neste sentido os arquitectos, projectistas, paisagistas e engenheiros têm que ter particular sensibilidade no planeamento das suas intervenções. Cada vez mais o público tem uma opinião a manifestar sobre tudo quanto o circunda, um direito adquirido e democraticamente justificável, pelo que é essencial uma forma ou método válido para compreender e processar essas mesmas opiniões, contribuindo para as transformar de forma coerente em realidade. O Homem é a única espécie que deliberadamente altera ou transforma o seu meio-ambiente por razões de prazer puramente estético. Conseguimos provar que desde sempre o homem tem prazer na aparência das coisas – basta para isso olhar, por exemplo, para pequenas peças de cerâmica, assumidamente decoradas, que se produziam na Suméria e na Mesopotâmia [Img. 8]. (Bell, 2005, p. 19)



Img. 8 – Placa cerâmica do período Arpachiyah, Alta Mesopotâmia (Fernandes, 2012)

Pode-se afirmar que, na sociedade ocidental, as aparências nem sempre foram consideradas mais importantes que a função. Na arquitectura, o Movimento Moderno, por exemplo, fundamentado nos valores da expressão honesta da forma que cumpre uma determinada função, nem sempre encontrou grande apoio por parte dos seus utilizadores finais. Esta incapacidade por parte de alguns sectores do público, em interpretar de forma equilibrada, ao nível visual e funcional, um edifício ou paisagem urbana, tem contribuído muitas vezes para gerar ou acicatar os conflitos entre as equipas projectistas – técnicos responsáveis – e o público, chegando este a definir determinada obra como feia, surgindo assim o incontornável adjectivo mamarracho. O papel cénico que a estética assume na paisagem tem um grande reconhecimento, em muitos casos é mesmo sobrevalorizado, verificando-se que nesses casos, algumas pessoas consideram natural pagar valores avultados – assim tenham possibilidade para isso – por determinada imagem de casa, desde que esta usufrua de boas vistas em detrimento de outra, cumpridora igualmente da sua função, mas cujo cenário não seja assim tão agradável. (Bell, 2005, p. 19)

Talvez uma das razões para a ruptura no diálogo entre *designers* e o grande público passe pela ausência de uma linguagem comum no que concerne à expressão visual, só assim seria possível um debate adequado sobre questões estéticas. Seria acima de tudo necessário

empregar um vocabulário estético que permitisse a identificação de um padrão que conduza as pessoas a dizer muito mais do que apenas: 'gosto', ou 'não gosto'. É necessário um vocabulário específico que implique que duas ou mais pessoas possam discutir e avaliar o que vêem, analisando os seus prós e contras de forma racional e informada, de modo a chegar a um acordo sobre o valor de uma determinada paisagem ou objecto. Daí que os planeamentos/orçamentos participativos estejam a ser, cada vez mais, adoptados no âmbito do poder local. (Bell, 2005, pp. 19-20)

É assim necessário apresentar definições claras para termos específicos, para que todos consigam dominar a fundamentação e explicação de um projecto. Esses termos deverão ser dados a conhecer de forma racional, clara e estruturada, para que pessoas que não tenham qualquer formação artística ou em *design*, os consigam compreender. Conclui-se assim que o exercício e a intervenção na paisagem é um jogo de equilíbrios delicados entre imagem e função, entre belo e funcional, sujeitos aos critérios de avaliação de cada um dos fruidores dos espaços. Esta análise é elaborada segundo parâmetros ao mesmo tempo racionais e sensoriais, partilhando premissas de valor com base numa tradição/história, e intimamente associadas às vivências pessoais e às influências da sociedade em que se inserem. As intervenções paisagísticas no foro público, deverão ser compreensíveis e perceptíveis de forma verdadeiramente inclusivas – simbólica, funcional, formal e sensorialmente.

1.3.4. Arquitectura e arquitectura paisagista

De acordo com Magalhães (2001, pp. 64-67) o trabalho conjunto da arquitectura com a arquitectura paisagista, entre outros campos do conhecimento, é fundamental no desenvolvimento sustentável e na eficiente tarefa de ordenar e gerir o território. A arquitectura trabalha com materiais inertes sendo possível prever com elevada segurança tanto o tempo de execução em obra, como o resultado final do objecto arquitectónico. No que diz respeito ao paisagismo, trabalha-se com materiais vivos logo é necessário esperar que a vegetação atinja o seu estado adulto, não sendo assim possível observar a aparência final do projecto, uma vez que a sua conclusão se projecta definitivamente no futuro. Tendo em consideração a imprevisibilidade associada a este processo, podemos afirmar que a arquitectura paisagista é mais efémera que a arquitectura. Na realidade, a arquitectura, como disciplina projectual, surge antes da arquitectura paisagista pelo que a última recorre aos conhecimentos/métodos, teorias e práticas na concepção de espaço utilizados pela primeira. Assim, o espaço exterior urbano surge como o casamento entre os equipamentos edificados – do foro da arquitectura – e a composição dos elementos ecológicos exteriores – do foro da arquitectura paisagista – pretendendo-se que ambas as áreas e âmbitos se integrem e complementem harmoniosamente. Um exemplo desta prática é o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian,

em Lisboa, projecto de António Facco Vianna Barreto (1924-2012) e Gonçalo Pereira Ribeiro Telles (n. 1922), construído na década de 60 do século XX [Img. 9].



Img. 9 – Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2013

Segundo Cabral (1993, p. 63), o acto de projectar espaços verdes é um dos mais importantes, dado ser, a par com as praças e largos das cidades, pontos de encontro de toda a população em geral [Img. 10]. Defende ainda que é neste contexto que o homem encontra um ambiente natural à sua escala, em comparação com os edifícios altos e ruas largas desproporcionais à escala do ser humano. Faz-se ainda referência da necessidade dos espaços verdes não serem apenas pontos dispersos pela cidade mas sim parte englobante e contínua da mesma.

A arquitectura paisagista é a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem (Cabral, 1993, p. 25). Esta arte aproxima-se e diferencia-se das demais pois é ao mesmo tempo sinónimo de criação de beleza mas também de aproximação à natureza. Na realidade a arte de ordenar o espaço exterior é mais complexa do que podemos imaginar bastando para isso reflectir no simples facto de duas plantas precisamente iguais, dependendo dos mais diversos factores externos, poderem adquirir formas, densidades, cores e tamanhos distintos. Para obter o sucesso é necessário o auxílio de várias ciências como a botânica, as ciências do solo, a química agrícola e a climatologia, entre outras, bem como o domínio das técnicas da horticultura, da arboricultura, da silvicultura e da agricultura, sem esquecer a hidráulica – que permite utilizar sistemas de rega e drenagem fundamentais neste processo. Neste campo, o

objecto arquitectónico nunca é encarado como estático, implicando projectar com olhos postos naquilo que um dia poderá vir a ser. (Cabral, 1993, pp. 25-35)



Img. 10 – Piazza del Duomo (200-300 a.C.), San Gimignano, Itália, 2011

É fundamental não comprometer a harmonia e o equilíbrio da natureza tão essenciais ao homem. Através da exigente tarefa de articulação e composição dos seus materiais base – relevo do terreno, elementos decorativos, equipamentos vários, plantas e água – o arquitecto paisagista não tem apenas como objectivo a criação de uma paisagem digna de contemplação mas também o de cumprir com a utilidade a que esse espaço se propõe. Como na arquitectura, ao espaço de jardim, parque ou paisagem não basta ser belo, tem que ser funcional. Numa fase inicial o arquitecto paisagista intervinha essencialmente em jardins particulares. Com o crescimento das cidades, e o surgir de grandes aglomerados urbanos, a população ficou cada vez mais sujeita a um modo de vida crescentemente artificial. Nesse contexto surgiu a necessidade de criar parques públicos como forma salutar de compensar os habitantes das cidades do ponto de vista psico-emotivo. Projectar um parque ou um jardim público, acarreta responsabilidades acrescidas pois estes espaços servirão um grande número de pessoas e terão conseqüentemente condicionantes a nível social, económico e político que de certa forma delinearão os seus contornos. Aqui surge a importância da sociologia e do planeamento urbano para entender como os aglomerados urbanos se devem

fundir de forma fluída e orgânica com a paisagem e de que forma os habitantes dos mesmos se apropriam dos espaços. (Cabral, 1993, pp. 25-35)

Assim, é possível entender que o conjunto de pontos comuns, de ligações estritas, é muito maior entre a arquitectura e a paisagem, do que se poderia supor à partida; a composição da cidade como entidade multifacetada mas coesa, una e interligada permite o estabelecimento de relações orgânicas entre os seus diferentes aspectos: edificado, estrutura viária e estrutura verde.

2. Oeiras: história e geografia

Pretende-se com o presente capítulo efectuar uma resenha histórica relativa ao território de Oeiras, evolução da sua função e uso, com especial enfoque nos espaços verdes públicos, possibilitando assim um melhor enquadramento do caso de estudo na realidade do local. Serão indicados factores considerados pertinentes, no âmbito da evolução urbana/paisagística do concelho de Oeiras, numa tentativa de aproximação ao objecto de estudo – o Jardim da Quinta dos Sete Castelos – do qual se fará também, posteriormente, uma contextualização histórica.

2.1. Caracterização e evolução do território

Com vista à melhor compreensão histórica e geográfica do território do município de Oeiras, consideremos que este é marcado, tanto do ponto de vista paisagístico como da ocupação humana ancestral, por um conjunto de elementos geográficos definidos por elevações como o Alto dos Barronhos [Img. 11]; o Alto do Montijo [Img. 12]; o Alto da Mama Sul [Img. 13]; a Serra de Carnaxide [Img. 14] e Alto de Leceia [Img. 15]. Na verdade estas elevações encontram-se localizadas no limite Norte do concelho, sendo o restante território em declive até ao rio/mar, a Sul.



Img. 11 – Alto dos Barronhos, Carnaxide, concelho de Oeiras, 2013



Img. 12 – Alto do Montijo, Carnaxide, concelho de Oeiras, 2013



Img. 13 – Alto da Mama Sul, Carnaxide, concelho de Oeiras, 2013

Estas unidades paisagísticas reúnem um conjunto de características naturais que, a par com a proximidade do rico estuário do Tejo, potenciaram, desde os tempos mais remotos da Pré-História, condições para a fixação de populações humanas na região de Oeiras. Datam do Paleolítico os vestígios da ocupação humana do concelho, atestados pelo conjunto de

achados descobertos na estação arqueológica do Alto do Leião, compreendendo vestígios de estruturas habitacionais e defensivas, concentradas numa antiga povoação do período Calcolítico Inicial. Outros vestígios de povoados e necrópoles, sobretudo da Idade do Ferro foram identificados na Gruta da Ponte da Laje, na Outorela, no Alto do Dafundo, em Linda-a-Velha e Carnaxide entre outras localizações. Neste período as populações teriam uma economia baseada na agro-pastorícia, processando-se já uma assinalável ocupação e alteração da paisagem natural ancestral. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 17-19)



Img. 14 – Serra de Carnaxide, Carnaxide, concelho de Oeiras, 2013



Img. 15 – Alto de Leceia, Barcarena, concelho de Oeiras, 2013

A romanização também teve a sua influência no território de Oeiras, facto natural dada a proximidade a *Felicitas Julia Olisipo* – futura Lisboa – ao seu porto e ao território que viria a constituir o concelho de Cascais, onde se identificaram a existência de explorações agrícolas latifundiárias e alguma actividade industrial associada à pesca e às conservas de pescado. Foram postos a descoberto vários materiais e vestígios romanos na localidade de Linda-a-Pastora, Oeiras, Caxias/Laveiras, Leião e Porto-Salvo. Assinale-se igualmente a descoberta de um mosaico romano na Rua das Alcássimas em Oeiras, bem como a referência a uma necrópole junto à Junção do Bem – Quinta do Costa. Ao nível das actividades económicas, as ocupações não deveriam diferir das que se identificaram existir no vizinho território de Cascais: agricultura extensiva, pecuária e pesca. Do período pós-Romano, particularmente entre os séculos III/IV d.C. e o século VIII d.C, não se assinalaram ainda vestígios e dados que permitam construir um cenário fidedigno da actividade humana no território de Oeiras. É novamente no período muçulmano que encontramos de novo ecos da actividade civilizadora. A proximidade a dois núcleos urbanos de importância neste período, Lisboa e Sintra, a par com as ocupações e referências históricas e culturais do município vizinho de Cascais, faz surgir na toponímia de Oeiras fortes testemunhos de povoamentos árabes, nomeadamente nas seguintes localidades: Alcássimas, centro histórico de Oeiras; Algés; Alpendroado, que compreendia a área entre Vila Fria e a Terrugem; Almocováda, perto da praia de Oeiras; Almargem, perto da Caspolima; Quinta da Moura, perto da ribeira de Barcarena e Mouriscas, junto à Medrosa. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 20-21)

Os primórdios da nacionalidade e o período histórico subsequente no contexto medieval de Oeiras são um estudo que, embora essencial, ainda se encontra numa fase relativamente inicial. Muito embora a existência de documentos de várias naturezas, a sua interpretação, referenciação espacial e histórica constitui-se não só difícil como morosa. Confirma-se no entanto que o território permaneceu com usos e actividades muito semelhantes às que tinha desde os primórdios da humanização; fruto dos solos e localização privilegiada, a agricultura ocupava o centro de uma economia local. Este facto é atestado aquando repartição de territórios, como prémios após a conquista de Lisboa aos Mouros, pelos vencedores, sendo garantida uma relativa independência deste território em relação à cidade e definidos os seus limites. Desta época data a doação de Barcarena, feita por D. Afonso Henriques (1109-1185) aos Cruzados. De 1208 data a notícia da doação de Oeiras, feita por El-Rei D. Sancho I (1154-1211), em conjunto com outras doações, a D. Froile, sendo que a mesma foi confirmada pelo bispo de Lisboa à época D. Soeiro Anes. Durante este período e até à atribuição de foral a Oeiras e conseqüentemente a sua constituição como concelho independente, o território de Oeiras constituía-se como um reguengo, fazendo parte do termo da cidade de Lisboa. Para além do território central de Oeiras, existiam outras vastas áreas anexas, que viriam a ser

integradas parcial ou totalmente no futuro município: no século XII era mencionado o Reguengo de Algés, que se estendia desde a Ribeira de Alcântara até ao Vale do Jamor – presumindo-se que a cabeça deste território fosse à época Algés. Outro exemplo, patente num documento de 1370, em que notícia de uma área anexa ao território principal de Oeiras, designada como reguengo a par de Oeiras ou Reguenguinho, confinante com Sintra e termo de Cascais. No reinado de D. João III, há referência ao condado de Barcarena, cujo território incluía já várias localidades que actualmente constituem a freguesia do mesmo nome. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 22-23)

Do ponto de vista económico a Idade Média reforçou o carácter agrícola, centrando os principais produtos da região no vinho e no trigo. Ao longo do século XVII, Oeiras assume-se como um dos territórios que mais contribuiu para o provimento da cidade de Lisboa. A par com a agro-pecuária e a produção cerealífera, surgiram nesta época outras actividades económicas, nomeadamente a extracção de pedra para construção e a produção de cal. A partir do século XVI, prolongando-se pelos dois séculos seguintes, o território de Oeiras começa a tornar-se atractivo para a fixação de quintas e palácios senhoriais, aliando as suas características produtivas, paisagísticas e naturais, à relativa proximidade à capital. Exemplos deste primeiro florescimento das quintas apalaçadas são: a Quinta do Jardim; a Quinta da Nossa Senhora da Conceição; a Quinta da Moura; a Quinta da Terrugem e o Palácio dos Arcos, em Paço de Arcos, peça maior pela sua carga histórica e programa arquitectónico/paisagístico integrado. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 23-26)

Outra das actividades que marcou numa fase inicial o concelho de Oeiras foi a caça, desporto apanágio da nobreza e realeza; a instalação de unidades de exploração cinegética, extensas coutadas, como é o caso da coutada de Barcarena. Com um uso e existência progressivamente menor, a partir de 1826, fruto do regime liberal, dos ventos de mudança e de modernidade que pretendiam fazer varrer os últimos exemplos e anacronismos da velha monarquia, as coutadas foram extintas. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, p. 18)

Atestando a importância do território de Oeiras na continuidade natural de Lisboa, a construção de fortalezas ao longo da costa durante os séculos XVI, XVII e XVIII – com o objectivo de controlar o acesso à barra do Tejo, vital para a capital – marcou a orla costeira de forma determinante; do conjunto vasto de baluartes, destaque para a peça maior de toda a costa Norte, a Fortaleza de São Julião da Barra [Img. 16], começada a edificar no século XVI, com desenho e orientação original a cargo do arquitecto/engenheiro militar Miguel de Arruda (?-1563). Conjunto edificado sujeito a sucessivas alterações ao longo dos séculos, constitui-se nos nossos dias como um dos mais bem conservados e mais completos exemplos de arquitectura militar no território nacional. Sujeitas durante séculos à acção dos elementos e

do homem, a edificação destas estruturas de defesa conduziram ao desenvolvimento directo das actividades de construção e indústrias locais – fabrico da cal, pedreiras, etc. – bem como à formação de mestres de obra e de arquitectos. De entre as diversas edificações desta tipologia, destacam-se ainda os fortes de São João das Maias, Santo Amaro ou do Areeiro e o de São Bruno de Caxias, edificados durante o século XVII, pouco depois da Restauração da Independência. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 27-28)



Img. 16 – Fortaleza de São Julião da Barra, Oeiras, mandada construir no século XVI por D. João III (Pereira, 2011)

O século por excelência do território e Concelho de Oeiras é o século XVIII. Fruto de um processo de transformação e grande desenvolvimento socio-económico, a pequena comunidade rural de Oeiras foi elevada a vila a 7 de Junho de 1759, e a subsequente constituição de concelho em 13 de Julho de 1759 ortogada por Carta Régia. O novo concelho passou a possuir jurisdição própria e os seus munícipes adquiriram os mesmos privilégios e direitos atribuídos às restantes vilas do Reino. Esta acção do monarca veio na continuidade da acção política do seu ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello (1699-1782), feito 1º Conde de Oeiras e posteriormente, Marquês de Pombal, que fez da sua quinta de Oeiras, após o sismo de 1755, residência permanente da família. O conjunto edificado, jardins e área produtiva do palácio dos Marqueses de Pombal [Img. 17] e quinta de recreio, tornou-se determinante na redefinição do aglomerado urbano de Oeiras e na própria vivência da

povoação, contribuindo de forma directa para o crescimento urbano da vila, em associação a um surto demográfico ao longo de todo o século XVIII. Desta época datam a maior parte das edificações de carácter erudito que pontuam o território do concelho: quintas de recreio com seus jardins, igrejas e quarteirões urbanos de desenho pombalino, equipamentos agrícolas e hidráulicos, chafarizes, entre muitos outros. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 29-30)



Img. 17 – Palácio do Marquês de Pombal, projecto do século XVIII de Carlos Mardel, Oeiras, 2014

Para além das alterações físicas dos limites e espaço geográfico do concelho de Oeiras, desde a sua constituição até recentemente, a estrutura política e administrativa do município sofre alterações, crescimentos e subtrações territoriais: em 1764 a freguesia de Carcavelos passou a estar integrada em Oeiras. Contudo é a partir do século XIX, com o advento do Liberalismo que as alterações se tornaram mais frequentes. Depois de desanexada do concelho de Lisboa, a freguesia de Carnaxide passou a integrar, em 1836, o Município de Oeiras. Com a extinção, a 26 de Outubro de 1855, do concelho de Belas a freguesia de Barcarena volta a integrar Oeiras. Já em 1855, redefinidos os limites administrativos da capital, a faixa exterior à Estrada da Circunvalação, Algés, passou a estar integrada na freguesia de Carnaxide e no concelho de Oeiras. Entre 26 de Setembro de 1895 e 13 de Janeiro de 1898, o Município de Oeiras esteve desactivado, sendo para todos os efeitos inexistente. Com a sua reactivação, retoma os seus limites, com a excepção da freguesia de Carcavelos, integrada então no

concelho de Cascais, mantendo-se neste município desde então. A última alteração aos limites do município de Oeiras ocorreu com a Lei nº 45, publicada no Diário da República de 11 de Setembro de 1979, na qual se instituiu o município da Amadora, tendo por base a respectiva freguesia, outrora parte do concelho de Oeiras, território a que se juntou parte de freguesias pertença do município de Sintra. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 31-32)

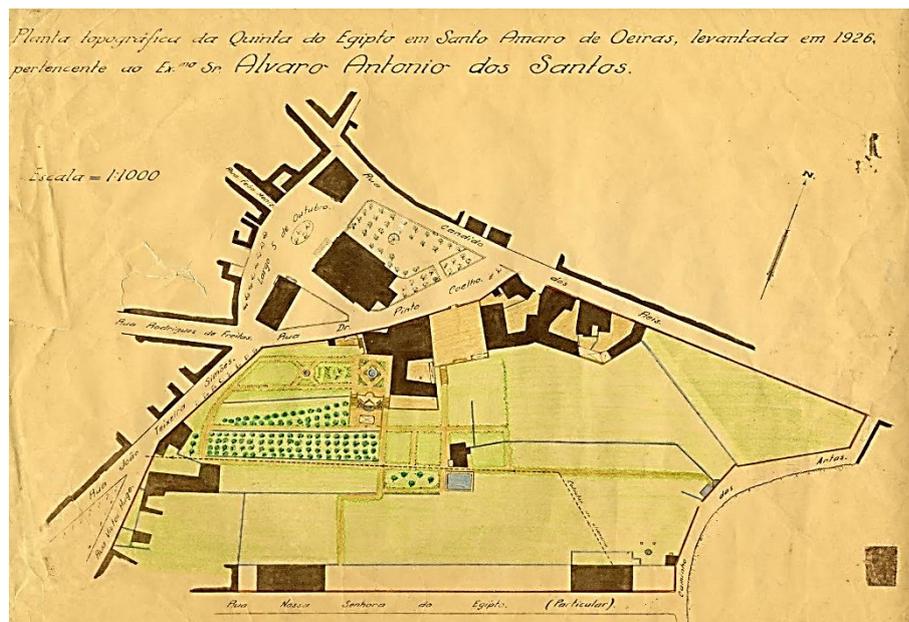
Como foi possível verificar, a economia do território de Oeiras esteve quase sempre ligada à produção agrícola, pecuária e actividade piscatória, com muito maior peso na primeira. O tipo de exploração agrícola é desde os tempos da romanização o latifúndio, as quintas. Historicamente, o incremento na produção agrícola do município foca-se no século XVIII, nomeadamente na acção do Marquês de Pombal. O ministro de D. José possuía três das maiores propriedades agrícolas da região – a Quinta de Baixo ou do Palácio, a Quinta de Cima ou Quinta Grande e a Quinta do Marco. O tipo de exploração encontrava-se centrado na produção cerealífera e na viticultura. É desta época a melhoria desta cultura e a sua promoção, com a criação da Região Demarcada de Carcavelos. A produção de cereais em Oeiras atingiu no século XVIII um pico de produtividade, tornando-se este município um dos principais produtores da região de Lisboa. Outras actividades assumiram igualmente importância no panorama económico da Oeiras de 1700; as pedreiras de mármore e as oficinas de cantaria, a fundição de ferro localizada em Paço de Arcos e igualmente na mesma localidade, os fornos de cal. A faina piscatória e a pesca sazonal em Oeiras também constituíam actividades económicas importantes nesta época. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 32-33)

O dinamismo do século XVIII, a Idade das Luzes e da Razão foi determinante para o desenvolvimento do território de Oeiras; este período de grande desenvolvimento das actividades económicas viu erguerem-se as grandes propriedades agrícolas com componente de fruição e lazer - quintas de recreio. Conjugando no seu traçado características de unidade de produção agrícola e edificações habitacionais de aparato, estes conjuntos edificados foram concebidos tendo em conta um traçado de geometria estrita, agregando elementos componentes puramente recreativos – jardins e matas – e económicos – as áreas produtivas da propriedade rural. São exemplo destas edificações: a já referida Quinta do Marquês de Pombal; a Quinta do Torneiro [Img. 18]; a Quinta do Egípto [Img. 19]; a Quinta do Arriaga [Img. 20]; e a Quinta Real de Caxias [Imgs. 21 e 22]. Para além das quintas de aparato, um manancial de edifícios, espaços e conjuntos edificados de importância histórica e valor patrimonial assinalável, contribuem para aumentar o valor determinante deste período histórico de Oeiras. O próprio desenvolvimento urbano, na senda do processo de crescimento populacional, sobretudo da Vila de Oeiras, contrapõem aos palacetes e solares edificações

de carácter simples com um máximo de dois sobrados, acentuando o carácter urbano da cabeça do concelho. Também a arquitectura religiosa regista um aumento de construção, com a disseminação pelo território de igrejas e capelas, associadas aos oragos dos pequenos povoados de Oeiras e reflexo da devoção e das actividades dos munícipes. Apenas no final do século XIX o município de Oeiras iria assistir a outro período de modificação tão dinâmico como este. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 33-38)



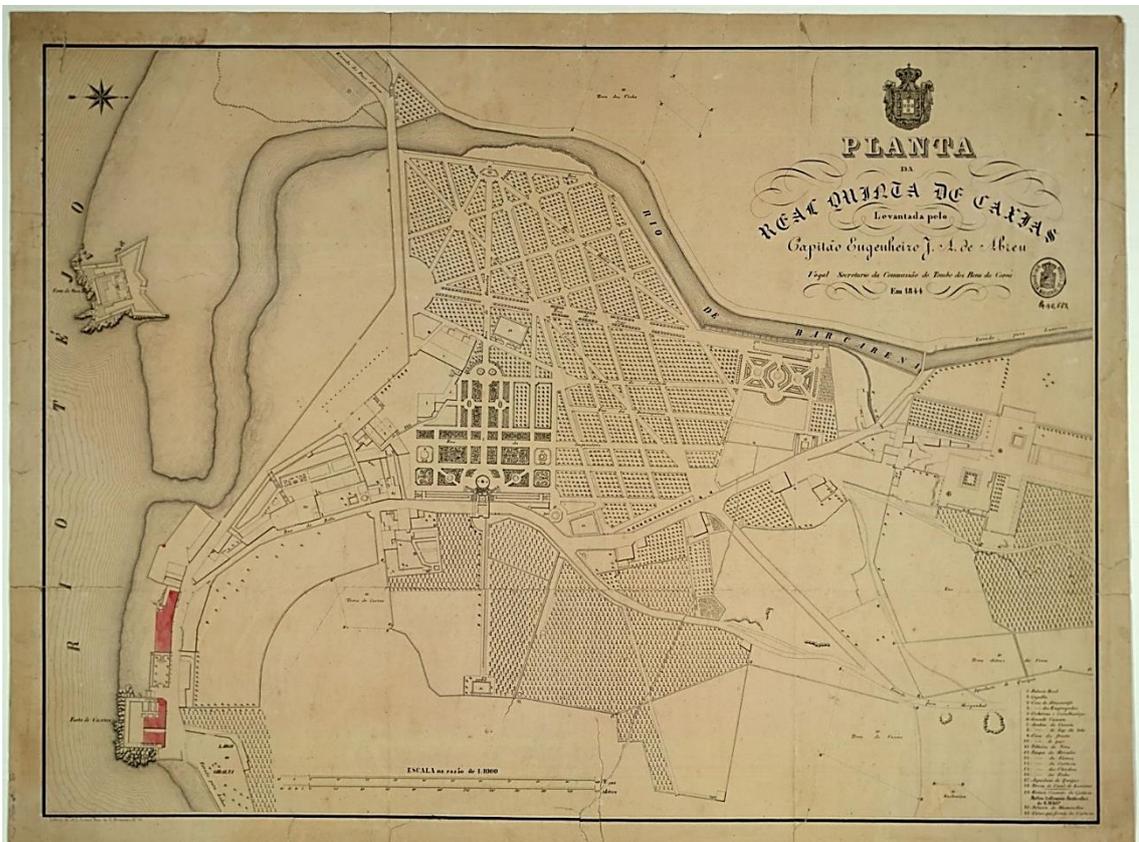
Img. 18 – Quinta do Torneiro, Porto Salvo, Oeiras (PRA Comunicar, 2013)



Img. 19 – Planta topográfica da Quinta do Egípto, Oeiras, levantamento de 1926 (Rocha, 2009)



Img. 20 – Palácio da Quinta do Arriaga, Oeiras, 2013



Img. 21 – Planta da Quinta Real de Caxias, Caxias, levantamento de 1844 (Abreu, 2009)



Img. 22 – Jardim da Quinta Real de Caxias, Caxias, 2013

A mudança de paradigma social, dos hábitos e da melhoria das condições de trabalho ao longo dos séculos, conheceu um verdadeiro salto qualitativo na segunda metade do século XIX, com particular incidência de 1875 até ao início do século XX. Com a sociedade urbana e industrial o tempo passou a reger-se de forma diferente das velhas sociedades rurais; passou a existir um tempo para o trabalho e outro para o lazer – as férias no Verão, para a nova classe privilegiada, a burguesia; para os trabalhadores, o passeio de Domingo ou do dia feriado, civil ou religioso. O destino variava; campo ou praia, o objectivo era sempre o mesmo; sair da cidade. A esta mudança social de comportamento não é alheia igualmente a propagação dos conceitos higienistas e o progresso médico. As idas a banhos por questões de saúde passaram a ser consideradas como tratamento médico; para além deste aspecto, a frequência das praias revestia-se também de um aspecto lúdico, sobretudo para as classes mais privilegiadas. O processo de crescimento das actividades de veraneio nas praias do município de Oeiras teve o seu início na segunda metade do século XIX, quando aumentou significativamente a afluência dos lisboetas, em busca de bons ares a conselho médico, mas igualmente para usufruir de todas as amenidades, bens e serviços associados às estâncias turísticas. O crescimento destes fluxos sazonais foi causa e efeito da melhoria dos meios de transportes, do crescimento da rede viária e implementação da linha ferroviária [Img. 23], num

processo que terá o seu término apenas já bem dentro do século XX. Acompanhando este fluxo, salienta-se o aumento das áreas habitacionais no concelho de Oeiras, sobretudo em torno dos polos dinamizadores do município: a Vila de Oeiras e as localidades de veraneio, junto à costa [Img. 24]. Acompanhando a linha do litoral de Oeiras, de início no eixo Algés, Dafundo e Cruz Quebrada, mais tarde na área de Caxias, Paço de Arcos e Santo Amaro de Oeiras, surgiram pontuando a paisagem grandes moradias de veraneio e *chalets*. Este surto edificativo de sabor eclético amplificou o contraste entre os novos hábitos e as velhas tradições; às habitações de praia e de lazer, muitas vezes ostensivas, contrapunham-se as velhas edificações rurais, invariavelmente simples. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, pp. 43-47)



Img. 23 – Ponte ferroviária entre Santo Amaro e Oeiras, postal do início do século XX (Edições Martins & Silva)



Img. 24 – Praia de Santo Amaro de Oeiras, Oeiras, fotografia de meados do séc. XX (Rocha, 2012)

Dando continuidade a um processo começado cem anos antes, também no interior do concelho se edificaram novas quintas de recreio, com edifícios de aparato e sabor revivalista, autênticos espelhos do estatuto e poder económico dos seus proprietários. Alguns destes exemplos chegaram até nós, mesmo que, em alguns casos com alterações ou redução das suas áreas originais. Saliente-se os seguintes exemplos: em Carnaxide a Quinta do Morval [Img. 25], mandada construir, no século XIX, pelo Visconde Moreira de Rey (1838-1891) e a Quinta da Fonte, dos finais do século XIX, pertencente à Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição [Img. 26]; no Dafundo a Quinta do Cedro, mandada construir por Roberto Ivens (1850-1898) em finais do século XIX [Img. 27]; em Paço de Arcos a Quinta do Relógio, mandada construir por Tomás Maria Bessone (1815-1877) em meados dos século XIX [Img. 28] e em Algés o Palácio Anjos mandado construir por Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos (1845-1905) nos finais do século XIX [Imgs. 29 e 30]. (Câmara Municipal de Oeiras, 1996, p. 46)



Img. 25 – Entrada principal da Quinta do Morval, Carnaxide, concelho de Oeiras, 2013



Img. 26 – Palacete da antiga Quinta da Fonte, Carnaxide, concelho de Oeiras. 2013



Img. 27 – Palacete da Quinta do Cedro, Dafundo, concelho de Oeiras, 2013



Img. 28 – Palacete da Quinta do Relógio, Paço de Arcos, concelho de Oeiras, 2013



Img. 29 – Família Anjos no seu Palácio, Algés, concelho de Oeiras, finais do século XIX (Câmara Municipal de Lisboa)



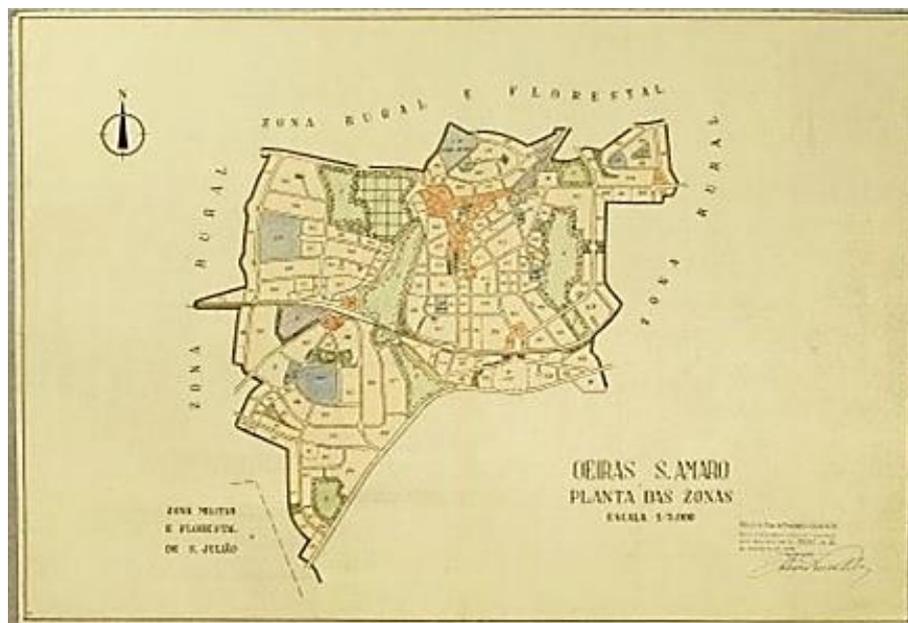
Img. 30 – Palácio dos Anjos, Algés, concelho de Oeiras, 2014

Pode-se assim concluir que, fruto da ocupação humana do território, da mudança dos usos do solo, da constituição de propriedades, do traçar vias e caminhos pedonais para apoio às actividades agrícolas e transumância, mas também, para facilidade da actividade comercial, para a deslocação de bens e de pessoas, operou-se com a sucessão dos séculos uma transformação da paisagem. Das actividades humanas resultou assim um variadíssimo tipo de marcas na paisagem e no território, equipamentos e unidades para a exploração dos recursos hídricos, passando pela arquitectura vernácula e incluindo a edificação das quintas de recreio, local por excelência para o cruzar das influências e das linguagens agrícola e do paisagismo.

2.2. Património Paisagístico

O concelho de Oeiras possui cinco ribeiras que o atravessam no sentido Norte/Sul, são elas as Ribeiras da Lage; de Porto Salvo; de Barcarena; do Jamor e de Algés. Todas elas desaguam no Rio Tejo que por conseguinte banha todo o litoral do concelho. Esta composição geográfica assegura a Oeiras uma posição privilegiada na área metropolitana de Lisboa. A existência de um manto basáltico, que abarca quase todo o concelho, proporciona uma riqueza e fertilidade de solos ímpar. Na verdade este factor é deveras conhecido desde o reinado de D. João V (1689-1750), época a partir da qual se construíram grandes quintas de

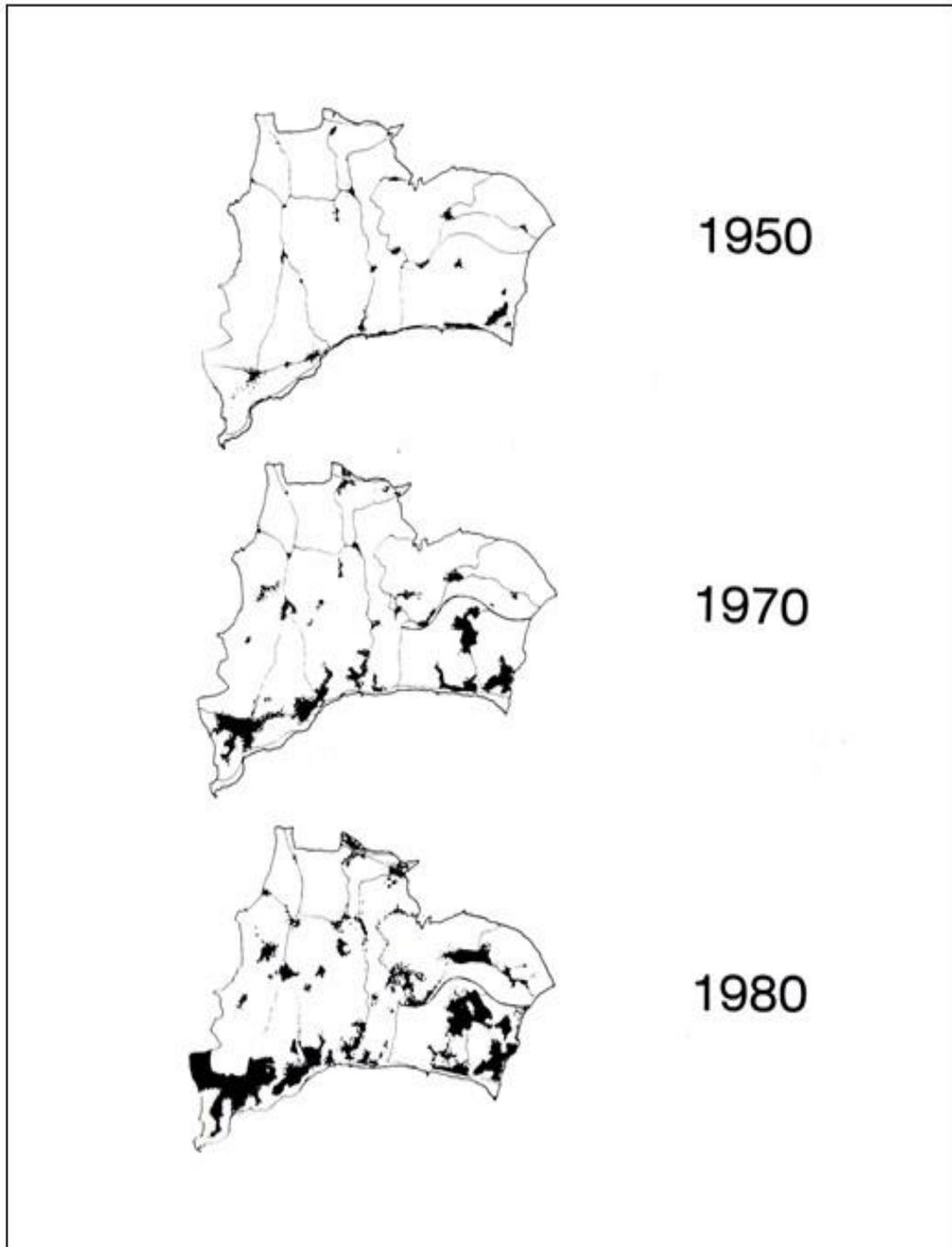
recreio – como a Quinta do Marquês de Pombal em Oeiras e a Quinta Real de Caxias. A construção destas tipologias, em diferentes escalas, permaneceu até finais do século XVIII e aumentou durante o século XIX, altura em que o concelho atingiu os dez mil habitantes. As características ambientais e actividade balnear são factores chave para o surgimento, durante este período, de tipologias como o *chalet*, o palacete e as moradias para recreio. O primeiro estudo urbanístico do concelho – Plano de Urbanização da Costa do Sol – surgiu apenas em 1947 e teve como especial preocupação a preservação das qualidades ambientais da zona costeira do concelho como área de recreio e vilegiatura onde a moradia tinha um lugar de primazia [Img. 31]. (Câmara Municipal de Oeiras, 1983, p. 2)



Img. 31 – Plano de Urbanização da Costa do Sol, planta da zona de Oeiras e Santo Amaro, 1948 (Câmara Municipal de Cascais, 2013)

Na década de cinquenta do século XX a população do concelho de Oeiras atingiu os cento e sessenta mil habitantes sendo que, a partir deste marco, a sua evolução não dependeu apenas das condições ambientais e da situação costeira privilegiada, como também pela sua localização relativamente à Capital [Img. 32]. O grande fluxo de emigração – em busca de trabalho e o conseqüente crescimento da metrópole – associado às transformações das áreas de habitação em locais de actividade terciária e de cariz comercial, empurraram as populações de menores recursos para a periferia de Lisboa. Assim, o concelho de Oeiras, limítrofe a Lisboa e com bons acessos à mesma, tornou-se uma área de grande crescimento urbano, uma transformação nem sempre associada a um bom equilíbrio socioeconómico. Apenas a partir dos anos setenta do século XX é que o município delineou estratégias, através de um

Plano Director, permitindo não só proteger as características ambientais e paisagísticas do concelho como também possibilitando reequilibrar os seus centros urbanos em algo mais salutar. (Câmara Municipal de Oeiras, 1983, p. 3)

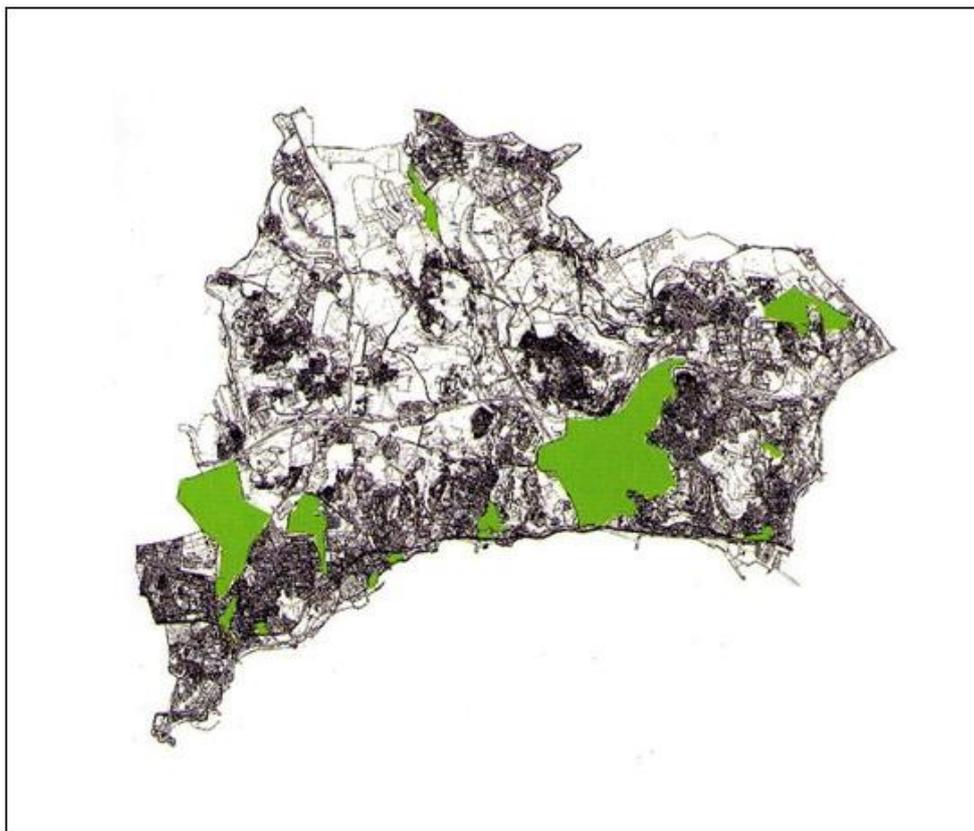


Img. 32 – Mapas da evolução urbana do concelho, Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras, 1983, p. 3)

Muito embora o concelho de Oeiras apresentasse, na década de 80 do século XX, mais de 50% do seu território com características de ocupação rural observava-se a inexistência de zonas verdes de recreio e lazer, resultando assim em assinaláveis desequilíbrios entre as principais funções e ocupações do território não urbano. Fruto da elevada densidade populacional, sobretudo nos núcleos urbanos associados ao início das actividades balneares da costa do Estoril, verificou-se uma restrição na dimensão dos equipamentos verdes – na sua maior parte confinados a pequenos espaços públicos e/ou ao aproveitamento das áreas de logradouro – fenómeno com particular incidência nos bairros-dormitório. As necessidades da população em termos de áreas de lazer, prática desportiva e simples fruição dos espaços naturais ou renaturalizados, conduziu a uma busca activa pelo elemento verde materializada na afluência aos antigos jardins, do fim do século XIX início do século XX, normalmente localizados no centro dos núcleos históricos das povoações. Estes equipamentos foram originalmente edificados tendo em conta usufruto dos visitantes, na sua maioria provindos de Lisboa durante o Verão, para complemento às actividades balneares, e não para uso da população do concelho. (Câmara Municipal de Oeiras, 1983, p. 10)

A edificação do Parque Desportivo do Estádio Nacional, em 1944, visava colmatar a inexistência deste tipo de equipamentos nos espaços urbanos periféricos à capital, proporcionando novos meios para a prática de actividades desportivas. Esta estratégia implicava igualmente a criação e instalação de uma rede de circuitos interligando a área urbana e rural do concelho, estruturando e escalonando áreas agrícolas protegidas e desafectando outras para uso convencional, instituindo igualmente reservas e espaços paisagísticos de interesse público. (Câmara Municipal de Oeiras, 1983, pp. 10-11)

Nos últimos anos o concelho de Oeiras tem sido pioneiro no que concerne à execução de planos estratégicos de gestão integrada dos jardins históricos e áreas de carácter patrimonial [Img. 33]. Estas estratégias implicam não só a conservação e revitalização de espaços com valor histórico/patrimonial – como os Jardins da Quinta do Palácio do Marquês de Pombal; o Jardim do Palácio dos Anjos; o Jardim da Quinta dos Sete Castelos entre muitos outros – como também o planeamento e construção de novas manchas verdes – como é o caso do Parque dos Poetas – que vêm garantir uma ocupação do solo equilibrada face ao exponencial crescimento urbano/densidade populacional, passando ainda por levar a cabo estratégias de dinamização e programação dos respectivos espaços. Têm sido tomadas diligências no que concerne à planificação do território, requalificar e reequilibrar a paisagem como um todo de modo a que os conceitos de urbanidade e ecologia coexistam de forma funcional e contínua. (Dias, et al., 2009, pp. 101-111)



Img. 33 – Identificação dos jardins e espaços verdes públicos de carácter patrimonial, Concelho de Oeiras. (Dias, et al., 2009)

Dos projectos levados a cabo pela Câmara Municipal de Oeiras, no âmbito dos espaços verdes, destaca-se o Parque dos Poetas – cuja primeira fase foi inaugurada em 2003 – que contará, após conclusão, com um total de vinte e sete hectares. Trata-se de um parque público, constituído por diversas zonas destinadas ao usufruto da população, lazer e contemplação. Foram utilizadas cerca de cinquenta espécies arbóreas sendo que os elementos herbáceos e arbustivos ocupam 60% da área total. À diversidade botânica, lagos, repuxos e mobiliário urbano alia-se uma vertente pedagógica – com a presença de textos gravados em pedra, homenagem a vinte poetas do século XX – e a uma vertente artística vincada pelos grupos escultóricos presentes. (Dias, et al., 2009, pp. 115-121)

2.3. Reversão de jardins privados para uso público

Como já foi referido anteriormente no sub-capítulo dedicado à Grécia, foi com os romanos que os jardins para uso público surgiram pela primeira vez, de uma forma concisa e planificada integrando operações de expansão ou reformulação urbanística. Para além dos jardins particulares das residências e complexos palacianos, que seguiam o traçado grego a par com as influências orientalizantes dos jardins das províncias da Ásia Menor, os romanos

acrescentaram ao léxico paisagístico mundial a existência de espaços ajardinados – jardins/parques, entretecidos com equipamentos igualmente de uso público – mercados, termas e banhos, edifícios administrativos e outros equipamentos, concebidos para usufruto dos cidadãos. Nesse sentido, esta visão do espaço público ajardinado constituiu-se como uma verdadeira inovação, cuja génese e propagação se encontra íntimamente ligada à romanização e à iniciativa pública – estado central, governadores provinciais e/ou locais, não se repercutindo contudo nos séculos que se seguiram à queda do Império, época caracterizada pela fragmentação dos territórios, pelo vazio de poder político e pelo retrocesso urbano que abalou sobretudo o ocidente europeu.

Na realidade, como verificamos no sub-capítulo alusivo à Idade Média, durante este período a construção de jardins confinava-se em grande parte aos espaços dos claustros das comunidades religiosas. Com o Renascimento, passando pelo Barroco e até ao Romantismo a arte da jardinagem teve na sua essência a ideia do jardim de carácter privado, integrados quer nas propriedades pertencentes às ordens religiosas quer nos palácios e quintas senhoriais, constituindo-se essencialmente como um reflexo da forma de vida e apanágio do poder económico dos seus proprietários; mesmo os exemplos do Barroco e do Classicismo Francês, caracterizados pela sua grande escala e complexidade, tinha na sua raiz um uso privado ou reservado às elites. Tal como verificado no sub-capítulo onde se explorou a caracterização e evolução do território, apenas a partir do século XIX se assistiu ao retornar do conceito de jardim de carácter público, acompanhando as mudanças de paradigma civilizacional e de hábitos sociais, a par das melhorias no campo das condições de trabalho, dos conceitos do Higienicismo e o progresso médico que fomentaram na opinião pública e nas classes dirigentes a necessidade da existência de espaços públicos para usufruto da população – numa espécie de compensação Natural do Homem, inserido numa sociedade industrial – e artificial.

Em Oeiras, esta necessidade ganhou raízes já dentro do século XX. Conforme referido no sub-capítulo anterior, as tipologias existentes – que se resumiam apenas a pequenos jardins no centro das vilas e localidades – tornaram-se insuficientes face ao descontrolado crescimento urbano, sendo que a busca activa pelo elemento verde traduzia um anseio e uma necessidade urgente a ser colmatada. A construção do Parque Desportivo do Estádio Nacional foi, neste contexto, uma forma à época de solucionar pelo menos em parte este tipo de problemas. O peso do constante desenvolvimento do concelho, a par da expansão urbana e populacional de Oeiras, numa lógica contemporânea de desenvolvimento sustentável e crescimento positivo e equilibrado, implica a fundamental existência de uma estrutura verde que dê suporte à população, de forma proporcional ao número de habitantes.

A construção de novos jardins – apesar de ser uma prática existente no concelho de Oeiras, tendo como um dos melhores exemplos a criação e desenvolvimento do Parque dos Poetas – nem sempre se constitui como a solução mais viável, quer pelos encargos financeiros que acarreta a construção de um espaço de raiz, quer pelo facto de nem sempre existirem áreas disponíveis onde mais são necessárias estas estruturas – de forma estratégica, para fazer face às necessidades da população – e sem esquecer, conforme já foi visto, que quando se trabalha com materiais vivos é necessário esperar que a vegetação atinja o seu estado adulto para a obtenção dos resultados idealizados, podendo decorrer dezenas de anos até se poder observar a aparência final do projecto.

É neste contexto que a reconversão/requalificação, para uso público, de antigos jardins privados se torna uma solução vantajosa e positiva: por um lado, devido à alteração do conceito de particular, deixando em muitos casos de fazer sentido – face à alteração de funções e usos e/ou a conseqüente degradação e falta de conservação; por outro lado, devido ao crédito ambiental e cultural positivo, uma vez que se conservam e revitalizam espaços com valor histórico/patrimonial, aproveitando, conforme já referido no sub-capítulo dedicado ao património paisagístico, muitas das estruturas existentes e o próprio coberto vegetal na sua fase adulta – sempre que em bom estado – dispensando assim anos de espera por um resultado final de sucesso.

É exemplo desta prática o Jardim da Quinta do Marquês de Pombal [Img. 34], marco do paisagismo em Portugal da segunda metade do século XVIII – projecto do Arquitecto Carlos Mardel (1696-1763) (Câmara Municipal de Oeiras, 2013). Conforme constatado, esta quinta tornou-se determinante na redefinição do aglomerado urbano de Oeiras e na própria vivência da povoação. Tratando-se de um espaço de valores patrimoniais/museológicos e paisagísticos inigualáveis, a reabilitação e adaptação deste conjunto arquitectónico e paisagístico para uso público – iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras – constituiu-se como uma estratégia dignificante e uma importante mais-valia para a população, tendo este espaço sido aberto ao público em 2006. Sem que nesta dissertação tenha sido objecto de estudo, de uma forma aprofundada, ao nível da sua apropriação e vida, constata-se que o jardim é visitável – de forma gratuita – e dado o seu tamanho, localização geográfica e singularidade, o Jardim da Quinta do Marquês de Pombal tem sido bastante dinamizado, constituindo-se como um palco privilegiado para a realização dos mais diversos eventos, assumindo-se como um elemento determinante e diferenciador para o concelho.

O Jardim do Paço Real de Caxias – mandado construir pelo Infante D. Francisco (1691-1742) no século XVIII – caso representativo da sofisticação paisagística, é outro dos exemplos desta prática. A quinta, legado da Casa de Bragança, foi utilizada como instalações do Estado Maior

do Exército Português; em 2009 a Câmara Municipal de Oeiras procedeu à realização de obras de recuperação do jardim e espaços anexos bem como à criação de percursos e vias pedonais para uso público (Câmara Municipal de Oeiras, 2013). Conta com diversas zonas de estadia e as vias pedonais são um convite para a prática de *jogging* [Img. 35]. No entanto, o palácio encontra-se até à data – à semelhança de outros casos – em avançado estado de degradação e sem perspectivas quanto ao seu futuro. Se por um lado a abertura deste espaço à população é de louvar, pode-se dizer que a falta de intervenção no património arquitectónico deste conjunto edificado deixa muito a desejar.



Img. 34 – Jardim da Quinta do Marquês de Pombal, Oeiras, 2014



Img. 35 – Via pedonal, Jardim da Quinta Real de Caxias, concelho de Oeiras. 2013

O Jardim do Palácio dos Arcos – mandado construir pelo Capitão Antão Martins Homem no século XV, tendo o Palácio sido reedificado no século XVIII – pertenceu às famílias Henriques e Lencastre, existindo testemunhos da presença de D. Manuel neste palácio, que da varanda avistaria a partida das naus da Rota das Índias (Câmara Municipal de Oeiras, 2013). O jardim foi aberto ao público em 2003, tornando-se uma mais-valia para a população – em especial para os residentes na Vila de Paço de Arcos – já que esta quinta se encontra em estreita relação com a envolvente urbana e o mar. Infelizmente, neste caso específico, o jardim – como um verdadeiro espaço de lazer e fruição da população e como exemplar raro e pedagógico da estrutura e atmosferas vivências de um jardim de época – voltou novamente para o domínio privado, já que a quinta foi adquirida por um grupo hoteleiro para a instalação de uma unidade turística, resultando na destruição da maior parte da estrutura original do jardim [Img. 36].



Img. 36 – Jardim do Palácio dos Arcos, Paço de Arcos, concelho de Oeiras, 2014

Depreende-se assim que a passagem de jardins do foro privado para o foro público pode constituir-se como um benefício quando se reúnam, por um lado, uma necessidade de recuperar/revitalizar espaços que já não cumpram com a sua formulação/função original ou se encontrem em estado de degradação – comprometendo neste caso um património a manter para as gerações vindouras – e por outro lado, exista uma necessidade evidente de espaços verdes para fruição e lazer que satisfaça a população existente nesse contexto, seja a uma microescala – no âmbito do bairro – ou a um nível mais geral e abrangente – para colmatar uma necessidade da localidade/concelho.

Neste tipo de intervenções – transição de espaços de carácter privado para o uso público – torna-se necessário que exista uma análise e diagnóstico prévio à intervenção, de modo a compreender a realidade local, fazendo um prognóstico do que será uma intervenção equilibrada e útil e também uma análise pós-intervenção de modo a perceber se as alterações efectuadas cumpriram com o fim a que se propuseram – ser úteis e funcionais para a população. O Jardim da Quinta dos Sete Castelos, objecto de estudo da presente dissertação, é também um dos casos de património privado que se tornou espaço público. Como tal, pretende-se verificar a sua validade numa perspectiva pós-intervenção.

2.4. A Quinta dos Sete Castelos

A 25 de Julho de 1899, Waldemar Augusto de Albuquerque d'Orey (1866-1950), natural da Horta – Faial, proprietário de uma empresa de importação e exportação de mercadorias, localizada no Cais do Sodré, solicitou autorização à Câmara Municipal de Oeiras para edificar uma habitação num terreno por ele adquirido no sítio dos Sete Castelos¹. O projecto e acompanhamento da obra de construção da quinta, casa e anexos, foram da autoria e responsabilidade do próprio Waldemar d'Orey (Coutinho, 2006). A Quinta dos Sete Castelos permaneceu propriedade da família d'Orey por mais de um século; os filhos do proprietário original e respectivas famílias, sempre tiveram por hábito passar aqui os meses de Verão – sendo que nestas ocasiões, a quinta chegava a albergar mais de cinquenta pessoas – tornando-se naturalmente um elo de ligação transgeracional da família durante décadas; palco de vivências e eventos próprios de uma grande família, sendo disso exemplo os muitos casamentos e baptizados realizados na capela da propriedade (Cunha, 2006).

A tarefa de escolha e posterior reconhecimento deste espaço, assim como a consequente necessidade de lhe atribuir uma funcionalidade vivencial foram fundamentais no conjunto de intervenção operadas no lugar. Inicialmente concebidas pelo proprietário ao nível puramente conceptual e idealizado, estas intenções traduziam já a necessidade do homem – neste caso Waldemar d'Orey – de construir um espaço para habitar que fosse ao encontro das suas intenções e necessidades. Este facto reveste-se de importância basilar, no sentido em que foi na vontade expressa do promotor que assentou o programa e a estrutura de todo o projecto arquitectónico, bem como o conjunto de acções e intervenções operadas no território. O espaço arquitectónico surgiu assim como uma materialização alusória à idealização do seu

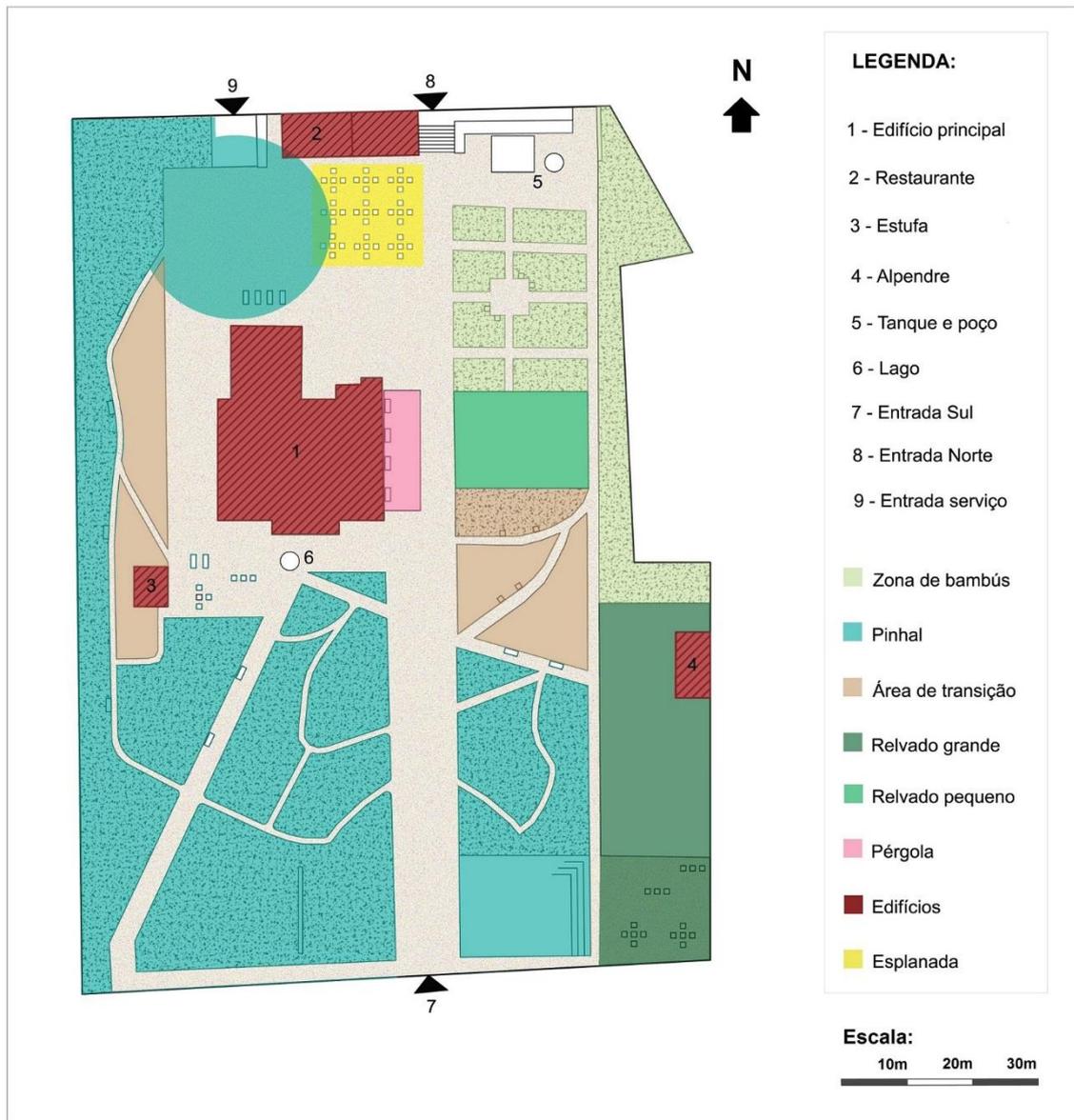
¹ Informação enviada via correio electrónico a 23 de Abril de 2013 pelo Dr. Luís Saavedra – Chefe da Divisão de Gestão Patrimonial da Câmara Municipal de Oeiras. A informação terá sido fornecida por Célia Garrett Florêncio – Divisão de Património Histórico e Museológico da Câmara Municipal de Oeiras [Documento transcrito no Anexo 1.1].

proprietário original, cujas relações funcionais entre interior e exterior não são mais do que o espelho de si próprio e da sua forma de se relacionar com os outros. Assim, a escolha do local é reveladora e determinante não só de uma necessidade, como também do próprio carácter do promotor, do contexto cultural em que se inseria e do pensamento filosófico da sua época. (Pires, 2007, pp. 79-91)

Como já se verificou no sub-capítulo dedicado à Mesopotâmia, desde a Babilónia que o Homem escolhe pontos estratégicos, como locais para a fixação das suas actividades, privilegiando determinado tipo de características do solo, território e condições climáticas, locais com facilidade de acesso e com potencialidades facilitadoras ao nível da implementação de vias de comunicação. Passando para o caso específico da Quinta dos Sete Castelos este conjunto de factores não se encontra menos patente, já que o local escolhido possuía características determinantes na definição de um espaço para habitar – topografia do terreno; existência de linhas de água; exposição solar e a proximidade a vias de comunicação – que influenciaram Waldemar d’Orey na escolha do mesmo. O jardim, circundante à habitação, foi pensado e contruído de forma a dignificar o Homem – aqui representado na pessoa do proprietário – sendo neste sentido a manifestação de uma das premissas já referidas do jardim renascentista – uma procura intelectual por ordem, tranquilidade e estímulo, elevando a dignidade e *status* ao homem em si. Tal como no período romano, e não menos importante neste caso de estudo, surge a estreita relação existente entre a arquitectura e o jardim, consistindo este último como que uma espécie de prolongamento natural da habitação. Também a escolha das melhores vistas, a presença de um equilíbrio entre o jardim e o território agrícola – elemento originalmente integrante desta quinta – bem como o uso de pórticos, pérgolas, terraços e muros, fazem parte do legado cultural romano manifestado neste conjunto.

Seguindo igualmente uma lógica compositiva de raiz clacissizante, o centro exacto do terreno da Quinta dos Sete Castelos, na sua forma original, era marcado por um elemento edificado fonte/lago – símbolo de água ainda hoje visível em frente ao edifício habitacional – a partir do qual se planearam e irradiaram todos os espaços e elementos componentes desta quinta [Img. 37]. Na realidade a noção de centralidade, presente ao longo da história na construção dos mais diversos espaços arquitectónicos, encontra-se igualmente patente nas quintas de recreio que se construíram na periferia de Lisboa. Esta acção de organização espacial encontra-se intimamente ligada à forma como o homem percepção o espaço à sua volta, estabelecendo com este uma relação central a partir da qual define, através de medidas volumétricas e espaciais, diferentes graus de proximidade relacional, estabelecendo com a envolvente e os elementos edificados ligações de continuidade ou de encerramento conforme

o seu desejo ou necessidade – não é por mero acaso que as habitações ocupem na maioria dos casos uma posição central relativamente ao terreno que as circunda, sobretudo quando resultam de uma planificação mais extensiva. (Pires, 2007, pp. 79-91)



Img. 37 - Planta do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras

O nome Sete Castelos é precedente à aquisição do terreno por Waldemar d'Orey como designação daquela zona, consubstanciado no facto de, a partir daquele local, se conseguirem – à época - avistar sete fortificações: Castelo dos Mouros de Sintra; o Palácio da Pena; o Castelo de São Jorge; o Castelo de Palmela; o Castelo de Almada; a Torre de Belém e a Torre do Forte de São Julião da Barra. No momento da edificação da casa, Waldemar d'Orey decidiu manter a toponímia, surgindo assim a designação de Quinta dos Sete Castelos para nomear este espaço, residência anual da família e não apenas mais uma

residência de veraneio, como outras edificações contemporâneas nesta zona. A capela da quinta foi construída posteriormente em 1929, em honra de Nossa Senhora das Graças [Img. 38]. (Escultura III 2008/9, 2009)



Img. 38 – Interior da Capela da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras (Escultura III 2008/9, 2009)

A construção da capela incluída na volumetria da casa principal – característica comum às quintas de recreio desta época, numas assumindo mais a sua centralidade que noutras – enfatiza e assume o mundo espiritual como parte integrante e integradora do ser humano, reflexo de uma sociedade católica com enraizados hábitos de culto [Img. 39]. Outra semelhança com a tipologia referida prende-se com a existência de um adro ou terreiro junto da capela, com acesso privilegiado ao exterior da propriedade – neste caso à Rua José Guilherme de Oliveira – assumindo assim a característica de um local de chegada e de partida. Também aqui existe uma relação evidente entre o interior e o exterior, análoga à relação do sagrado com o profano. (Pires, 2007, pp. 79-91)



Img. 39 – Exterior da Capela da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

A Quinta dos Sete Castelos é um exemplar das quintas do final de século XIX, início do século XX, onde também se insere o já referido Palácio Anjos em Algés. Quintas de estilo romântico, que acompanham as casas da mesma corrente estética, os seus jardins possuem apontamentos revivalistas e naturalistas. Tendo em consideração as intervenções que estes espaços do Romantismo têm sido alvo, ainda que o *genius loci* esteja patente e permaneça – em muito, graças às características climáticas e de exposição solar, bem como à luz que advém da proximidade do oceano – este estilo encontra-se presentemente visível apenas em parte da arborização que se manteve e em alguns traçados originais dos desenhos dos jardins². A delimitação inicial da Quinta dos Sete Castelos era a seguinte: confrontava a Norte pela Rua Francisco Franco e pela Rua José Guilherme de Oliveira; a Nascente pela actual Rua de Santa Cruz; a Sul pela Avenida Pedro Álvares Cabral e a Poente pela Rua José Rodrigues Falcão. A área do Jardim da Quinta dos Sete Castelos é substancialmente menor do que na sua versão original [Img. 40].

Do ponto de vista estético e estilístico, denota-se neste jardim, uma clara influência oriunda da Escola Inglesa – corrente de pensamento racionalista do século XVIII abordada no sub-capítulo dedicado ao Barroco e Classicismo – nomeadamente no que concerne à

² Informação enviada via correio electrónico a 23 de Abril de 2013 pelo Dr. Luís Saavedra – Chefe da Divisão de Gestão Patrimonial da Câmara Municipal de Oeiras. A informação terá sido fornecida pelo Arq.º Rodrigo Alves Dias – [Documento transcrito no Anexo 1.2].

exploração da chamada arte do pitoresco, visível essencialmente nos conjuntos arquitectónicos existentes e nos materiais aplicados nestes. Por sua vez, e conforme já verificado, os jardins românticos consubstanciavam-se como um elogio ao lado mais selvagem e indomável da Natureza, situação fisicamente manifesta neste jardim, sendo que este espaço foi planeado de forma racional, com o intuito de parecer espontâneo a quem o visitasse.



Img. 40 – Confrontações do Jardim da Quinta dos Sete Castelos³, Santo Amaro de Oeiras

O conjunto da Quinta dos Sete Castelos era constituído por vários elementos edificados: uma casa de habitação apalaçada – que ainda hoje mantém a estrutura e volumetria original, apesar de bastante degradada; na parte Noroeste da quinta, um picadeiro e infra-estruturas destinadas aos animais – cavalos, vacas e porcos; a Norte situava-se a casa dos caseiros e a cocheira – espaço actualmente ocupado por um Restaurante. Para além das construções referidas, na parte Nordeste da quinta – entre o poço e o actual relvado – existia uma horta e um pomar, dos quais ainda restam alguns exemplares de nespereiras, laranjeiras, uma figueira e uma nogueira. O tanque existente ao lado do poço servia essencialmente para as regas da horta e esporadicamente para recreio das crianças da família, o que nunca aconteceu com muita frequência, dado a proximidade da quinta à praia de Santo Amaro de

³ Mapa elaborado pelo autor do presente trabalho com base na imagem retirada do Geoportal da Câmara Municipal de Oeiras, disponível no site: <http://geoportal.cm-oeiras.pt/ver/mapas/roteiro>

Oeiras. A pérgola anexa ao alçado nascente da casa, servia de suporte a videiras. A fonte existente na frente da casa tinha um pequeno lago, com peixes – que foi entaipado em consequência de uma criança acidentalmente quase se ter afogado nele. Perto da fonte existe ainda uma pequena edificação, em avançado estado de degradação, que era utilizada como estufa para plantas [Img. 41]. A Sudeste da propriedade – actual relvado grande – existia um campo de ténis, com um alpendre para apoio a esta actividade. A Sudoeste, na zona mais arborizada da quinta, existia ainda um ringue de patinagem – sitio de grande diversão para a família – do qual apenas resta uma parte do muro que o cercava. Apesar de não ser um hábito corrente por vezes eram realizadas sardinhas e a família costumava comer na parte da frente da casa. O portão/entrada principal da habitação – que se abre para a Avenida Pedro Álvares Cabral – encontra-se ladeado por palmeiras, tendo originalmente serventia apenas quando se realizavam grandes festas, sendo o portão na parte posterior da casa o acesso habitualmente utilizado pela família. Existia ainda uma entrada secundária perto do ringue – a Sudoeste – que servia como acesso privilegiado à Estação dos comboios de Santo Amaro de Oeiras. (Escultura III 2008/9, 2009)



Img. 41 – Antiga estufa, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

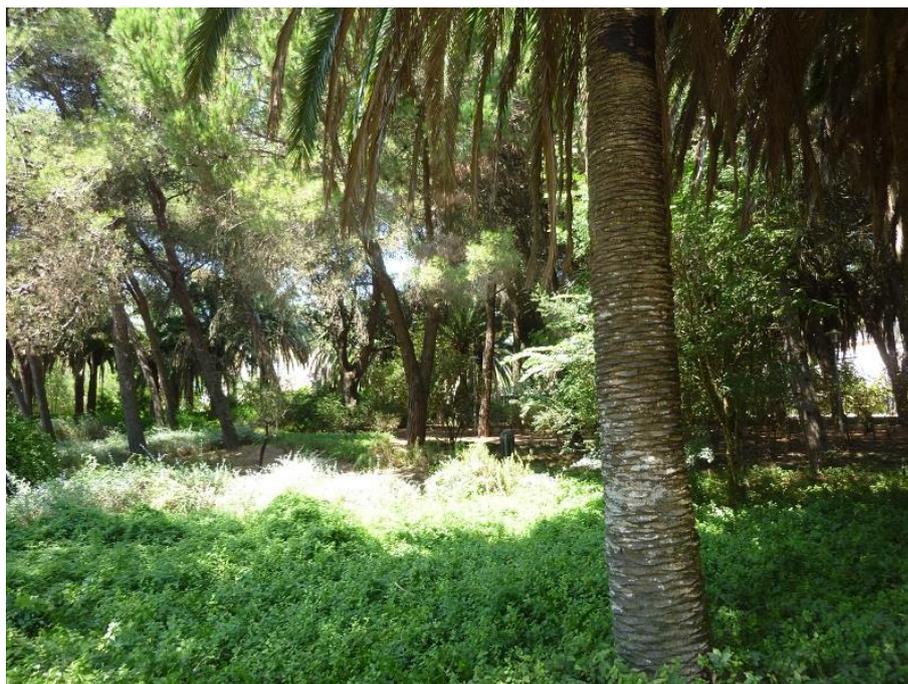
Visitando actualmente este espaço é ainda possível imaginar os diversos ambientes que o compunham na sua forma original. A presença da fonte – ainda que desactivada – a sensação de bosque, proporcionada pelas árvores de grande escala intencionalmente plantadas de forma aleatória e a coexistência de flores com árvores de fruto, adquirem uma particular semelhança às descrições conceptuais do que seriam os jardins persas. Também se mantêm as intensidades sensoriais, que se faziam sentir pelas árvores de fruto e ervas aromáticas que

aqui se cultivavam, bem como o conceito de horta, com os processos de irrigação decorrentes, remontando os mesmos – conforme já foi referido no sub-capítulo referente ao Oriente – aos árabes. O carácter de intimidade e tranquilidade bucólica vivido nesta quinta, proporcionado quer pelo isolamento do espaço em relação à envolvente – vedação da propriedade e vegetação que de certa forma oculta a casa – e a presença de latadas, são características tradicionais que se generalizaram nos jardins portugueses.

Ainda do ponto de vista estrutural, o eixo criado pelo portão/entrada principal da quinta e o portão posterior assume um papel fundamental na divisão/organização do espaço. Existe uma separação ainda hoje bastante visível, entre o lado direito do percurso – mais ordenado e geométrico – e o lado esquerdo – com arborização mais fluída e desordenada [Imgs. 42 e 43]. Na verdade, os eixos organizadores do espaço na definição de uma orientação/sentido são características comuns às quintas de recreio, sendo que nem sempre os mesmos pretendem atingir uma meta claramente definida. Em muitos casos são uma alusão ao infinito ou simplesmente uma direcção simbólica delimitadora e ao mesmo tempo unificadora entre os diversos momentos ou espaços componentes de um território, contribuindo assim para a coesão do todo. O eixo orientador assume um papel de sobreposição do homem à Natureza sendo uma característica que deriva da formulação dos jardins barrocos. (Pires, 2007, pp. 79-91)



Img. 42 – Lado direito do caminho – Nascente, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 43 – Lado esquerdo do caminho – Poente, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

A habitação, elemento primordial no conjunto, conta com dois pisos: o principal, térreo, onde se encontravam todas as áreas sociais e privadas da casa e a cave – onde se guardavam mantimentos, incluindo uma garrafeira e arrumos. Conta ainda com um terraço ao nível do telhado cujo acesso era feito por um tramo de escadas em caracol que partiam da estufa – Jardim de Inverno – existente ao centro da casa [Img. 44]. A existência do terraço ao nível do telhado, para aproveitar as vistas, aponta para um paralelismo funcional verificado nas construções islâmicas. Das peculiaridades que podíamos encontrar nesta quinta destacam-se as portas interiores da casa folheadas a ouro, uma banheira de grandes dimensões em mármore maciço e a existência de três sinos: um na cocheira, um na entrada e outro na capela. À época da aquisição da quinta pela Câmara Municipal de Oeiras a família manteve na sua posse os dois sinos de menor dimensão, já que o maior, o da Capela, havia sido anteriormente roubado. A última residente da Quinta dos Sete Castelos foi Margarida d'Orey Velasco, tendo-se mudado para a quinta na sequência do 25 de Abril de 1974. Com o marido desempregado, decidiram criar na casa um centro de actividades de tempos livres para crianças, chegando este a ser frequentado por cerca de sessenta utentes. (Escultura III 2008/9, 2009)



Img. 44 – Escadas de acesso ao terraço, Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras (Escultura III 2008/9, 2009)

Após um longo período de inactividade funcional, a Quinta dos Sete Castelos foi adquirida a 18 de Outubro de 2000 pela Câmara Municipal de Oeiras. A propriedade, actualmente com cerca de 1,5 hectares de área, compreende um pinhal, a casa apalaçada, jardins e respectivos anexos. Após as obras de reconversão/reabilitação, o jardim foi aberto ao público em 2005 como espaço de lazer, seguindo-se a abertura do Restaurante Sete Castelos nas antigas cocheiras e casa dos caseiros. De acordo com informações prestadas pela Câmara Municipal de Oeiras, existe a intenção de transformar a antiga habitação da família d'Orey numa residência para alojamento de investigadores [Img. 45], justificada pela proximidade do espaço com o Instituto Gulbenkian Ciência e consequente necessidade de albergar os técnicos deslocados que trabalham nesta instituição.

Exemplo de uma época e de uma visão filosófica e espacial da transição do século XIX para o século XX, permeada de influências variadas, tanto da estética do Romantismo, como da prática multiseular da vivência dos espaços verdes privados; o Jardim e Quinta dos Sete Castelos é na sua essência um reflexo da sociedade e do seu primeiro proprietário; uma materialização da visão particular de um homem – inserido no seu contexto social e económico. Corporizando valores intemporais na sua estruturação – nomeadamente a centralidade e a interligação paisagística entre o micro-cosmos da unidade edificada e o

macro-cosmos da envolvente – este conjunto edificado resulta numa componente estético-filosófica em sintonia com a sua localização geográfica e condições climáticas em que se insere. Trata-se de um espaço que se manteve fiel à sua origem, enquanto palco de apropriação geracional da família D'Orey, tendo sofrido transformações a nível funcional e estético de modo a adqur-se ao seu novo papel como espaço público do concelho de Oeiras.



Img. 45 – Maquete da proposta para Residência de Cientistas, Oeiras (Mendonça, 2009)

3. Jardim da Quinta dos Sete Castelos: apropriação e vida

Pretende-se com este capítulo dar início ao processo de análise da unidade urbana – Jardim da Quinta dos Sete Castelos em Santo Amaro de Oeiras. Numa primeira fase será introduzida e exposta a metodologia utilizada na abordagem analítica do espaço e numa segunda fase proceder-se-á a uma exposição e interpretação sistematizada dos resultados da pesquisa prévia, referentes à apropriação do espaço em análise, abordando-se igualmente as diferentes vivências contemporâneas do jardim e as dinâmicas de apropriação estabelecidas entre o espaço público, os seus utentes directos e a população da área urbana envolvente.

3.1. Metodologia da análise

A metodologia de análise escolhida encontra-se especificamente formulada pelo próprio teor da investigação proposta: compreender como a forma do espaço público/jardim em questão influencia e condiciona a sua apropriação por parte dos utentes e qual o grau de interacção/repercussão nas vivências da população da área envolvente. Assim sendo a metodologia utilizada tem por base, entre outros elementos, os registos efectuados *in loco*, obtidos através de processos de observação directa e indirecta, materializados nomeadamente em registos fotográficos, ilustrando algumas das funções/apropriações do espaço pela população e inquéritos aos utilizadores, no sentido de recolher as opiniões individuais, anseios e expectativas sobre o espaço do jardim, as suas vivências e potencialidades.

A natureza do problema de investigação – apropriação e vida do espaço público – é determinante nos métodos de colheita de dados a colocar em prática. Pretende-se através dos inquéritos colocar questões objectivas que por sua vez permitam chegar a respostas subjectivas, na medida em que são relativas à visão dos inquiridos, sobre o seu meio ambiente, comportamentos e hábitos estabelecidos com este. Na verdade, quando se pretende estudar o comportamento das pessoas as técnicas mais apropriadas são, por um lado, a observação directa, em que o único objectivo é descrever os factos de uma determinada situação social – pessoas, lugares e acontecimentos – extraíndo daqui elementos capazes de definir uma tipologia e por outro lado, os inquéritos, em que é pedido aos sujeitos que indiquem o que fazem em determinada situação. De uma forma ou de outra o pretendido é encontrar respostas relativas a comportamentos humanos aparentes e a acontecimentos que lhes estejam associados, num determinado período de tempo e com uma frequência específica. O estudo de observação terá assim uma forte componente

experimental e descritiva. Após as notas tomadas no terreno serão codificados os seus resultados de modo a simplificar os resultados do estudo. (Fortin, 1999, pp. 239-242)

Os resultados dos inquéritos e dos registos, bem como as conclusões produzidas pela análise dos diferentes dados, serão apresentados através de texto e elementos fotográficos que se considerem pertinentes para o efeito, incluindo, para além destes, elementos ilustradores e representativos dos fluxos e índices de utilização dos espaços componentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos e eventuais gráficos que contribuam para ilustrar e clarificar as informações recolhidas. Para que a análise do espaço seja o mais coerente e informada possível, consideram-se imprescindíveis não só as acções de observação directa – recolha directa de dados – bem como a auscultação de quem vive e se apropria do espaço; motivo pelo qual surgiu a necessidade dos referidos inquéritos de forma a melhor captar a visão individual de cada utente. Para melhor perspectivar, de forma plural e abrangente, o panorama real dos usos que são dados ao jardim, a recolha de dados por observação directa e as entrevistas serão realizadas em diversas horas do dia/noite e em diferentes dias da semana, tentando cobrir o maior número de ciclos funcionais do espaço. Pretende-se com isto abarcar e perceber as diferentes sinergias geradas no espaço, atendendo aos mais diversos intervenientes, abordando, entre outras temáticas as acções de circulação e de estadia mais ou menos prolongada. Serão igualmente avaliados os graus de satisfação dos utilizadores e identificados os factores de compatibilidade/incompatibilidade entre espaços e usos, sem esquecer a necessária auscultação das perspectivas e expectativas de desenvolvimento preconizadas para este espaço pelos seus utentes. Analisando o processo de reactivação funcional e os modos de apropriação espacial decorrentes, pretende-se contribuir para a compreensão das regras morfológicas intrínsecas à condição de adaptabilidade do espaço e à sua interacção com os padrões de uso requeridos/desejados pelos utilizadores.

O inquérito formulado encontra-se estruturado em dois momentos: com a primeira parte pretende-se caracterizar os inquiridos ao nível de idade, sexo, profissão, local de residência e nacionalidade; estes factores são elementos chave na definição das vivências do espaço com a introdução de elementos representativos dos diferentes grupos socioculturais e étnicos que frequentam o jardim – consequentemente determinantes na definição da amostra de estudo. Os residentes desta área urbana são bastante heterogéneos, incluindo população em idade activa e população dependente – sendo que o número de idosos é superior ao número de jovens [Quadro 1]. O número de residentes de nacionalidade estrangeira é bastante significativo, tendo especial destaque a população proveniente de Angola, Brasil e Moçambique [Quadro 2], fruto dos fluxos migratórios recentes, contribuindo para um contexto étnico-cultural singular.

Oeiras e São Julião da Barra (TOTAL)	33827
0-14	4454
15-24	3137
25-64	18498
65 ou mais	7738

Quadro 1 - População residente por faixas etárias⁴, Oeiras, 2011

Oeiras e São Julião da Barra (TOTAL)	33827
Portugal	27802
França	163
Espanha	122
Angola	1447
Cabo Verde	404
Moçambique	1169
Brasil	1222

Quadro 2 - População residente por países de nacionalidade⁵, Oeiras, 2011

Com a segunda parte pretende-se conhecer os hábitos dos utentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos; pretende-se apurar qual a frequência com que utilizam o espaço, os motivos porque se deslocam a este e as razões para se identificam com o mesmo. Como utilizadores pretende-se identificar qual a área/zona que melhor serve as suas necessidades e se consideram que a intervenção de reconversão do espaço, pela Câmara Municipal de Oeiras, foi benéfica.

Pretende-se ainda que se responda a questões relativas à adequação/inadequação e suficiência/insuficiência do mobiliário urbano existente, permitindo igualmente a realização de uma breve caracterização pessoal do jardim. Questiona-se que tipo de actividades são feitas no espaço e que alterações/intervenções gostariam de ver levadas a cabo para a melhoria do mesmo. É lançada a questão sobre qual o destino a dar à habitação degradada existente no centro da propriedade. Tenta-se ainda perceber, na última questão, se o inquirido frequenta outros jardins ou espaços públicos nas redondezas ou com características similares.

Após a fase de análise das respostas aos inquéritos, referentes a uma triagem prévia representativa dos diferentes tipos de população intervenientes no Jardim da Quinta dos Sete Castelos, ir-se-á proceder à interpretação e descrição dos resultados/conclusões formalizados em texto e com recurso a gráficos/esquemas sempre que necessários para uma mais fácil compreensão.

⁴ Quadro realizado pelo autor do presente trabalho com base em informação do Instituto Nacional de Estatística [Anexo 2.1].

⁵ Quadro realizado pelo autor do presente trabalho com base em informação do Instituto Nacional de Estatística [Anexo 2.2].

3.2. Inquéritos-piloto

Entre os dias 22 de Março de 2013 e 22 de Abril de 2013, realizaram-se dez inquéritos piloto [Apêndice 1.3] junto da população que frequentou o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, por forma a ensaiar o modelo de teste e aferir a sua eficiência como elemento coadjuvante ao processo analítico da investigação. Os mesmos foram efectuados presencialmente no próprio local de estudo, sendo que os inquiridos responderam verbalmente às questões que lhes foram efectuadas, tendo as suas respostas sido preenchidas pelo inquiridor nos respectivos campos do modelo-piloto [Apêndice 1.1]. Esta opção foi tomada de forma a tornar mais expedito o processo de recolha dos dados/respostas, facilitando a concretização do inquérito-piloto e tornado possível e mais simples a aferição dos possíveis elementos constituintes do modelo de inquérito, que careciam de reformulação, nomeadamente o teor e âmbito das questões efectuadas. De um modo geral os inquiridos mostraram-se receptivos à participação, tendo-se verificado que, em média, a realização e preenchimento de cada inquérito não foi além de um intervalo entre os cinco e os sete minutos, não se tendo denotado cansaço ou desagrado por parte dos inquiridos em responder às questões colocadas.

Foram inquiridas cinco pessoas do sexo masculino e cinco pessoas do sexo feminino, compreendendo um intervalo etário variável, sendo que a maioria dos inquiridos corresponde a cidadãos em idade activa, cujo intervalo de idades se encontra compreendido entre os 25 e os 64 anos; de seguida o grupo de cidadãos reformados/pensionistas, com 65 anos ou mais; por fim os jovens cujo intervalo de idades varia entre os 15 e os 24 anos [Gráfico 1]. Relativamente à escolaridade do grupo de teste, verificou-se que a maioria dos inquiridos possuem formação ao nível do ensino superior; em menor quantidade possuem cursos profissionais e apenas uma minoria o ensino básico [Gráfico 2]. A maior parte dos inquiridos são de nacionalidade portuguesa, no entanto, nesta pequena amostragem, foram igualmente inquiridos um cidadão de nacionalidade brasileira e um outro de nacionalidade cabo-verdiana.

De modo a ter a percepção das distâncias reais entre as suas residências e o local de estudo, sentiu-se a necessidade de realizar uma questão adicional à Questão 1, com vista a apurar junto dos inquiridos, caso residam perto do jardim em Santo Amaro de Oeiras, se estes habitam em moradias ou em edifícios plurifamiliares e nos inquiridos que não residem perto do local de estudo, qual o local/localidade de residência; as razões para a colocação da questão referente ao tipo de habitação, prende-se, entre outros motivos, com a melhor caracterização socio-económica dos utentes, bem como a identificação da sua relação pessoal com os espaços verdes privados e públicos; quanto à questão do local de residência,

o seu apuramento relaciona-se directamente com o grau de atracção do jardim, directo e/ou indirecto junto destes utentes.

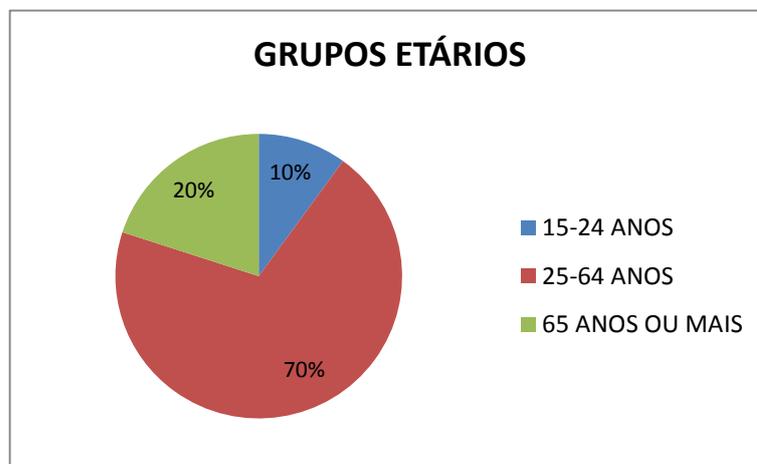


Gráfico 1 – Grupos etários dos inquiridos – inquéritos-piloto

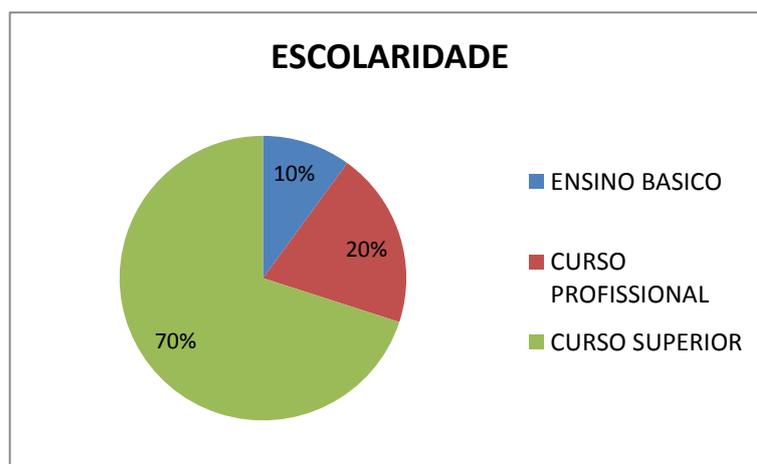


Gráfico 2 – Escolaridade dos inquiridos – inquéritos-piloto

Relativamente à Questão 6, talvez por ser uma pergunta de carácter aberto, foi a que mais dificuldades suscitou junto dos inquiridos durante a fase de inquérito-piloto, notando-se alguma resistência na obtenção de respostas concretas. Se, nuns casos, a questão foi respondida de forma concisa, noutros casos a dispersão e a falta de objectividade no contexto do inquérito foi característica comum nas respostas. Assim, de modo a conseguir uma resposta mais célere e assertiva por parte do inquirido, decidiu-se alterar a questão da sua forma original – Como descreve/caracteriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos – para a

seguinte formulação: Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

Na Questão 10 verificou-se que, naturalmente, as pessoas faziam referência a espaços públicos, que não jardins ou parques de acordo com a pergunta, como por exemplo a praia ou o paredão. Decidiu-se assim que seria pertinente alterar a questão para espaços públicos, e não exclusivamente jardins e parques como havia sido feita nos inquéritos-piloto.

3.3. Estrutura dos Inquéritos

Após a realização dos inquéritos-piloto e de terem sido efectuados os respectivos ajustes considerados necessários, serão indicadas as perguntas definitivas que estruturam o inquérito e uma breve explicação do pretendido com cada uma delas:

Questão 1 – Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 1.1 – Se respondeu SIM à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

Questão 1.2 – Se respondeu NÃO à pergunta 1, onde reside?

Pretende-se com estas questões identificar os vários tipos de utilizadores do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, nomeadamente os que utilizam o espaço como passagem, aqueles que usufruem do mesmo durante mais tempo e apurar a que distância do jardim os mesmos residem.

Questão 2 – Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 2.1. – Se respondeu SIM à pergunta 2, qual a frequência?

Questão 2.2. – Se respondeu SIM à pergunta 2, que motivos ou causa o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 2.3. – Se respondeu NÃO à pergunta 2, que motivos ou causas o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Pretende-se com estas questões, entender com que frequência os utentes utilizam este jardim e também verificar a existência ou não de rotinas pessoais, estabelecidas em relação ao local. Este facto é determinante, por um lado, no sentido de apurar se o espaço é utilizado de forma assídua por determinados grupos ou pessoas; e outro torna-se igualmente importante com vista a apurar a existência de visitas pontuais e/ou casuísticas de pessoas que não estabeleceram com o local qualquer tipo de rotina/hábito, não pretendendo à partida repetir a visita, nem estabelecer um padrão de frequência.

Outro motivo desta parte do inquérito prende-se com a identificação dos motivos, ou causas, que levam os visitantes a frequentar ou não o jardim, de acordo com os seus objectivos. Se para uns a frequência do mesmo pode significar apenas a passagem, assumindo assim o local a característica de um ponto de travessia, para outros, a área de estudo poderá constituir-se como local de estadia, mais ou menos longa, tendo como razão geradora os motivos mais diversos: como o simples facto de residirem ou trabalharem perto do local ou então, dada a sua localização, com proximidade a vários meios de transporte público – com especial incidência na estação da CP de Santo Amaro de Oeiras – poder-se constituir como um ponto de encontro privilegiado, fazendo confluir amigos e familiares. Dada a existência de cidadãos de outras nacionalidades residentes nas proximidades e frequentadores do jardim, pretende-se ainda compreender se a presença de diferentes origens culturais dos utentes, influência ou não, a maior ou menor frequência do espaço por alguns segmentos socioeconómicos e etários da população.

Questão 3. – Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Tratando-se de um território que assumiu duas vertentes ao longo do tempo: espaço particular – como propriedade da família D’Orey – posteriormente como jardim/espaço aberto ao público, o mesmo poderá suscitar diferentes percepções no imaginário e nas vivências da população, independentemente de ser mais ou menos conhecedora da história do local. Pretende-se com esta questão verificar se os utilizadores do jardim se identificam com o mesmo e qual o grau dessa eventual empatia espacial.

Questão 3.1. – Se respondeu SIM à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

Com esta questão pretende-se que o inquirido manifeste a sua opinião quanto à zona do jardim com a qual mais se identifica e/ou que utiliza mais. Estas respostas em paralelo com as conclusões obtidas pela observação directa dos fluxos e usos do espaço, em conjunto com uma gama alargada de elementos de análise; de croquis em planta, gráficos de densidade de utilizadores nos diferentes espaços e registo fotográfico efectuado no local, poderão assumir um papel fundamental na definição das áreas do jardim que são mais utilizadas e que desempenham assim um carácter essencial/preferencial junto dos utentes.

Questão 4. – O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

Pretende-se com esta questão verificar a opinião dos utilizadores do jardim quanto à requalificação do jardim efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras e se a mesma foi ao encontro das expectativas e das necessidades dos utentes. De um modo genérico pretende-

-se aferir o grau de satisfação/insatisfação do resultado das obras que foram levadas a cabo por esta entidade.

Questão 5. – O que pensa do mobiliário urbano – bancos, mesas, cadeiras, espreguiçadeiras, outros – existentes no local?

Pretende-se com a presente questão recolher informação quanto à adequação/inadequação e suficiência/insuficiência do mobiliário urbano existente no jardim, esta pergunta permitirá ainda a existência de comentários adicionais. Pretende-se acima de tudo aferir junto dos inquiridos se o conjunto dos elementos de mobiliário urbano está de acordo com as necessidades da população e se, do ponto de vista do utente, são os mais indicados/apropriados.

Questão 6. – Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

Esta questão permite aos inquiridos exprimir de uma forma sintética o que, para si, melhor descreve e caracteriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos. Pretende-se definir/caracterizar através de três palavras o espaço na visão dos utilizadores/fruidores.

Questão 7. – Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

O jardim alvo do presente estudo é um espaço público, como tal pressupõe o uso e a apropriação de todos, por mais efémera que seja. Apresentando-se como um local de encontros e relações de convívio ou como um local de simples usufruto individual, a área de estudo possui uma importância determinante. Pretende-se com esta questão concluir qual a percepção real das actividades que são praticadas pela população neste espaço, quer de forma colectiva, quer de forma individual.

Questão 8. – Se tivesse a oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

Com as opiniões dos inquiridos acerca das intervenções/alterações que fariam no jardim pretende-se encontrar possíveis lacunas que os utilizadores considerem não terem ainda sido preenchidas, tanto ao nível formal como em termos de carácter funcional. Sugerir uma alteração no espaço fará emergir o que, para a população, poderá constituir uma carência neste jardim.

Questão 9. – Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

A antiga residência da família D'Orey, que ocupa uma posição privilegiada no Jardim da Quinta dos Sete Castelos, encontra-se ainda a aguardar intervenção/reabilitação por parte da Câmara Municipal de Oeiras. Com esta questão pretende-se analisar o que os inquiridos considerariam ser uma solução pertinente/válida para o futuro deste objecto arquitectónico.

Questão 10. – Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 10.1. – Se respondeu SIM à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

Pretende-se com estas questões apurar se os inquiridos frequentam outros espaços do mesmo género próximos ao Jardim da Quinta dos Sete Castelos. Face à multiplicidade de espaços públicos existentes nas redondezas pretende-se compreender se os utentes têm por hábito frequentar outros para além deste [Img. 46].



Img. 46 – Mapa com relações de distância dos principais espaços públicos próximos ao Jardim da Quinta dos Sete Castelos⁶

⁶ Mapa elaborado pelo autor do presente trabalho com base na imagem retirada do Geoportal da Câmara Municipal de Oeiras, disponível no site: <http://geoportal.cm-oeiras.pt/ver/mapas/roteiro>

3.4. Análise dos Inquéritos

Na sequência da realização dos inquéritos-piloto, entre os dias 1 de Maio de 2013 e 7 de Julho de 2013, e após a introdução de algumas alterações à estrutura do questionário, obtiveram-se quarenta inquéritos válidos, de consulta à população que frequentou durante este período o Jardim da Quinta dos Sete Castelos [Apêndice 1.3.]. Estabeleceu-se desde o início desta acção, uma rotina no próprio processo de realização dos inquéritos fazendo-os incidir em dois dias específicos da semana útil: Terças-feiras e Quintas-feiras e a um dia de fim-de-semana: Domingo. Para a análise efectuada foi considerada a totalidade dos inquéritos, incluindo os dez inquéritos-piloto iniciais, totalizando assim um universo de amostragem composto por 50 pessoas. As percentagens apresentadas são brutas e não foi utilizado qualquer método estatístico formal uma vez que o propósito do presente trabalho pretende dar ênfase à análise qualitativa e não quantitativa dos dados recolhidos com os inquéritos.

3.4.1. Identificação dos Inquiridos

Na amostragem em questão 29 das pessoas são do sexo feminino e 21 pessoas do sexo masculino. Quanto às faixas etárias a maior parte dos inquiridos reporta aos adultos em idade activa, cujo intervalo de idades varia entre os 25 e os 60 anos. Em segundo lugar, e com o mesmo número de inquiridos, assinalam-se dois grupos distintos: os adolescentes/jovens, cujo intervalo de idades varia entre os 15 e os 24 anos; os idosos, com idade igual ou superior a 65 anos. O último grupo de inquiridos, que representam a minoria, é composto por crianças, cujo intervalo de idades varia entre os 0 e os 14 anos [Gráfico 3]. Esta minoria não é de todo reveladora do número de crianças que frequentam o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, que é em si mesmo manifestamente superior, na medida em que sempre que as mesmas se encontravam acompanhadas por um adulto o inquérito incidiu sempre sobre essa pessoa e não na criança. Pode-se assim dizer que esta percentagem é referente apenas a crianças que não estavam acompanhadas por um adulto ou tutor e por esse motivo foram objecto de inquirição.

Relativamente à nacionalidade dos inquiridos a maioria é portuguesa. Existiu no entanto um grupo significativo de nacionalidade estrangeira, reveladores da realidade local em termos de multi-culturalidade. Os mesmos destacam-se, por ordem decrescente, da seguinte forma: pessoas de nacionalidade brasileira; pessoas de nacionalidade moçambicana; pessoas de nacionalidade angolana e pessoas de nacionalidade cabo verdiana [Gráfico 4].

No que concerne à escolaridade dos inquiridos: quase metade afirmaram ser detentores de um grau de ensino superior ou equiparado; em igual número pessoas que possuem um curso profissional ou profissionalizante certificado e os que se encontram a frequentar o ensino secundário; com menor expressividade os que possuem apenas o ensino básico; representando a minoria os que possuem o ensino secundário ou os que actualmente frequentam o ensino superior [Gráfico 5].

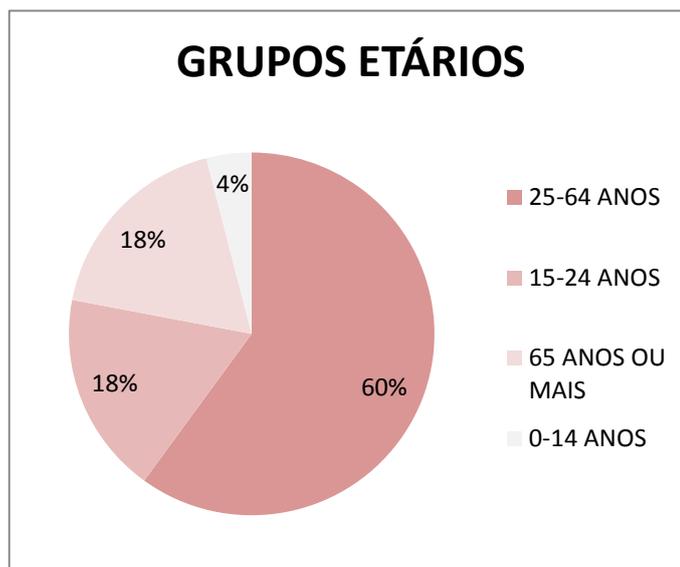


Gráfico 3 – Grupos etários dos inquiridos

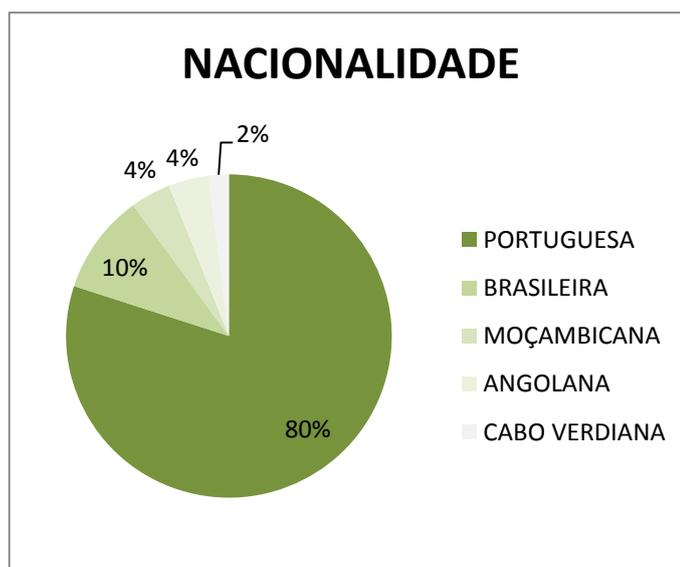


Gráfico 4 – Nacionalidade dos inquiridos

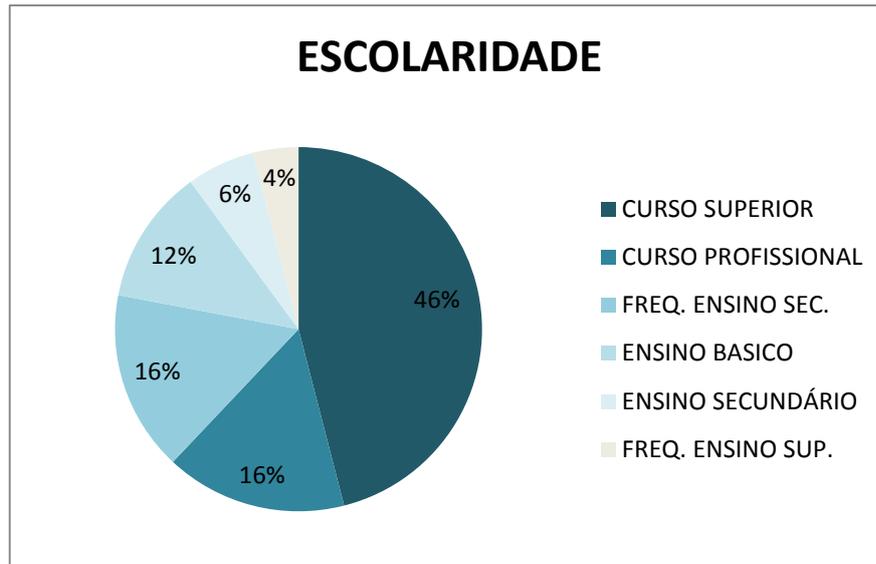


Gráfico 5 – Escolaridade dos inquiridos

3.4.2. Questionário

Proceder-se-á nesta fase à apresentação dos resultados obtidos, tendo como base os questionários efectuados aos inquiridos, e a análise dos mesmos:

Questão 1 – Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 1.1 – Se respondeu SIM à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

Questão 1.2 – Se respondeu NÃO à pergunta 1, onde reside?

Das questões atrás citadas verificou-se que grande parte das pessoas que frequentam o Jardim da Quinta dos Sete Castelos residem no bairro – Santo Amaro de Oeiras – o que automaticamente eleva o factor proximidade à residência à categoria do mais significativo para a frequência deste espaço público. Quanto à tipologia de habitação onde residem os utilizadores, constatou-se que a maioria dos inquiridos residem em edifícios pluri-familiares sendo que apenas os restantes vivem em moradias. Apesar dos residentes em edifícios pluri-familiares constituírem mais do dobro, em termos de percentagem, do número total dos residentes em moradias – circunstância consubstanciada obviamente pelo facto de existirem mais famílias a residir neste tipo de tipologia no bairro – não podemos menosprezar os remanescentes na medida em que o tipo de lote que habitam serem, na sua maioria, dotados de jardins/quintais privados o que poderia, de certa forma, tornar desnecessária a frequência de um jardim de carácter público. Esta situação, contudo, não se verifica. Se a tipologia de habitação define, em parte, diferentes modos de vivenciar e interpretar o espaço este é o primeiro indício de uma afluência ao Jardim da Quinta dos Sete Castelos, caracterizada pela coexistência de pessoas com estilos de vida muito diferentes. De acordo com as respostas

dadas, a estas questões, conseguiu-se ainda apurar os locais de residência dos inquiridos o que é esclarecedor e elucidativo quanto à proveniência das pessoas. Constata-se assim que regra geral os inquiridos residem no concelho de Oeiras – dos quais grande parte vivem no bairro conforme já foi indicado – seguindo-se algumas pessoas residentes nos concelhos de Lisboa e Cascais [Gráfico 6]. Esta pequena parcela ganha sentido pelo facto de ambos concelhos serem limítrofes de Oeiras. Os restantes concelhos identificados não adquiriram grande expressividade pelo que não se constituem como representativos no contexto do presente estudo.

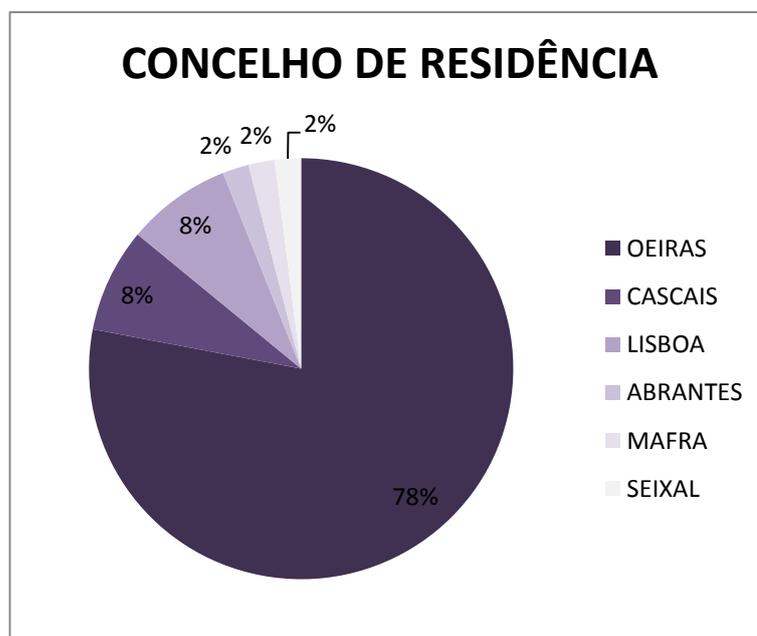


Gráfico 6 – Concelhos de residência dos inquiridos

Questão 2 – Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 2.1. – Se respondeu SIM à pergunta 2, qual a frequência?

Questão 2.2. – Se respondeu SIM à pergunta 2, que motivos ou causa o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 2.3. – Se respondeu NÃO à pergunta 2, que motivos ou causas o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Das questões supracitadas quase todos os inquiridos indicaram ser frequentadores do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, distribuindo-se da seguinte forma quanto à periodicidade de frequência: quase metade indicam ser frequentadores de forma semanal; seguindo-se os que o fazem de forma esporádica; com menos incidência indicam ir mensalmente ao jardim e

poucos frequentam diariamente o espaço. Apenas uma pessoa indica não ser frequentadora deste espaço público [Gráfico 7]. Verifica-se assim que apesar de serem estabelecidos hábitos de frequência, por parte dos utentes com o local de estudo, essa frequência é mais representativa como definição de um padrão, numa periodicidade semanal ou esporádica comparando com quem se desloca, por exemplo, diariamente ao jardim estabelecendo uma rotina.

Com base nas respostas dadas pelos inquiridos sobre os motivos que os levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, conseguiram-se apurar outros motivos, que não a proximidade à sua residência, com grande relevo na compreensão do porquê da sua frequência e hábitos. De entre estes destacam-se o facto de terem familiares ou amigos a residir perto do jardim ou simplesmente porque é próximo do seu local de trabalho. Confirma-se assim que apenas uma minoria dos inquiridos não tem qualquer ligação, directa ou indirecta, ao bairro onde este espaço se encontra inserido [Gráfico 8]. Foram ainda referidos, com menos expressão, outros motivos para a utilização do jardim, como exemplos: o utilizador considerar este espaço como um local agradável; a proximidade à estação da CP de Santo Amaro de Oeiras; constituir-se como um local de passagem previsível ou ser frequentador do Restaurante/Café. Surgiram ainda, como complemento à resposta inicial, referências a: ser próximo da escola; ser um local seguro para levar crianças ou simplesmente ser propício para passeios e convívio.

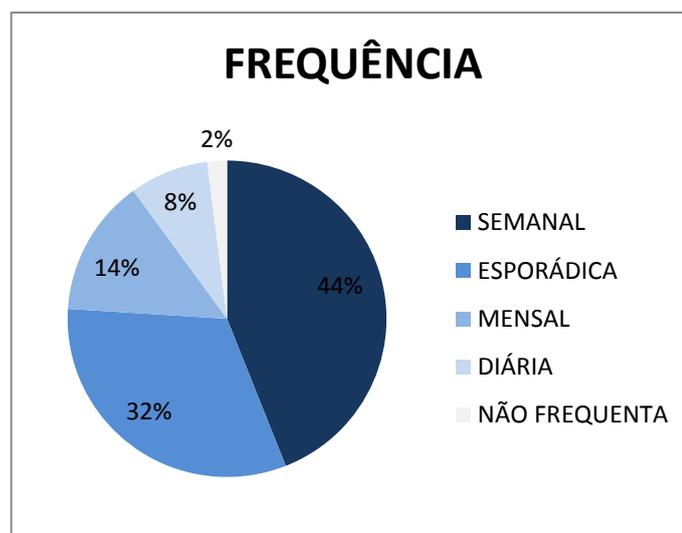


Gráfico 7 – Periodicidade de frequência do Jardim da Quinta dos Sete Castelos pelos inquiridos

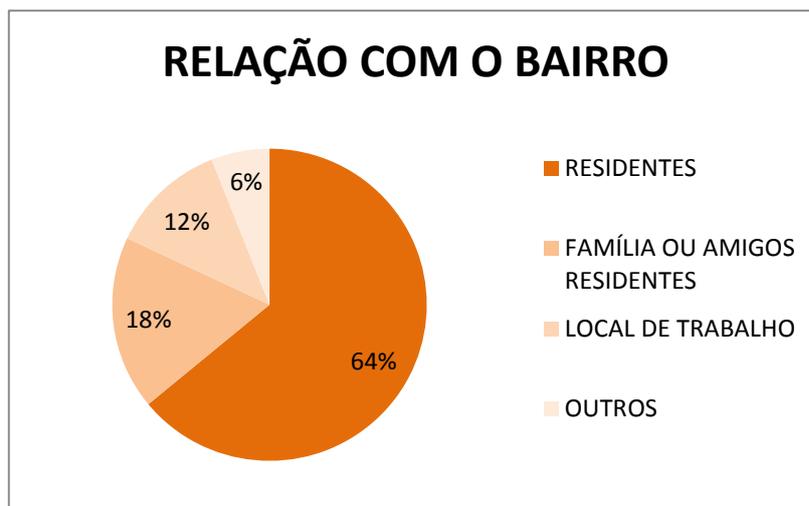


Gráfico 8 – Relação dos inquiridos com o Bairro de Santo Amaro de Oeiras

Questão 3. – Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 3.1. – Se respondeu SIM à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

À excepção de uma pessoa inquirida, que não costuma frequentar jardins públicos, as restantes indicaram que se identificam com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, fazendo crer que se trata efectivamente de um espaço no qual se sentem bem e com o qual sentem afinidades. Quando questionados os utentes do jardim quanto à zona do mesmo que preferem não se produziu um consenso [Gráfico 9].

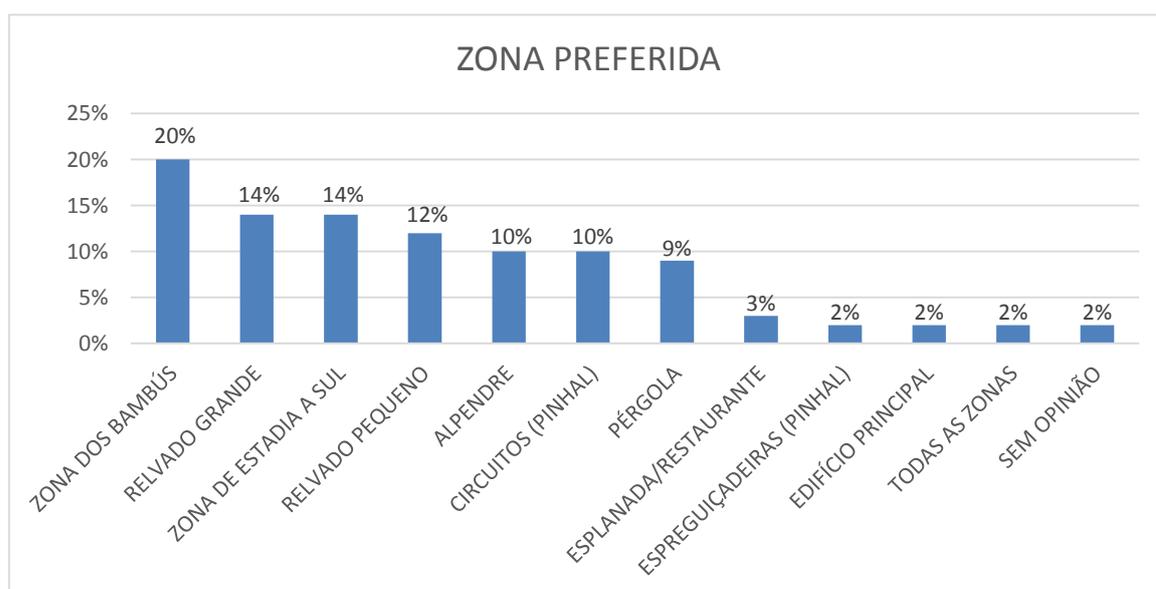
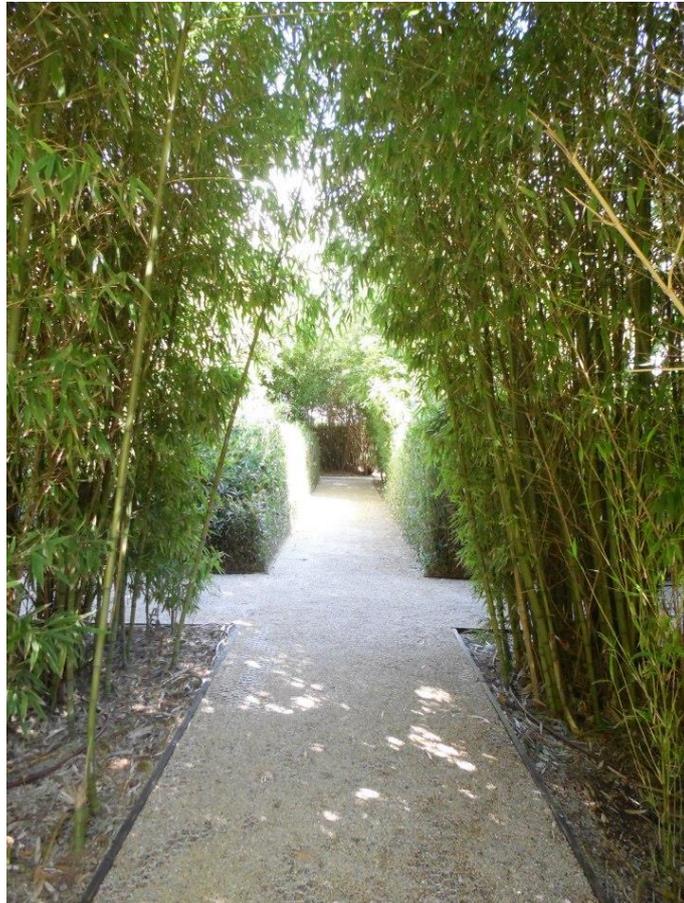


Gráfico 9 – Zonas do Jardim da Quinta dos Sete Castelos preferidas pelos inquiridos

No entanto, a área que por si só, mais atrai a população é a zona dos bambús, sendo que curiosamente esta é uma das zonas com menos mobiliário urbano – apenas quatro cadeiras fixas – mas que consegue, pela envolvência e tipologia do coberto vegetal, criar um ambiente mais intimista e sossegado, isolado das restantes zonas componentes deste jardim [Img. 47].



Img. 47 – Zona dos bambús, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2012

O relvado grande, correspondente à área aberta com menos arborização do jardim, sendo mais propícia à realização de actividades lúdicas e jogos, constitui-se assim como um local que consegue captar a preferência de muitos dos inquiridos [Imgs. 48 e 49]. Talvez a estas mesmas características, este local se constitua igualmente como um espaço preferencial, escolhido por pessoas em idade activa – entre os 25 e os 64 anos. Juntamente a este relvado a área de estar que lhe é adjacente – zona de estadia a sul cuja preferência é igualmente relevante – escolha partilhada por pessoas em idade activa e também por idosos; acrescentando-lhe o alpendre também contíguo ao relvado – preferência dos inquiridos adolescentes e jovens – conseguimos assim apurar qual a área que reúne a preferência da maioria dos utilizadores, sendo esta manifestamente a parcela do jardim que atrai, de forma

aglutinadora, uma maior concentração de pessoas, abrangendo todas as faixas etárias. Esta situação verificou-se não só pela análise sistemática das respostas dadas pelos inquiridos como também por via da observação directa, efectuada *in loco*, sendo clara a afluência de todo o tipo de pessoas a esta área do jardim.



Img. 48 – Relvado grande, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 49 – Relvado grande, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

O relvado pequeno é também alvo de uma manifesta preferência por parte dos inquiridos, todos em idade activa, sendo para estes utilizadores um espaço propício à estadia e repouso, dado tratar-se de uma área aprazível pontuada por árvores – que proporcionam sombra e potenciam a sensação de frescura [Imgs. 50 e 51].

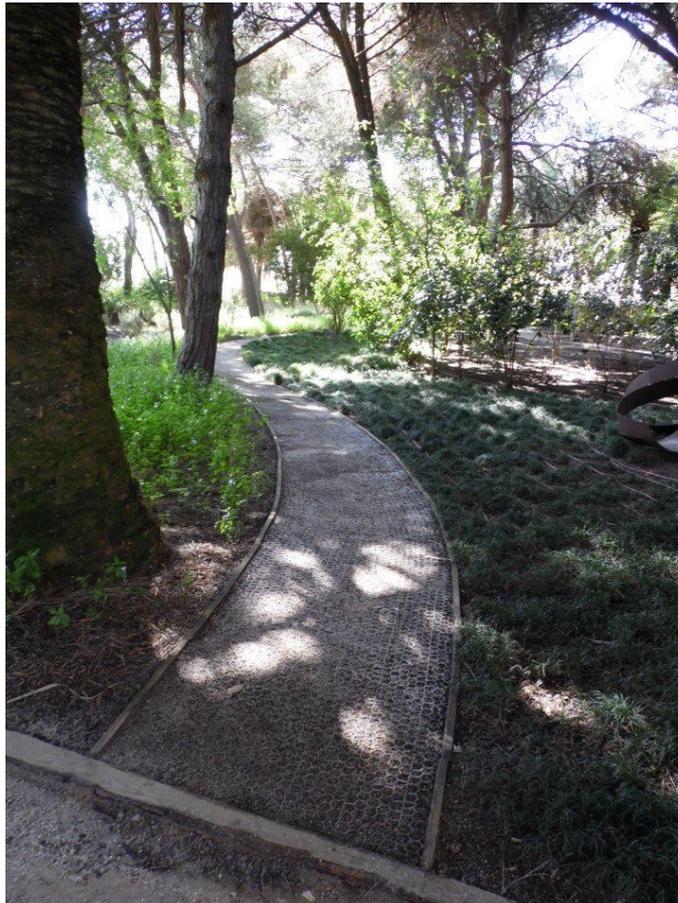


Img. 50 – Relvado pequeno, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 51 – Relvado pequeno, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

A zona de pinhal e respectivos passeios pedonais, que corresponde à área mais arborizada do jardim, é da preferência de alguns dos inquiridos pertencentes genericamente a várias faixas etárias [Img. 52]. Por se tratar de uma zona mais densa e escura, este espaço e percursos apresentam uma maior taxa de ocupação e utilização durante os meses de Verão, tornando-se nos meses frios, segundo grande parte dos inquiridos, um local desagradável para a estadia, servindo exclusivamente para passagem.



Img. 52 – Pinhal/Circuitos pedonais, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

A pérgola, anexa ao edifício principal e parte integrante do percurso/ligação entre o acesso Sul e o acesso Norte do jardim, foi também referida por alguns inquiridos como sendo o seu local preferido [Img. 53]. Curiosamente a maioria de pessoas com esta preferência são utilizadores idosos, com mobilidade condicionada, o motivo desta opção baseia-se no facto do acesso a esta estrutura ser mais facilitado dentro do jardim para pessoas cuja deslocação requer algum esforço.



Img. 53 – Pérgola, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

A esplanada do Restaurante/Café [Img. 54] foi referida por poucos inquiridos, como lugar preferencial, sendo que os restantes espaços ainda indicados assumem um papel menos significativo no contexto geral do jardim e da amostragem.



Img. 54 – Esplanada do Restaurante/Café, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Questão 4. – O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

A questão supracitada reuniu o consenso absoluto dos inquiridos – todos afirmaram que a requalificação do espaço, efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras, foi positiva e muito benéfica para o bairro. Os que conheciam a Quinta dos Sete Castelos antes de ser adquirida pelo Município, revelaram que não gostavam de a ver no estado degradado e abandonado em que se encontrava, sendo, por essa razão, uma requalificação de carácter urgente no âmbito da valorização do bairro. Os inquiridos que não conheciam o espaço antes de ser aberto ao público referem igualmente que esta foi uma boa intervenção paisagística, sendo igualmente de bastante utilidade, mostrando-se satisfeitos, de uma forma geral, com os resultados obtidos. Muitas das pessoas inquiridas fizeram no entanto comentários depreciativos quanto à frágil condição e estado de conservação do edifício principal – a antiga residência da família D’Orey – chegando mesmo a afirmar que é lastimável a situação em que se encontra. Algumas pessoas referiram ainda que deveriam ser efectuados alguns melhoramentos, a ser identificadas aquando da análise das questões 5 e 8 do presente inquérito.

Questão 5. – O que pensa do mobiliário urbano – bancos, mesas, cadeiras, espreguiçadeiras, outros – existentes no local?

Quando questionados quanto à adequação, ou não, do mobiliário urbano existente no jardim, houve uma maioria alargada nas respostas positivas, já que grande parte dos inquiridos afirmaram que o mobiliário urbano é adequado. Os restantes fundamentaram a sua posição – de considerarem o mobiliário urbano inadequado – no facto do mesmo ser pouco confortável e não ser apropriado para as crianças [Gráfico 10].

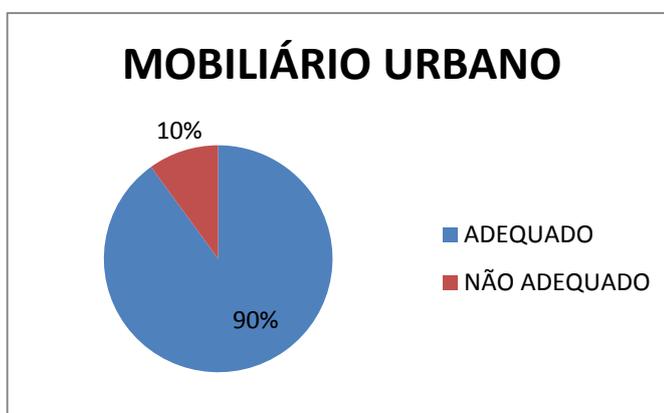


Gráfico 10 – Respostas dos inquiridos sobre a adequação do mobiliário urbano existente no Jardim da Quinta dos Sete Castelos

Quando questionados quanto à quantidade de mobiliário existente no jardim as opiniões dividem-se: mais de metade dos inquiridos consideram que o mobiliário urbano existente é suficiente; os restantes, ainda assim em número significativo, indicam que se sente falta de algum mobiliário urbano no jardim, pelo que deveria existir em maior quantidade [Gráfico 11]. Foi ainda referida, com maior incidência na faixa etária dos 15 aos 24 anos, a necessidade de existir mobiliário urbano móvel que possibilitasse deslocar os equipamentos para zonas que melhor servissem as necessidades específicas destes utilizadores.

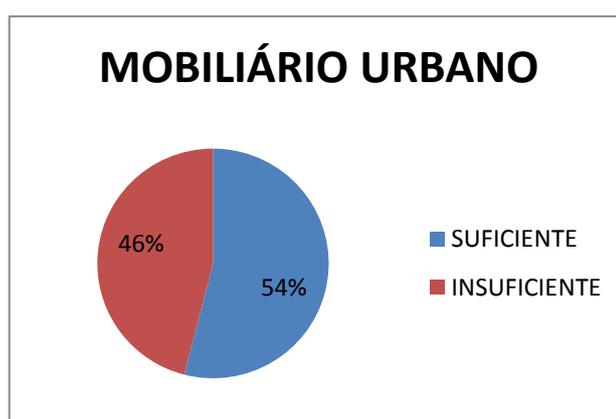


Gráfico 11 – Respostas dos inquiridos sobre a quantidade de mobiliário urbano existente no Jardim da Quinta dos Sete Castelos

Questão 6. – Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

Conseguiu-se compreender, em virtude do teor das respostas obtidas à questão supracitada, que os utentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos o caracterizaram/descreveram essencialmente de uma forma muito simples e positiva, sendo na sua maioria utilizadas palavras que facilmente nos levam à compreensão do significado intrínseco e pessoal, do espaço em questão, para os seus utilizadores/fruidores. Ao tentar limitar esta resposta a três palavras, induziram-se os inquiridos a expressarem rapidamente, transmitindo apenas o essencial e de forma sucinta; esta estratégia decorreu com naturalidade e sem grandes hesitações. Apesar da diversidade de palavras referidas houve muitas que se destacaram pela sua repetição ao longo dos inquéritos, sendo as duas mais frequentes/utilizadas: calmo e bonito. Também com grande expressão foram referidas as palavras: tranquilo, agradável, aprazível, central e sossegado. Destes foi possível apurar uma regra descritiva do jardim como um espaço dotado de características próprias, evocativas e propícias ao despoletar de momentos de lazer, descontração e contemplação. Também foi possível confirmar a importância da sua localização, tanto no contexto do bairro, como a um nível mais global – no

seio da sede de Concelho e no Município – privilegiadamente perto de meios de transporte. Não com tanta frequência, mas ainda com alguma importância e por ordem de preferência, surgem as seguintes palavras: fresco, seguro, histórico, cuidado, interessante, simpático e relaxante. A palavra seguro reporta directamente para a sensação de protecção, uma amenidade nem sempre fácil de encontrar em grandes núcleos urbanos, e que pela expressividade da palavra na voz dos seus utilizadores, se faz sentir neste espaço, especialmente por parte de pessoas que têm por hábito passear com idosos ou crianças neste jardim. A palavra histórico revela nos inquiridos uma capacidade e sensibilidade para identificarem no espaço, e nos objectos arquitectónicos presentes, um carácter histórico e patrimonial de interesse. Com menor relevo na sua repetição e utilização surgem palavras como: tratado, pacato, recondido, verdejante, reconfortante e acolhedor. Existem outras referidas não obtendo no entanto tanta representatividade conforme as anteriores [Img. 55]. A única palavra utilizada à qual se pode associar uma conotação negativa – monótono – foi indicada por uma pessoa que assume não ter por hábito visitar jardins, a única pessoa inquirida que revela também não ser frequentador do Jardim da Quinta dos Sete Castelos.



Img. 55 – Nuvem de palavras, descrição do Jardim da Quinta dos Sete Castelos por parte dos inquiridos⁷

⁷ Imagem elaborada pelo autor do presente trabalho na aplicação Wordle disponível na internet no site: <http://www.wordle.net/>

consumo aberto e público de haxixe, constituem-se claramente como motivos de rejeição, especialmente por parte dos utilizadores nas faixas etárias mais avançadas. Apesar de não haver testemunhos ou opiniões que o indiquem no decurso do inquérito, pelo menos de uma forma clara e directa, este constrangimento é causa geradora de ocupações etárias distintas dos espaços dentro do jardim, e pelo menos no que concerne a estas situações pontuais, com rara proximidade física entre os mesmos – obviando um manifesto apartamento das faixas etárias jovem e envelhecida. Se é comum encontrarmos pessoas mais idosas em áreas abertas, como o espaço de estar a sul junto do relvado grande [Img. 57] ou a pérgola, não é menos óbvia a ocupação de adolescentes e jovens nas zonas mais fechadas e escuras como o pinhal [Img. 58], a zona dos bambús ou simplesmente o alpendre. Na realidade quando questionados os idosos, com 65 anos ou mais, em relação ao tipo de actividades que desenvolvem no jardim, as repostas são invariavelmente claras: passear, sendo que por vezes ocorre uma variação, passear com os netos.



Img. 57 – Relvado grande/zona de estadia a Sul, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Quando analisadas as actividades praticadas pela faixa etária compreendida entre os 25 e os 64 anos, representativa, conforme já foi referido, pela maior quantidade de inquiridos frequentadores do jardim, verifica-se que os hábitos na apropriação do espaço diferem um pouco dos anteriores grupos etários, dando lugar a outras opções ou actividades. O sentido

colectivo ganha expressão quando são referidas actividades em família, como são por exemplo: passear o bebé, brincar, jogar à bola ou simplesmente passear com os filhos. Denota-se neste contexto uma manifesta vontade de voltar a estar em contacto com a Natureza estreitando os laços com uma ruralidade já perdida ou um retorno simbólico ao Éden perdido. É assim comum encontrar pessoas a descansar no relvado pequeno, deitadas ou sentadas aproveitando a sombra das árvores ou até mesmo a tirar fotografias, tentando registar essa mesma sensação fugidia de comunhão entre o Homem e a Natureza. Quando encontrados isoladamente, alguns destes inquiridos, indicaram utilizarem o espaço apenas como passagem, do interior do bairro para a estação ou para a praia e vice-versa. Ainda assim não se poderá considerar que estes hábitos de passagem sejam fruto da casualidade, ou por não haverem alternativas possíveis, uma vez que a transição pelo interior do jardim é apenas uma das muitas formas de circulação, podendo-se estabelecer a relação do interior do bairro com as zonas que o circundam utilizando qualquer uma das diversas ruas que o delimitam. Depreende-se assim que este hábito de passagem é intencional por parte dos inquiridos e portanto revelador de uma preferência óbvia pelo espaço.



Img. 58 – Pinhal, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Foi também referido em resposta a esta questão, se bem que com menor expressividade, a frequência do restaurante/café existente no limite Norte do jardim. Apesar deste espaço se constituir como um polo de atracção ao local constatou-se, durante a fase de inquéritos, que não se verifica por parte destas pessoas uma efectiva apropriação e fruição dos espaços do jardim, para além da unidade de restauração, limitando-se na maior parte dos casos a permanecer na sua esplanada [Img. 59].



Img. 59 – Esplanada do Restaurante/Café, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Questão 8. – Se tivesse a oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

Foram sugeridas pelos inquiridos várias alterações, que estes gostariam de ver levadas a cabo, de modo a melhorar este espaço público. A mais referida, não só pela população mais idosa como também pelos que lhes são próximos, é a sugestão de alteração do pavimento – presentemente gravilha [Img. 60] – em todas as áreas de circulação, já que os inquiridos consideram este material inadequado para pessoas com mobilidade condicionada e para a circulação de carrinhos de bebé. Outra lacuna muito referida foi a inexistência de uma área de recreio/parque para crianças, os pais lamentam a falta de baloiços, escorregas e outros equipamentos de diversão para os filhos acrescentando que esse facto contribui em muito para escolherem outros espaços – jardins e parques públicos mais bem equipados –

em detrimento deste, apesar de considerarem mais seguro, por se encontrar vedado e aqui conseguirem controlar de melhor forma os filhos. A recuperação do edifício principal foi também veementemente sugerida nesta questão.



Img. 60 – Gravelha, zonas de circulação do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Conforme já referido, segundo White na sua obra *The Social Life of Small Urban Spaces* (1980, pp. 46-49), é indiscutível a sensação de prazer visual e sonora que a água nos pode oferecer nas suas mais variadíssimas formas de expressão. A falta deste elemento no Jardim da Quinta dos Sete Castelos foi apontada por diversas pessoas, apesar de existirem um poço, um tanque e uma fonte/lago os mesmos encontram-se desactivados, para descontentamento geral. A disponibilização de cadeiras móveis, à semelhança do que já havia sido referido na questão 5, foi também mencionado nas respostas a esta questão, especialmente por adolescentes e jovens. Este facto acentua e coloca reservas não só quanto à correcta localização das cadeiras fixas existentes como também em relação ao número de unidades presentes. Em linha com estas indicações pôde-se constatar que foram deslocadas cadeiras da esplanada, e até mesmo arrancadas cadeiras fixas, para serem instaladas noutros locais dentro do jardim, como o alpendre e o pinhal – zonas estas utilizadas em grande parte pela faixa etária jovem [Imgs. 61 e 62]. A colocação de aparelhos e equipamentos dedicadas à actividade desportiva foi outra das referências com relativa notoriedade.

As restantes propostas de alterações, que os inquiridos gostariam de efectuar neste jardim, não obtiveram tanto consenso na amostragem de estudo, no entanto, algumas houve que se consideram pertinentes, nomeadamente: a construção de instalações sanitárias públicas – já que as únicas existentes se localizam no restaurante e o seu uso é exclusivo para os seus clientes; a criação de uma barreira acústica protegendo o jardim da linha férrea – uma vez

que o barulho dos comboios se faz sentir de forma intensa, especialmente na zona de estar a Sul, junto do relvado grande; uma maior dinamização do jardim para eventos vários – o espaço possui características com potencial para albergar eventos de média/pequena dimensão sendo que a autarquia poderia promover o mesmo nesse sentido, tornando-o num espaço mais dinâmico e activo.



Img. 61 – Antigo alpendre, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 62 – Pinhal/antiga estufa, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Questão 9. – Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

Conforme já indicado, a população inquirida, na sua totalidade, revelou o seu desagrado no que se refere ao facto do edifício principal da antiga Quinta dos Sete Castelos se encontrar num estado de degradação profundo, reconhecendo ainda nesta edificação características arquitectónicas de valor que, após a sua reconstrução, constituiria uma mais-valia para o jardim e para o público em geral [Img. 63].



Img. 63 – Edifício principal – antiga casa da família D'Orey, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Quando questionados quanto à função a atribuir ao edifício, não se formularam respostas que se possam considerar como características de uma determinada faixa etária, já que em todas elas foram referidas várias opções em comum, pelo que se considera a totalidade de respostas numa única análise: a maioria dos inquiridos referiram que a antiga habitação deveria ser transformada num espaço cultural, como uma galeria de arte, *atelier* ou para albergar salas de espetáculo – para concertos musicais e peças de teatro. A segunda opção mais indicada foi a instalação de uma instituição com fins sociais, como por exemplo: lar de idosos, centro de dia, jardim-de-infância, ATL, ludoteca ou um centro de estudos. A terceira opção mais referida propunha a instalação de uma livraria/biblioteca com salas e espaços destinados à prática da leitura. Uma outra opção passava pela instalação de um espaço de restauração multifacetado: cafetaria, snack-bar, restaurante e casa de chá. A última opção mais referida foi a criação de um espaço comercial, seguindo como exemplo e modelo funcional, várias vezes referido, da Casa da Guia em Cascais. Foram ainda referidas outras opções não tão representativas no âmbito da amostragem [Quadro 3].

O QUE FARIA NO EDIFÍCIO PRINCIPAL?	N.º PESSOAS
ESPAÇO CULTURAL (GALERIA DE ARTE, ATELIERS, SALAS DE ESPETÁCULOS PARA MÚSICA E TEATRO)	15
INSTITUIÇÃO COM FINS SOCIAIS (LAR DE IDOSOS, CENTRO DE DIA, JARDIM DE INFÂNCIA, ATL, LUDOTECA, CENTRO DE ESTUDOS)	12
ESPAÇO DEDICADO AOS LIVROS (LIVRARIA/BIBLIOTECA/SALAS DE LEITURA)	9
ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO (CAFETARIA, SNACK BAR, RESTAURANTE, CASA DE CHÁ)	5
ESPAÇO DESTINADO AO COMÉRCIO (LOJAS, CENTRO COMERCIAL)	4
CENTRO EMPRESARIAL (ESCRITÓRIOS PARA ALUGAR)	2
ALGO QUE NÃO TRAGA CONFUSÃO PARA O JARDIM	2
HOTELARIA (HOTEL, HOSTEL, PENSÃO, RESIDENCIAL)	2
ESPAÇO DEDICADO AO DESPORTO, FISIOTERAPIA, REABILITAÇÃO E MEDICINAS ALTERNATIVAS	2
ESPAÇO DESTINADO A SERVIÇOS DE APOIO A O CIDADÃO (LOJA DO CIDADÃO, SERVIÇOS CAMARÁRIOS)	2
SEM OPINIÃO FORMADA	1
ESPAÇO PARA FINS RELIGIOSOS	1
FUNDAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS	1

Quadro 3 – Escolhas dos inquiridos quanto ao destino a dar ao edifício principal do Jardim da Quinta dos Sete Castelos

Questão 10. – Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

Questão 10.1. – Se respondeu SIM à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

Quando questionados quanto ao facto dos inquiridos serem ou não frequentadores de outros espaços públicos, na proximidade do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, a grande maioria refere que sim [Gráfico 12].

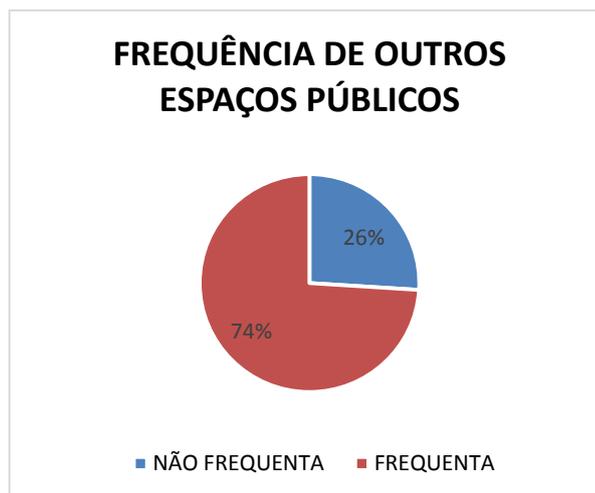


Gráfico 12 – Respostas dos inquiridos quanto à frequência de outros espaços públicos

Dos inquiridos que revelam não frequentar outros espaços públicos destacam-se os idosos, demonstrando uma preferência por este jardim pelo facto de se encontrar perto das suas residências. Verificou-se que, no decurso dos inquéritos, para esta faixa etária a não frequência de outros espaços públicos se deve essencialmente à distância que teriam de percorrer face à sua condição física. Denota-se ainda que outros inquiridos, de faixas etárias distintas da anterior, cuja resposta foi semelhante – não frequentam outros espaços públicos nas redondezas – se deve ao facto de não residirem na zona, sendo portanto a preferência por este jardim uma situação circunstâncial de estar próximo do trabalho ou da escola.

Os inquiridos de outras faixas etárias, quer menores de idade quer adultos em idade activa, referem ser frequentadores de outros espaços públicos, sendo os mais mencionados o paredão e a praia de Santo Amaro de Oeiras. Também com bastante expressividade foram referidos o Jardim Municipal de Oeiras e o Parque dos Poetas. Foram ainda mencionados outros espaços, se bem que com menor incidência, como por exemplo: o porto de recreio de Oeiras; o largo da igreja matriz de Oeiras e a Quinta da Alagoa, sendo este último pouco considerado uma vez que se situa em Carcavelos e não é portanto um espaço válido no âmbito do estudo. No entanto, considerando as respostas dadas, não se notou que a frequência destes outros espaços públicos atraiam uma maior ou menor preferência em relação ao actual jardim, já que a oferta em termos espaciais, e as suas possíveis utilizações, são manifestamente diferentes.

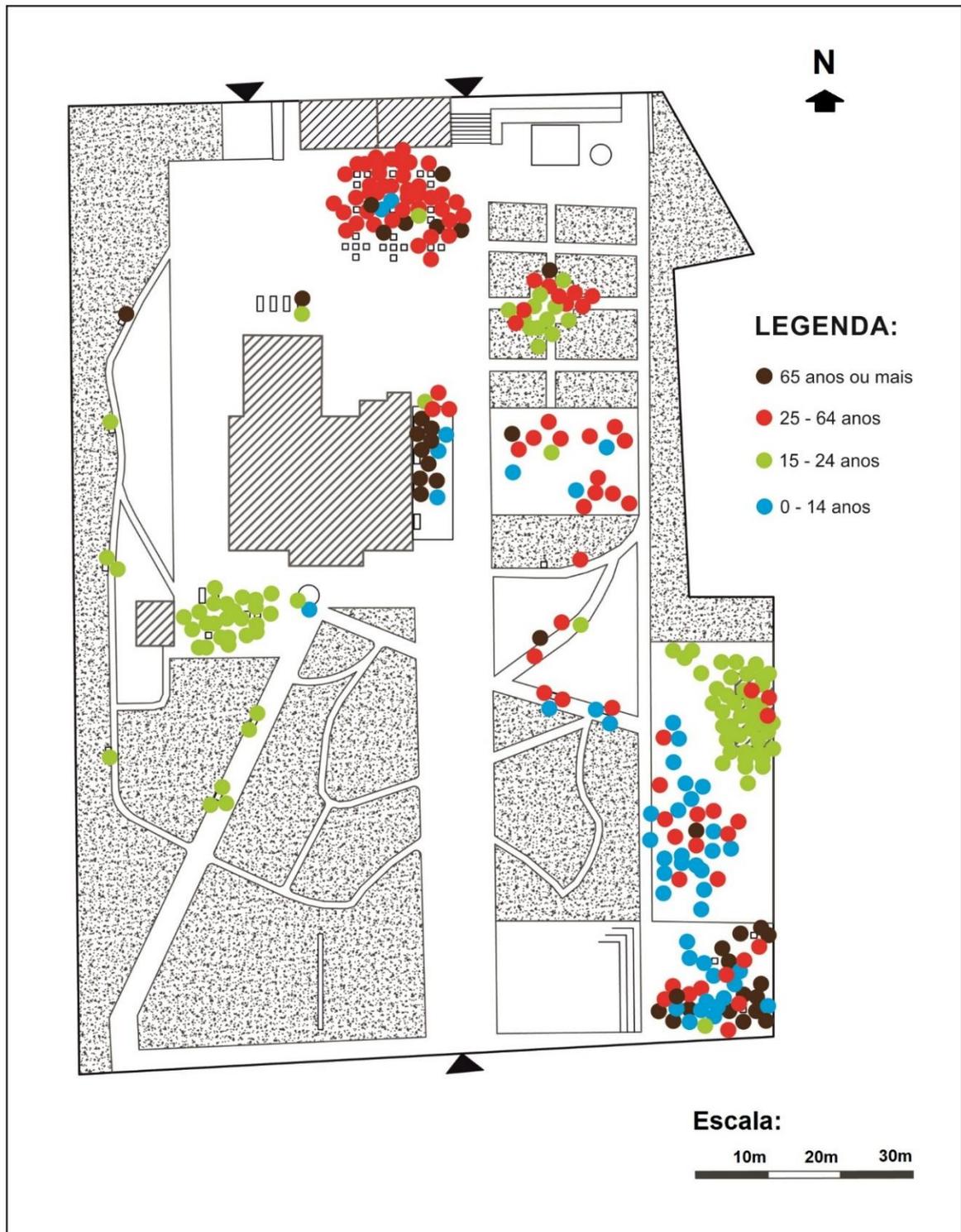
3.5. Plantas síntese da ocupação de espaços e fluxos de circulação

Em simultâneo com a execução dos inquéritos foram realizados nas mesmas datas registos nas plantas síntese do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, indicando o posicionamento exacto dos diferentes tipos de utentes, localizando-os nos diversos espaços que compõem o jardim [Apêndice 2.1.]. Verificou-se quais as pessoas que utilizaram o espaço como estadia – identificando quais os locais específicos – determinando de forma diferenciada quais os utilizadores que não se apropriando do espaço, utilizavam o jardim como passagem. Esta marcação foi defininda com recurso a elementos gráficos – setas e linhas do fluxo de circulação ao longo da área do jardim. Para uma melhor percepção das tipologias de utentes, optou-se por um esquema diferenciador que empregou cores distintas para cada uma das faixas etárias: bebés/crianças – azul; adolescentes/jovens – verde; adultos em idade activa – vermelho; idosos – a castanho.

Foram elaboradas um total de vinte e nove plantas síntese, correspondendo dezanove a dias da semana – Terças-feiras e Quintas-feiras – e dez a fins-de-semana – Domingos [Apêndice 2.2.]. Com base nestas procedeu-se à execução de duas novas plantas, resultando as mesmas da sobreposição de todas as plantas síntese efectuadas, uma delas correspondente aos dias da semana e outra referente aos fins-de-semana [Imgs. 64 e 69]. Pretende-se assim, através do posicionamento de pontos isolados e de manchas compostas pela aglomeração de grupos de pontos, tornar possível perceber quais as áreas de maior concentração de utentes, no Jardim da Quinta dos Sete Castelos, identificando ao mesmo tempo o tipo de utilizadores.

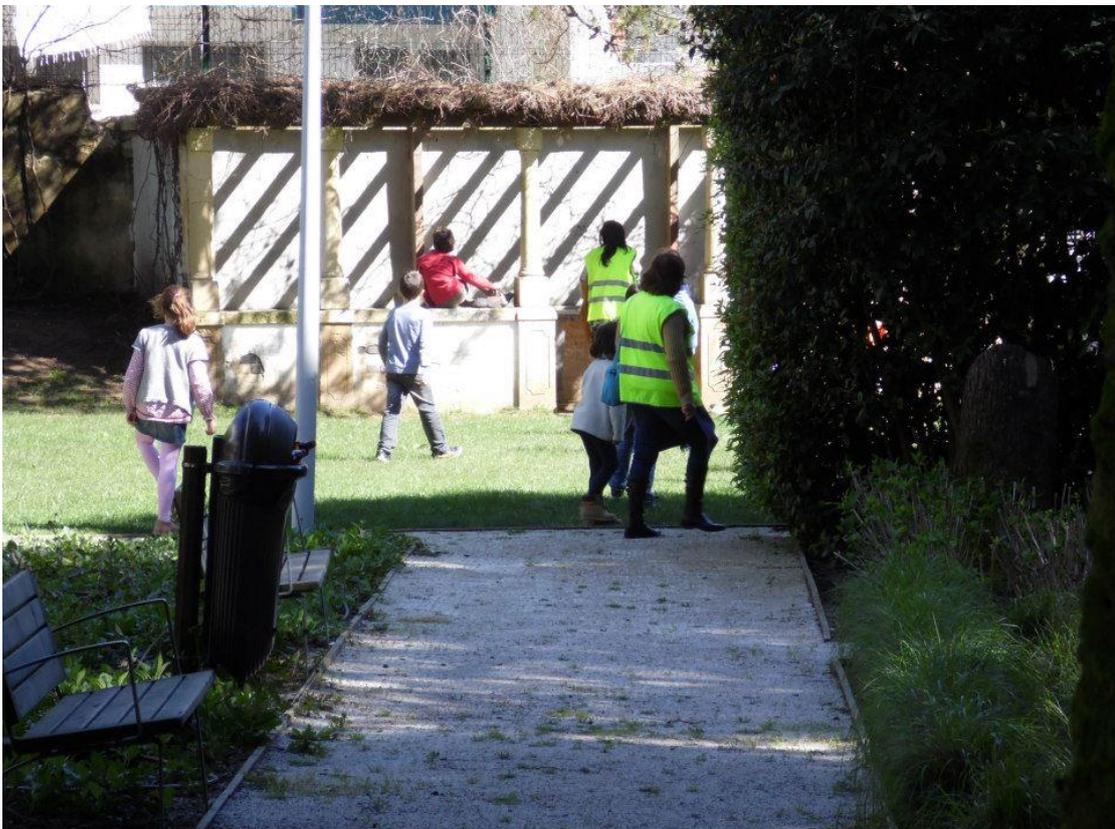
Foi ainda elaborada uma outra planta síntese, resultando da sobreposição das vinte e nove plantas efectuadas, apresentado apenas os fluxos de entrada e saída no jardim [Img. 72]. Este elemento refere-se apenas aos inquiridos que declararam utilizar o jardim como local de passagem, não usufruindo nem se apropriando deste como um local de estadia; apurou-se igualmente que, regra geral, os utentes se deslocam dentro do jardim utilizando todas as áreas de circulação disponíveis no mesmo, facto que *de per si* poderia resultar inconclusivo no contexto específico do presente estudo.

3.5.1. Dias úteis da semana



Img. 64 – Planta síntese relativa à apropriação dos utentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos nos dias da semana

Da análise à planta síntese referente aos dias da semana, verificou-se que existem vários aglomerados de utilizadores – correspondentes a cada uma das faixas etárias em estudo – que, de forma natural, escolhem localizações muito próprias dentro do jardim – que melhor serve e se adequa às suas necessidades. Há, no entanto, a destacar que a faixa etária com uma distribuição mais homogénea por todo o jardim é a dos adultos em idade activa – dos 25 aos 64 anos – tendo no entanto a sua maior expressividade na esplanada do restaurante, no relvado pequeno, no relvado grande e na zona de estadia a Sul que lhe é adjacente. Verifica-se que as crianças – faixa etária dos 0 aos 14 anos – adquirem uma maior visibilidade em ambos os relvados existentes, em conjunto com os adultos ou idosos, acompanhando-os ou deslocando-se de forma semi-autónoma ao longo do jardim; a sua concentração mais assinalada centra-se no relvado grande – espaço onde conseguem brincar de uma forma mais livre. Na realidade a quantidade de crianças a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos foi substancialmente superior durante os dias de semana que ao longo dos fins-de-semana, fundamentando-se esta situação no facto de existirem vários jardins-de-infância e ATL nas redondezas, que têm por hábito levar as crianças a brincar no jardim [Img. 65].



Img. 65 – Crianças de ATL a brincar, relvado grande, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

É ainda possível perceber que, durante a semana, encontram-se no jardim várias pessoas da faixa etária mais envelhecida – 65 anos ou mais – que se deslocam ao espaço para passear os netos, tal como é visível na planta: castanhos – idosos – junto de pontos azuis – crianças [Img. 66]. Podemos assim depreender que durante este período, não é tão comum as crianças serem levadas ao jardim pelos pais, exceptuando claro algumas situações pontuais mais comuns, com ocorrência ao final do dia, após o horário normal de trabalho. Comprovando a preferência das pessoas em idade mais avançada, já referida aquando análise dos inquéritos, verifica-se que as manchas de posicionamento mais significativas destes utilizadores se encontram, regra geral, ou na pérgola ou na zona de estadia a Sul [Img. 67], havendo ainda alguns pontos também na esplanada do restaurante. Se na pérgola já foi referida a preferência dos inquiridos por ser de acesso mais facilitado a pessoas com mobilidade condicionada, as presenças na área de estadia a Sul têm a sua explicação natural na virtude de este ser o único local onde é possível a permanência sentado, numa localização privilegiada, com boa visibilidade e próximo ao relvado grande – local óbvio da preferência dos mais novos [Img. 68].



Img. 66 – Idosa na companhia do neto, pérgola, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

No que concerne aos jovens – faixa etária dos 15 aos 24 anos – cuja frequência deste jardim adquire igualmente uma elevada incidência, em especial durante a semana, a sua expressividade gráfica em mancha é bem visível nas plantas, não colocando dúvidas quanto à sua preferência – no antigo alpendre e na zona de pinhal – diluindo-se mais na zona dos

bambús, a par com a faixa etária dos 25 aos 64 anos de idade. Denota-se, nestas idades, uma necessidade de se manter à margem das demais no jardim, talvez consubstanciada no facto de pretenderem ficar mais confortáveis e/ou isolados, de preferência ao abrigo dos olhos inquisidores de quem possa circular pelo jardim. Aliás, esta situação constitui-se como uma excepção, no que concerne à interacção entre as diversas faixas etárias neste jardim, que por si só funciona como um polo aglutinador multi-geracional, facto que, nesta faixa etária, não encontra especial sentido de ser.

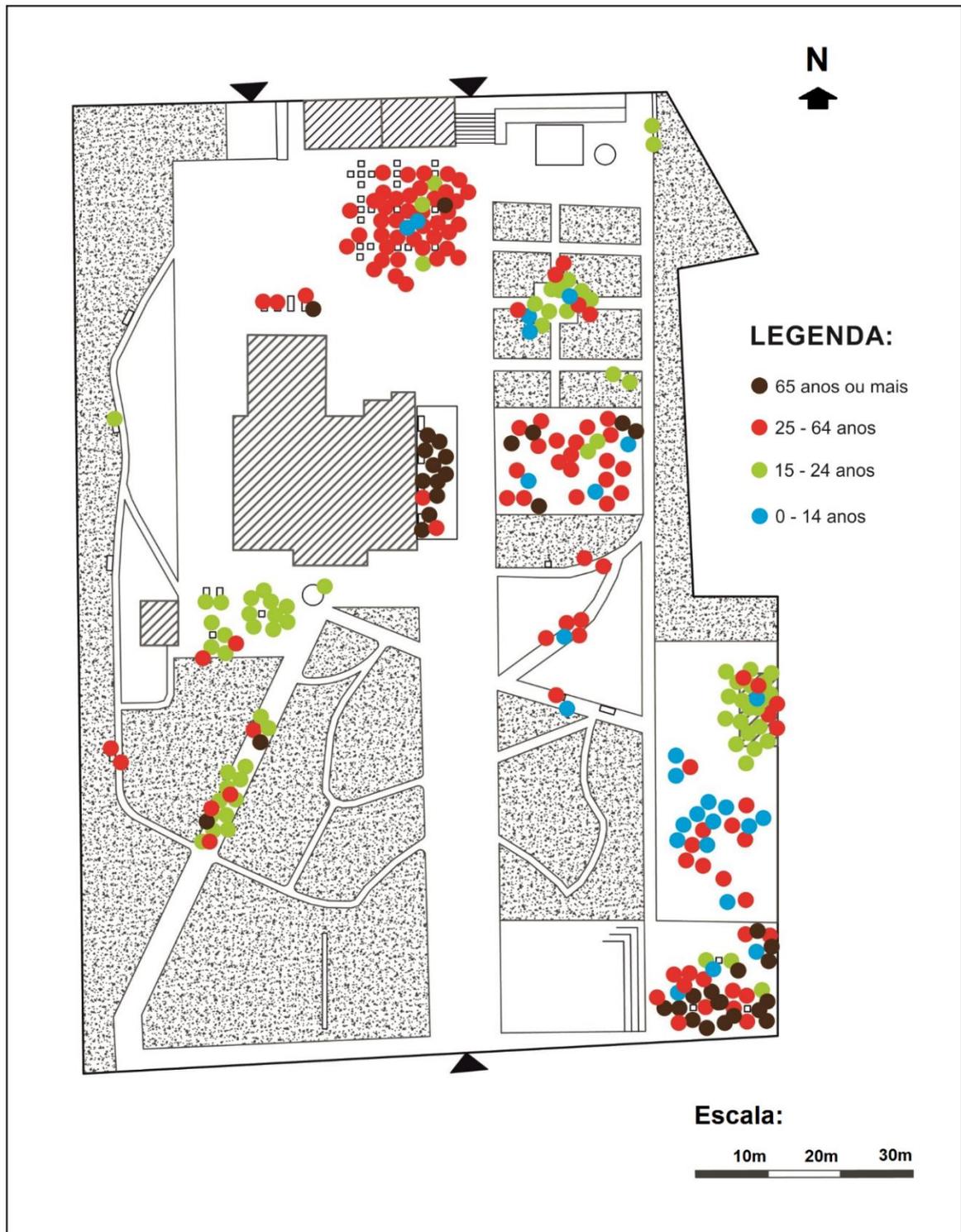


Img. 67 – Idosa na companhia do neto, zona de estadia a Sul/relvado grande, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 68 – Crianças a brincar, zona de estadia a Sul/relvado grande, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

3.5.2. Fim-de-semana



Img. 69 – Planta síntese relativa à apropriação dos utentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos ao fim-de-semana

Curiosamente, constata-se neste período que as preferências, em termos de ocupação e apropriação espacial dentro do jardim, pelas diferentes faixas etárias, se mantêm, migrando dos dias úteis para os fins-de-semana, residindo a maior diferença no número de utilizadores. Ao fim-de-semana é notória a diferença expressa na mancha gráfica referente à faixa etária dos 25 aos 64 anos, maior em comparação com os dias da semana. Tratando-se de pessoas em idade activa, torna-se natural que tal suceda, sendo uma população que à partida trabalha e nem sempre se pode deslocar ao jardim a passeio ou para realizar actividades lúdicas, transitando esse hábito para o fim-de-semana. É bastante relevante a densidade desta faixa etária especialmente no relvado pequeno [Img. 70]. A presença de crianças tem menor representatividade ao fim de semana – dado que os jardins-de-infância e ATL se encontram fechados neste período – mas ganham mais expressão na companhia dos pais, em detrimento da dos avós, conforme de resto foi constatado durante a semana.



Img. 70 – Casal de adultos em idade activa, relvado pequeno, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

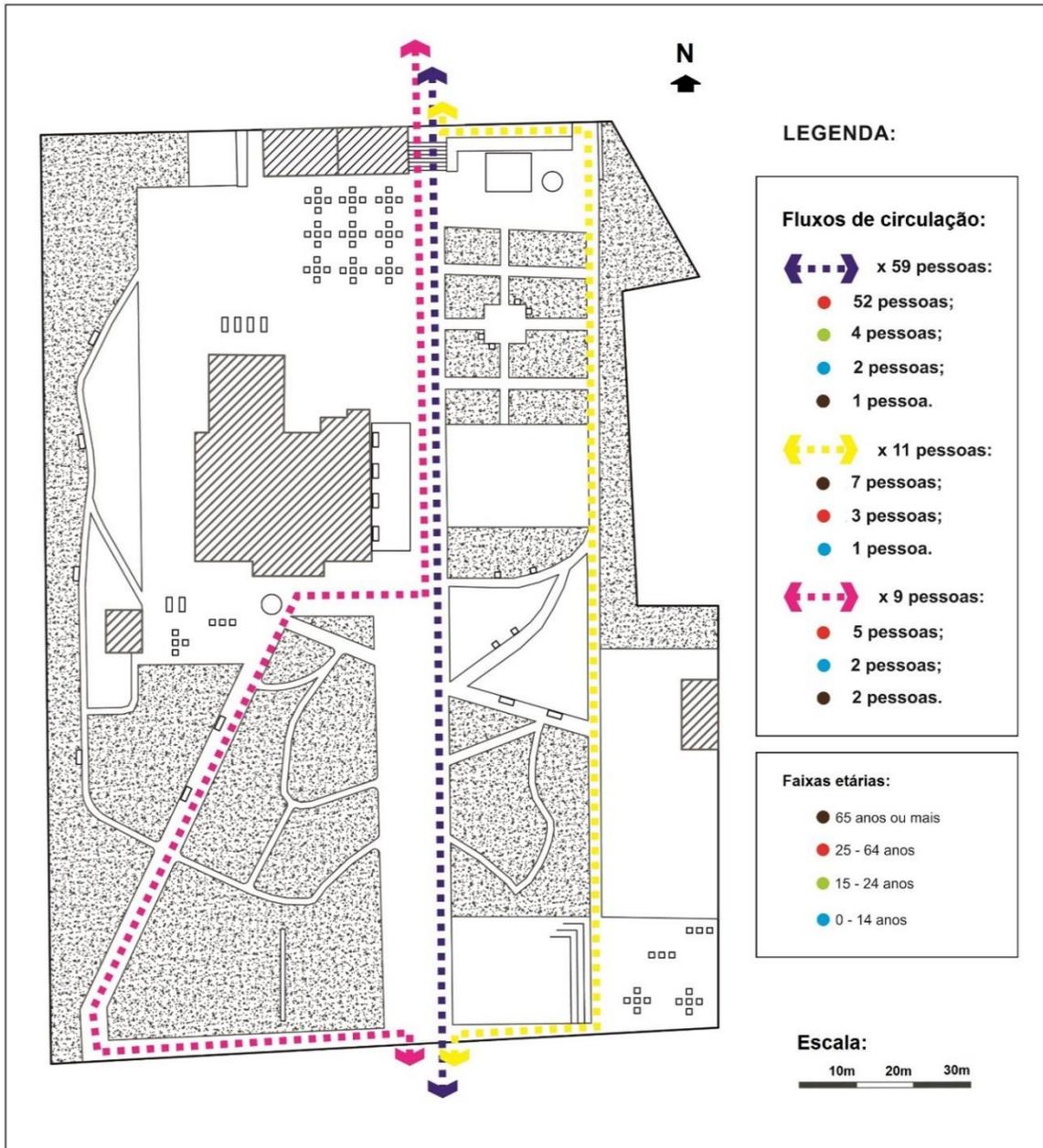
Comparando as duas plantas síntese, constata-se que a faixa etária mais constante em termos ocupacionais, de preferência de utilização dos espaços e em número, é a dos idosos, talvez devido ao facto de não se encontrarem constrangidos por horários mais ou menos rígidos que uma situação profissional activa necessariamente acarreta, sendo mais comum neste período encontra-los sozinhos ou, de forma colectiva, em convívio uns com os outros em vez de apenas a acompanhar os netos [Img. 71]. Verifica-se, no entanto, que este grupo frequenta, em menor número a esplanada do restaurante do que durante a semana, cedendo inconscientemente o seu lugar às pessoas em idade activa.



Img. 71 – Idosos, zona de estadia a Sul, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

Quanto aos adolescentes/jovens verifica-se um considerável decréscimo na frequência ao fim de semana. Este facto poderá eventualmente ter a sua razão, em associação ao motivo de utilização deste jardim se encontrar associado à proximidade da escola. De qualquer forma podemos constatar que, apesar de se fazerem sentir no jardim ao fim-de-semana, com as mesmas preferências em termos de zona, o seu número é definitivamente menor, efeito da concorrência de outros tipos de entretenimento e formas de convívio que não passem pela frequência e utilização do Jardim da Quinta dos Sete Castelos. Verifica-se ainda, em planta, a existência de alguns pontos referentes a adultos nas manchas tipicamente jovens, o que não sucede com tanta frequência durante a semana em que estes se encontram mais isolados conforme já foi referido.

3.5.3. Fluxos de circulação



Img. 72 – Planta síntese com os fluxos de circulação dos utentes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos

Pode-se dizer que os fluxos de circulação dentro do jardim, de uma forma geral, são bastante diversificados, abrangendo genericamente todas as áreas pedonais existentes, sendo contudo naturalmente reveladores das áreas de preferência – quando as pessoas se deslocam para determinada zona. Na verdade, de acordo com a observação directa efectuada no local, verifica-se que não existe um padrão de circulação quando as pessoas pretendem usufruir do jardim como espaço de estadia, sendo na maior parte dos casos variável e indiferente ao processo, se os utilizadores fazem o seu acesso ao jardim pela entrada Sul ou

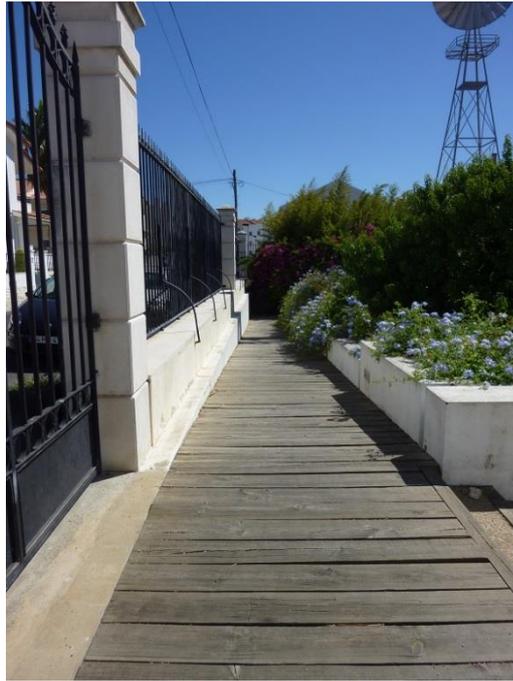
pela entrada Norte, fazendo um percurso mais ou menos linear até à zona que lhes interessa e, após a estadia, o percurso inverso para a saída.

Existem, no entanto, fluxos de entrada e saída no jardim de pessoas que não têm por hábito a estadia e a fruição do mesmo, ganhando assim este espaço público um mero carácter de local de passagem. De entre os fluxos verificados existem três que assumem especial relevo, praticando-se em dois sentidos nas variantes do acesso Norte para o acesso Sul [Img. 73] e na variante do acesso Sul para o acesso Norte do jardim. Conseguiu-se apurar, como fluxo predilecto o eixo pedonal central – utilizado por 59 pessoas durante a fase de observação directa – ligando o portão principal do jardim ao portão tardoz – que dá acesso ao interior do bairro de Santo Amaro de Oeiras – fluxo indicado no mapa a azul. Este percurso é decidamente o mais óbvio, já que é o mais directo e rápido, conseguindo-se apurar um padrão, que corresponde na sua grande maioria as pessoas em idade adulta activa – 52 pessoas – sendo durante o período da manhã a variante Norte-Sul mais utilizada e durante a tarde/noite a variante Sul-Norte, ficando os mesmos equiparados em números no decorrer do dia. Esta situação tem a sua explicação no facto de muitas pessoas, residentes no bairro de Santo Amaro de Oeiras, utilizarem o jardim como parte do seu percurso diário para a estação dos caminhos-de-ferro durante a manhã, fazendo o caminho inverso à tarde ou ao final do dia.

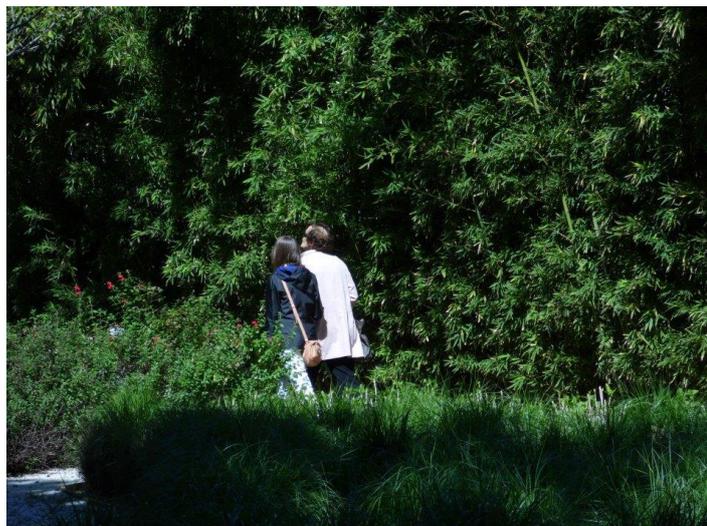


Img. 73 – Eixo pedonal central, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

O segundo fluxo de circulação mais utilizado – 11 pessoas – é o da via pedonal, assinalado na planta a amarelo, que contorna o jardim na área nascente do mesmo, preferido pelos utilizadores da faixa etária idosa – 65 anos ou mais – surgindo como principal justificação para este facto, a existência no terminus deste itinerário – acesso Sul – de uma rampa, concebida para dar acesso às pessoas com mobilidade condicionada [Img. 74]. Este percurso tem maior relevância no período intermédio do dia [Img. 75].



Img. 74 – Rampa de acesso para pessoas com mobilidade condicionada, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013



Img. 75 – Idosa com familiar, percurso pedonal a nascente, Jardim da Quinta dos Sete Castelos, Santo Amaro de Oeiras, 2013

O terceiro e último fluxo de circulação mais utilizado – 9 pessoas, sendo a maior parte da faixa etária dos 25 aos 64 anos – é o que percorre o pinhal pela parte Sudoeste do jardim, tendo especial afluência durante a tarde ou ao final do dia, denotando-se neste percurso a intenção de fazer uma maior distância entre a entrada e a saída do jardim. Este fluxo é da preferência dos utilizadores que praticam, de uma forma regular, actividades físicas de manutenção, tais como caminhada e *jogging*.

Através da compilação dos dados obtidos durante a fase de observação directa, foi possível registar e compreender de forma mais coerente quais as relações entre os diferentes espaços constituintes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos e os seus utentes/fruidores; foi também possível estabelecer paralelismos entre as zonas utilizadas e os fluxos circulatorios dentro da área de estudo, compreendendo não só todos os utentes que se apropriam regularmente do espaço, como também dos inquiridos que apenas utilizam este território como uma parte do seu percurso diário. Esta fase da análise poderá ser determinante na prossecução de uma estratégia de avaliação e de intervenção neste equipamento, que se pretende incluir na conclusão final da presente dissertação.

4. Conclusão

Desde a sua origem como espécie o Homem tem deixado marcas na paisagem, sendo estas na verdade também um reflexo das suas necessidades. As tarefas de transformar o território para criar solo arável, a necessidade de erigir edificações – dando suporte ao seu modo de vida – e o delinear de vias de comunicação, que propiciem as suas actividades, são factores que conduziram a um profundo impacto na paisagem e no território natural, progressivamente humanizado. As intervenções paisagísticas, quer a um nível mais rudimentar – associados aos processos agrícolas, criação de gado e pastorícia – quer a um nível mais abrangente – na estruturação de aglomerados urbanos – são reflexos da apropriação do território, da sua humanização, originalmente uma acção de domínio da Natureza, de racionalização – consciente ou inconsciente – da envolvente natural, agressiva e caótica, num território dominado, ‘positivo’ e ordenado.

A paisagem, em constante mutação, sofreu influências com a sua génese profundamente enraizada nos diferentes modos de estar do Homem em sociedade, reflectindo a multiplicidade de culturas e padrões civilizacionais. No caso específico dos jardins foi desde cedo notória uma constante tentativa de aproximação ao Paraíso perdido, expressa através das mais variadas formas – simbólica e imagética – com testemunhos ao longo da História nos espaços e territórios eruditizados. Assim, a leitura da paisagem tem vindo a assumir, de uma forma contante e representativa, a maneira como o homem interpreta o Mundo, de forma sensitiva e social.

A prática de intervenção na paisagem de forma equilibrada, unindo os aspectos mais estéticos às implicações puramente funcionais, deverá assim estar sujeita a critérios racionais e sensoriais, sem esquecer a tradição – encontrando esta prática sentido quando estreitamente associada às vivências representativas das diversas sociedades ao longo dos tempos.

A Quinta dos Sete Castelos, no âmbito da apropriação e vivência familiar, representa na sua forma original, a materialização da visão de Waldemar d’Orey. O surgimento desta quinta é assim um reflexo do modo de estar em sociedade por parte do proprietário e representativo do modo de vida desta família. O espaço sofreu na sua concepção influências estéticas do Romantismo, acrescidas de simbologia muito própria alusiva às quintas de recreio – que se instalaram de forma profusa nesta região, dadas as características climáticas e a situação geográfica privilegiada junto da capital.

Face ao crescimento dos núcleos urbanos, à conseqüente e acelerada mudança de usos e hábitos sem esquecer a instabilidade da sociedade actual – em paralelo com a degradação natural do mundo edificado pelo Homem – a necessidade de reabilitar e reconverter espaços

torna-se progressivamente não só urgente como necessária. Estas práticas não se constituem desde já uma tarefa simples, uma vez que se tratam de iniciativas caracterizadas pela multidisciplinariedade, abrangendo diversas áreas de intervenção – como a arquitectura; arquitectura paisagista; urbanismo e planeamento territorial – sendo o melhor resultado possível, aquele que reflecte a coerência e eficiência de um trabalho conjunto. Para uma correcta avaliação do sucesso destas intervenções, quanto à sua adequação às funções que pretendem responder, surge como um instrumento de extrema importância, a análise ao objecto intervencionado, sendo para isso indispensável a participação dos próprios utentes.

Na sua versão mais recente, o Jardim da Quinta dos Sete Castelos, propriedade do município de Oeiras, constituiu-se como um espaço de grande utilidade pública no contexto em que está inserido – do qual são provenientes a maioria dos seus utentes – e necessário em benefício não só dos residentes como também de quem aqui trabalha, estuda ou simplesmente se desloca ao local por ter familiares e amigos a residir na proximidade. Podemos assim dizer que o jardim adquire o carácter de espaço público a uma micro-escala, revestindo-se acima de tudo, das vivências e usos vigentes no bairro – Santo Amaro de Oeiras – em que esta unidade se encontra inserida.

Tratando-se de um espaço cuja diversidade de zonas e ambientes permite a coexistência de espaços com características muito próprias, verifica-se que o mesmo consegue proporcionar, ao leque variado de utentes, momentos de lazer, convívio e descontração – de acordo com as suas preferências e escolhas, mais ou menos divergentes em termos de faixa etária – constituindo-se de uma forma geral como um espaço do agrado de quem dele se apropria e portanto uma mais-valia para a comunidade local.

De acordo com o estudo efectuado denotam-se algumas lacunas – funcionais e de equipamento – no Jardim da Quinta dos Sete Castelos que vêm comprovar algum desajuste do espaço face às necessidades da população que o frequenta. Verificou-se, através dos inquéritos efectuados – situação validada pelas plantas de registo da ocupação dos espaços – que existe uma clara inclinação preferencial de determinadas faixas etárias por zonas específicas dentro do jardim. Se por um lado, esta ocorrência se explica face às preferências pessoais de cada utente, por outro lado, não é de ignorar que os inquiridos, especialmente os que têm mobilidade condicionada, sentem algum desconforto e dificuldade em conseguir deslocar-se de umas áreas para outras – condição existente devido ao piso utilizado nas zonas de circulação – situação que não impossibilita o uso do jardim, por parte destes utentes, contudo exerce uma limitação na sua liberdade de escolha.

Sendo este um espaço muito frequentado por crianças – tanto na companhia de educadores como na de familiares próximos – a inexistência de equipamentos recreativos destinados aos mais novos é recorrentemente referida pelos inquiridos. Apesar de haver uma preferência por trazer crianças a este jardim – face à circunscrição do mesmo e ao ambiente de segurança aqui vivido, propícios a este tipo de actividade – sente-se uma necessidade de equipamentos que possibilitem entreter os filhos durante as estadias no jardim.

Denota-se também, segundo a opinião dos inquiridos que, apesar da maioria considerar o mobiliário urbano de qualidade e adequado, em termos de quantidade as opiniões dividem-se, cabendo à faixa etária mais jovem a opinião de que o mobiliário urbano é insuficiente – sendo referida como solução para este problema a disponibilização de cadeiras móveis no jardim. Esta hipótese é de extrema importância na identificação de um problema – a falta de mobiliário urbano no jardim. Tendo em consideração que esta faixa etária é a que mais utiliza o jardim de forma colectiva – grupos variáveis entre dois e nove utentes – e estando os conjuntos de mobiliário urbano, no seu expoente máximo, cingidos à lotação de quatro pessoas em cada conjunto, torna-se clara a necessidade de mais equipamentos, que possibilite a estes utentes permanecer sentados em convívio. É deveras preocupante, conforme já foi referido – sendo considerado um acto de vandalismo – terem sido retiradas cadeiras pertencentes ao café/restaurante, e mesmo removidas/deslocadas cadeiras, outrora fixas noutros pontos do jardim. No entanto parece, apesar dos meios não justificarem os fins, ser uma resposta ou veículo utilizado de forma a preencher esta lacuna.

Constatou-se, quer pelos inquéritos efectuados quer pela observação directa, que a maioria dos frequentadores do Jardim da Quinta dos Sete Castelos são de nacionalidade portuguesa, não obstante a existência de utentes de outras nacionalidades – brasileira, moçambicana, angolana e cabo verdiana – que apesar da sua menor representatividade não deixam de conferir ao espaço a característica de ponto de intersecção multicultural. A questão cultural, referente à proveniência da população, não provoca qualquer tipo de tensões ou constrangimentos – pelo menos visíveis – sendo possível verificar uma convivência saudável, apesar das suas diferenças, entre pessoas de diferentes nacionalidades. Pode-se dizer que o único ponto de ruptura visível, durante o presente estudo, é referente à convivência multigeracional – independentemente da nacionalidade – já que existe uma necessidade de alguns jovens se isolarem, pelos motivos já referidos, das demais faixas etárias. Esta situação gera algum desconforto e tensão entre gerações que resulta numa escolha diferenciada de espaços para estar, evitando assim o conflito – situação de resto confirmada pelas plantas de ocupação de espaços.

Com o presente estudo, e com base nos testemunhos mais representativos prestados pelos utentes, uma melhoria significativa poderia ser alcançada no Jardim da Quinta dos Sete Castelos, se ocorressem alterações nos seguintes campos:

Pavimento – A existência de uma relativa uniformidade de pavimento, em gravilha, estendendo-se à quase totalidade das superfícies de circulação do jardim, se bem que económica – tratando-se de uma intervenção pública, sujeita a contenção de custos – constitui-se impeditiva de uma utilização mais segura e abrangente por parte dos utentes do jardim. A irregularidade natural deste tipo de pavimento, aliada à necessidade de reposição de material a intervalos de tempo relativamente curtos, com vista a colmatar lacunas, é condicionadora da circulação inclusiva – nomeadamente de utentes com mobilidade condicionada, utilizadores em cadeira de rodas e de crianças na primeira infância. Tratando-se de um tipo de pavimento agressivo, a prática de actividades desportivas ou lúdicas com alguma dinâmica física, por parte de crianças e idosos, reveste-se de algum perigo, podendo resultar em ferimentos desnecessários. A introdução de tipos de pavimento suave e/ou pavimentos diferenciados entre áreas de circulação preferenciais poderia resultar numa considerável melhoria das condições de circulação e utilização geral do jardim;

Instalação de um *playground* – Tendo em consideração a tipologia de jardim e lote que deu origem a esta unidade urbana pública, a sua envolvente imediata, caracterizada por uma forte presença habitacional consolidada, bem como os grupos etários de utentes que o frequentam – nomeadamente utilizadores adultos acompanhados de crianças na faixa etária inferior aos 14 anos – a implantação de um parque infantil, com alguns equipamentos lúdicos, pavimentos adequados e delimitações claras, contribuiria para aumentar o grau de atracção do jardim na esfera urbana envolvente, colmatando em termos de equipamento algumas necessidades sentidas nos bairros envolventes – onde também se nota a inexistência de um parque infantil viável, equipado e seguro, longe do tráfego automóvel;

Mobiliário Móvel – Uma das sugestões dos utilizadores prendia-se com a ineficiência ou localização limitadora de algumas peças de mobiliário urbano; esta situação poderá ser reflexo de uma deficiente planificação do projecto de conversão – não tendo sido previsto o número e tipo de mobiliário efectivamente necessário para este espaço – ou ser sinal de um mau diagnóstico prévio, não tendo sido consideradas determinadas necessidades e/ou grupos etários. Por outro lado, poderá ser um sinal inequívoco de um novo paradigma na utilização e gestão do mobiliário urbano, quase sempre associado à premissa da imobilidade; sendo já muitos os exemplos de iniciativas de aluguer e/ou empréstimo de veículos não-poluentes, disponibilizados por diversas autarquias um pouco por todo o país, não seria de todo inconcebível disponibilizar, para uso restrito ao espaço do jardim, um conjunto de peças de

mobiliário urbano verdadeiramente móvel. Um das principais e mais evidentes vantagens desta iniciativa prende-se com um elevar do potencial de versatilidade dos diferentes espaços constituintes do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, obviando a usos individuais e colectivos mais abrangentes e inclusivos;

Introdução do elemento água – Como observado na análise aos elementos paisagísticos genericamente utilizados nos jardins ao longo da história, a ausência da água, elemento vital, simbólico e psicologicamente associado à reflexão e potenciador da sensação de frescura, é sentida por um número significativo de utilizadores. Na sua origem o Jardim da Quinta dos Sete Castelos possuiu um pequeno lago que, como vimos, por motivos de segurança teve de ser emparedado; o restauro deste elemento ou de outra qualquer configuração considerada de mais fácil e segura manutenção, em associação aos espaços de passagem – jogos de água dinâmicos por exemplo – poderiam contribuir para a devolução de uma tónica e de uma ideia historicamente correcta e recorrente a este jardim;

Recuperação/reabilitação do edifício principal – O elemento que maior consenso gerou, em termos de propostas/sugestões de intervenção no actual estado do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, prende-se com o estado de conservação do edifício principal da unidade urbana. A opinião unânime de todos os que referenciam esta situação é de que o estado actual do imóvel é um dos principais factores negativos da intervenção, que aparenta estar por concluir. As acções de restauro, recuperação e/ou reabilitação arquitectónica são usualmente dispendiosas e onerosas, podendo no entanto, para além dos aspectos práticos de devolver ao parque edificado um edifício com elevado potencial de utilização, contribuir com o valor acrescido da perpetuação da memória, e de todos os outros valores patrimoniais intrínsecos, associados a um edifício desta tipologia.

À semelhança do que tem vindo a suceder noutros exemplares de quintas de recreio espalhados pelo concelho de Oeiras, as iniciativas do poder local e do sector privado parecem privilegiar alguns edifícios, enquanto se esquecem de outros, sendo que em alguns casos, com critérios e graus de intervenção variados e por vezes algo incompreensíveis. O mesmo se passa com as intervenções nos espaços públicos: se por um lado são dispendidas dezenas de milhões de euros em novas infraestruturas e expansões de parques existentes, por outro não se concebe a ideia de melhorar a qualidade do pavimento no Jardim da Quinta dos Sete Castelos, optando pela solução mais económica.

Efectivamente, sendo a principal razão de ser do jardim a casa, em torno da qual se desenvolve, a lacuna interventiva – que vai ao ponto de não se ter sequer procedido a acções de consolidação estrutural – resulta inevitavelmente no esvaziar em grande parte do próprio

cerne da intervenção nesta unidade urbana. Tendo em conta as necessidades da população envolvente, a ausência de espaços para a instalação de equipamentos prioritários – sejam eles de carácter cultural, social, educacional ou na área da saúde – intervir, e devolver alguma função ou conjunto de funções à antiga habitação, não só é essencial como prioritário para tornar coesa e consequente a intervenção e o investimento dispendido pela autarquia, e pelos municípios de Oeiras, neste jardim.

O caso de estudo é um conjunto de espaços e atmosferas de particular significância, do ponto de vista pessoal, fazendo parte dos locais de especial relevância desde a infância. Na realidade a Quinta dos Sete Castelos sempre se constituiu como um conjunto edificado de curiosidade e interesse individual, tendo sido acompanhados de perto os três momentos por que o mesmo passou – enquanto propriedade da família d'Orey, o seu posterior abandono e degradação, finalizando com a sua aquisição e reconversão por parte da Câmara Municipal de Oeiras – consubstanciado no facto de, em criança, existirem familiares a residir nas proximidades e posteriormente, 1999, ser perto do local de residência. Na sua faceta mais recente este espaço constituiu-se como um local de predilecção para repouso e fruição, fonte de inspiração ao longo do percurso de vida. Assim, o processo conducente à elaboração da presente dissertação, bem como o delinear deste trabalho, traduziram-se como uma importante mais-valia tanto do ponto de vista pessoal – com o revisitar de memórias – bem como no aspecto profissional.

Neste processo, foi adquirido um conjunto variado de experiências e conhecimentos, conduzindo ao aprofundar do entendimento pessoal e científico no campo dos espaços públicos, com especial incidência nos jardins e espaços verdes – fruto da consulta e pesquisa bibliográfica efectuada – bem como um incremento em termos práticos, adquirido nas fases de trabalho de campo no Jardim da Quinta dos Sete Castelos. Com um futuro profissional no variado e abrangente universo da arquitectura, considera-se como uma premissa fundamental o apurar de estratégias e dos diferentes *modus faciendi* operacionais, que permitam realizar de forma eficiente a análise de espaços públicos, nomeadamente no que concerne à auscultação e à observação dos seus utilizadores, como um instrumento interpretativo e reflexivo sobre o grau de potencial de cada um dos espaços, as suas lacunas e as possíveis ações de intervenção capazes de melhorar ou diversificar as suas valências. Uma vez concluída a fase de estruturação e realização deste trabalho, a prática pessoal resulta acrescentada na capacidade de perceber de forma abrangente e integrada, o espaço arquitectónico, sua envolvente, os contextos e os modos de vida específicos.

No futuro, poderia constituir-se como uma mais-valia do ponto de vista científico, no campo específico da análise arquitectónica, o desenvolvimento do presente trabalho, procedendo-se

à análise de outros espaços públicos na proximidade do Jardim da Quinta dos Sete Castelos, de forma a estabelecer graus comparativos, noções de complementaridade e sinergia entre os diversos espaços de carácter público existentes em Oeiras, bem como lançar as bases para um método de análise e avaliação especificamente desenvolvido para este tipo de intervenções, com especial incidência nos processos de apropriação de património privado para usos públicos e semi-públicos. Ao tornar mais abrangente e diversa a estruturação de uma análise deste tipo permitiria o apuramento de um método de análise padrão, versátil o suficiente para ser susceptível de aplicação a tantos outros casos de estudo a nível nacional e internacional.

Bibliografia

- Abreu, J. A. (30 de Março de 2009). *Real Quinta de Caxias*. Acesso em 19 de Agosto de 2013, disponível em OEIRAS LOCAL, Um ponto de encontro. Um espaço de cultura. Um local onde falamos do concelho de Oeiras, de Portugal e do Mundo: <http://oeiraslocal.blogspot.pt/2009/03/real-quinta-de-caxias.html>
- Associação In Loco. (2013). Acesso em 15 de Janeiro de 2013, disponível em Portugal Orçamento Participativo: <http://www.op-portugal.org/index.php>
- Associated Newspapers. (24 de Maio de 2012). *UK weather*. Acesso em 23 de Janeiro de 2013, disponível em Mail Online News.: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2148751/UK-weather-forecast-Scotland-posts-hottest-day-year-27C-warmer-Ibiza.html>
- Bell, S. (2005). *Elements of Visual Design in the Landscape*. New York: Taylor & Francis e-Library.
- Cabral, F. C. (1993). *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- Câmara Municipal de Cascais. (23 de Abril de 2013). *Plano de Urbanização da Costa do Sol*. Acesso em 19 de Agosto de 2013, disponível em Cascais, Elevada às pessoas: <http://www.cm-cascais.pt/galeria-de-imagens/plano-de-urbanizacao-da-costa-do-sol>
- Câmara Municipal de Lisboa. (Finais do século XIX). Arquivo Fotográfico CML. *Familia Anjos na sua casa de veraneio*. Algés.
- Câmara Municipal de Oeiras. (1983). *Conhecer Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Câmara Municipal de Oeiras. (1996). *Oeiras, o Património a História*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Câmara Municipal de Oeiras. (2013). *Monumentos e lugares históricos, palácios e quintas*. Acesso em 5 de Janeiro de 2014, disponível em Oeiras marca o ritmo: <http://www.cm-oeiras.pt/voeiras/Turismo/MonLugHist/Paginas/PalacioseQuintas.aspx>
- Carita, H., & Cardoso, H. (1998). *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Coutinho, J. M. (Abril de 2006). Sobre o avô Waldemar. *Gazeta d'Orey N.º 6*, p. 2. Acesso em 15 de Abril de 2013, disponível em http://www.dorey.pt/gazetas/gazetadOrey_6.pdf
- Cullen, G. (1961). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, M. d. (Abril de 2006). Quando a mãe ficou com os Sete Castelos. *Gazeta d'Orey N.º 6*, p. 3. Acesso em 15 de Abril de 2013, disponível em http://www.dorey.pt/gazetas/gazetadOrey_6.pdf

- Dias, R., Marinho, H. T., Ribeiro, L. P., Dias, M. J., Correia, J., Lisboa, A., . . . Severino, E. (2009). *Património Paisagístico e Jardins Históricos Experiências e Reflexão*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- Edições Martins & Silva. (Início do século XX). Oeiras - Portugal (postal da coleção privada de Paulo Nogueira). *Vista Geral de Santo Amaro*. Lisboa.
- Escultura III 2008/9. (17 de Maio de 2009). *À conversa com Margarida d'Orey Velasco*. Acesso em 22 de Maio de 2013, disponível em Blog da turma de 4.º ano da licenciatura de Escultura da FBAUL: <http://finalistas09escultura.blogspot.pt/2009/05/>
- Fernandes, F. (26 de Maio de 2012). *Arte da Mesopotâmia*. Acesso em 23 de Janeiro de 2013, disponível em Arte com Fábio Fernandes: <http://artecomfabiofernandes.blogspot.pt/2012/05/arte-da-mesopotamia.html>
- Fortin, M.-F. (1999). *O Processo de Investigação, da concepção à realização*. Loures: Lusociência - Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Jacobs, J. (1961). *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Jellicoe, G. a. (1995). *The Landscape of Man, Shaping the Environment from Prehistory to the Present Day*. London: Thames & Hudson.
- Lynch, K. (2008). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Magalhães, M. R. (2001). *A Arquitectura Paisagista Morfologia e Complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Mendonça, F. (6 de Novembro de 2009). *Oeiras, Quinta dos Sete Castelos - Residência de Cientistas*. Acesso em 23 de Junho de 2013, disponível em Skyscrapercity: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=996867>
- Miranda, J. (9 de Agosto de 2005). *Conimbriga, calçada*. Acesso em 15 de Janeiro de 2013, disponível em Wikipédia. A enciclopédia livre: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Conimbriga_calcada_4.jpg#filehistory
- Pereira, J. M. (18 de Julho de 2011). *Forte de São Julião da Barra*. Acesso em 18 de Julho de 2013, disponível em História de Portugal. O guia online da história de Portugal: <http://www.historiadeportugal.info/forte-de-sao-juliao-da-barra/>
- Pires, A. G. (2007). O Lugar da Quinta de Recreio na periferia de Lisboa. *Revista do Mestrado em Teorias da Arte da FBAUL - N.º 9*, 79-91.
- Plataforma Barómetro Social. (2013). Acesso em 15 de Janeiro de 2013, disponível em Plataforma Barómetro Social. Plataforma virtual de reflexão e de análise sobre a sociedade portuguesa e o seu posicionamento no contexto internacional.: <http://barometro.com.pt/dimensoes-de-analise>

- PRA Comunicar. (18 de Agosto de 2013). *Home, Notícias, Quinta do Torneiro*. Acesso em 19 de Agosto de 2013, disponível em PRA Comunicar: <http://pracomunicar.com/pt/?p=499>
- Rocha, F. S. (25 de Novembro de 2009). *Quinta e Palácio do Egipto*. Fonte: Oeiras com História, Cultura, Património e Indústrias Criativas: <http://oeirascomhistoria.blogspot.pt/2009/11/quinta-e-palacio-do-egipto-em-oeiras.html>
- Rocha, F. S. (18 de Julho de 2012). *Ramalho Ortigão e o vapor de Pedrouços a Cascais*. Acesso em 19 de Agosto de 2013, disponível em Oeiras com História, Cultura, Património e Indústrias Criativas: <http://oeirascomhistoria.blogspot.pt/2012/07/ramalho-ortigao-e-o-vapor-de-pedrococos.html>
- Rodrigues, J. (1993). *Arte, Natureza e a Cidade*. Porto: Edição Árvore.
- Sacchetti, A. (1998). *Rua do Açúcar*. Acesso em 24 de Julho de 2013, disponível em Ruas de Lisboa com alguma História: <http://aps-ruasdelisboacomhistoria.blogspot.pt/2013/06/rua-do-acucar-ix.html>
- Santa-Rita, I. M. (1995). *A Vivência na Cidade*. Lisboa: Edição de autor.
- Whyte, W. H. (1980). *The Social Life of Small Urban Spaces*. New York: Project for Public Spaces.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Inquéritos

1.1. Minuta dos Inquéritos-piloto

Inq. XX

INQUÉRITO

NOME: _____ SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

NACIONALIDADE: _____

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL /

MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu “SIM” à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

2.3. Se respondeu “NÃO” à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu “SIM” à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/caracteriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?

Obrigado pela sua colaboração!

1.2. Minuta dos Inquéritos (2.ª fase)

Inq. XX

INQUÉRITO

NOME: _____ SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

NACIONALIDADE: _____

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? _____

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL /
MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

_____ / _____ / _____

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

Obrigado pela sua colaboração!

1.3. Inquéritos efectuados

Inquérito 1 (fase piloto)

22 MARÇO 2013 - 14:15h Inq. 1

INQUÉRITO

NOME: JORGE SILVA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 34 PROFISSÃO: BIOLOGO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO CAXIAS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEIOS DE BICICLETA (COSTUMA VIR ATÉ OELHAS)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
MESAS / CADEIRAS JUNTO DO BELVADO

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
DE UMA FORMA GERAL ESTÁ BEM. PODERIAM TER SIDO UTILIZADAS ESPÉCIES ARBÓREAS MAIS APROPRIADAS AO ESPAÇO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/caracteriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
AGRÍVEL, CALMO, RELAXANTE,

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
LER, OUVIR MÚSICA (DURANTE AS PAUSAS DOS PASSEIOS DE BICICLETA)

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
A VEGETAÇÃO E ESPÉCIES ARBÓREAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
LIVRARIA, CAFETARIA, PEQUENAS LOJAS (COMO A CASA DA GUA EM CASCAIS)

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
JARDIM MUNICIPAL, PAREDO, QUINTA DO NARCELOS.

Obrigado pela sua colaboração!

2

22 MARÇO 2013 - 14:15h Inq. 1

INQUÉRITO

NOME: JORGE SILVA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 34 PROFISSÃO: BIOLOGO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO CAXIAS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEIOS DE BICICLETA (COSTUMA VIR ATÉ OELHAS)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
MESAS / CADEIRAS JUNTO DO BELVADO

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
DE UMA FORMA GERAL ESTÁ BEM. PODERIAM TER SIDO UTILIZADAS ESPÉCIES ARBÓREAS MAIS APROPRIADAS AO ESPAÇO.

Obrigado pela sua colaboração!

1

Inquérito 2 (fase piloto)

22 MARÇO 2013 - 15:00h Inq. 2

INQUÉRITO

NOME: ALBERTINA RODRIGUES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 72 PROFISSÃO: RECREIANA (EMP. DOMÉSTICA)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO BAIRO (PRÉDIOS)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA 2 A 3 VEZES POR SEMANA

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
HOBA PERTO, VAI PASSEAR COM A NETA

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
MESAS / CADEIRAS JUNTO DO BELUNDO

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
MELHORAR PASTANTE. ESTAVA CHEIO DE ERVAS E ATRÁIA GARRULAGEM. AGORA ESTÁ LIMPIO E MUITO AGRADÁVEL

1

Inq. 2

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES
OS BANCOS PODIAM SER MAIS CONVENIÊNCIAS.

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
BONITO, AGRADÁVEL, SEGURO (ESTÁ RESEGNADO)

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEAR E BRINCAR COM A NETA (PASSAR O TEMPO ATÉ A FILHA VIR BUSCAR A NETA)

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
RECUPERAR A HABITAÇÃO. COLOCAR BALCÕES E ESCORREGAS PARA A NETA (BUTINA QUE A NETA SUBISSE AS ESCORREGAS)

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
DEVEIA SER RECUPERADA SEM OPINIÃO POR NADA QUANTO AO FIM DA MESMA

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 3 (fase piloto)

Inq. 3

2 ABRIL 2013 - 17:35h

INQUÉRITO

NOME: FERNANDO HELO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 31 PROFISSÃO: BACHAN

NACIONALIDADE: BRASILEIRO

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO BAIRRO (PREDOS)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
GOSTO POR ESTAR PERTO DA NATUREZA E EM SOSEGO

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
BANCOS JUNTO DOS BANHOS

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
DEBERIA ESTAR MAIS ABERTIVO E TER ESPAÇOS DESTINADOS A ACTIVIDADES DESPORTIVAS.

1

Inq. 3

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
INTERESSANTE, SOSEGADO, BOM BARRIO PARA DESCANSAR, RELAXAR, MEDITAR E LER.

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEAR, LER, ESTUDAR, TIRAR FOTOS, CONVIVER COM AMIGOS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
COLOCAR UM RANGELIND PARA CRIANÇAS, MÁQUINAS DE EXERCÍCIO/GINÁSTICA, UM CAFÉ/ESPLANADA E UM CASO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
BIBLIOTECA COM SALAS DE LEITURA E UM CYBERCAFÉ COM RECEIÇÕES RÁPIDAS

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
PARQUE DOS POETAS, QUINTA DA ALFESCA, JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 4 (fase piloto)

Inq. 4

11 ABRIL 2013 - 18:19h

INQUÉRITO

NOME: CARLA GEBEIRA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 33 PROFISSÃO: ILUSTRADORA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO LISBOA (BOFICA)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
TRABALHA PERTO (UTILIZA O ESPAÇO NAS HORAS LIVRES)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
BANCOS JUNTO DOS BAMBÚS

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
PODIA ESTAR MELHOR. TEM ZONAS AGRADÁVEIS MAS ENTÃO OUTRAS NÃO CONSTITUÍAM TANTO AO USUÁRIO.

1

Inq. 4

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES
DEVERIA ESTAR MAIS BEM ENQUADRADO COM A ENVOLVENTE.

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
AGRADÁVEL, ACHEDEIR A ZONA DAS ÁRVORES É MUITO FECHADA, DEVERIA TER MAIS LUMINOSIDADE

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
DESCANSAR, TER TAPAS FRIAS, ENCONTRO COM AMIGOS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
CREAR ESPAÇOS DESTINADOS ÀS CRIANÇAS PARQUE DE SEATE, UM CAFE/COMOQUE E MAIS ABERTURAS DE LUZ NA ZONA ARBOREZADA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
ESPAÇO CULTURAL, GALERIA PARA EXPOSIÇÕES, LOJAS ARTESANATO, ATELIERS, EVENTUAIS ESCRITÓRIOS PARA ALUGAR

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
PARQUE DOS POETAS, PARQUE DO PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 5 (fase piloto)

Inq. 5

18 ABRIL 2013 - 14:30h

INQUÉRITO

NOME: FERNANDA PAES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 42 PROFISSÃO: EDUCADORA INFÂNCIA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO CASCAIS (BAIRO RESERVA)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA DEPENDENDO DO TEMPO

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
ESTÁ PERTO DO LOCAL ONDE TRABALHA E LEVA CRIANÇAS A BRINCAR.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
NORMALMENTE ESTAMOS NO BELVARD PORQUE AS CRIANÇAS BRINCAM NESTE ESPAÇO

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
DE UMA FOCHA GENÉRICA ESTÁ BEM.

1

Inq. 5

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES:
BAIXO PRECIO PARA AS CRIANÇAS.

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIMPÁTICO, AGRADÁVEL EM DIAS QUENTES. MUITO FRIO E DESAGRADÁVEL FORA DO VERÃO.

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
BRINCAR E PASSEAR COM AS CRIANÇAS

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
CRIAVA ESPAÇOS PARA AS CRIANÇAS E HOBIÓTIPO URBANO APROPRIADO PARA AS MESMAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
ESPAÇO CULTURAL SALAS PARA ATL

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 6 (fase piloto)

Inq. 6

18 ABRIL 2013 - 16:00h

INQUÉRITO

NOME: ROGÉRIO DALCÃO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 61 PROFISSÃO: RECBONADO (ADVOGADO)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO BAIRRO (VIGÉNDIS)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA SEMPRE QUE VAI AO PARQUE

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LOCAL DE PASSAGEM QUANDO VAI PASSAR AO PARQUE.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

APESAR DE NÃO FAZER MUITO GOSTA DOS BANCOS POR BAIXO DAS BÉRGULAS

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA BEM MAS O ESTADO DA HABITAÇÃO É LASTIMAVEL

1

Inq. 6

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequeadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

APESAR DE NÃO UTILIZAR MUITO...

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIMPÁTICO, AGRADÁVEL A NÍVEL VISUAL

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEIO

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

SUBSTITUIR A GRAMINHA DAS ZONAS FEDORAIS POR UM PAVIMENTO MAIS ADEQUADO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UM CLUBE PARA CONVÍVIO DE IDOSOS E PESSOAS DO BAIRRO

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?

JARDIM MUNICIPAL E PARQUE

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 7 (fase piloto)

Inq. 7

18 ABRIL 2013 - 21:30h

INQUÉRITO

NOME: PATRICIA BRANCO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 38 PROFISSÃO: INSPECTORA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO BAIRRO (PREDIOS)

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PERTO DE CASA, ESPAÇO NATURAL MUITO BONITO E AGRADÁVEL.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
RELVADO (PERTO DAS LARANJEIRAS / PEREGRINA)

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
CONSIDERA MUITO ADEQUADO E ADAPTADO AS NECESSIDADES DOS RESIDENTES. GOSTA DAS OBRAS DAS PLANTAS ESCOLHIDAS E DOS DIFERENTES AMBIENTES EXISTENTES.

1

Inq. 7

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguadeiras/outras) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
TEM MUITO BOM DESENHO PARA UM JARDIM INSERIDO NUM BAIRRO E COM ESPECÍFICOS INTERESSES SAZONIS

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
DESCANÇAR, LER, E FREQUENTAR O RESTAURANTE/ESPLANADA. COMO TEM VÁRIOS ESPAÇOS PERMITE DIFERENTES UTILIZAÇÕES, FESTAS E PIQUENIQUES.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
NADA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
NADA QUE IMPLIQUE MUITA CONSERVAÇÃO. SEM OPINIÃO DEFINIDA.

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
PARQUE DOS POETAS, QUINTA DO MARQUÊS

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 8 (fase piloto)

Inq. 8

21.06.2013 - 16.00h

INQUÉRITO

NOME: ANA CESTINA RODRIGUES SEXO: FEM / MASC

IDADE: 50 PROFISSÃO: ENGENHEIRA MECÂNICA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO SEIXAL

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PARQUE É UM LOCAL AGRÁVEL E OS SOGROS
VIJEM PERÍODOS (HORARIAS PAISOS)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
ZONAS DOS PAISOS

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
ESTÁ BEM ARREBITADO O ESPAÇO.

1

Inq. 8

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
 ADEQUADO / INADEQUADO
 SUFICIENTE / INSUFICIENTE
 OBSERVAÇÕES
POUCO CONCRETÁVEIS

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
ESPAÇO NOSTÁLGICO E INTERESSANTE APESAR
DE PODER SER MELHORADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEAR, HERDAR E TOMAR CAFÉ

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
COLOCARIA UM RANGROUND E MAIS BANCOS,
RECUPERARIA A HABITAÇÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
CENTRO CULTURAL

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
PAREDAO.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 9 (fase piloto)

Inq. 9

21 ABRIL 2013 - 16.05h

INQUÉRITO

NOME: ANTONIO RODRIGUES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 40 PROFISSÃO: DIRECTOR FINANCEIRO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO LECEIA

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 POR SER UM ESPAÇO AGRADÁVEL E POR TER AMIGOS A VIVER PERTO (FIGUEIRINHA)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 /

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
 RECURSOS DEBAIXO DAS ÁRVORES

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
 REQUALIFICAÇÃO POSITIVA

1

Inq. 9

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?
 ADEQUADO / INADEQUADO
 SUFICIENTE / INSUFICIENTE
 OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/carateriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 JARDIM TRANQUILIZANTE, BOM LOCAL PARA DESCANSAR, PARA LER UM LIVRO.

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 PASSAR, MEDITAR, LER, TOMAR CAFÉ

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
 COLOCARIA MAIS BANCOS E REQUALIFICARIA A HABITAÇÃO

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
 GALERIA DE ARTE.

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
 PARQUE DA PAREDAO

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 10 (fase piloto)

22 ABEU 2013 - 16.15h Inq. 10

INQUÉRITO

NOME: JOSE SEBEDO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 23. PROFISSÃO: ADJUNTE COEINHA

NACIONALIDADE: CABO VERDE

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO PERTO DO CENTRO

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 ESTÁ PERTO DE CASA E DO TRABALHO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 /

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
 ESPREGUICADURA AO PÉ DO ANEXO (PEQ.)

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
 FIXE, SEM FEITO.

1

Inq. 10

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguicadeiras/outros) existentes no local?
 ADEQUADO / INADEQUADO
 SUFICIENTE / INSUFICIENTE
 OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreve/caracteriza o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 BONITO, SOSSEGADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
 DEBULHAR A SEDA, PASEAR NAS HORAS VINGAS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
 CONSTRUÍRIA CASAS DE BANHO PÚBLICAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
 RESIDÊNCIA / ALBERGUE PARA ESTRANGEIROS.

10. Frequenta outros jardins ou parques públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros jardins ou parques públicos que frequenta?
 JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS FLORES, PARQUE DA PAREDA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 11 (2.ª fase)

Inq. 11

2 MAIO 2013 - 11.00h

INQUÉRITO

NOME: SANDRA ANDRADE SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 41. PROFISSÃO: ESTUDANTE / DESEMPREGADA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? BENEFICA / LISBOA

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PRECISO TER UM FILHO DE 3 ANOS E COMEÇAR A CONTROLAR NO ESPAÇO A CRIANÇA. TEM AMIGOS QUE RESIDEM PRÓXIMO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA DOS BAMBUS.

1

Inq. 11

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

GOSTA, MAS RECALHE QUE PODERIA SER MELHORADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

CALHO / ACOLHEDOR / PESSOA

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

BEINGAR COM FILHO, TER CONVÍVIO COM AMIGOS

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECUPERAR A CASA, PLANTAR PARA CRIANÇAS

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO PARA CRIANÇAS, JOGOS E ANIMAZ. (A SELEÇÃO DO QUE É FEITO NO ESTABELECIMENTO)

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PARQUE DOS PRETAS, MAGLINA DE CEIRAS

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 12 (2.ª fase)

Inq. 12

2 MAIO 2013 — 15.30h

INQUÉRITO

NOME: CÁTIA MONTEIRO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 33 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? PALHEIRAS / OBRAS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA TODO ESTÁ ACHTEIRO

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PERIO DA ESCOLA QUE FREQUENTA

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ALPENDRE JUNTO AO BELVARD

1

Inq. 12

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BOMTO E BEM TRATADO O JARDIM

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES FREQÜENTEMENTE TEMOS CADIEIRAS DO CAFÉ PORQUE NÃO EXISTEM ONDE GOSTARIAMOS.

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BOMTO / CALMO / CENTRAL

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVÍVIO COM AMIGOS, DEGAR AS CARTAS

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

DISPONIBILIZAVA CADIEIRAS PARA AS PESSOAS LEVAREM PARA ONDE LHEM ARTECE

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UM BAR / TASCARIA / LIVRARIA

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 13 (2.ª fase)

Inq. 13

2 MAIO 2013 - 15.45h

INQUÉRITO

NOME: MUNHO MIGUEL SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 19 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUES

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PRÓXIMO DE CASA E DA ESCOLA. É UM SÍTIO
SOSSEGADO PARA VIR COM AMIGOS.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ALLENDE JUNTO DO BELUADO.

1

Inq. 13

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BOM MAS PODERIA ESTAR MELHOR.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: DEVERIA TER MAIS CABEIRAS

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

TRANQUÍLO / BONITO / RECONCIDO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVÍVIO COM AMIGOS, FUMAR UHAS
BROCCAS (PISOS)

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECENSTRUIR A CASA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UM BAR / RESTAURANTE PAST FOOD.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDAO (SANTO ANA DO CEIRAS)

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 14 (2.ª fase)

Inq. 14

5 MAIO 2013 - 15.00h

INQUÉRITO

nome: LUÍSI (NÃO DEU APELIDO) SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 18 PROFISSÃO: NÃO TEM (DESEMPREGADO)

NACIONALIDADE: MOÇAMBICANO

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

VENHO ENCONTRAR-ME COM AMIGOS.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ALFENDE JUNTO DO BELVARD

1

Inq. 14

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA ÓPTIMO

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreijaladeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

FEIXE / BEN LOCALIZADO / SESESEGADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVÍVIO COM OS AMIGOS, AFANAR SE.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

NADA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

MINI CENTRO COMERCIAL.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 15 (2.ª fase)

Inq. 15

3 MAIO 2013 — 13:30h

INQUÉRITO

NOME: CÉLIA MARTINS SEXO: FEM / MASC.

IDADE: 16 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

FICA PERTO DE CASA E COSTUMO VIR PASSEAR COM A AVO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

PÉRGOLA JANTO DA CASA

1

Inq. 15

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BONITO E BEM TRATADO. É UMA PENA A CASA ESTAR EM TÃO MAU ESTADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES:

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

AGRADÁVEL / SOSSEGADO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR COM A AVO.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECONSTRUIA A CASA E COLOCAVA UM PISO MAIS CONFORTÁVEL PARA A AVO AJUDAR MELHOR.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ABRIA A IGREJA AO PÚBLICO QUANTO A CASA NÃO TEM IDEIA.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 16 (2.ª fase)

Inq. 16

1 MAIO 2013 — 17:40h

INQUÉRITO

NOME: M.ª ANTONIA FERBEIRA SEXO: FEM. / MASC

IDADE: 61 PROFISSÃO: RECEBADA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
É UM SÍTIO AGRADÁVEL PARA ESTAR E PASSEAR.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
BÉRGOLA JUNTO DA CASA. TEM-SE UMA BOA VISTA PARA TODO O JARDIM.

1

Inq. 16

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
FIÇU MUITO MELHOR.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES: /

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?
AGRADÁVEL / CALMO / RECONHECIDO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEAR COM A NETA (INO. 15).

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
O PAVIMENTO DOS PASSEIOS TORNA-SE INGRATO PARA QUEM TEM DIFICULDADES MOTORAS.
ALGO QUE NÃO TIRASSE O SOSSEGO E CALMA DO ESPAÇO.

10. Frequentas outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequentas?
/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 17 (2.ª fase)

Inq. 17

9 MAIO 2013 — 10.15h

INQUÉRITO

NOME: FRANCISCO GUEDES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 31 PROFISSÃO: RECREADOR (HARINIA)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

QUANDO ESTÁ BOM TEMPO SABE-HE BEM VIE ATÉ AQUI. A FILHA É DA FREQUENTADORA DA CASA QUANDO ANDA PARTICULAR (ATL).

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

O RELVADO.

1

Inq. 17

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA DIFERENTE DO QUE FOI EM TEMPOS APESAR DE BOMTO PERDEU IDENTIDADE.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengidaieiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BOMTO / HISTÓRICO / CALMO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR ESSENCIALMENTE PARA ESTAR BREVES O SEU JARDIM PARTICULAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

NECESSAVA ÀS ORIGENS CULTIVADA HERBA, TALVEZ REABRIR UM ATL.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ATL.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDAO, LARGO DA TEREJA (SID. ANAEO).

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 18 (2.ª fase)

Inq. 18

9 MAIO 2013 — 16.00h

INQUÉRITO

NOME: ANALI PARIS SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 33 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: BRASILEIRA (MÃE BRANCA)

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

O IRMÃO ESTÁ NO JARDIM ESCOLA PRÓXIMO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? /

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA DOS BANHOS

1

Inq. 18

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

NÃO CONHECIA ANTES MAS PARECE-LHE BEM.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguidadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

INTERESSANTE/ RELAXANTE / TRANQUÍLO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR, LER, FAZER TEMPO PARA IR BUSCAR O IRMÃO AO JARDIM ESCOLA.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR BALCÕES E ESCOBREGAS PARA CRIANÇAS

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

BIBLIOTECA / LUDOTECA

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRATA, JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 19 (2.ª fase)

12 MAIO 2013 — 14.00h Inq. 19

INQUÉRITO

NOME: SARA ANDRE SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 41 PROFISSÃO: FUNCIONÁRIA PÚBLICA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

JARDIM MUITO AGRÁVEL, PERTO DE CASA, FAZ LEMBRAR A QUINTA DA FAMÍLIA NO RIBATELO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

BELUADO PEQUENO

1

Inq. 19

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA MUITO BEM. DEVERIAM RECUPERAR A CASA

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengulgateiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

VERDEJANTE / FRESCO / CALMO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR, LER, APANHAR SOL NO BELUADO.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

BÁSICAMENTE RECUPERAR A CASA E COLLOCAR ESTEIRAS PARA AS PESSOAS DEITAREM TRANQUILAMENTE NO BELUADO

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ALGO QUE NÃO COHIBISSE O ACESSO DO JARDIM.

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDEÃO, MARINA DE OEIRAS

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 20 (2.ª fase)

Inq. 20
12 MAIO 2013 — 16.15h

INQUÉRITO

NOME: ELSA BARRO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 38 PROFISSÃO: COORDENADORA (EMP. TELECOM.)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? LISBOA

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

OS PAIS VIVEM PRÓXIMO (APARTAMENTO)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

RELUADO, HESAS E CADEIRAS AO PÉ DO MESMO.

1

Inq. 20

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ MUITO BEM, JÁ SE NOTA ALGUMA DEGRADAÇÃO DO MOBILIÁRIO URBANO E ALGUMAS PLANTAS.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiteiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

TRANQUILO / SEGURO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR, DESCANSAR, BEBER CAFÉ.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

TRATAR AS PLANTAS ESTRAGADAS E OS BANCOS E RECORRELA A CASA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO REABILITAÇÃO / FISIOTERAPIA E MEDICINAS ALTERNATIVAS

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDAO, PARQUE DOS REIS, PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 21 (2.ª fase)

14.11.2013 — 14.00h Inq. 21

INQUÉRITO

NOME: GRAXA FIGUEIREDO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 46 PROFISSÃO: INSPECTORA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

DEVIDO À PROXIMIDADE DE CASA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

ESPLANADA (RESTAURANTE).

1

Inq. 21

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

REQUALIFICAÇÃO BOA NO ENTANTO DEVERIA RECURRAR A CASA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: BANCOS DESCONFORTÁVEIS

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

APAZIVEL / TRANQUILO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

FREQUENTA A ESPLANADA / RESTAURANTE

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR MAIS MOBILIÁRIO URBANO E MAIS CONFORTÁVEL.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO COMERCIAL (EXEMPLO CASA DA GLIA EM CASCAIS).

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDEÃO, PARQUE DOS POETAS, JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 22 (2.ª fase)

Inq. 22

21 MAIO 2013 — 18.30h

INQUÉRITO

NOME: CONSTÂNCIO FIGUEIREDO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 36 PROFISSÃO: RECBORNADO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? _____

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

ESTA PERTO DE CASA. GOSTA DE FAZER OS
HINHADAS.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

BANCOS DEBAIXO DA PÉSSOA.

1

Inq. 22

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

JARDIM BEM REQUALIFICADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreagueadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

CALHO / FRESCO / PEQUENO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR E LER.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

ALTERAVA O PAVIMENTO DAS ZONAS DE
PASSEIO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

BIBLIOTECA / LIVRARIA / SALAS DE ESPECTÁCULOS.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

_____ / _____

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 23 (2.ª fase)

Inq. 23

23 MAIO 2013 — 9.30h

INQUÉRITO

NOME: MARIA VÍTORIA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 53 PROFISSÃO: ADMINISTRATIVA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL /

MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PERTO DE CASA, VEM PASEAR O CÃO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA ARBORIZADA (CIRCUIOS)

1

Inq. 23

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

MELHOROU BASTANTE A ZONA

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

APRAZÍVEL / SOSSEGADO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASEAR O CÃO.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECUPERAR A CASA, COLOCAR SACOS PARA DEJECTOS DOS CAES CONDIÇÃO HA' NOOUTRAS ZONAS EN OBRAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ESCRITÓRIOS PARA ALUGAR

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 24 (2.ª fase)

Inq. 24

23 MAIO 2013 — 17.00h

INQUÉRITO

NOME: HÉLIA MARQUES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 43 PROFISSÃO: PROFESSORA ENSINO BÁSICO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LOCAL AGRADÁVEL PERTO DE CASA. CONVÊNIÊNCIA COM AMIGAS PARA IR EM PASSEAR.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ESPLANADA DO CAFÉ E BANCOS DEBAIXO DA PÉRGOLA.

1

Inq. 24

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

PODIA ESTAR MELHOR MAS DE UMA FORMA GERAL ESTÁ BEM.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguladeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: DEVERIAM TER MAIS BANCOS.

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

FRESCO / UTIL / CALMO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

BEBE CAFÉ E ESPERA PELAS AMIGAS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCARIA MAIS BANCOS. EVENTUALMENTE ALGUNS QUE NÃO POSSAM FIXOS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

BIBLIOTECA / LUDOTECA / ATL.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDEAS, PRAIA, JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 25 (2.ª fase)

26 Maio 2013 — 16.30h Inq. 25

INQUÉRITO

NOME: CARLOS ALBERTO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 39 PROFISSÃO: POE ESCOLA SURF.

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? /

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SÓ COSTUMA IR A CASA DOMING, AOS FINS DE SEMANA ESTÁ OCUPADO E NÃO TENHO HÁBITO DE FREQUENTAR JARDINS.

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere? /

1

Inq. 25

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

DO QUE SE LEMBRA A QUINTA ESTAVA ABANDONADA E FOI UMA GRANDE MELHORIA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES:

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

SIMPÁTICO / CALMO / MONÓTONO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SÓ PASSAGEM.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

NADA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ALGO CULTURAL, MAS NUNCA PENSOU MUITO NO ASSUNTO.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIAS.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 26 (2.ª fase)

28 MAIO 2013 — 10.15h Inq. 26

INQUÉRITO

NOME: EDNA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 42 PROFISSÃO: EMP. DOMÉSTICA

NACIONALIDADE: MOCAMBICANA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? FAÇO DE ARCOS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

FAZ LIMPEZAS EM CASAS AÍ PERTO. VAI PASSEAR COM A PATROA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

RELVADO GRANDE.

Inq. 26

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA' MUITO BONITO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequeadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BONITO / SEURO / ABEIADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR COM A PATROA.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR UM PAVIMENTO MELHOR, A PATROA TEM DIFICULDADE EM ANDAR LA. UM LAR OU RESIDÊNCIA PARA IDOSOS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

_____ / _____

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

_____ / _____

Obrigado pela sua colaboração!

Inquérito 27 (2.ª fase)

28 MAIO 2013 - 10.30h Inq. 27

INQUÉRITO

NOME: GUILHERMINA MACHADO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 33 PROFISSÃO: REPOZICIONADORA PUNÇÃO PÚBLICA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

TAMBÉM TEM JARDIM MAS DE VEZ EM QUANDO GOSTA DE DAR UM PASSEIO E É PERIO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

GOSTA DE TODAS AS ZONAS.

1

Inq. 27

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA MUITO BONITO MAS DEVIAM REQUALIFICAR A CASA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiçadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES:

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

ARRAZUELO / PACATO / BEM FREQUENTADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEIO

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECUPERAR A CASA E MUDAR O CHÃO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO DE DIA PARA IDOSOS.

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 28 (2.ª fase)

30 MAIO 2013 — 18.00h Inq. 28

INQUÉRITO

NOME: JOÃO COSTA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 16 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: BRASILEIRO

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LOCAL CALMO PERDIDO DE CASA. REUNIR-SE COM OS AMIGOS.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ALPENDRE JUNTO AO BEIADO.

1

Inq. 28

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

NÃO CONHECIA ANTES, MUDOU-SE À TRÊS ANOS.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiteiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

COSTOSO / CALMO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVIVE COM OS AMIGOS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR BALCÕES E ESCOREGAS PARA CRIANÇAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO DE ESTUDOS.

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA, JARDIM MUNICIPAL

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 29 (2.ª fase)

Inq. 29

30 MARÇO 2013 — 18.15h

INQUÉRITO

NOME: MAGINA SILVA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 16 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

ESTA' PERTO DE CASA. PASSA TEMPO COM AMIGOS ENTRE SAIR DA ESCOLA E IR PARA CASA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ALPENDRE JUNTO AO BELVARD.

1

Inq. 29

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

FOI MUITO BEM REQUALIFICADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BEM TRATADO / CALMO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVIVE COM AMIGOS. JOGA AS CARTAS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

FAZEM FALTA MESAS E CADEREAS AULAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

LOJAS, LUBRARIA, CAFE'

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIÁ, JARDIM MUNICIPAL.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 30 (2.ª fase)

Inq. 30

2 JUNHO 2013 — 15.20h

INQUÉRITO

NOME: SARA MATOS SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 16 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? CAXIAS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

A AVÓ NOGA PERTO E ANDA NA ESCOLA PERTO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

RELEVADO GRANDE.

1

Inq. 30

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

NÃO CONHECIA ANTES, SO VIA POR FORA E DO QUE LHE PARECE ESTA MUITO MELHOR.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengaladeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BONITO / VERDEJANTE / ZEN

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVIVE COM OS AMIGOS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

GINÁSIO.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS PEIXES.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 31 (2.ª fase)

Inq. 31

2 JUNHO 2013 — 16.00h

INQUÉRITO

NOME: ELDA MARIA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 60. PROFISSÃO: FLORESTA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? AGRANDES

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

FIHO VIVE PERTO, QUANDO O VISITA COSTUMA VIR PASSAR AO JARDIM.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

BANCOS DOS BANCOS

1

Inq. 31

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

O ESPAÇO ESTA CUIDADO E MELHOR DO QUE ESTAVA. É PENSA A CASA AINDA ESTAR EM RUÍNA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BEM SITUADO / AGRADÁVEL / COM VALOR HISTÓRICO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSAR, LER.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECORRERIA A CASA, COLOCARIA JANGOS E REPUXOS E COLOCARIA MAIS BANCOS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

BIBLIOTECA, GALERIA DE ARTE.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA, JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS POETAS

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 32 (2.ª fase)

Inq. 32

4 JUNHO 2018 — 18.10h

INQUÉRITO

NOME: VICENTE FERNANDES SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 63 PROFISSÃO: EMPRESÁRIO

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? LUNJAR

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

A IRMÃ RESIDE PRÓXIMO + COSTUMA VIR VISITA-LA E NESSAS OPORTUNIDADES VAI AO JARDIM.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

RELUADO PEQUENO.

1

Inq. 32

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

EXCELENTE REQUALIFICAÇÃO

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequeadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

APREIUEL / CUIDADO / FRESCO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

COSTUMA DEIXAR-SE OU SENTAR NO RELUADO À SOMBRA A DESCANSAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR EQUIPAMENTOS DE DESPORTO E PARA CRIANÇAS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CASA CULTURAL + ESCOLA MÚSICA, TEATRO.

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDEÃO.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 33 (2.ª fase)

Inq. 33

6 JUNHO 2013 — 10.05 h

INQUÉRITO

NOME: LUIS PEDRO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 44 PROFISSÃO: PROFESSOR

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURIFAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? ERICEIRA

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

MÃE VIVE PERTO (PREDIOS)

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA DOS BAIBÚS

1

Inq. 33

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

REQUALIFICAÇÃO POSITIVA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BEM TRATADO / BEM LOCALIZADO / APEAREVEL

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

BASSEIO OU PASSAGEM PARA A PRAIA.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

PLAYGROUND PARA CRIANÇAS. SENTE-SE FALTA DO BLENHEJO ÁGUA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ALGO LIGADO À CULTURA.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 34 (2.ª fase)

Inq. 34

9 JUNHO 2013 — 18.45h

INQUÉRITO

NOME: MARGARIDA PINHO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 35 PROFISSÃO: ENGENHEIRA CIVIL

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

ESPAÇO AGRADÁVEL PRÓXIMO DE CASA. PASEAR COM BEBÉ.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

BANCOS PRÓXIMO DO RELVADO

1

Inq. 34

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

BENEFICIA BASTANTE A ZONA

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequeadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

TRANQUILO / AGRÁVEL / MÍSTICO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LER, OUVIR MÚSICA, DESCANSAR, PASEAR O FILHO.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECUPERAVA A CASA / PAVIMENTAVA AS ZONAS DE CIRCULAÇÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CASA DE CULTURA.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PARQUE DOS POETAS, PARQUE DO RELVADO, PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 35 (2.ª fase)

Inq. 35

9 JUNHO 2013 — 19.00h

INQUÉRITO

NOME: RODRIGO PINTO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 31 PROFISSÃO: AGENTE IMOBILIÁRIO (ENS.)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PERTO DE CASA, PASSEAR COM BEBÉ.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

BELVÃO.

1

Inq. 35

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

FOI BENÉFICA O BAIXO PRECISAVA DE UM JARDIM NA ZONA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outras) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

AGRADÁVEL / CUIDADO / SEGURO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LER, DESCANSAR, PASSEAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

ALTERAÇÃO DO PAVIMENTO, NÃO É PRÓPRIO PARA CARRINHO DE BEBÉ, CADEIRAS BOMAS, ETC.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ALGO RELACIONADO COM CULTURA, ARTES.

10. Frequentar outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PARKUE DOS ROETAS, PARQUE, PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 36 (2.ª fase)

11 JUNHO 2013 — 20.30h Inq. 36

INQUÉRITO

NOME: VÍCTOR MACEDO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 40 PROFISSÃO: MÉDICO (CARDIOLOGISTA)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
FREQUENTA O RESTAURANTE / CAFÉ.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
IDENTIFICA-SE COM A HABITAÇÃO JÁ QUE A CONHECE DESDE PEQUENO.

1

Inq. 36

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
DE UMA FORMA GERAL FOI BEM REQUALIFI-
CADO MAS CONSIDERA LAMENTAVEL A
HABITAÇÃO ESTAR EM RUINAS.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?
ROMÂNTICO / ÚNICO / FRESCO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
ESPLANADA E PASSIO ESSENCIALMENTE.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
RECUPERAR A CASA DE HABITAÇÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
MUSEU SOBRE A FAMÍLIA D'ORRY.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?
PAREDAO

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 37 (2.ª fase)

13 JUNHO 2013 — 9.30h Inq. 37

INQUÉRITO

nome: ALCINDA QUEIROZ SEXO: FEM. / MASC.
idade: 42 PROFISSÃO: REPOBADA (PROFESSORA)
NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO
1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?
MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)
1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /
2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO
2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /
2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
QUANDO FAZ CAMINHADA PASSA PELO JARDIM PARA IR PARA O PAREDAO.
2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO
3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
ZONA MAIS ARBORIZADA.

1

Inq. 37

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
CONCORDADO COM O ESTADO DE DEGRADAÇÃO QUE ESTAVA CONSIDERA POSITIVA NO ENTANTO O ESTADO DA CASA É LASTIMAVEL.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiteiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?
BONITO / MISTERIOSO / TRANQUILO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PASSEIO, PASSAGEM.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
NÃO GOSTA DA GRAVILHA NO CHÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
CENTRO DE DIA, LAR DE JUZOS.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIM / NÃO
10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?
PAREDAO, JARDIM MUNICIPAL.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 38 (2.ª fase)

Inq. 38

16 JUNHO 2013 — 17.30h

INQUÉRITO

NOME: GONÇALO NOBRE SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 25 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside?

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

GOSTA DO ESPAÇO E FICA PERTO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

ZONA DOS BANHEIROS

1

Inq. 38

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

BDA

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

CALMO / HISTÓRICO / BEM SITUADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

ESTUDAR, NANGEAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR UM PLAYGROUND PARA CRIANÇAS E UM LAGO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ESCRITÓRIOS, SERVIÇOS CAHAREÍROS.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PAREDEÃO, PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 39 (2.ª fase)

Inq. 39

16 JUNHO 2013 — 17.40h

INQUÉRITO

NOME: RITA BELO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 23 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? CASCAIS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

VENIR COM O NAMORADO + FICA PERTO DA ESTAÇÃO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do Jardim que prefere?

ZONA DOS RAMBOS

1

Inq. 39

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

NÃO CONHECIA ANTES MAS SOSTA

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguladeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

NATURAL / RECONHECIDO / BEM SITUADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEAR, NAVEGAR

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

FAZ FALTA O SON DA ÁGUA + TALVEZ UM LAGO, QUESA DE ÁGUA

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

GALERIA DE ARTE + ESCOLA PROFISSIONAL

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 40 (2.ª fase)

Inq. 40 _____

20 JUNHO 2013 — 11.30h

INQUÉRITO

NOME: DENISE PASTOS SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 52 PROFISSÃO: PSICOLOGA

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?
MORADIA / EDIFÍCIO PLURIFAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? _____ / _____

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
PERTO DE CASA - SÍTIO RELAXANTE.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
RELUADO PEQUENO.

1

Inq. 40 _____

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
FOI BENÉFICO. ERA NECESSÁRIO E URGENTE A REQUALIFICAÇÃO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengueadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?
RELAXANTE / CALMO / BONITO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
LER, DESCANSAR, MEDITAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
ORGANIZAVA FEIRAS E EVENTOS NO LOCAL.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?
CENTRO CULTURAL DE ABRIGO AOS EVENTOS.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?
PAREDAO, PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 41 (2.ª fase)

Inq. 41

20 JUNHO 2013 — 20.05h

INQUÉRITO

NOME: JOSEFA MARIA SEXO: FEM / MASC.

IDADE: 51 PROFISSÃO: AUXILIAR LARJEOSOS

NACIONALIDADE: ANGOLESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? SÃO DOMINGOS BANA

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PERTO DO TRABALHO, FICA NO CAMINHO PARA A ESTACAO COMBOIO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA MAIS ARBORIZADA

1

Inq. 41

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BEM PENSADO E BONITO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES PODIAM SER MAIS CONCRETAS.

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

BONITO / VIGOSO / EBESQUINHO

7. Que tipo de actividades ou utilizações far no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

DE PASSAGEM, POR VEZES SENTIA-SE A DESCANSAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

MUDARIA OS BANCOS E O PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UMA LOJA DO CIDADÃO.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

_____ / _____

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 42 (2.ª fase)

Inq. 42

23 JUNHO 2013 — 10.15h

INQUÉRITO

NOME: CARLOTA GUEDES SEXO: FEM / MASC.

IDADE: 37 PROFISSÃO: DESIGNER

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LOCAL DE PASSAGEM PARA A PRAIA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

RELVADO PEQUENO

1

Inq. 42

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESPAÇO BEM REQUALIFICADO APESAR DE PODER SER MELHORADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreijadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

AGRADÁVEL / HISTÓRICO / RECONHECIVEL

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSAGEM OU BRINCAR COM OS FILHOS

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

COLOCAR EQUIPAMENTOS PARA CRIANÇAS + COLOCAR PEGAS ESCULTÓRICAS E CASAS DE BANHO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

ESCOLA DE ARTES, ATELIER

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 43 (2.ª fase)

Inq. 43

25 JUNHO 2013 — 16.05h

INQUÉRITO

NOME: JONAS SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 25 PROFISSÃO: DESEMPREGADO

NACIONALIDADE: ANGOLANO

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

FICA PERTO DE CASA / GOSTA DO ESPAÇO.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

REVUADO GRANDE.

1

Inq. 43

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTA ÓPTIMO E BEM PENSADO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES:

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

PACATO / DESCONTRAIADO / CUIDADO (DESCONTRA!)

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

DEITAR NA BEIRA, JOGAR A BOLA, PASSAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

CRIAVA MAIS ACTIVIDADES NO JARDIM.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO COMERCIAL.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIÁ, PRAÇEDÁS, JARDIM MUNICIPAL.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 44 (2.ª fase)

Inq. 44

23 JUNHO 2013 13.00h

INQUÉRITO

NOME: NUNO PEREIRA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 35 PROFISSÃO: ESTUDANTE

NACIONALIDADE: PORTUGUÊS (PAÍS ANGLÓFONO)

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? _____

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVÍVIO COM AMIGOS. PERTO DE CASA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA ARBORIZADA.

1

Inq. 44

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BOA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprequiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: PRECISA MAIS BANCOS.

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

TRANQUÍLO / SOSSEGADO / BOM SÍTIAS

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

CONVÍVIO COM AMIGOS + JOGOS, DESCANSAR.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

CRIAVA UMA ZONA PARA DESPORTOS RÁPIDAIS.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

BOUSADA DA JUVENTUDE.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA + JARDIM MUNICIPAL.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 45 (2.ª fase)

Inq. 45

30 JUNHO 2013 - 13.45h

INQUÉRITO

NOME: MARIA ALICE DOUTE SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 67 PROFISSÃO: REBOINADA (PROF.)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?
MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
TRATA-SE DE UM ESPAÇO SOSSEGADO E PROPÍCIO PARA LER E RELAXAR.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?
BANCOS E MESAS PERTO DA ENTRADA / BELVADO.

1

Inq. 45

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?
REQUALIFICAÇÃO POSITIVA NO CONTEXTO DO BAIRRO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguadeiras/outros) existentes no local?
ADEQUADO / INADEQUADO
SUFICIENTE / INSUFICIENTE
OBSERVAÇÕES: _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?
SOSSEGADO / CUIDADO / FRESCO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
LER, DESCANSAR

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?
TENTAVA ARRANJAR MEIO DE NÃO SE SENTIR NO JARDIM O PARALHO DO CORBOIO, UMA LIVRARIA, BIBLIOTECA.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?
SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?
/

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 46 (2.ª fase)

Inq. 46

2 JULHO 2013 - 9.15h

INQUÉRITO

NOME: NÁBIO ALMEIDA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 40 PROFISSÃO: FUNÇÃO PÚBLICA

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSA TODOS OS DIAS PARA A ESTAÇÃO DA CP.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ACHA A ZONA DO ARRUADO PEQUENO A MAIS BONITA.

1

Inq. 46

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

BENEFICOU PASTANTE A ZONA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

SERENOSO / AGRADÁVEL / SERENO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

BASICAMENTE PASSAGEM.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

NADA RECUPERAVA APENAS A CASA.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CENTRO ESTUDO.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS POETAS.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 47 (2.ª fase)

Inq. 47

2. JULHO 2013 — 15.00h

INQUÉRITO

NOME: PAULO JOSE SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 36 PROFISSÃO: DESEMPREGADO (i.e. CÍRCULOS BRANCOS)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? PACO DE ABOÇÓ

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

COSTUMA IR À PRAIA E NOS MOMENTOS DE MAIOR CALOR REFUGIA-SE NO JARDIM.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

BANCOS JUNTO À ESTRELA / RESUADO.

1

Inq. 47

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

CONHECEU O JARDIM SO ESTE ANO MAS ACHA INTERESSANTE E POSITIVO.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/espreguiadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: DEVERIA TER MAIS BANCOS

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

INTERESSANTE HISTÓRICO / BEM SITUADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LER, ESCREVER, USUFRUIR DA NATUREZA.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

DISPONIBILIZAVA CADERAS PARA AS PESSOAS COLOCAREM ONDE MELHOR ENTIENDESSEM.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

INSTITUIÇÃO DE CARIÓTIPO SOCIAL.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA.

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 48 (2.ª fase)

Inq. 48

4 JULHO 2013 — 8.35h

INQUÉRITO

NOME: VANDA CIBEIANO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 37 PROFISSÃO: AUXILIAR AÇÃO EDUCATIVA

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? CARCAVELOS

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSA MUITAS VEZES (MAIS NO VERÃO) A CAMINHO DO TRABALHO

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

ZONA DOS BANHOS

1

Inq. 48

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

MUITO POSITIVA. O ESPAÇO ESTAVA MUITO DEGRADADO E NINGUÉM USAVA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguadeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

CENOGRAFICO / VANGUARDISTA / COM PASSADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEIO / PASSAGEM.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

A GRAVILHA DO CHÃO É DESCONFORTEVEL, MUDARIA ISO E CRIARIA UM LAGO.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UMA ESCOLA OU JARDIM DE INFÂNCIA.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 49 (2.ª fase)

Inq. 49

7 JULHO 2013 — 13.15h

INQUÉRITO

NOME: HE OLÍVIA SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 35 PROFISSÃO: REPOZICIONADORA (BIBLIOTECÁRIA)

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? _____

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA _____

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PERTO DE CASA.

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

_____ / _____

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

BANCOS NA ENTRADA / RELVADO.

1

Inq. 49

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

REQUALIFICAÇÃO POSITIVA. TEM PENA QUE A CASA ESTEJA EM RUÍNAS POIS É MUITO BONITA.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprengulpedeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES: _____

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

VERDE / SENSITIVO / ATRAZIVEL

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

LER, SENTO-ME A ADECIAR A NATUREZA E AS PESSOAS.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

QUERIA MAIS ESPANADAS E UM PASSEIUNTO MELHOR.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

CASA DE CHÁ.

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

_____ / _____

Obrigado pela sua colaboração!

2

Inquérito 50 (2.ª fase)

Inq. 50

7 JULHO 2013 — 18.05h

INQUÉRITO

NOME: GABRIELA BERNARDINO SEXO: FEM. / MASC.

IDADE: 32 PROFISSÃO: POB. TERÇO / EXP. COBERTOR

NACIONALIDADE: PORTUGUESA

1. Reside nas proximidades do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

1.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 1, qual a tipologia de habitação onde reside?

MORADIA / EDIFÍCIO PLURI-FAMILIAR (APARTAMENTO)

1.2. Se respondeu "NÃO" à pergunta 1, onde reside? /

2. Costuma frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

2.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, qual a frequência? DIÁRIA / SEMANAL / MENSAL / ESPORÁDICA / OUTRA /

2.2. Se respondeu "SIM" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

GOSTO DE PASSAR COM A FILHA (BÉBE) NO JARDIM, FICA PERTO DE CASA

2.3. Se respondeu "NÃO" à pergunta 2, que motivos ou razões o levam a não frequentar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

/

3. Identifica-se com o Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

3.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 3, qual a zona do jardim que prefere?

RELUADO GRANDE

1

Inq. 50

4. O que pensa da requalificação do espaço efectuada pela Câmara Municipal de Oeiras?

ESTÁ BEM APESAR DO ESTADO DA CASA SER LASTIMAVEL.

5. O que pensa do mobiliário urbano (bancos/mesas/esprenguladeiras/outros) existentes no local?

ADEQUADO / INADEQUADO

SUFICIENTE / INSUFICIENTE

OBSERVAÇÕES

6. Como descreveria o Jardim da Quinta dos Sete Castelos em três palavras?

SEGURO / TRANQUÍLO / ENSOLARADO

7. Que tipo de actividades ou utilizações faz no Jardim da Quinta dos Sete Castelos?

PASSEIA O BÉBE.

8. Se tivesse oportunidade de intervir/alterar o Jardim da Quinta dos Sete Castelos o que mudaria?

RECONSTRUÍRIA A CASA. A GRAJILHA NÃO É MUITO PRÁTICA PARA OS CABRINHOS DE BÉBE.

9. Na sua opinião o que deveria ser feito com a habitação existente/e para que fim?

UMA ESCOLA ARTÍSTICA

10. Frequenta outros espaços públicos próximos do Jardim da Quinta dos Sete Castelos? SIM / NÃO

10.1. Se respondeu "SIM" à pergunta 10, quais os outros espaços públicos que frequenta?

PRAIA, PAREDAO

Obrigado pela sua colaboração!

2

1.4. Tratamento de dados

Tabela 1 (1.ª Parte)

INQUÉRITO	DATA REALIZAÇÃO	DIA DA SEMANA	NOME	SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	NACIONALIDADE
1	22/03/13	SEXTA-FEIRA	JORGE SILVA	MASCULINO	34	25-64	BIÓLOGO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
2	22/03/13	SEXTA-FEIRA	ALBERTINA ROLDÃO	FEMININO	72	65 oumais	REFORMADA (EMP. DOMESTICA)	ENSINO BÁSICO	PORTUGUESA
3	11/04/13	QUINTA-FEIRA	FERNANDO MELO	MASCULINO	31	25-64	BARMAN	CURSO PROFISSIONAL	BRASILEIRA
4	18/04/13	QUINTA-FEIRA	CARLA PEREIRA	FEMININO	33	25-64	ILUSTRADORA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
5	18/04/13	QUINTA-FEIRA	FERNANDA PAES	FEMININO	42	25-64	EDUCADORA INFÂNCIA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
6	18/04/13	QUINTA-FEIRA	ROGÉRIO FALCÃO	MASCULINO	67	65 oumais	REFORMADO (ADVOGADO)	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
7	18/04/13	QUINTA-FEIRA	PATRICIA BRANCO	FEMININO	38	25-64	INSPECTORA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
8	21/04/13	DOMINGO	ANA CRISTINA	FEMININO	50	25-64	ENGENHEIRA MECÂNICA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
9	21/04/13	DOMINGO	ANTONIO RODRIGUES	MASCULINO	40	25-64	DIRECTOR FINANCEIRO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
10	22/04/13	SEGUNDA-FEIRA	JOSÉ SEMEDO	MASCULINO	23	15-24	AJUDANTE COZINHA	CURSO PROFISSIONAL	CABO VERDIANA
11	02/05/13	QUINTA-FEIRA	SANDRA ANDRADE	FEMININO	41	25-64	DESEMPREGADA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
12	02/05/13	QUINTA-FEIRA	CATIA MONTEIRO	FEMININO	17	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
13	02/05/13	QUINTA-FEIRA	NUMO MIGUEL	MASCULINO	19	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
14	05/05/13	DOMINGO	LUIGI	MASCULINO	18	15-24	DESEMPREGADO	ENSINO BÁSICO	MOÇAMBICANA
15	07/05/13	TERÇA-FEIRA	CÉLIA MARTINS	FEMININO	16	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
16	07/05/13	TERÇA-FEIRA	MARIA ANTONIA FERREIRA	FEMININO	69	65 oumais	REFORMADA (DOMESTICA)	ENSINO BÁSICO	PORTUGUESA
17	09/05/13	QUINTA-FEIRA	FRANCISCO GUEDES	MASCULINO	77	65 oumais	REFORMADO (MARINHA)	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
18	09/05/13	QUINTA-FEIRA	ANALIBARIS	FEMININO	17	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	BRASILEIRA
19	12/05/13	DOMINGO	SARA ONOFRE	FEMININO	41	25-64	FUNCIONÁRIA PÚBLICA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
20	12/05/13	DOMINGO	ELSA RAPOSO	FEMININO	38	25-64	COORDENADORA EQUIPA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
21	14/05/13	TERÇA-FEIRA	GRAÇA FIGUEIRO	FEMININO	46	25-64	INSPECTORA	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
22	21/05/13	TERÇA-FEIRA	CONSTANÇO FIGUEIRO	MASCULINO	86	65 oumais	REFORMADO (ADVOGADO)	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
23	23/05/13	QUINTA-FEIRA	MARIA VITÓRIA	FEMININO	53	25-64	ADMINISTRATIVA	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
24	23/05/13	QUINTA-FEIRA	HELIA MARQUES	MASCULINO	43	25-64	PROFESSOR	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
25	26/05/13	DOMINGO	CARLOS ALBERTO	MASCULINO	39	25-64	PROFESSOR SURF	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
26	28/05/13	TERÇA-FEIRA	EDNA	FEMININO	42	25-64	EMPREGADA DOMÉSTICA	ENSINO BÁSICO	MOÇAMBICANA
27	28/05/13	TERÇA-FEIRA	GUILHERMINA MA CHADO	FEMININO	73	65 oumais	REFORMADA (FUNÇÃO PÚBLICA)	ENSINO SECUNDARIO	PORTUGUESA
28	30/05/13	QUINTA-FEIRA	JOÃO COSTA	MASCULINO	16	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	BRASILEIRA
29	30/05/13	QUINTA-FEIRA	MARINA SILVA	FEMININO	14	0-14	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
30	02/06/13	DOMINGO	SARA MATOS	FEMININO	14	0-14	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
31	02/06/13	DOMINGO	ELDA MARIA	FEMININO	60	25-64	FLORISTA	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
32	04/06/13	TERÇA-FEIRA	VICENTE FERNADES	MASCULINO	63	25-64	EMPRESÁRIO	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
33	06/06/13	QUINTA-FEIRA	LUIS PEDRO	MASCULINO	44	25-64	PROFESSOR	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
34	09/06/13	DOMINGO	MARGARIDA PINTO	FEMININO	35	25-64	ENGENHEIRA CIVIL	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
35	09/06/13	DOMINGO	RODRIGOPINTO	MASCULINO	37	25-64	AGENTE IMOBILIARIO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
36	11/06/13	TERÇA-FEIRA	VICTOR MACEDO	MASCULINO	40	25-64	MÉDICO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
37	13/06/13	QUINTA-FEIRA	ALCINDA QUEIROZ	FEMININO	72	65 oumais	REFORMADA (PROFESSORA)	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
38	16/06/13	DOMINGO	GONÇALO NOBRE	MASCULINO	25	25-64	ESTUDANTE UNIVERSITARIO	FREQ. ENSINO SUP.	PORTUGUESA
39	16/06/13	DOMINGO	RIITA BELO	FEMININO	23	15-24	ESTUDANTE UNIVERSITÁRIA	FREQ. ENSINO SUP.	PORTUGUESA
40	20/06/13	QUINTA-FEIRA	DENISE BASTOS	FEMININO	52	25-64	PSICOLOGA	CURSO SUPERIOR	BRASILEIRA
41	20/06/13	QUINTA-FEIRA	JOSEFA MARIA	FEMININO	51	25-64	AUXILIAR DE LAR	ENSINO BÁSICO	ANGOLANA
42	23/06/13	DOMINGO	CARLOTA GUEDES	FEMININO	37	25-64	DESIGNER	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
43	25/06/13	TERÇA-FEIRA	JOMAS	MASCULINO	25	25-64	DESEMPREGADO	ENSINO BÁSICO	ANGOLANA
44	27/06/13	QUINTA-FEIRA	NIUNO PEREIRA	MASCULINO	15	15-24	ESTUDANTE	FREQ. ENSINO SEC.	PORTUGUESA
45	30/06/13	DOMINGO	MARIA ALICE DOUJEL	FEMININO	67	65 oumais	REFORMADA (PROFESSORA)	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
46	02/07/13	TERÇA-FEIRA	MÁRIO ALMEIDA	MASCULINO	40	25-64	FUNCIONÁRIO PÚBLICO	CURSO PROFISSIONAL	PORTUGUESA
47	02/07/13	TERÇA-FEIRA	PAULO JORGE	MASCULINO	36	25-64	DESEMPREGADO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA
48	04/07/13	QUINTA-FEIRA	VANDA CIRIANO	FEMININO	39	25-64	AUXILIAR A CÇÃO EDUCATIVA	ENSINO SECUNDARIO	BRASILEIRA
49	07/07/13	DOMINGO	MARIA OTILIA	FEMININO	75	65 oumais	REFORMADA (BIBLIOTECARIA)	ENSINO SECUNDARIO	PORTUGUESA
50	07/07/13	DOMINGO	GABRIELA BERNARDINO	FEMININO	32	25-64	PROFESSOR TEATRO	CURSO SUPERIOR	PORTUGUESA

Tabela 1 (2.ª Parte)

INQUÉRITO	DISTRITO RESIDÊNCIA	CONCELHO RESIDÊNCIA	FREGUESIA RESIDÊNCIA	Q.1 - VIVE NO BAIRRO?	TRABALHA PERTO?	TEM AMIGOS OU FAMILIA A RESIDIR NO BAIRRO?
1	LISBOA	OEIRAS	CAXIAS	NÃO	NÃO	NÃO
2	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
3	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
4	LISBOA	LISBOA	BENFICA	NÃO	SIM	N/A
5	LISBOA	CASCAIS	CASCAIS	NÃO	SIM	N/A
6	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
7	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
8	SETÚBAL	SEXAL	ARRENTELA	NÃO	NÃO	SIM
9	LISBOA	OEIRAS	BARCARENA	NÃO	NÃO	SIM
10	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	NÃO	SIM	N/A
11	LISBOA	LISBOA	BENFICA	NÃO	NÃO	SIM
12	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	NÃO	NÃO	NÃO
13	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
14	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
15	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
16	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
17	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
18	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
19	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
20	LISBOA	LISBOA	SÃO JORGE DE ARROIOS	NÃO	NÃO	SIM
21	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
22	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
23	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
24	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
25	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
26	LISBOA	OEIRAS	PAÇO DE ARCOS	NÃO	SIM	N/A
27	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
28	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
29	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
30	LISBOA	OEIRAS	CAXIAS	NÃO	NÃO	SIM
31	SANTARÉM	ABRANTES	MOURISCAS	NÃO	NÃO	SIM
32	LISBOA	LISBOA	LUMIAR	NÃO	NÃO	SIM
33	LISBOA	MAFRA	ERICEIRA	NÃO	NÃO	SIM
34	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
35	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
36	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
37	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
38	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
39	LISBOA	CASCAIS	CASCAIS	NÃO	NÃO	SIM
40	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
41	LISBOA	CASCAIS	SÃO DOMINGOS DE RANA	NÃO	SIM	N/A
42	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
43	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
44	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
45	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
46	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (MORADIA)	N/A	N/A
47	LISBOA	OEIRAS	PAÇO DE ARCOS	NÃO	NÃO	NÃO
48	LISBOA	CASCAIS	CARCAVELOS	NÃO	SIM	N/A
49	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A
50	LISBOA	OEIRAS	OERASES.J.B.	SIM (PRÉDIO)	N/A	N/A

Tabela 1 (3.ª Parte)

INQUÉRITO	Q.2 - FREQUENTA?	Q.2.1. - QUAL A FREQUÊNCIA?	COMENTÁRIOS	Q.2.2. - MOTIVOS QUE LEVAM A FREQUENTAR?	Q.2.3.
1	SIM	MENSAL		PARA DESCANSAR (PASSEIOS DE BICICLETA)	N/A
2	SIM	SEMANAL	2 A 3 VEZES POR SEMANA	PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR A NETA	N/A
3	SIM	SEMANAL		ESTAR PERTO DA NATUREZA	N/A
4	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE AO TRABALHO	N/A
5	SIM	ESPORADICA	DEPENDE DO TEMPO	PROXIMIDADE AO TRABALHO/APROPRIADO PARA CRIANÇAS	N/A
6	SIM	SEMANAL	QUANDO VAI AO PAREDAO	LOCAL DE PASSAGEM	N/A
7	SIM	MENSAL		CONSIDERA UM ESPAÇO AGRADÁVEL	N/A
8	SIM	SEMANAL		CONSIDERA UM ESPAÇO AGRADÁVEL	N/A
9	SIM	SEMANAL		CONSIDERA UM ESPAÇO AGRADÁVEL	N/A
10	SIM	SEMANAL		PERTO DO TRABALHO	N/A
11	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE DE RESIDÊNCIA DE FAMILIAR/APROPRIADO PARA CRIANÇAS	N/A
12	SIM	DIÁRIA	DEPENDE DO TEMPO	PROXIMIDADE À ESCOLA	N/A
13	SIM	DIÁRIA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PROXIMIDADE À ESCOLA	N/A
14	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/CONVÍVIO COM AMIGOS	N/A
15	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR A AVÓ	N/A
16	SIM	SEMANAL		CONSIDERA UM ESPAÇO AGRADÁVEL	N/A
17	SIM	MENSAL		LIGAÇÃO AFECTIVA AO ESPAÇO	N/A
18	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/JARDIM DE INFÂNCIA DO IRMÃO	N/A
19	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
20	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA DE FAMILIAR	N/A
21	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
22	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
23	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR O CÃO	N/A
24	SIM	MENSAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/CONVÍVIO COM AMIGOS	N/A
25	NÃO	N/A		N/A	NÃO COSTUMA FREQUENTAR JARDINS
26	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE AO LOCAL DE TRABALHO/PASSEIO COM A PATROA	N/A
27	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
28	SIM	MENSAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/CONVÍVIO COM AMIGOS	N/A
29	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/CONVÍVIO COM AMIGOS	N/A
30	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA DE FAMILIAR/PROXIMIDADE À ESCOLA	N/A
31	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA DE FAMILIAR	N/A
32	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA DE FAMILIAR	N/A
33	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA DE FAMILIAR	N/A
34	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR O BÉBÉ	N/A
35	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR O BÉBÉ	N/A
36	SIM	ESPORADICA		FREQUENTA O RESTAURANTE/CAFE	N/A
37	SIM	MENSAL		LOCAL DE PASSAGEM	N/A
38	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
39	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À ESTAÇÃO DA CP	N/A
40	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
41	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À ESTAÇÃO DA CP	N/A
42	SIM	SEMANAL		LOCAL DE PASSAGEM	N/A
43	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
44	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/CONVÍVIO COM AMIGOS	N/A
45	SIM	SEMANAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
46	SIM	DIÁRIA		PROXIMIDADE À ESTAÇÃO DA CP	N/A
47	SIM	SEMANAL		ABRIGO NOS MOMENTOS DE CALOR (QUANDO VAI À PRAIA)	N/A
48	SIM	DIÁRIA		PROXIMIDADE AO TRABALHO	N/A
49	SIM	MENSAL		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA	N/A
50	SIM	ESPORADICA		PROXIMIDADE À RESIDÊNCIA/PASSEAR O BÉBÉ	N/A

Tabela 1 (4.ª Parte)

INQUÉRITO	Q.3 - IDENTIFICA-SE?	Q.3.1. - ZONA PREFERIDA	Q.4 - O QUE PENSA DA REQUALIFICAÇÃO?	COMENTÁRIOS
1	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	DEVIA TER ESPECIES ARBOREAS MAIS APROPRIADAS
2	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	ESTA LIMPO E JA NAO A TRAI GANDUJLAGEM
3	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	PODIA TER ESPAÇOS DESTINADOS A ACT. FISICAS
4	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	CERTAS AREAS NAO CONVINDAM AO USUFRUTO
5	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	
6	SIM	PERGOLA	POSITIVA	A MORADIA CONTRASTA
7	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	A DEQUADO E ADAPTA DO AS NECESSIDADES
8	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	ESPAÇO BEM APROVEITADO
9	SIM	CIRCUITOS (PINHAL)	POSITIVA	
10	SIM	ESPREGUÇADEIRAS (PINHAL)	POSITIVA	
11	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	GOSTA MAS SPODIA SER MELHORADO
12	SIM	ALPENDRE	POSITIVA	ESTA BONITO E BEM TRATADO
13	SIM	ALPENDRE	POSITIVA	ESTA BOM, MAS PODIA ESTAR MELHOR
14	SIM	ALPENDRE	POSITIVA	ESTÁ ÓPTIMO
15	SIM	PERGOLA	POSITIVA	ESTÁ BONITO E BEM TRATADO, PENA, O ESTA DO DA CASA
16	SIM	PERGOLA	POSITIVA	FICOU MUITO MELHOR
17	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	APESAR DE BONITO PERDEU A IDENTIDADE
18	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	NAO CONHECIA ANTES, MAS ESTÁ BEM
19	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	ESTÁ BEM, DEVIAM RECUPERAR A CASA
20	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	ESTÁ MUITO BEM, DEGRADAÇÃO DO MOBILIARIO E PLANTAS
21	SIM	ESPLANADA	POSITIVA	BOA REQUALIFICAÇÃO, DEVIAM RECUPERAR A CASA
22	SIM	PERGOLA	POSITIVA	JARDIM MUITO BEM REQUALIFICADO
23	SIM	CIRCUITOS (PINHAL)	POSITIVA	MELHOROU BASTANTE A ZONA
24	SIM	ESPLANADA, PERGOLA	POSITIVA	ESTÁ BEM MAS PODIA ESTAR MELHOR
25	NÃO	N/A	POSITIVA	A QUINTA ESTAVA ABANDONADA, FOI POSITIVO
26	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	ESTÁ MUITO BONITO
27	SIM	TODAS AS ZONAS	POSITIVA	ESTÁ MUITO BONITO, DEVIAM RECUPERAR A CA SA
28	SIM	ALPENDRE	POSITIVA	NAO CONHECIA ANTES
29	SIM	ALPENDRE	POSITIVA	BEM REQUALIFICADO
30	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	NAO CONHECIA ANTES, MAS ESTÁ BEM
31	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	ESPAÇO CUIDADO, MELHOROU BASTANTE DEVIAM RECUPERAR A CASA
32	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	EXCELENTE RECUPERAÇÃO
33	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	POSITIVA
34	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	BENEFICIOU A ZONA
35	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	BENEFICIOU A ZONA
36	SIM	HABITAÇÃO (PQ CONHECE DESDE PEQUENO)	POSITIVA	BEM REQUALIFICADO, DEVIAM RECUPERAR A CASA
37	SIM	CIRCUITOS (PINHAL)	POSITIVA	BEM REQUALIFICADO, DEVIAM RECUPERAR A CASA
38	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	BOA
39	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	NAO CONHECIA ANTES MAS GOSTA
40	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	BENEFICA, NECESSARIA E URGENTE
41	SIM	CIRCUITOS (PINHAL)	POSITIVA	ESTÁ BEM PENSADO E BONITO
42	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	BEM REQUALIFICADO, PODIA SER MELHORADO
43	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	ESTÁ ÓPTIMO
44	SIM	CIRCUITOS (PINHAL)	POSITIVA	ESTÁ BOA
45	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	REQUALIFICAÇÃO POSITIVA NO CONTEXTO DO BAIRRO
46	SIM	RELVADO PEQUENO	POSITIVA	BENEFICIOU A ZONA
47	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	ACHA INTERESSANTE E POSITIVO
48	SIM	ZONA DOS BAMBUBUS	POSITIVA	MUITO POSITIVA, O ESPAÇO ESTAVA MUITO DEGRADADO
49	SIM	ZONA DE ESTADIA A SUL	POSITIVA	TEM PENNA DA CASA
50	SIM	RELVADO GRANDE	POSITIVA	TEM PENNA DA CASA

Tabela 1 (5.ª Parte)

INQUÉRITO	Q.5 - M.U. - ADEQ. / Ñ ADEQ.	Q.5 - M.U. - SUF. / INSUF.	COMENTÁRIOS	Q.6 - DESCRIÇÃO/CARACTERIZAÇÃO JARDIM
1	ADEQUADO	SUFICIENTE		APRAZIVEL, CALMO, RELAXANTE
2	ADEQUADO	SUFICIENTE		BONITO, AGRADÁVEL, SEGURO (RESGUARDADO)
3	ADEQUADO	SUFICIENTE		INTERESSANTE, SOSSEGADO, PROPICIO PARA DESCANSAR
4	ADEQUADO	INSUFICIENTE	DEVERIAM ESTAR MAIS BEM ENQ. C/ ENVOLVENTE	AGRADÁVEL, A COLHEITOR, FECHADO NA ZONA DO PINHAL
5	INADEQUADO	INSUFICIENTE	NÃO SÃO APPROPRIADOS PARA CRIANÇAS	SIMPÁTICO, AGRADÁVEL MAS APENAS EM DIA SQUENTES
6	ADEQUADO	SUFICIENTE		SIMPÁTICO, AGRADÁVEL A NIVEL VISUAL
7	ADEQUADO	SUFICIENTE		BOA DIMENSÃO, COM ESPECIES VEGETAIS INTERESSANTES
8	INADEQUADO	INSUFICIENTE		NOSTALGICO, INTERESSANTE
9	ADEQUADO	INSUFICIENTE	POUCO CONFORTÁVEIS	TRANQUILLO, BOM PARA DESCANSAR E LER UM LIVRO
10	ADEQUADO	SUFICIENTE		BONITO, SOSSEGADO
11	ADEQUADO	INSUFICIENTE		CALMO, A COLHEITOR, PESSOAL
12	INADEQUADO	INSUFICIENTE	FALTA DE MOBILIARIO MOVEL	BONITO, CALMO, CENTRAL
13	ADEQUADO	INSUFICIENTE	FALTA DE MOBILIARIO MOVEL	TRANQUILLO, TRANQUILLO, RECONDIDO
14	ADEQUADO	SUFICIENTE		FIXE, BEM LOCALIZADO, SOSSEGADO
15	ADEQUADO	SUFICIENTE		AGRADÁVEL, SOSSEGADO, BONITO
16	ADEQUADO	SUFICIENTE		AGRADÁVEL, CALMO, RECONFORTANTE
17	ADEQUADO	SUFICIENTE		BONITO, HISTÓRICO, CALMO
18	ADEQUADO	INSUFICIENTE		INTERESSANTE, RELAXANTE, TRANQUILLO
19	ADEQUADO	SUFICIENTE		VERDEJANTE, FRESCO, CALMO
20	ADEQUADO	SUFICIENTE		TRANQUILLO, SEGURO, BONITO
21	INADEQUADO	INSUFICIENTE	OS BANCOS SÃO DESCONFORTÁVEIS	APRAZIVEL, TRANQUILLO, BONITO
22	ADEQUADO	SUFICIENTE		CALMO, FRESCO, PEQUENO
23	ADEQUADO	SUFICIENTE		APRAZIVEL, SOSSEGADO, BONITO
24	ADEQUADO	INSUFICIENTE	DEVERIA TER MAIS BANCOS	FRESCO, UTIL, CALMO
25	ADEQUADO	SUFICIENTE		SIMPÁTICO, CALMO, MONÓTONO
26	ADEQUADO	SUFICIENTE		BONITO, SEGURO, AREJADO
27	ADEQUADO	SUFICIENTE		APRAZIVEL, PACATO, BEM FREQUENTADO
28	ADEQUADO	INSUFICIENTE		GOSTOSO, CALMO, BONITO
29	ADEQUADO	INSUFICIENTE		BEM TRATADO, CALMO, BONITO
30	ADEQUADO	INSUFICIENTE		BONITO, VERDEJANTE, ZEN
31	ADEQUADO	INSUFICIENTE		BEM SITUADO, AGRADÁVEL, COM VALOR HISTÓRICO
32	ADEQUADO	SUFICIENTE		APRAZIVEL, CUIDADO, FRESCO
33	ADEQUADO	INSUFICIENTE		BEM TRATADO, BEM LOCALIZADO, APRAZIVEL
34	ADEQUADO	INSUFICIENTE		TRANQUILLO, APRAZIVEL, MÍSTICO
35	ADEQUADO	INSUFICIENTE		AGRADÁVEL, CUIDADO, SEGURO
36	ADEQUADO	SUFICIENTE		ROMÂNTICO, ÚNICO, FRESCO
37	ADEQUADO	SUFICIENTE		BONITO, MISTERIOSO, TRANQUILLO
38	ADEQUADO	INSUFICIENTE		CALMO, HISTÓRICO, BEM SITUADO
39	ADEQUADO	INSUFICIENTE		NATURAL, RECONDIDO, BEM SITUADO
40	ADEQUADO	SUFICIENTE		RELAXANTE, CALMO, BONITO
41	INADEQUADO	SUFICIENTE	BANCOS PODIAM SER MAIS CONFORTÁVEIS	BONITO, VÍCIOSO, FREQUINHO
42	ADEQUADO	INSUFICIENTE		AGRADÁVEL, HISTÓRICO, RECONFORTANTE
43	ADEQUADO	SUFICIENTE		PACATO, DESCONTRAÍDO, CUIDADO
44	ADEQUADO	INSUFICIENTE	PRECISA M A IS BANCOS	TRANQUILLO, SOSSEGADO, BEM SITUADO
45	ADEQUADO	SUFICIENTE		SOSSEGADO, CUIDADO, FRESCO
46	ADEQUADO	SUFICIENTE		GRANDIOSO, AGRADÁVEL, SERENO
47	ADEQUADO	INSUFICIENTE	PRECISA M A IS BANCOS	INTERESSANTE, HISTÓRICO, BEM SITUADO
48	ADEQUADO	INSUFICIENTE		CENOGRÁFICO, VANGUARDISTA, COM PASSADO
49	ADEQUADO	SUFICIENTE		VERDE, SENSITIVO, APRAZIVEL
50	ADEQUADO	SUFICIENTE		SEGURO, TRANQUILLO, ENSOLARADO

Tabela 1 (6.ª Parte)

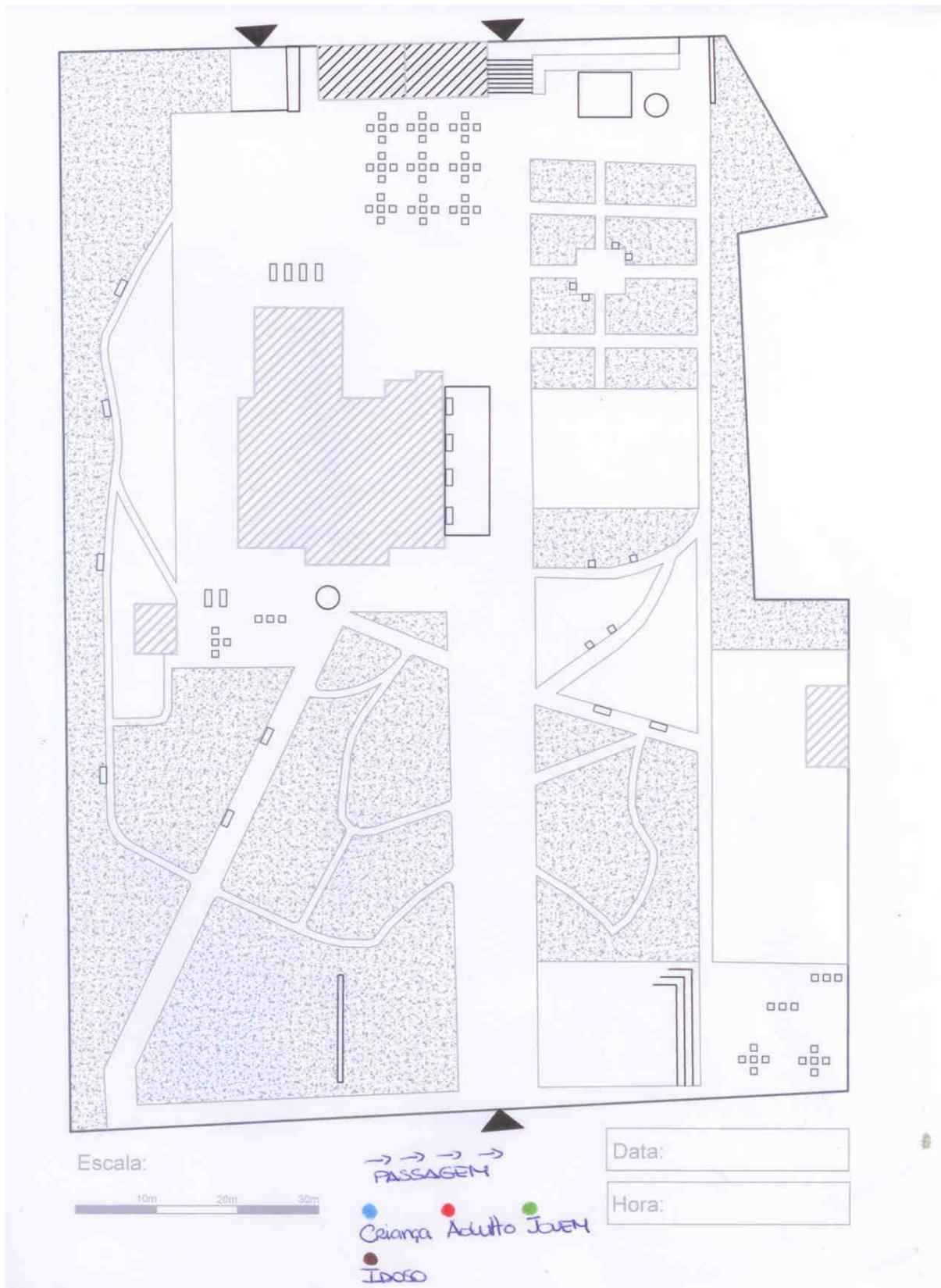
INQUÉRITO	Q.7 - ACTIVIDADES QUE PRÁTICA NO JARDIM	Q.8 - O QUE MUDARIA ?
1	DESCANSAR, LER, OUVIR MÚSICA	VEGETAÇÃO
2	PASSEAR E BRINCAR COM A NETA	PLAYGROUND
3	PASSEAR, LER, ESTUDAR, TIRAR FOTOS, CONVIVER COM AMIGOS	PLAYGROUND, ZONAS/MÁQUINAS DESPORTIVAS, FALTA ELEMENTO ÁGUA
4	DESCANSAR, LER, TIRAR FOTOS, CONVIVER COM AMIGOS	PLAYGROUND, QUIOSQUE/CAFÉ, MAIS ILUMINAÇÃO
5	BRINCAR E PASSEAR COM AS CRIANÇAS DO INFANTÁRIO	PLAYGROUND
6	PASSEIO	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
7	DESCANSAR, LER, SESTAS, PIQUENIQUES, RESTAURANTE	NADA
8	PASSEAR, MEDITAR, RESTAURANTE	PLAYGROUND, MAIS BANCOS.
9	PASSEAR, MEDITAR, LER, RESTAURANTE	MAIS BANCOS
10	SESTAS, PASSEAR	CASAS DE BANHO PÚBLICAS
11	BRINCAR COM O FILHO, LER, CONVÍVIO COM AMIGOS	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, PLAYGROUND
12	CONVÍVIO COM AMIGOS, JOGAR AS CARTAS	CADEIRAS MÓVEIS
13	CONVÍVIO COM AMIGOS, FUMAR UMAS BROCCAS	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL
14	CONVÍVIO COM AMIGOS, APANHAR SOL	NADA
15	PASSEAR COM A AVÓ	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
16	PASSEAR COM A NETA	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
17	PASSEAR	CULTIVO DE HORTA
18	PASSEAR, LER, FAZER TEMPO PARA IR BUSCAR O IRMÃO	PLAYGROUND
19	PASSEAR, LER, APANHAR SOL NO RELVADO	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, ESTEIRAS
20	PASSEAR, DESCANSAR, BEBER CAFÉ	TRATAR PLANTAS E BANCOS, RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL
21	FREQUENTA A ESPLANADA DO RESTAURANTE	MOBILIÁRIO URBANO
22	PASSEAR, LER	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
23	PASSEAR O CÃO	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, SACOS PARA DEJECTOS DOS CÃES
24	BEBER CAFÉ E ESPERAR PELAS AMIGAS	MAIS BANCOS, CADEIRAS MÓVEIS
25	SO DE PASSAGEM	NADA
26	PASSEAR COM A PATROA	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
27	PASSEAR	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
28	CONVÍVIO COM AMIGOS	PLAYGROUND
29	CONVÍVIO COM AMIGOS, JOGAR AS CARTAS	CADEIRAS MÓVEIS
30	CONVÍVIO COM AMIGOS	ZONA/S/MÁQUINAS DESPORTIVAS
31	PASSEAR, LER	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, FALTA ELEMENTO ÁGUA, MAIS BANCOS
32	DEITAR-SE OU SENTAR-SE NO RELVADO	ZONAS/MÁQUINAS DESPORTIVAS, PLAYGROUND
33	PASSEIO OU PASSAGEM PARA A PRAIA	PLAYGROUND, FALTA ELEMENTO ÁGUA
34	LER, OUVIR MÚSICA, DESCANSAR, PASSEAR O BÉBE	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
35	LER, DESCANSAR, PASSEAR	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
36	ESPLANADA, PASSEAR	RECUPERAR O EDIFÍCIO PRINCIPAL
37	PASSEAR, PASSAGEM	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
38	ESTUDAR, NAMORAR	PLAYGROUND, FALTA ELEMENTO ÁGUA
39	PASSEAR, NAMORAR	FALTA ELEMENTO ÁGUA
40	LER, DESCANSAR, MEDITAR	DINAMIZAR JARDIM PARA EVENTOS
41	PASSAGEM, POR VEZES DESCANSA NOS BANCOS	BANCOS, PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO
42	PASSAGEM, BRINCAR COM OS FILHOS	PLAYGROUND, PEÇAS ESCULTÓRICAS, FALTA I.S. PÚBLICAS
43	DEITAR NA RELVA, JOGAR A BOLA, PASSEAR	DINAMIZAR JARDIM PARA EVENTOS
44	CONVÍVIO COM AMIGOS, JOGOS, DESCANSAR	ZONA/S/MÁQUINAS DESPORTIVAS
45	LER, DESCANSAR	BARREIRA ACÚSTICA PARA O COMBOIO
46	PASSAGEM	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL
47	LER, ESCREVER, USUFRUIR DA NATUREZA	CADEIRAS MÓVEIS
48	PASSEIO E PASSAGEM	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO, FALTA ELEMENTO ÁGUA
49	LER, SENTO-ME A APRECIAR A NATUREZA E AS PESSOAS	PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO, MAIS ESPLANADAS
50	PASSEIA COM O BÉBE	RECUPERAR EDIFÍCIO PRINCIPAL, PAVIMENTO DAS ZONAS DE CIRCULAÇÃO

Tabela 1 (7.ª Parte)

INQUÉRITO	Q.9 - QUAL O FIM A DAR À HABITAÇÃO?	Q.10 - FREQUENTA OUTROS E.P. PERTO?	Q.10.1. - QUAIS?
1	LIVRARIA, CAFETARIA, LOJAS (EXEMPLO CASA DA GUIA)	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PAREDÃO, QUINTA DO MARQUÊS
2	SEM OPINIÃO FORMADA	NÃO	N/A
3	BIBLIOTECA, SALA DE LEITURA, CYBERCAFÉ C/ REFEIÇÕES RÁPIDAS	SIM	PARQUE DOS POETAS, QUINTA DA ALGOA, JARDIM MUNICIPAL
4	ESPAÇO CULTURAL, GALERIA, LOJAS/A TELIERS, EVENTUAIS ESCRITÓRIOS	SIM	PARQUE DOS POETAS, PAREDÃO/PRAIA
5	ESPAÇO CULTURAL OU UM ATL	SIM	JARDIM MUNICIPAL
6	UM CLUBE PARA CONVÍVIO DE IDOSOS E PESSOAS DO BARRIO	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PAREDÃO
7	NADA QUE TRAGA CONFUSÃO PARA O JARDIM	SIM	PARQUE DOS POETAS, QUINTA DO MARQUÊS
8	CENTRO CULTURAL	SIM	PAREDÃO
9	GALERIA DE ARTE	SIM	PAREDÃO
10	RESIDÊNCIA OU ALBERGUE	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PAREDÃO, PARQUE DOS POETAS
11	CENTRO CRIANÇAS, IDOSOS E ANIMAIS	SIM	PARQUE DOS POETAS, MARINA DE OEIRAS
12	BAR, TABACARIA, LIVRARIA	NÃO	N/A
13	BAR, RESTAURANTE FAST FOOD	SIM	PAREDÃO
14	MINICENTRO COMERCIAL	NÃO	N/A
15	ABRIR A IGREJA AO PÚBLICO, QUANTO À CASA, NÃO TEM OPINIÃO	NÃO	N/A
16	ALGO QUE NÃO TIRASSE O SOSSEGO E CALM A DO ESPAÇO	NÃO	N/A
17	ABRIR UM ATL	SIM	PAREDÃO, LARGO DA IGREJA
18	BIBLIOTECA, LUDOTECA	SIM	PRAIA, JARDIM MUNICIPAL
19	ALGO QUE NÃO TIRASSE O SOSSEGO E CALM A DO ESPAÇO	SIM	PAREDÃO, MARINA DE OEIRAS
20	CENTRO DE REABILITAÇÃO FISIOTERAPIA E MEDICINAS ALTERNATIVAS	SIM	PAREDÃO, PARQUE DOS POETAS, PRAIA
21	CENTRO COMERCIAL (TIPO CASA DA GUIA)	SIM	PAREDÃO, PARQUE DOS POETAS, JARDIM MUNICIPAL
22	BIBLIOTECA, LIVRARIA, SALAS DE ESPECTACULOS	NÃO	N/A
23	ESCRITÓRIOS PARA ALUGAR	NÃO	N/A
24	BIBLIOTECA, LUDOTECA, ATL	SIM	PAREDÃO, PRAIA, JARDIM MUNICIPAL
25	ALGO CULTURAL NUNCA PENSOU MTO NO ASSUNTO	SIM	PRAIA
26	LAR, RESIDÊNCIA DE IDOSOS	NÃO	N/A
27	CENTRO DE DIA PARA IDOSOS	NÃO	N/A
28	CENTRO DE ESTUDOS	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PRAIA
29	LOJAS, LIVRARIA, CAFÉ	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PRAIA
30	GINÁSIO	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS POETAS
31	BIBLIOTECA, GALERIA DE ARTE	SIM	PRAIA, JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS POETAS
32	CASA CULTURAL, ESCOLA MÚSICA, TEATRO	SIM	PAREDÃO
33	ALGO LIGADO À CULTURA	SIM	PRAIA
34	CASA DE CULTURA	SIM	PARQUE DOS POETAS, PAREDÃO/PRAIA
35	ALGO RELACIONADO COM CULTURA E ARTES	SIM	PARQUE DOS POETAS, PAREDÃO/PRAIA
36	MUSEU FAMÍLIA D'OREY	SIM	PAREDÃO
37	LAR PARA IDOSOS, CENTRO DE DIA	SIM	PAREDÃO, JARDIM MUNICIPAL
38	ESCRITÓRIOS E SERVIÇOS CAMARÁRIOS	SIM	PAREDÃO, PRAIA
39	GALERIA DE ARTE, ESCOLA PROFISSIONAL	SIM	PRAIA
40	CENTRO CULTURAL DE ABRIGO AOS EVENTOS	SIM	PAREDÃO, PRAIA
41	LOJA DO CIDADÃO	NÃO	N/A
42	ESCOLA ARTE, A TELIER	SIM	PRAIA
43	CENTRO COMERCIAL	SIM	PRAIA, PAREDÃO, JARDIM MUNICIPAL
44	POUSADA DA JUVENTUDE	SIM	PRAIA, JARDIM MUNICIPAL
45	LIVRARIA, BIBLIOTECA	NÃO	N/A
46	CENTRO DE ESTUDOS	SIM	JARDIM MUNICIPAL, PARQUE DOS POETAS
47	INSTITUIÇÃO DE CARIZ SOCIAL	SIM	PRAIA
48	ESCOLA, JARDIM DE INFÂNCIA	NÃO	N/A
49	CASA DE CHÁ	NÃO	N/A
50	ESCOLA ARTE	SIM	PAREDÃO, PRAIA

Apêndice 2 – Plantas da ocupação de espaços e fluxos de circulação

2.1. Minuta das plantas

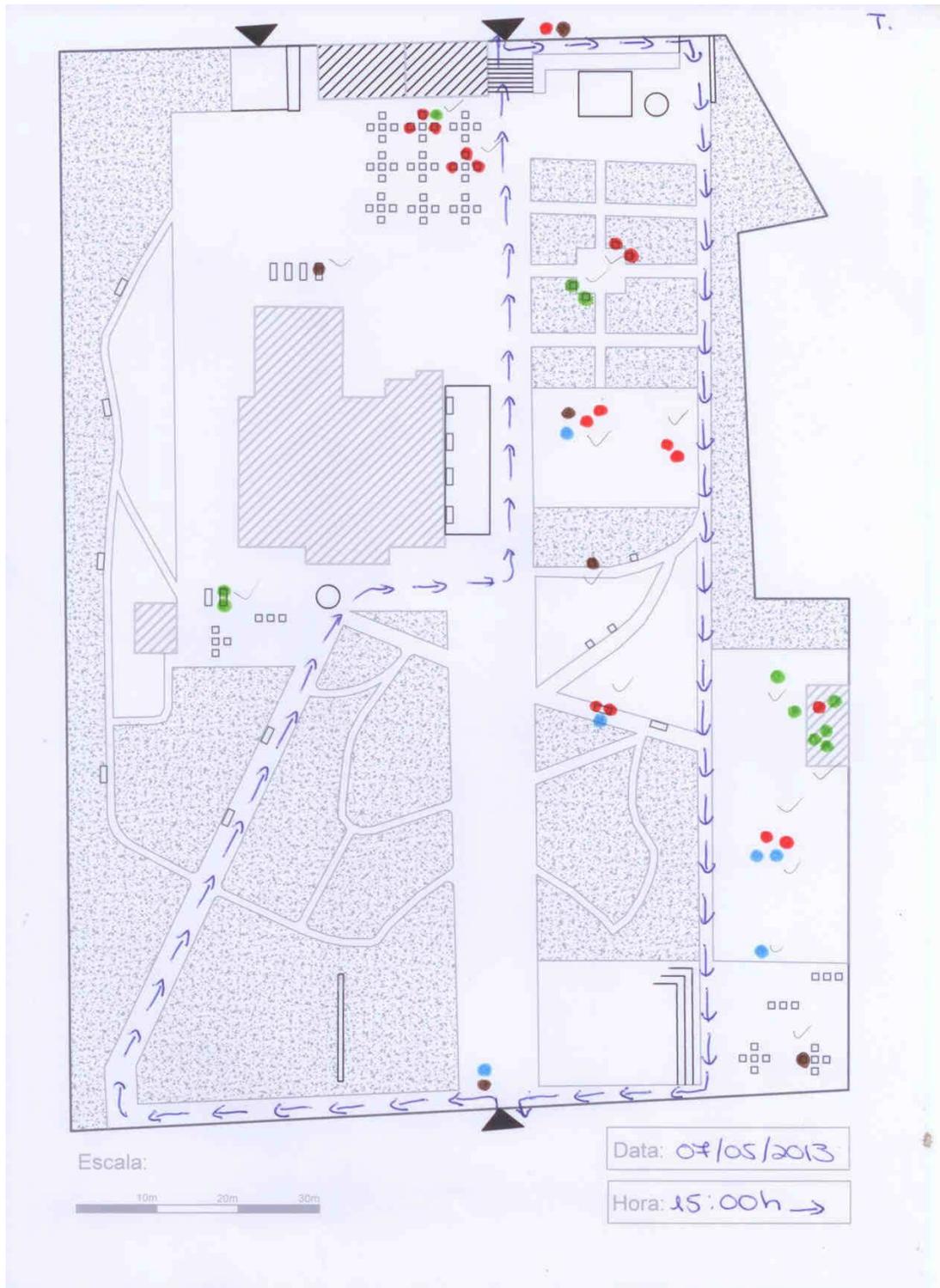


2.2. Plantas efectuadas

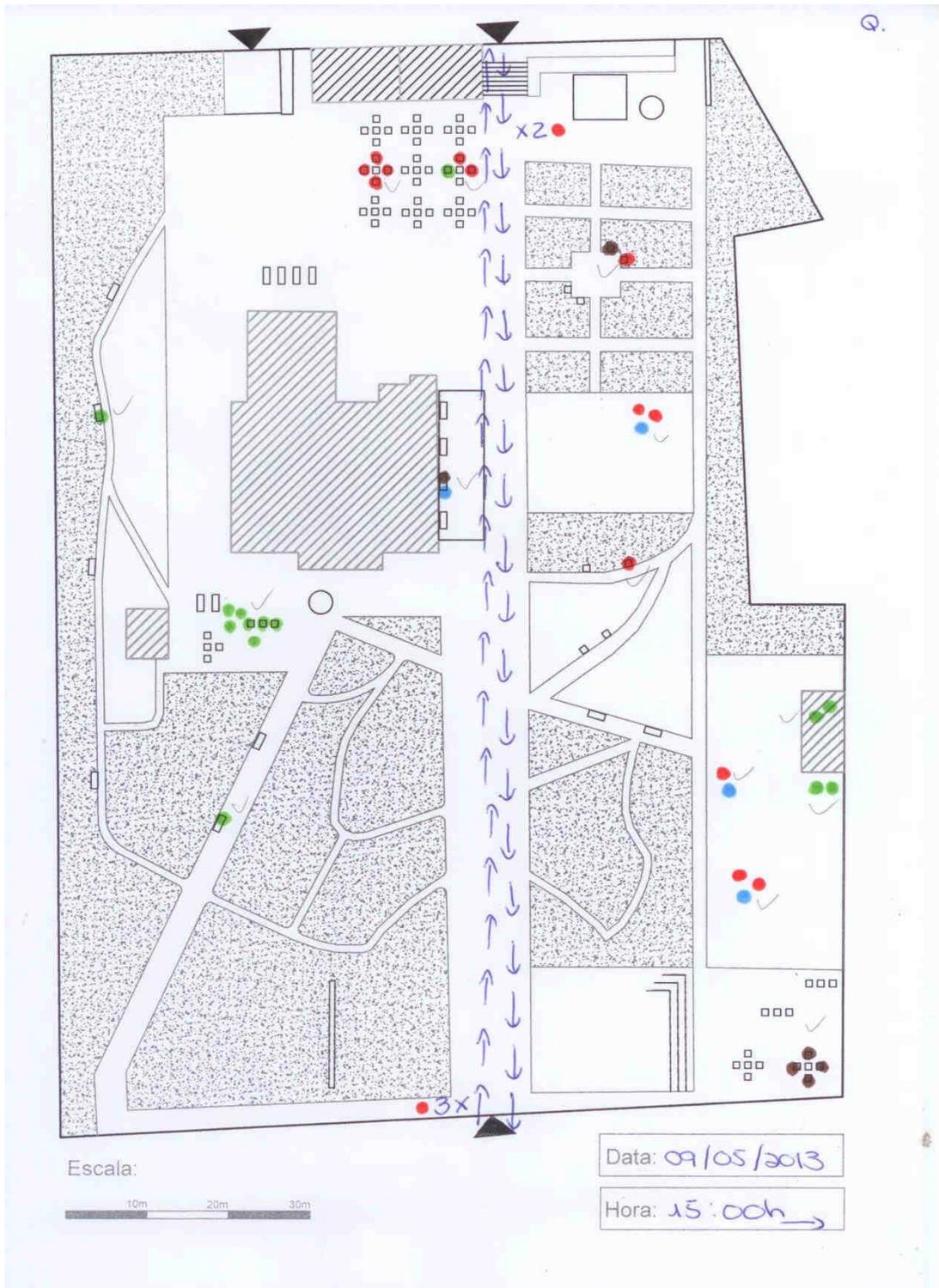
Planta 1 (dias úteis da semana)



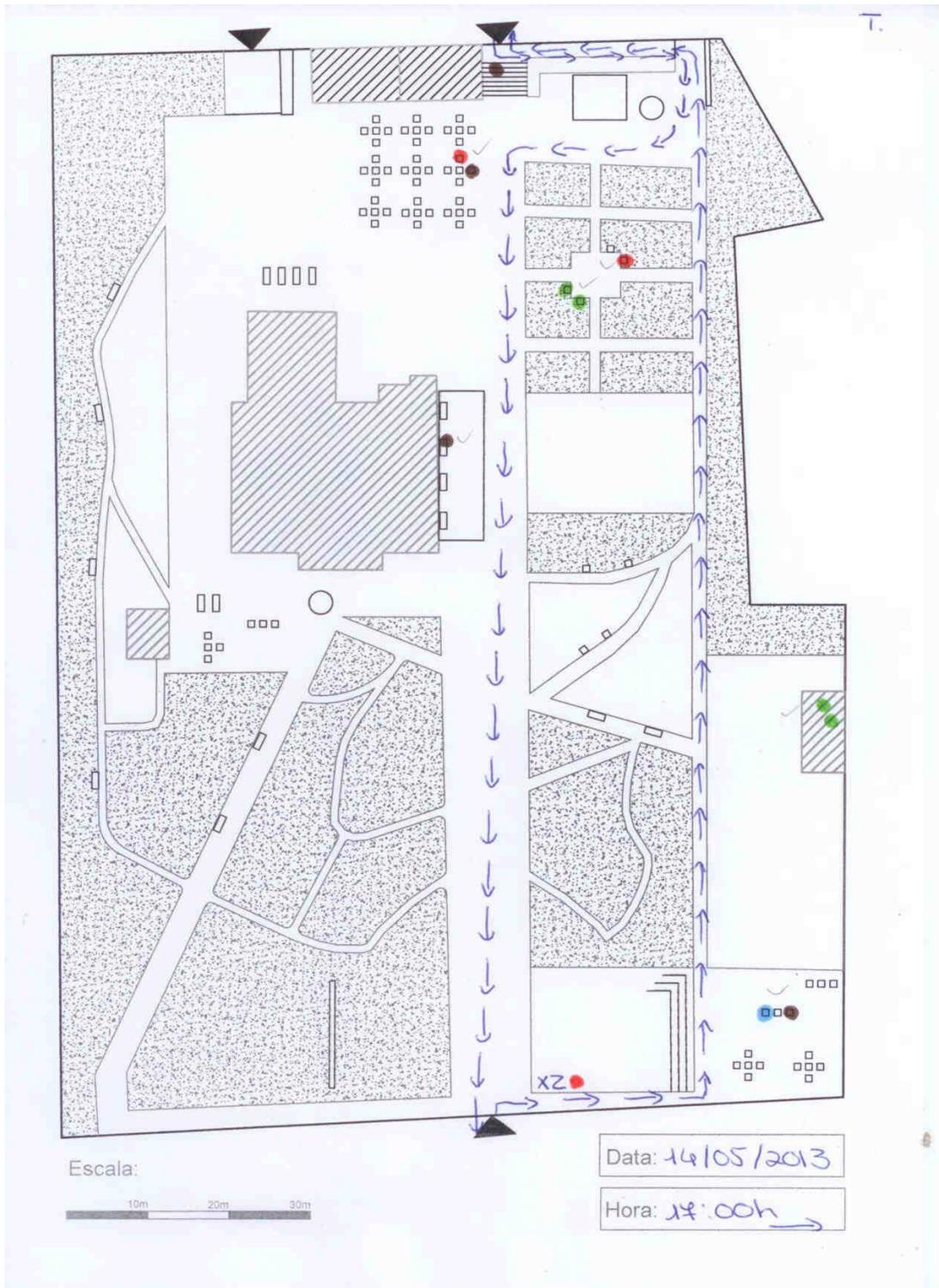
Planta 2 (dias úteis da semana)



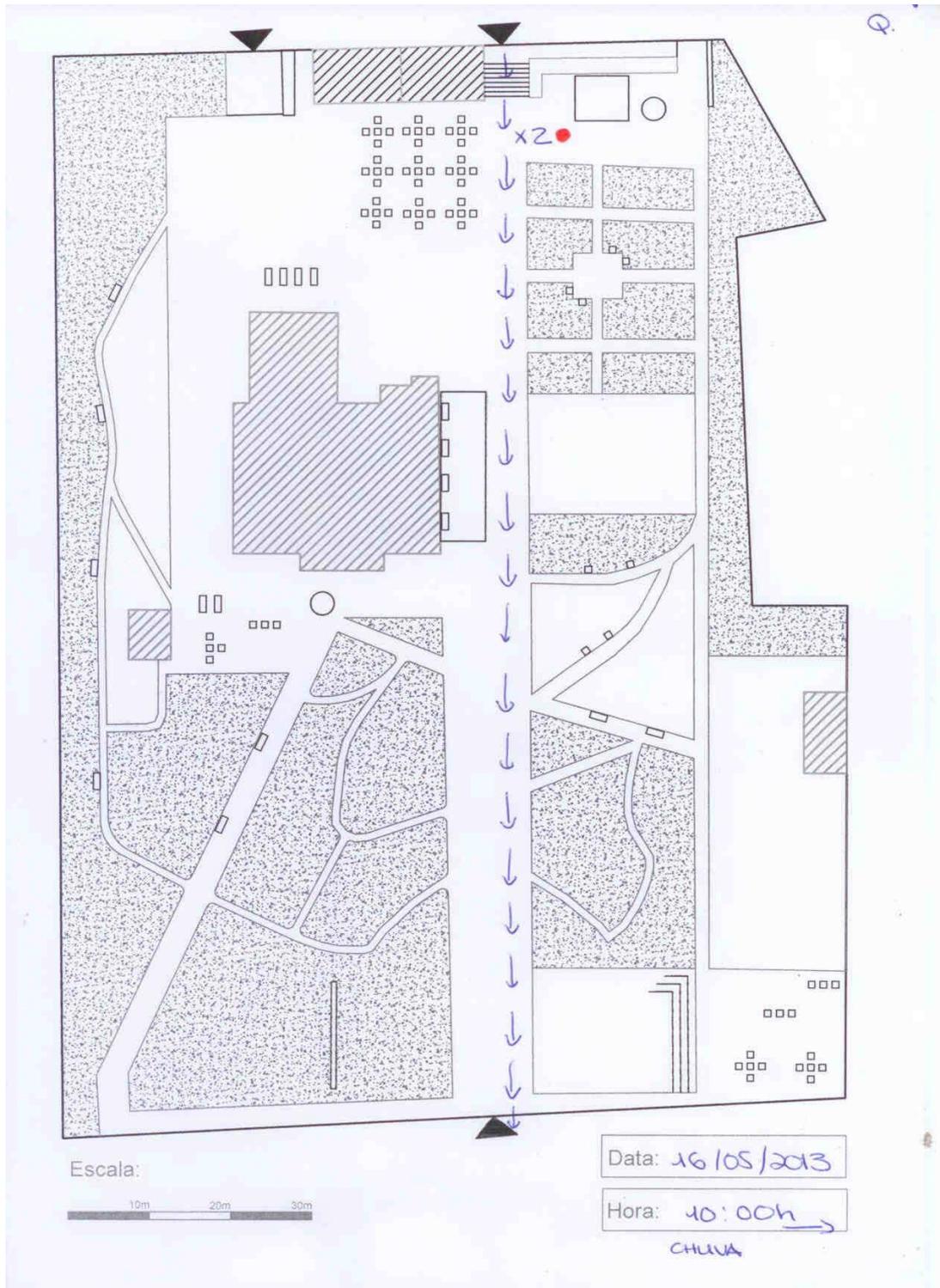
Planta 3 (dias úteis da semana)



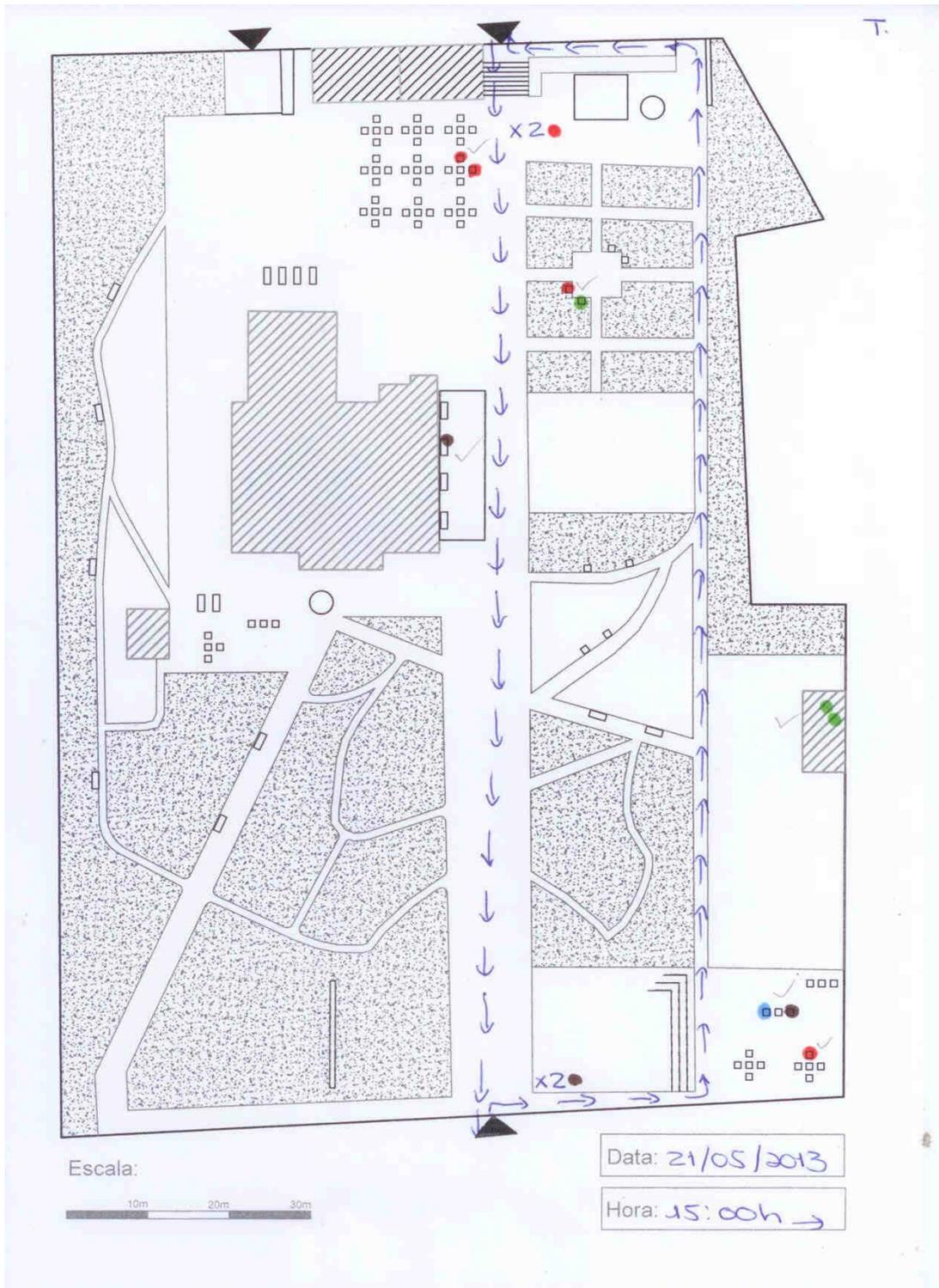
Planta 4 (dias úteis da semana)



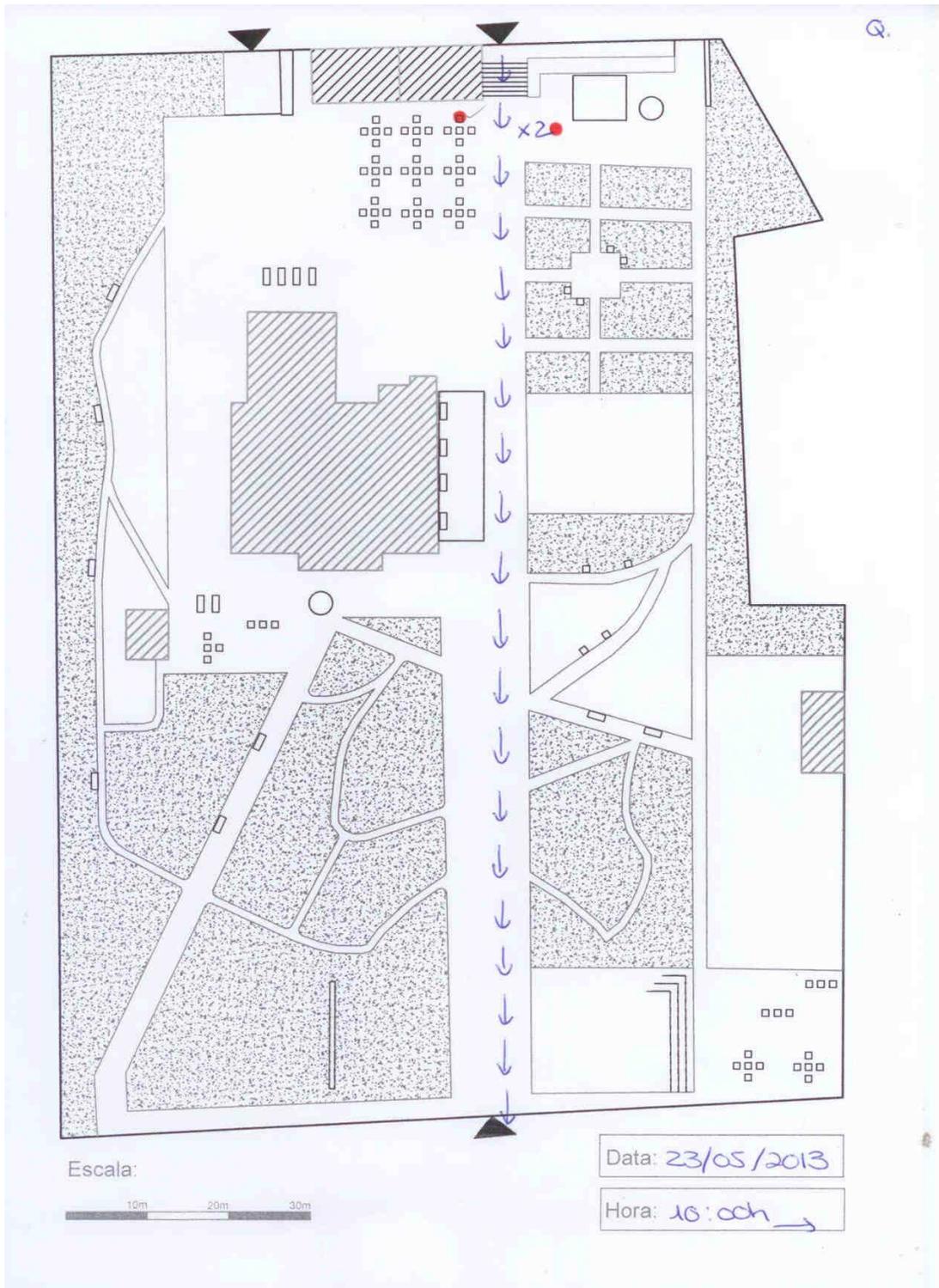
Planta 5 (dias úteis da semana)



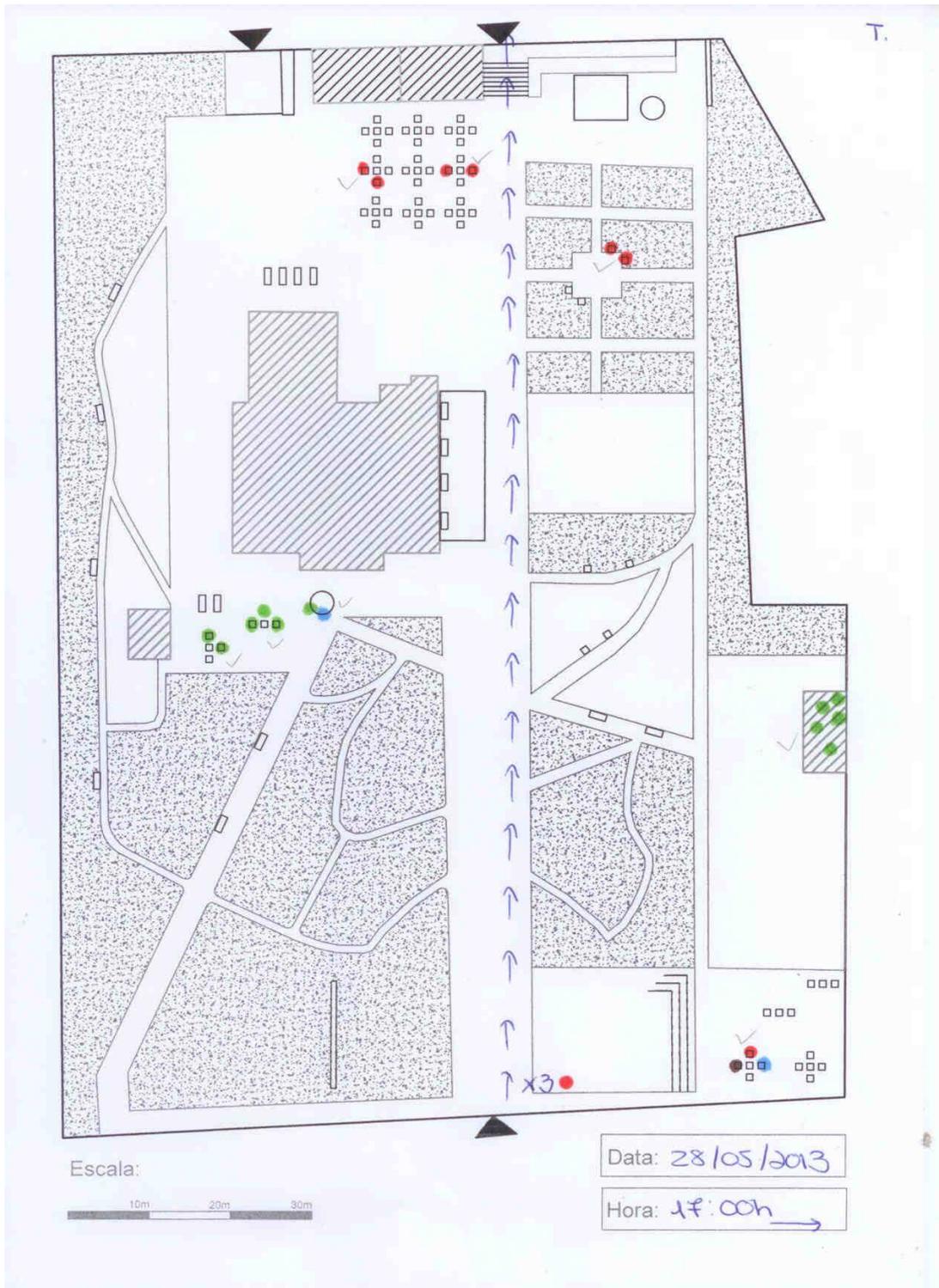
Planta 6 (dias úteis da semana)



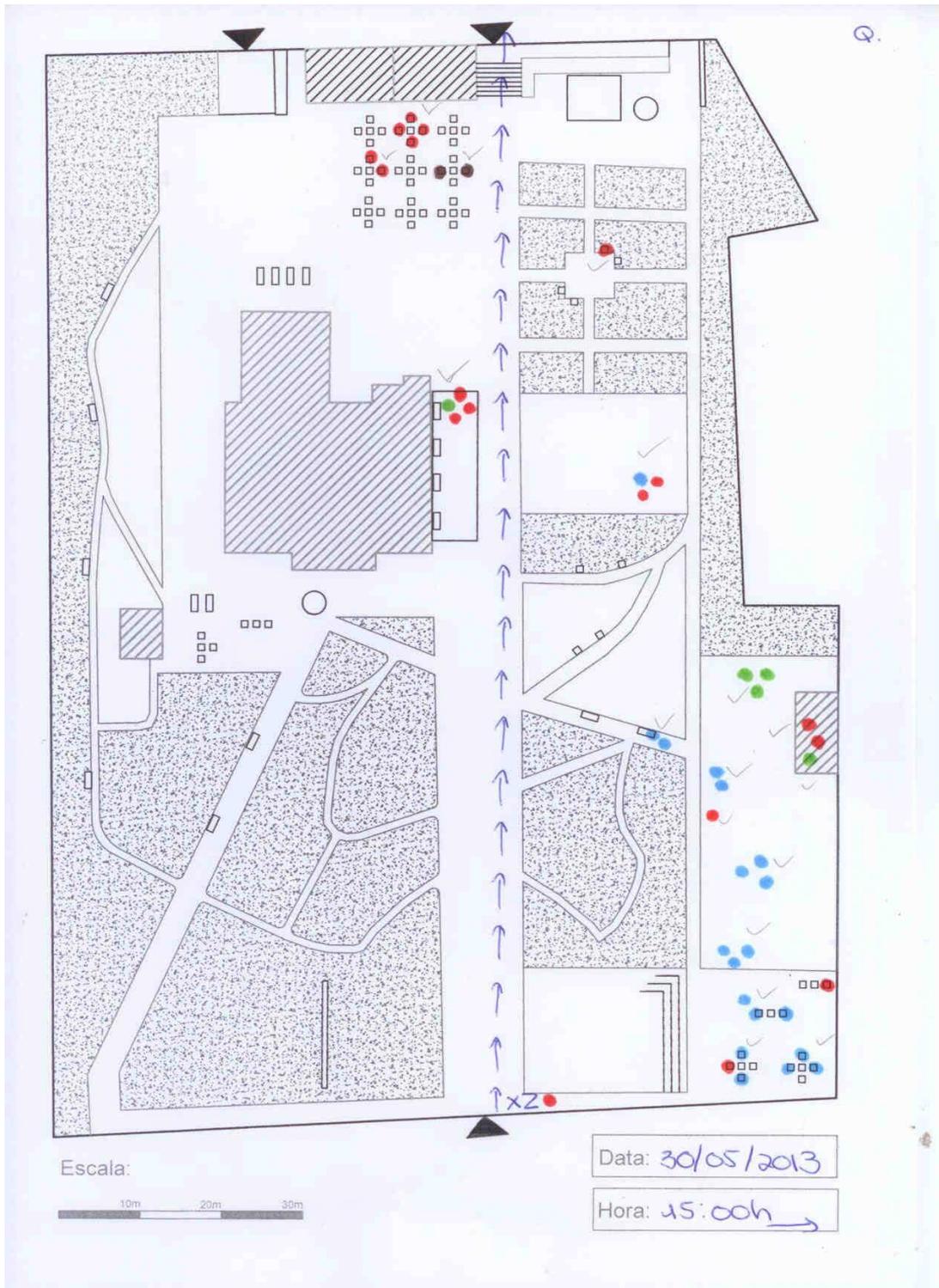
Planta 7 (dias úteis da semana)



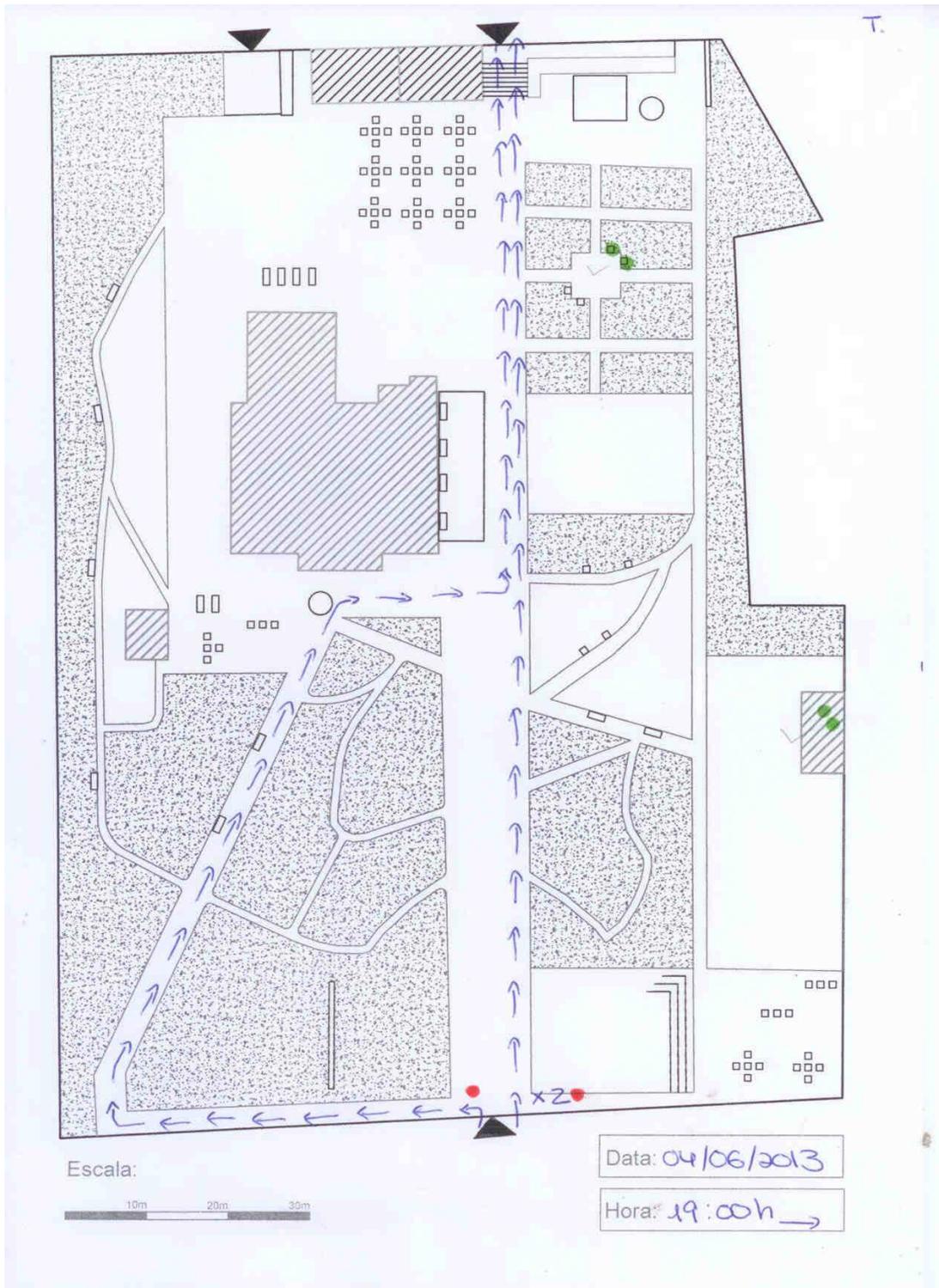
Planta 8 (dias úteis da semana)



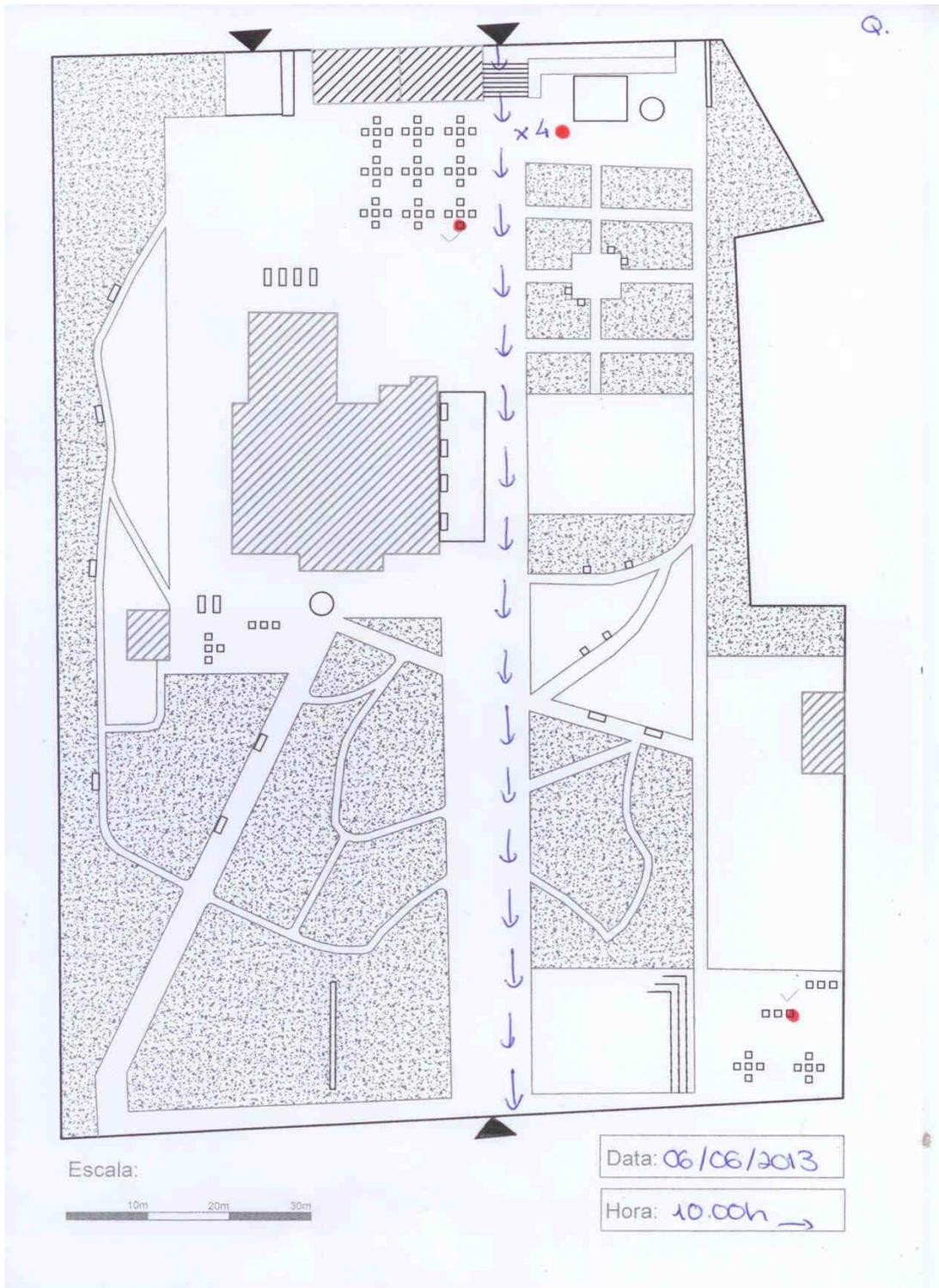
Planta 9 (dias úteis da semana)



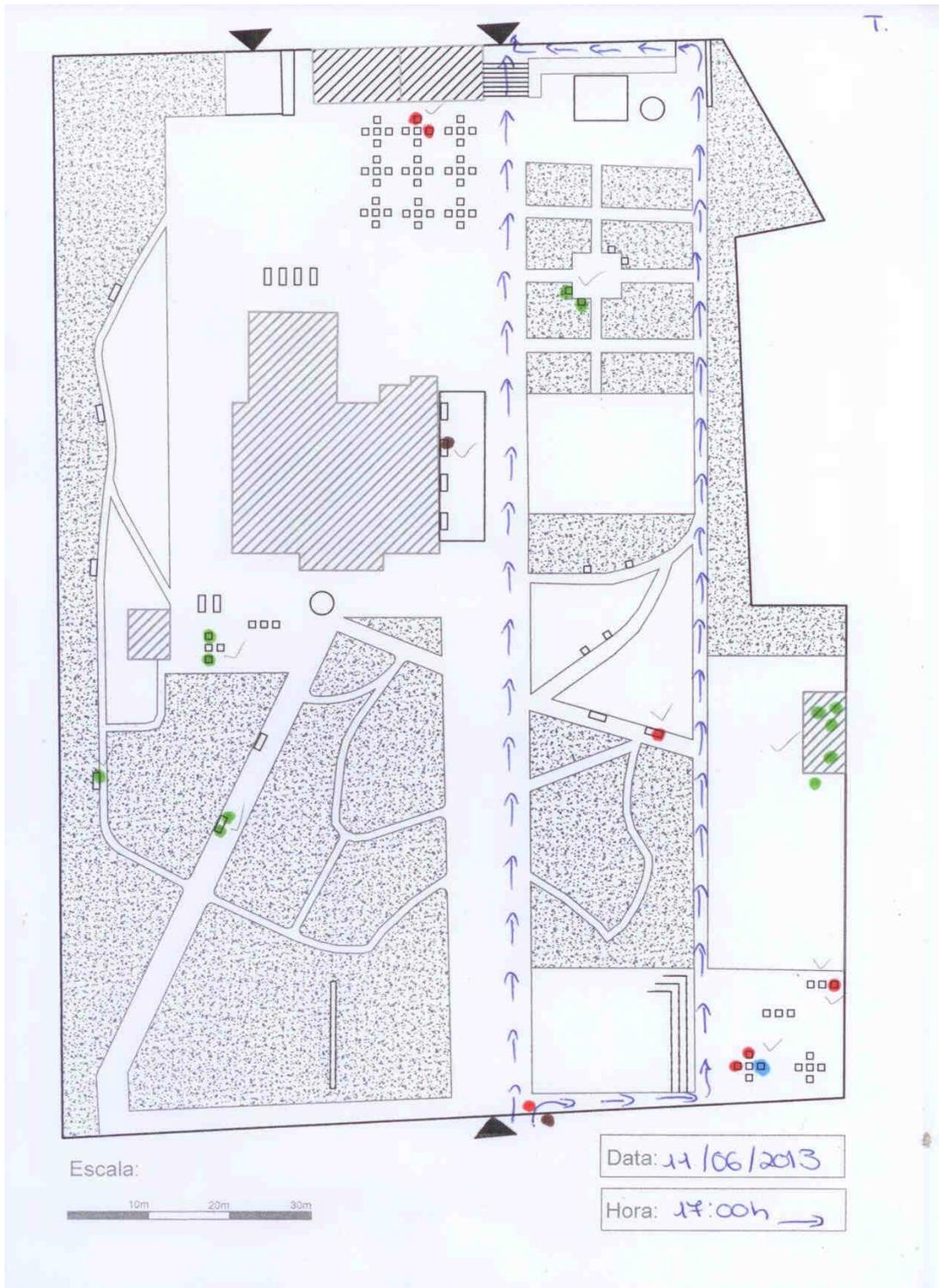
Planta 10 (dias úteis da semana)



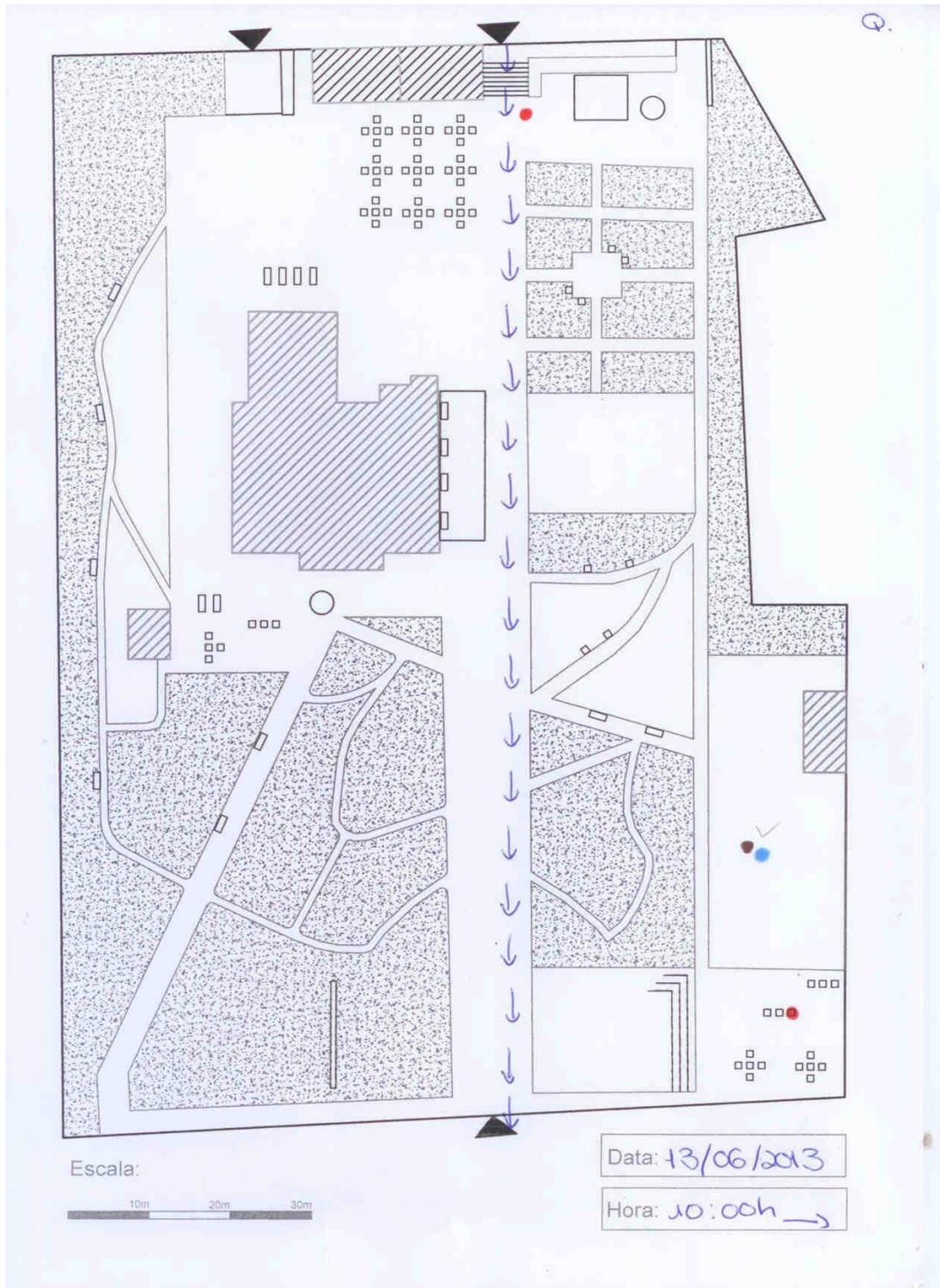
Planta 11 (dias úteis da semana)



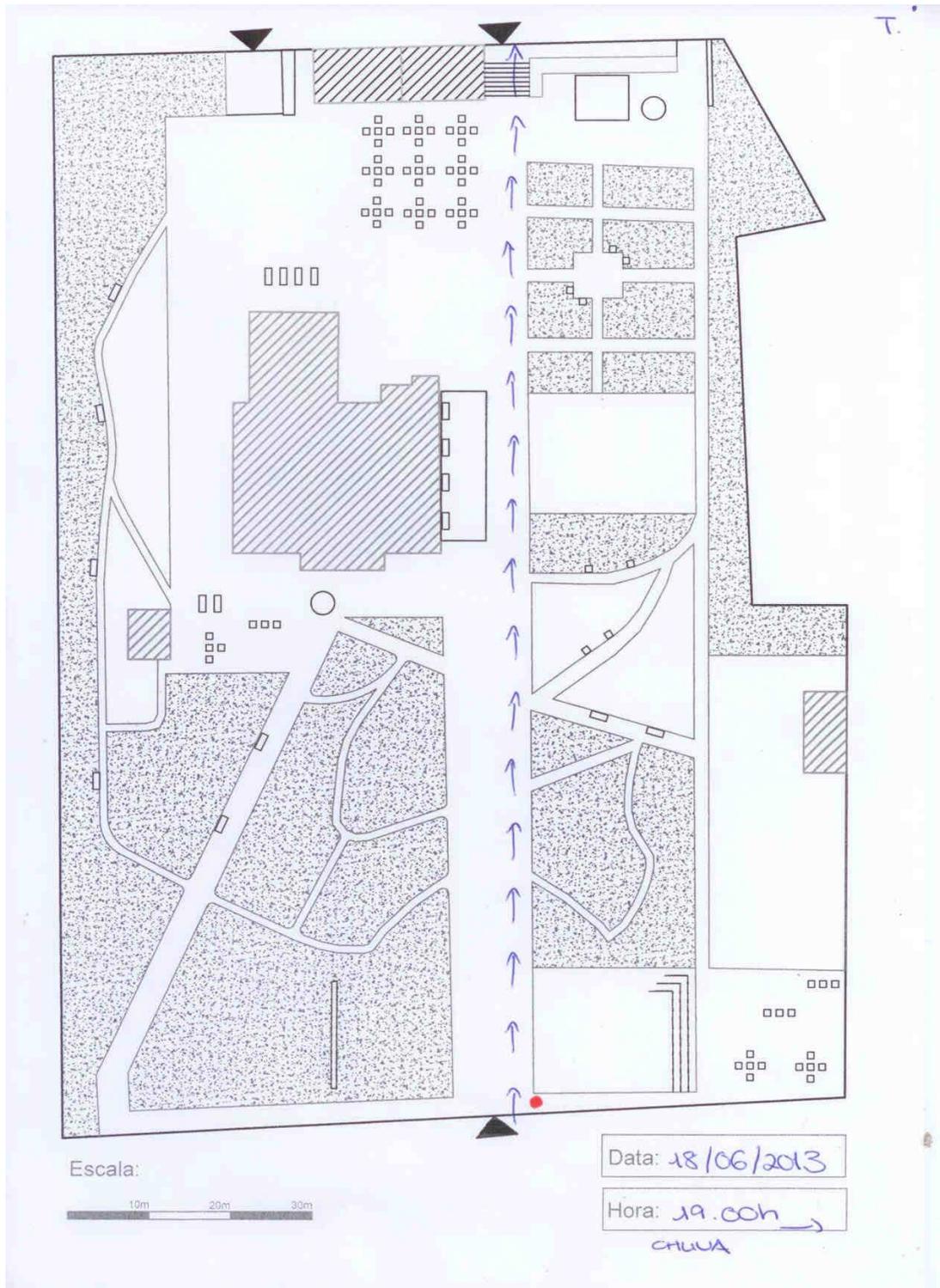
Planta 12 (dias úteis da semana)



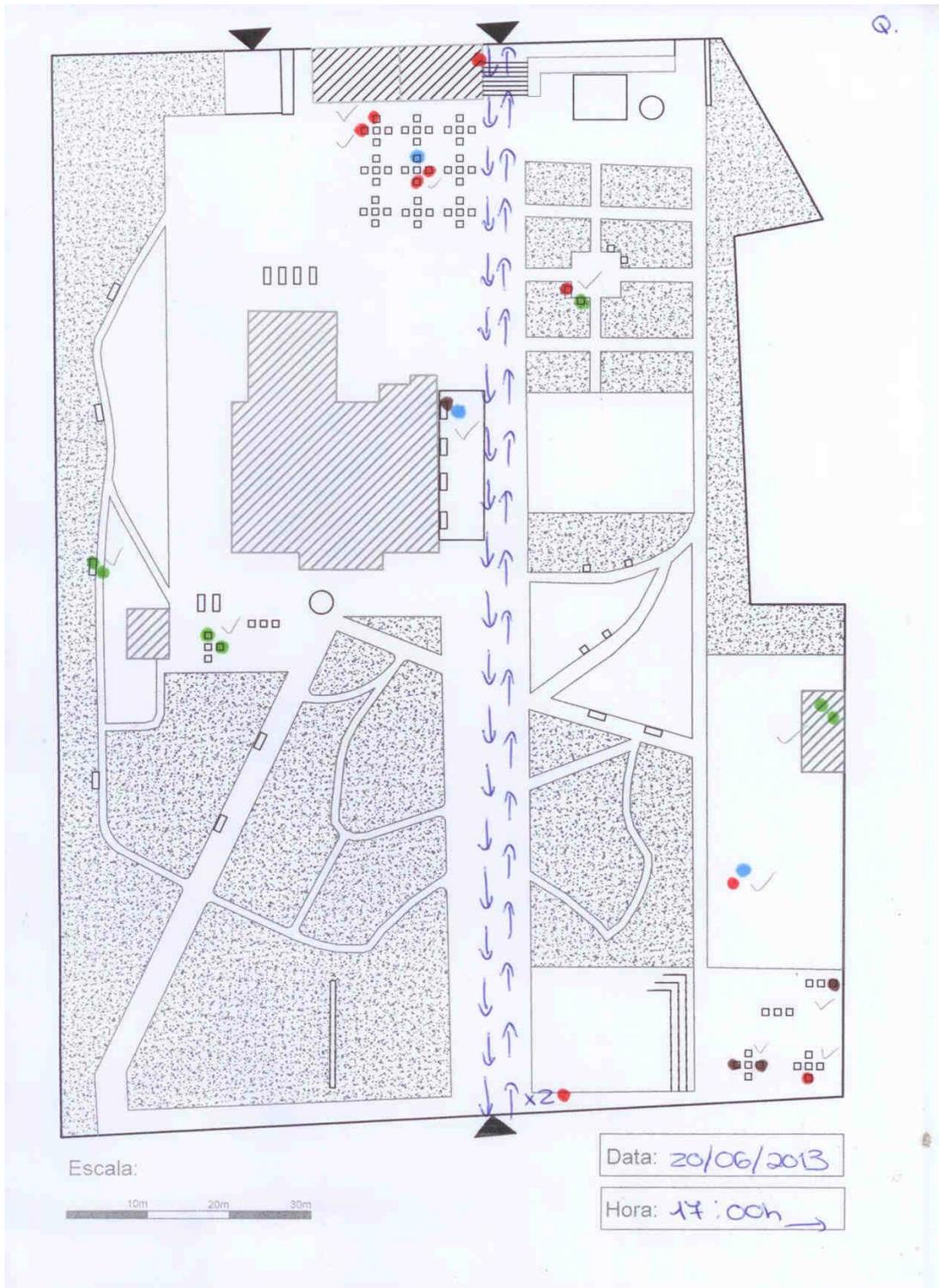
Planta 13 (dias úteis da semana)



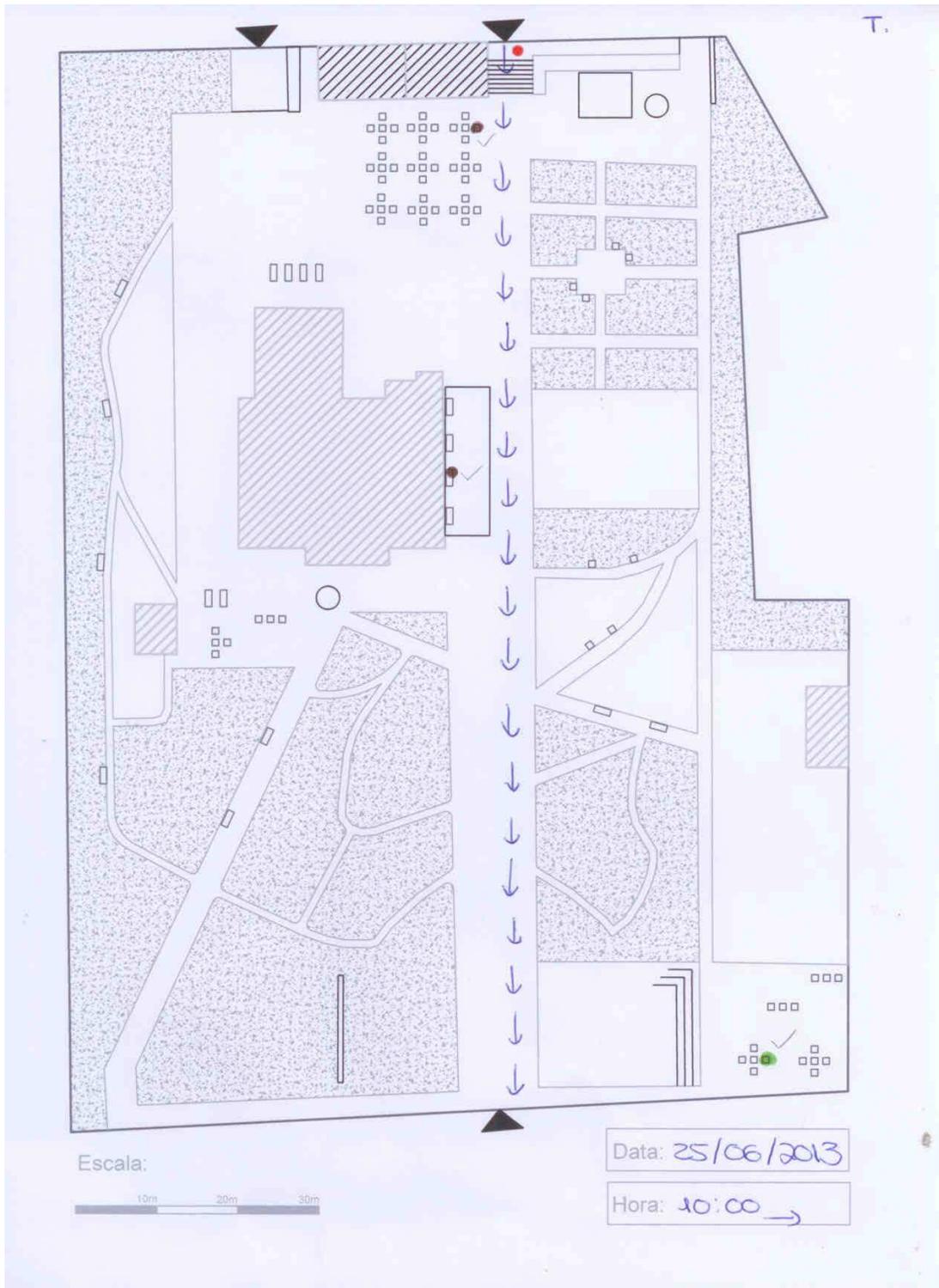
Planta 14 (dias úteis da semana)



Planta 15 (dias úteis da semana)



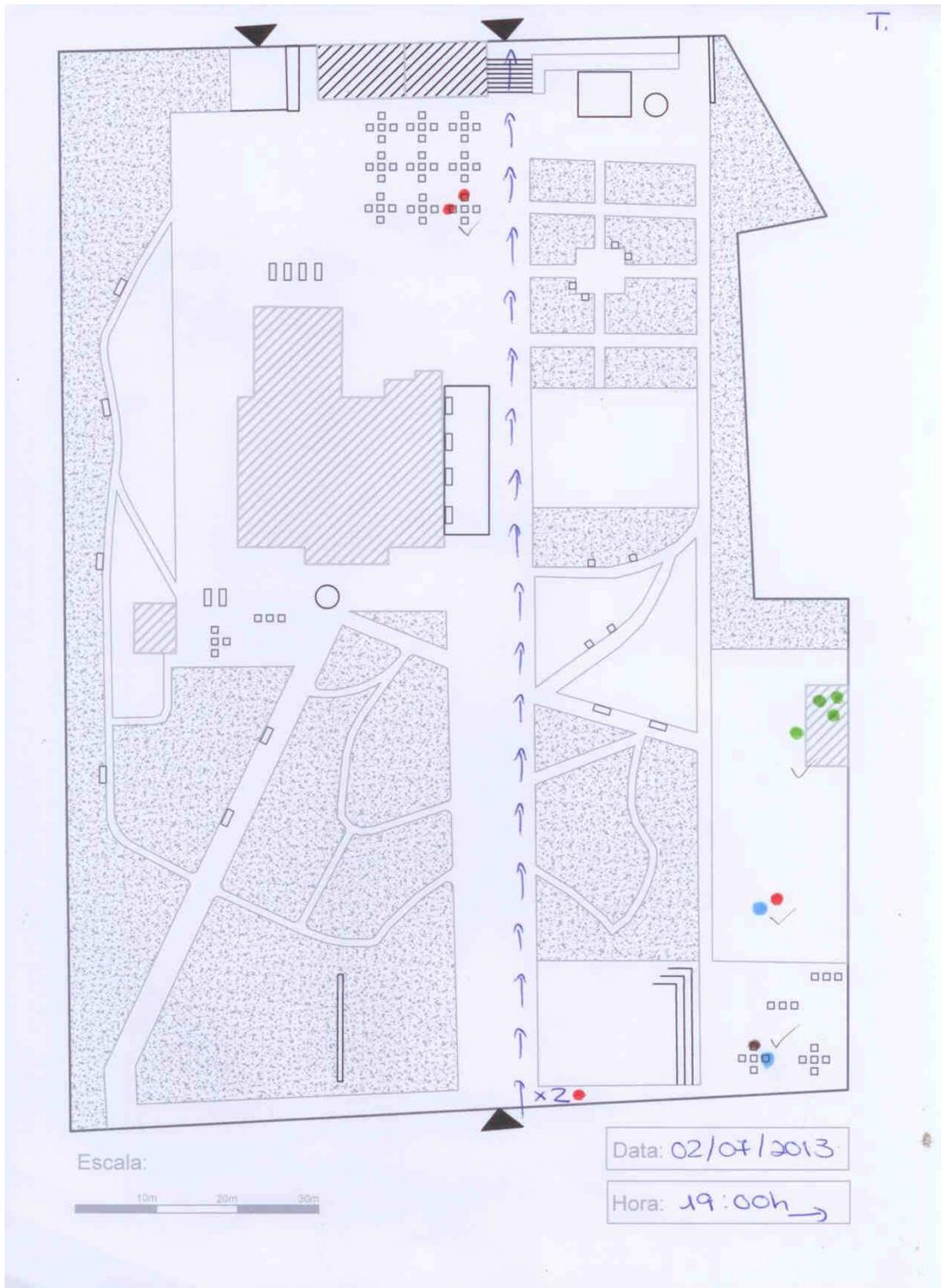
Planta 16 (dias úteis da semana)



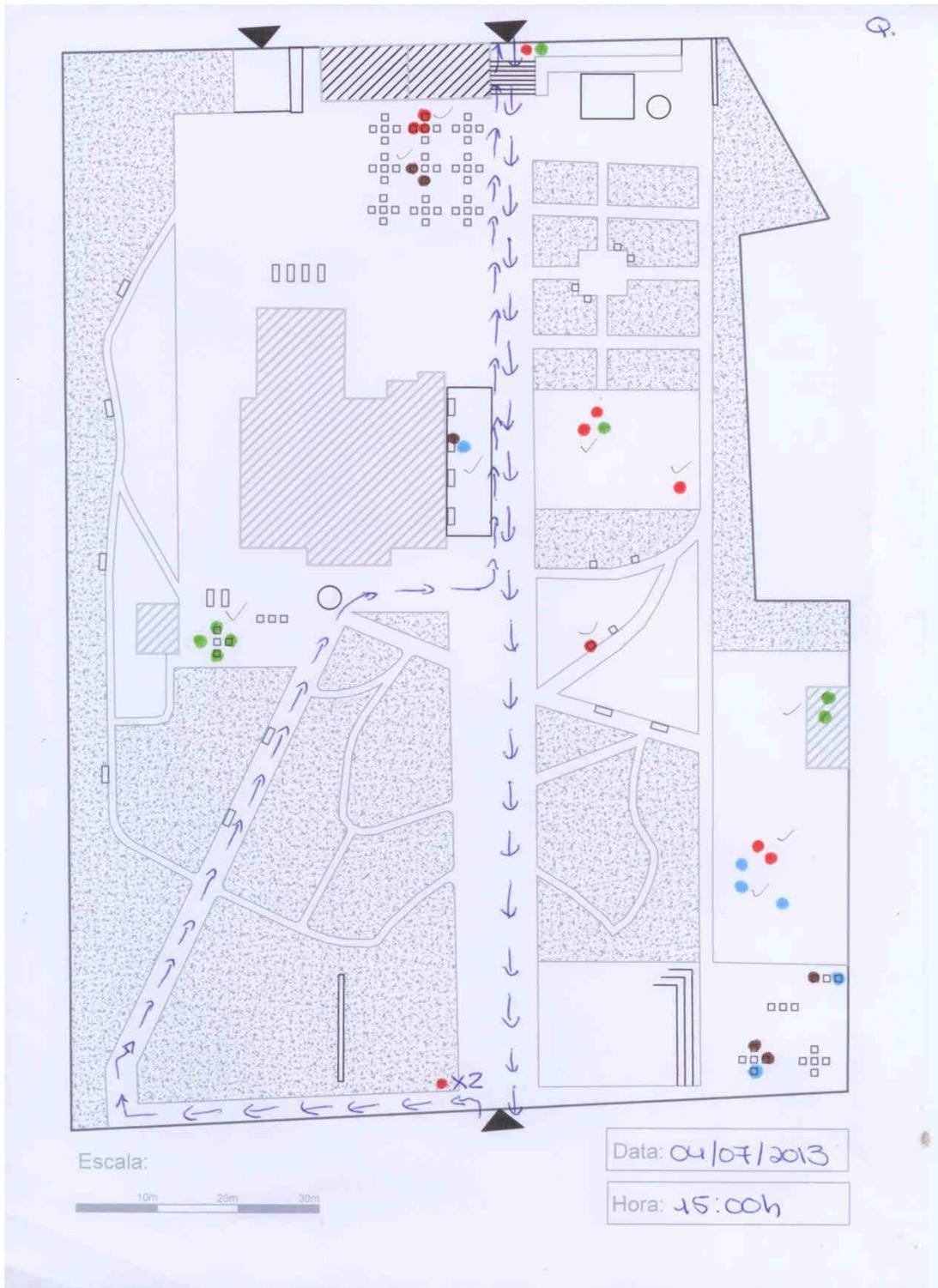
Planta 17 (dias úteis da semana)



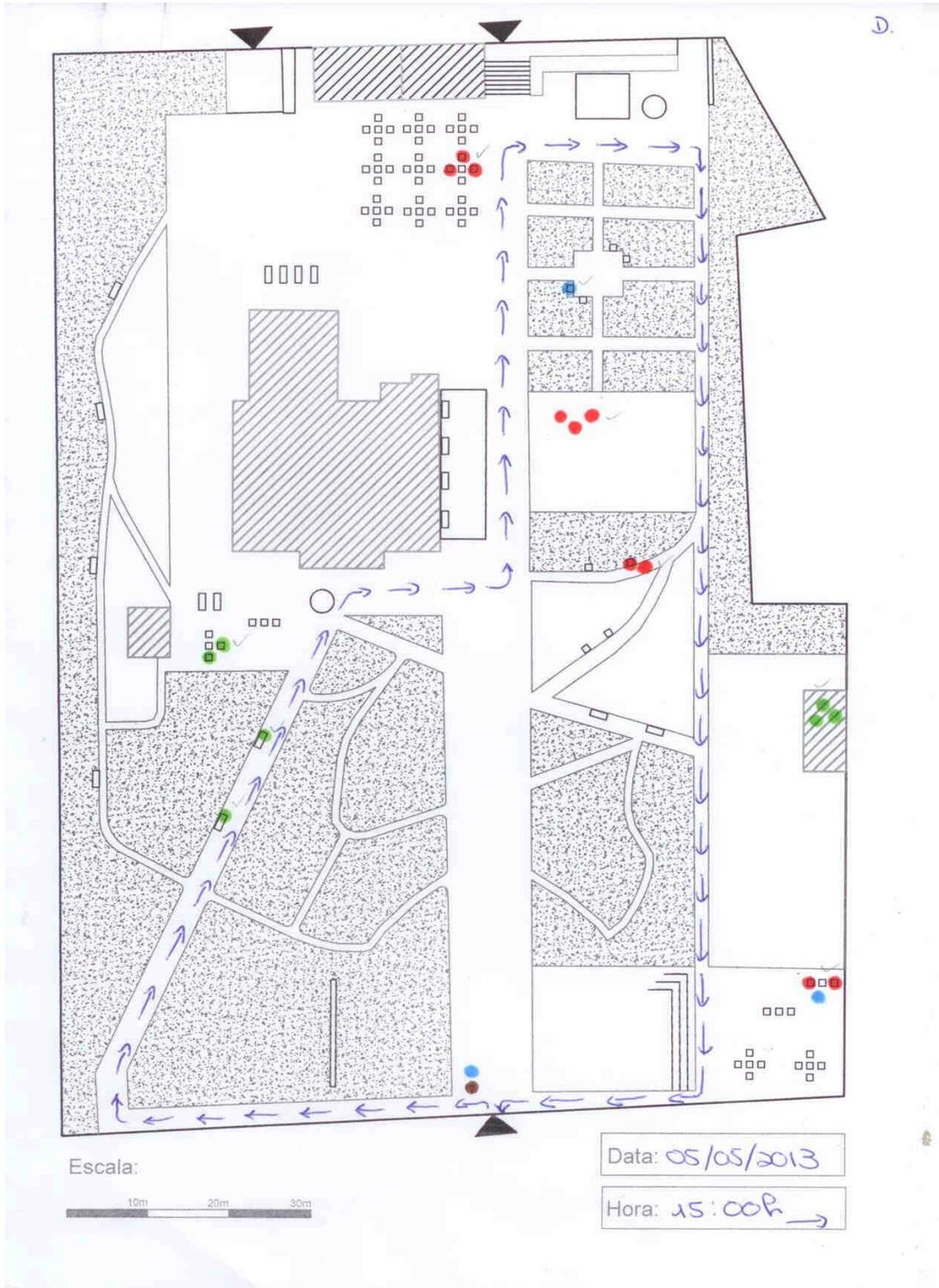
Planta 18 (dias úteis da semana)



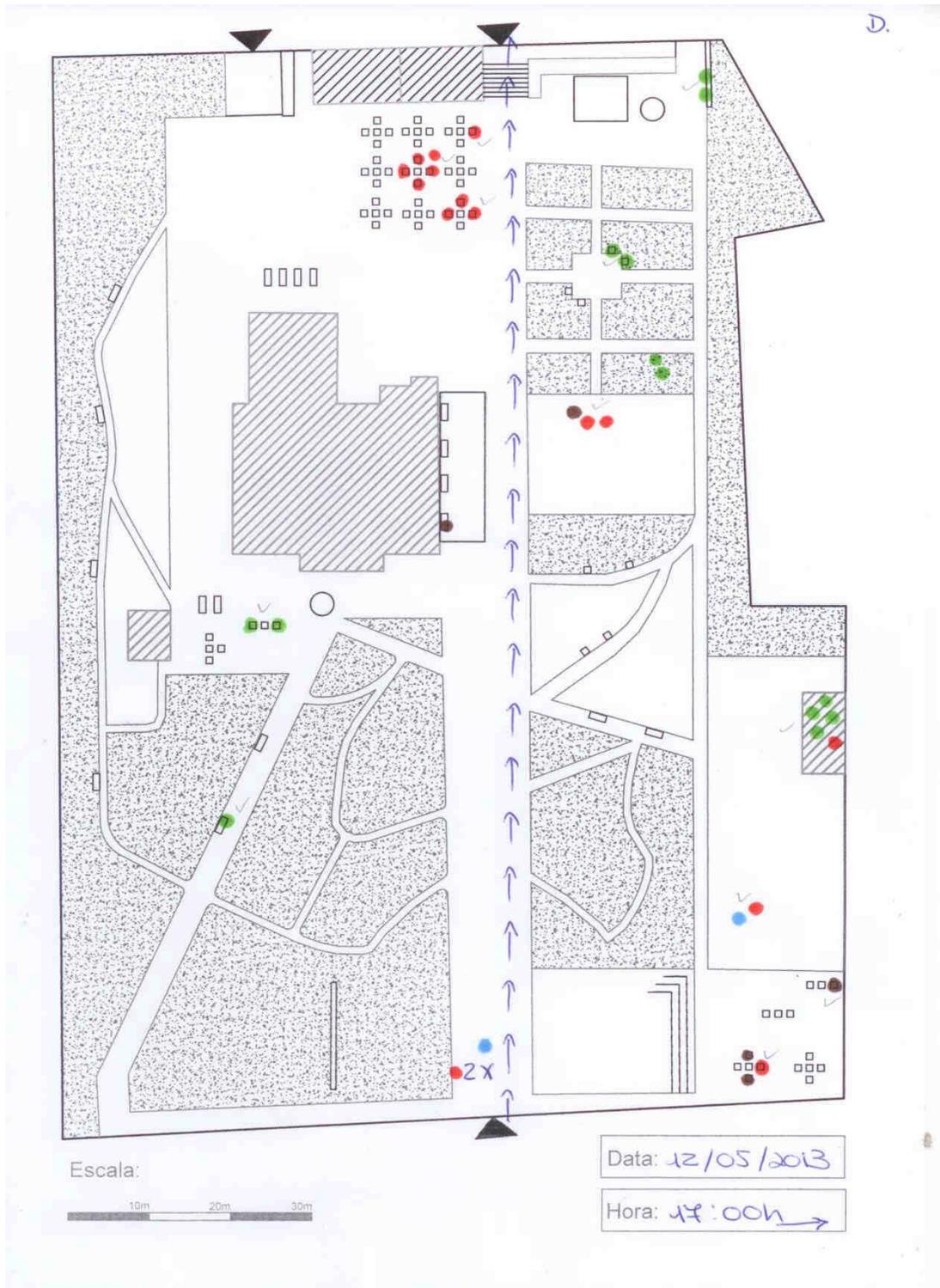
Planta 19 (dias úteis da semana)



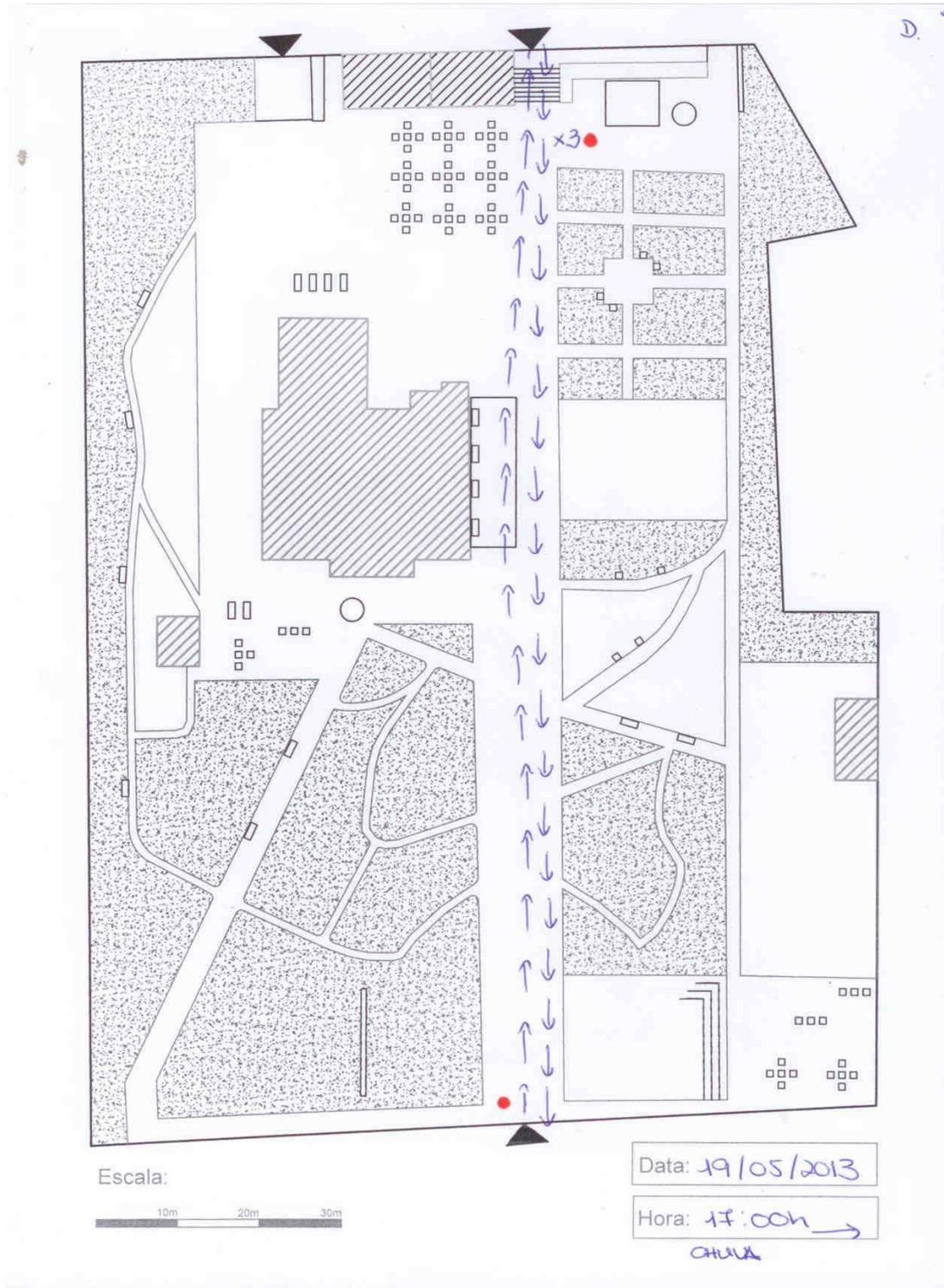
Planta 20 (fim-de-semana)



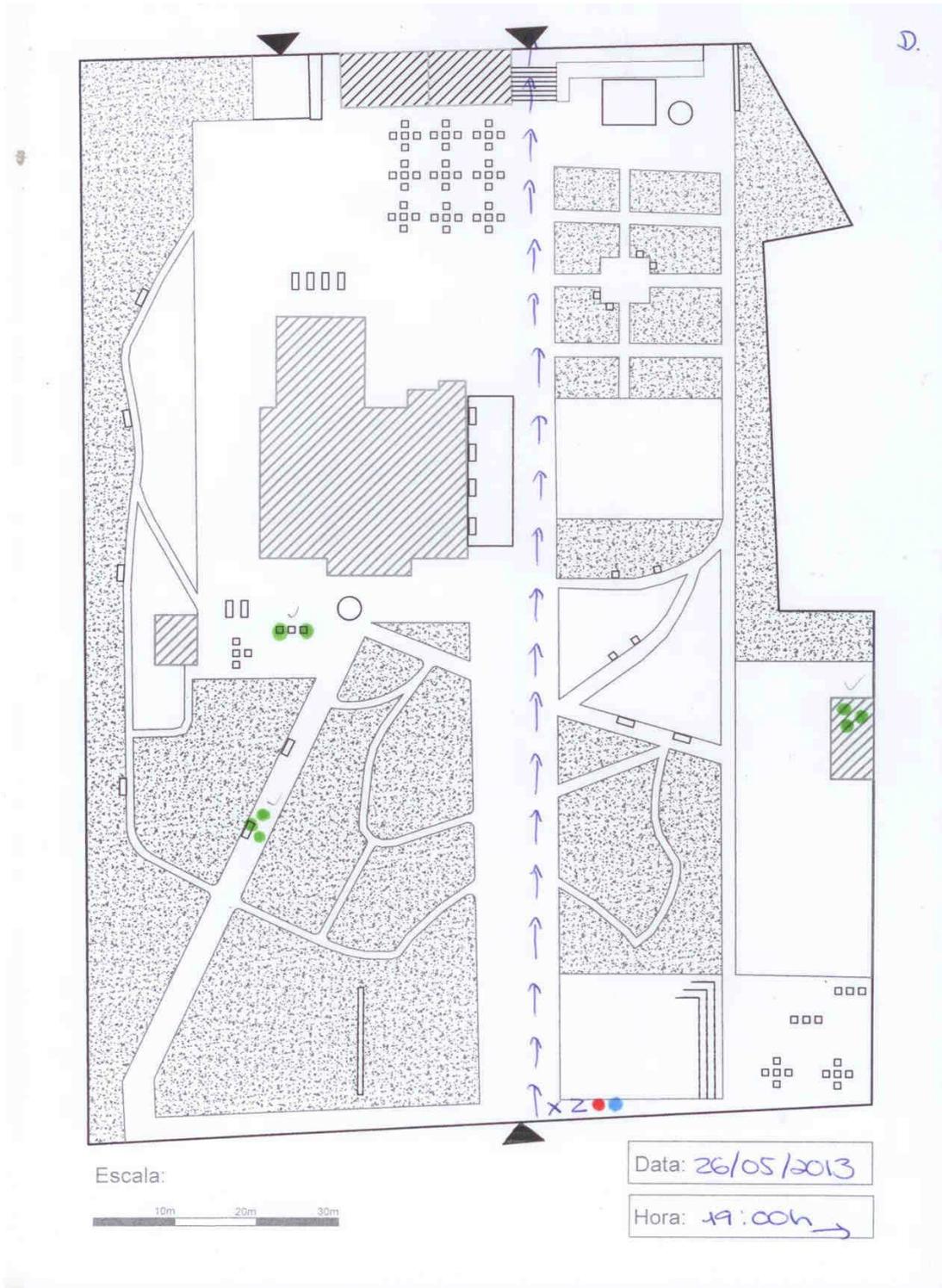
Planta 21 (fim-de-semana)



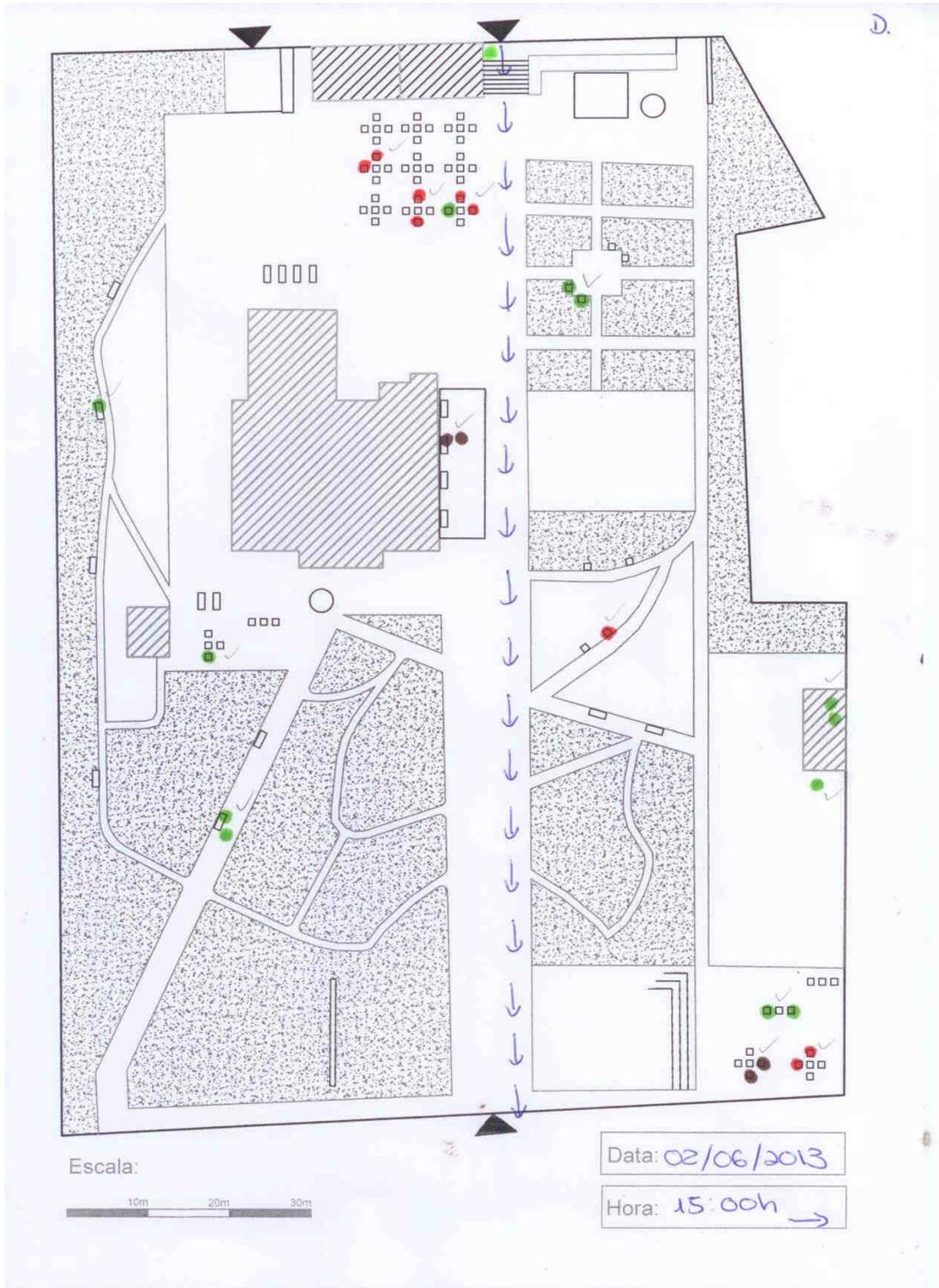
Planta 22 (fim-de-semana)



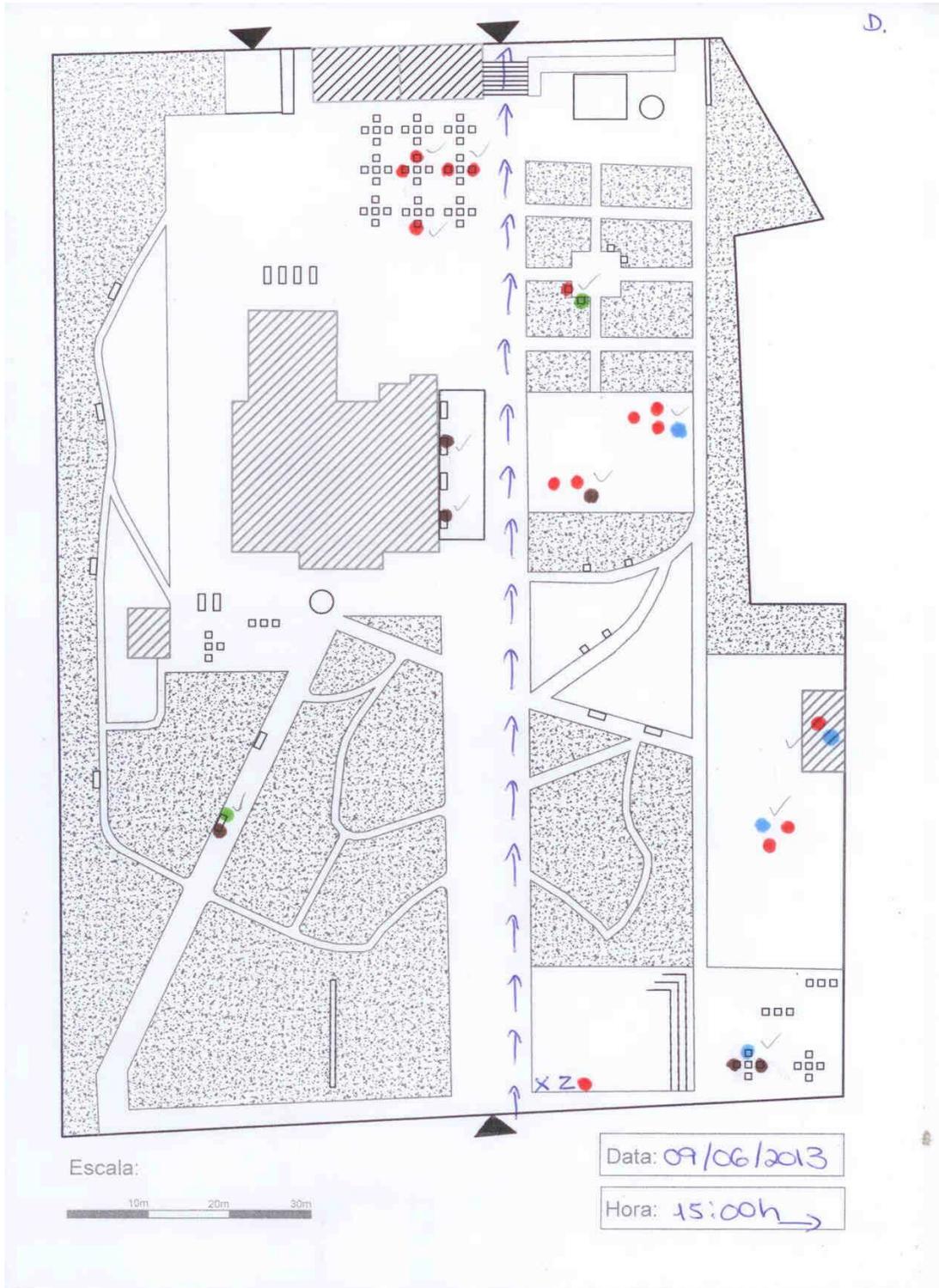
Planta 23 (fim-de-semana)



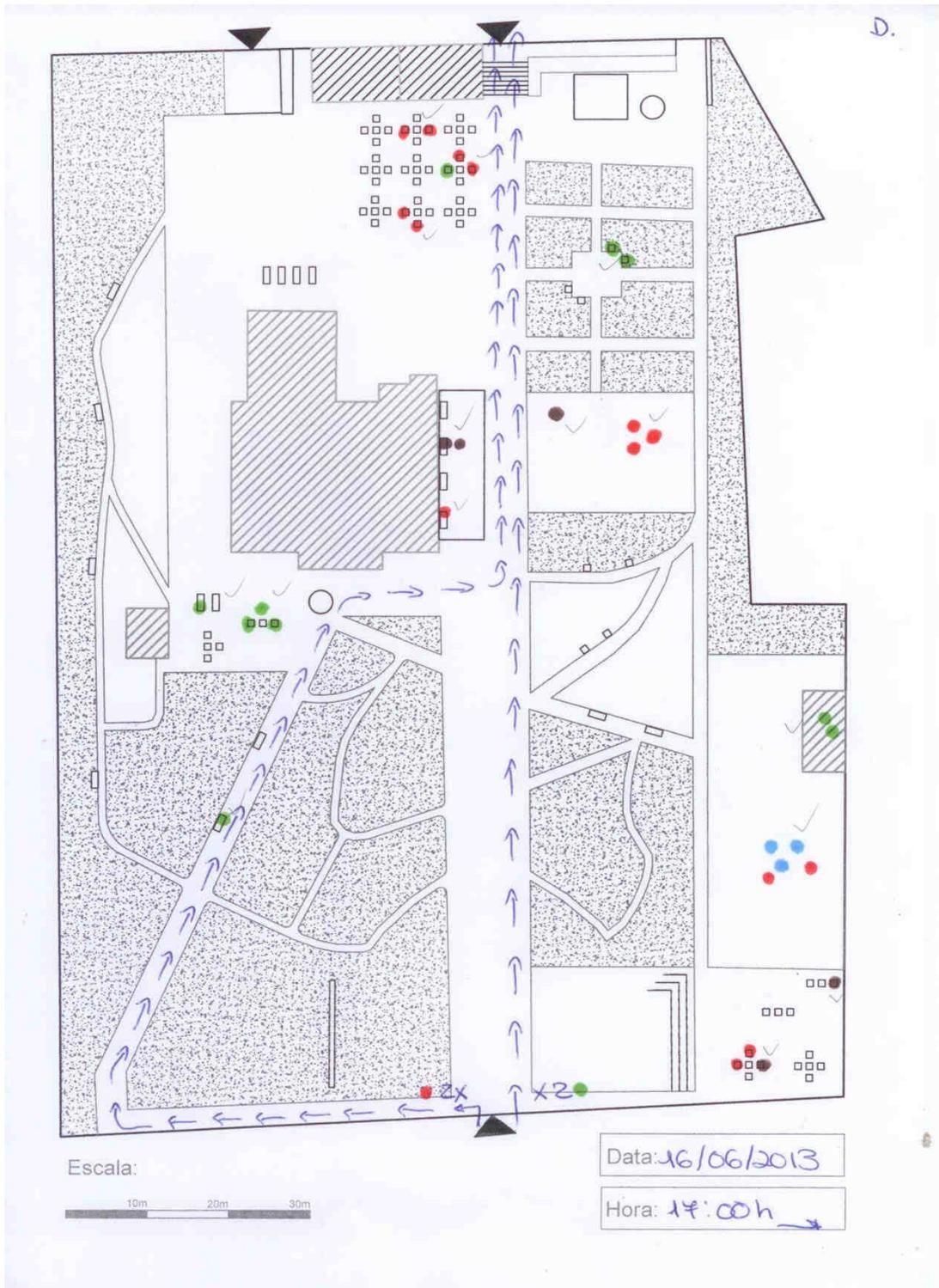
Planta 24 (fim-de-semana)



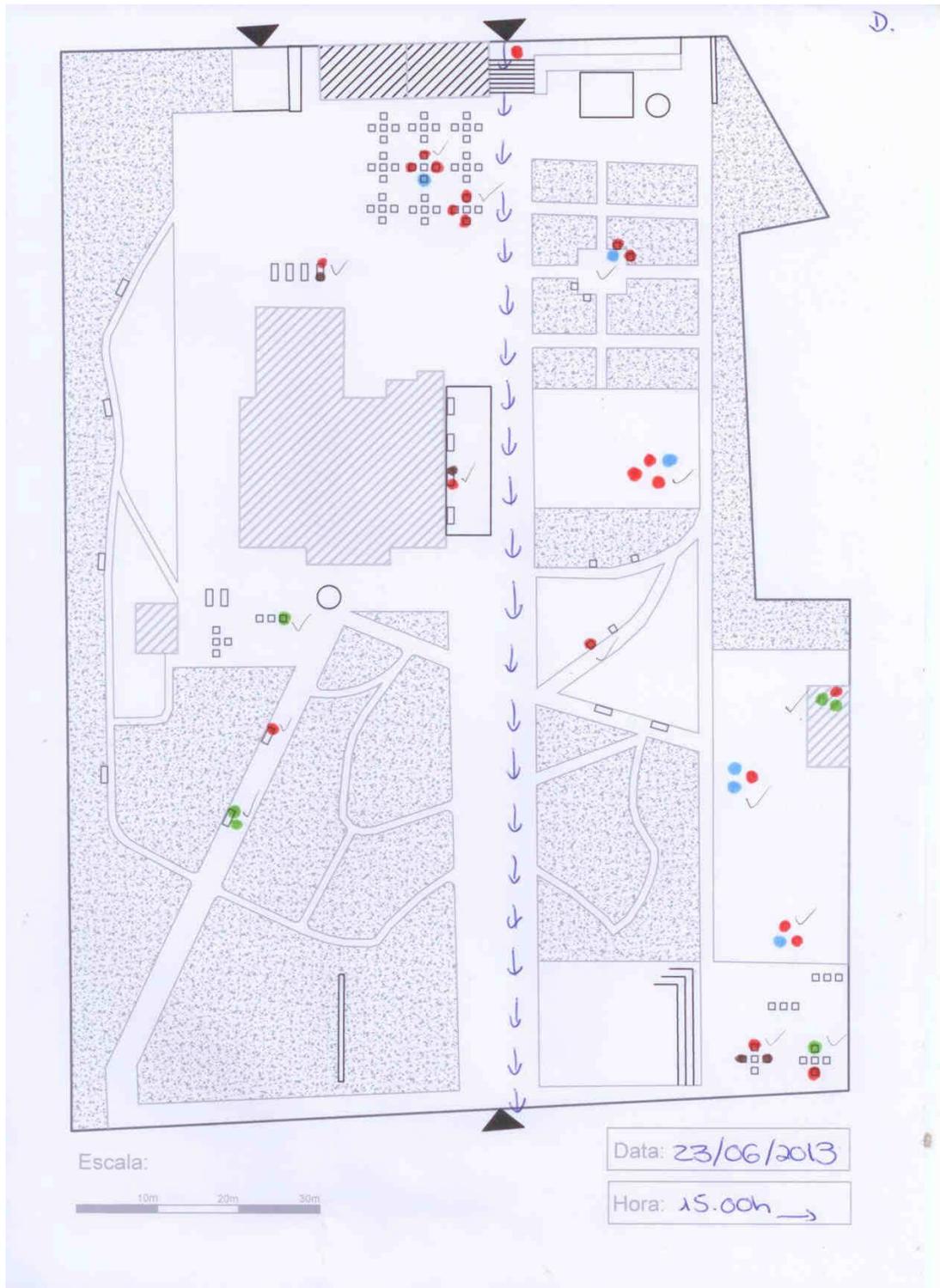
Planta 25 (fim-de-semana)



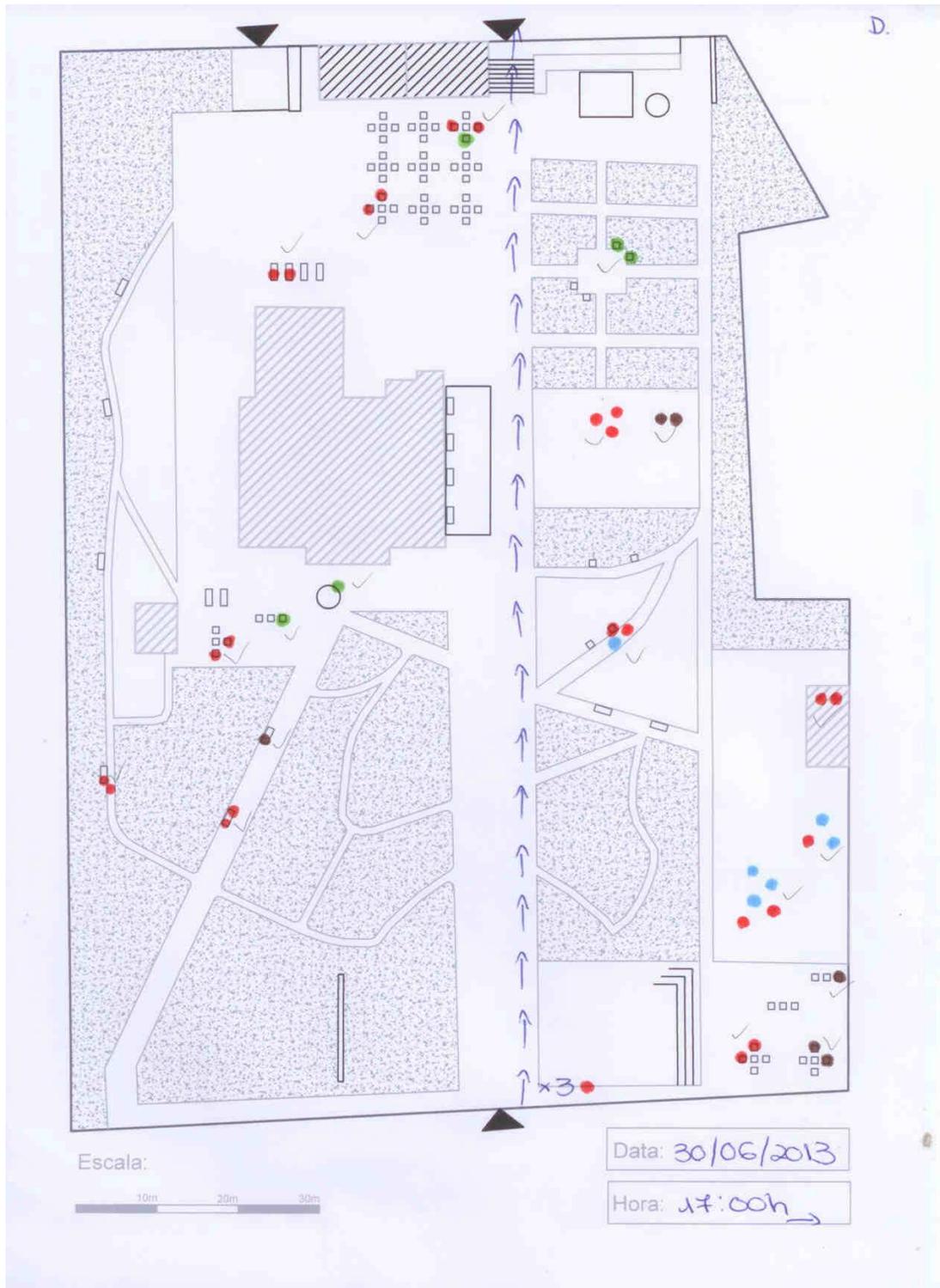
Planta 26 (fim-de-semana)



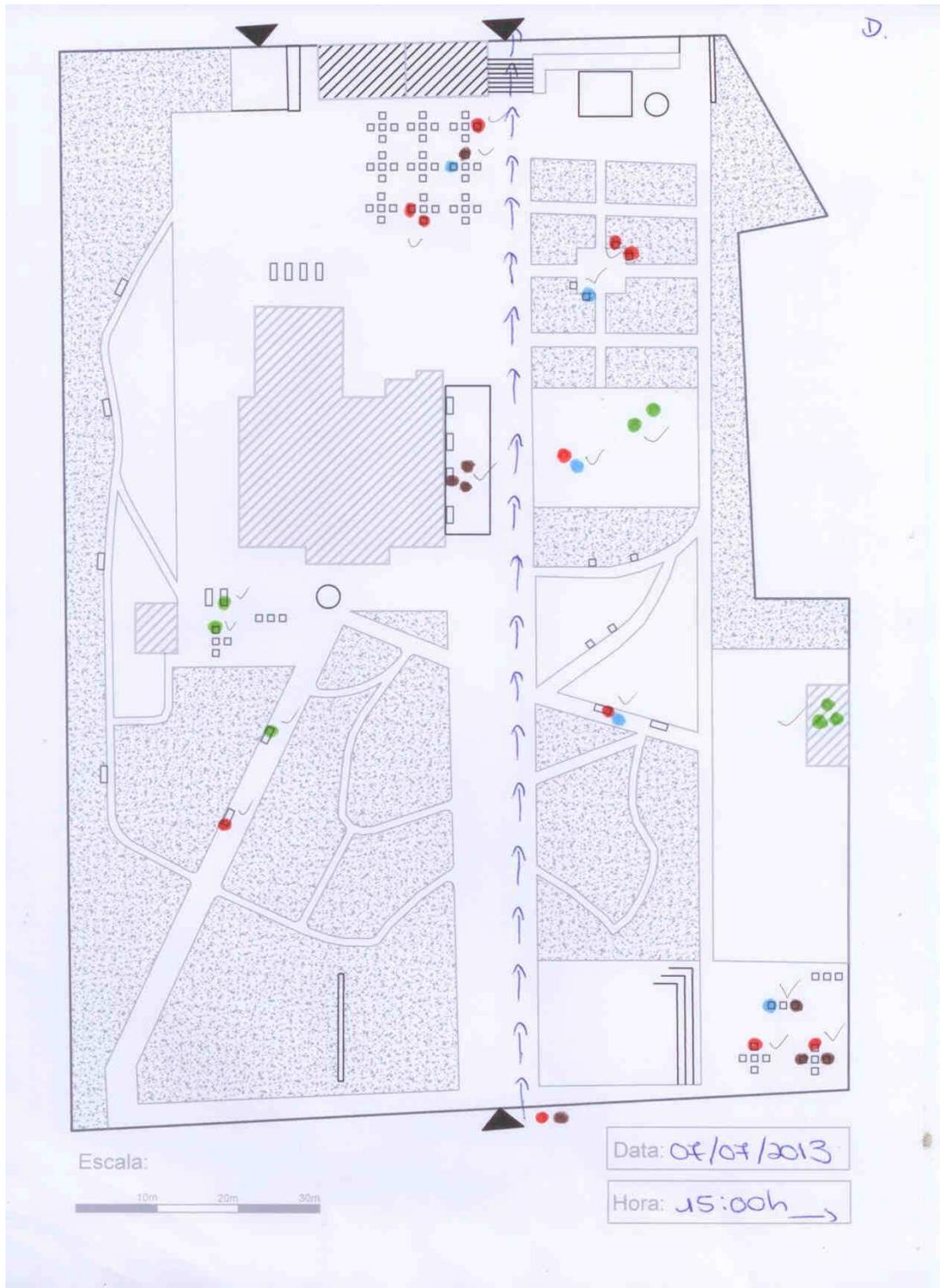
Planta 27 (fim-de-semana)



Planta 28 (fim-de-semana)



Planta 29 (fim-de-semana)



Apêndice 3 – Registos fotográficos

Grelha 1 (antigo alpendre; edifício principal; pérgola)

ANTIGO ALPENDRE



EDIFÍCIO PRINCIPAL

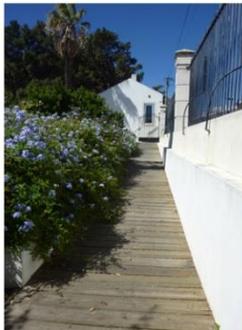
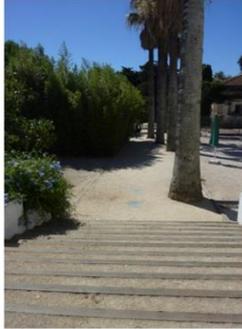


PÉRGOLA



Grelha 2 (entradas e eixo central)

ENTRADAS E EIXO CENTRAL



Grelha 3 (esplanada/restaurante; bambús)

ESPLANADA RESTAURANTE



BAMBÚS



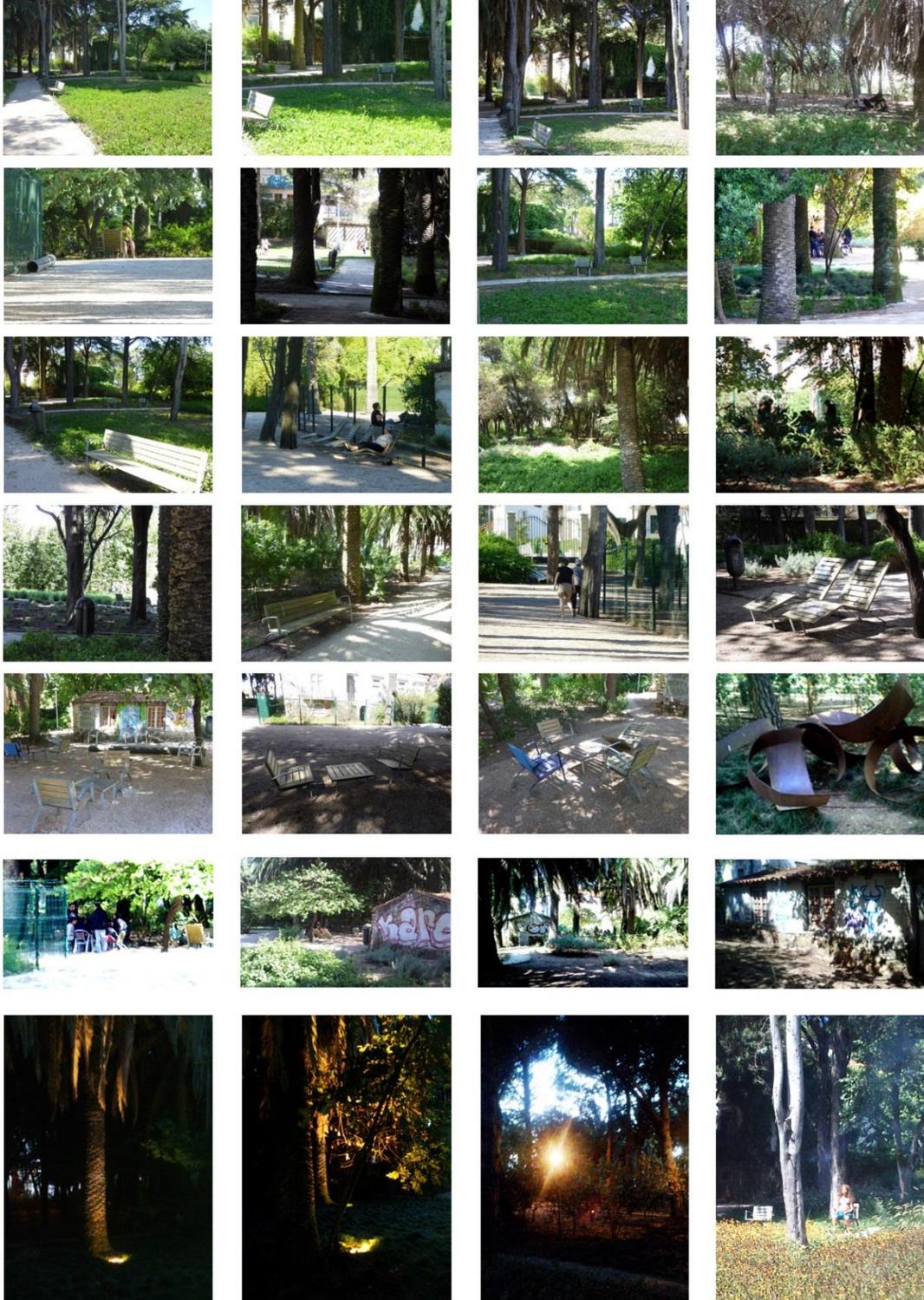
Grelha 4 (pinhal)

PINHAL



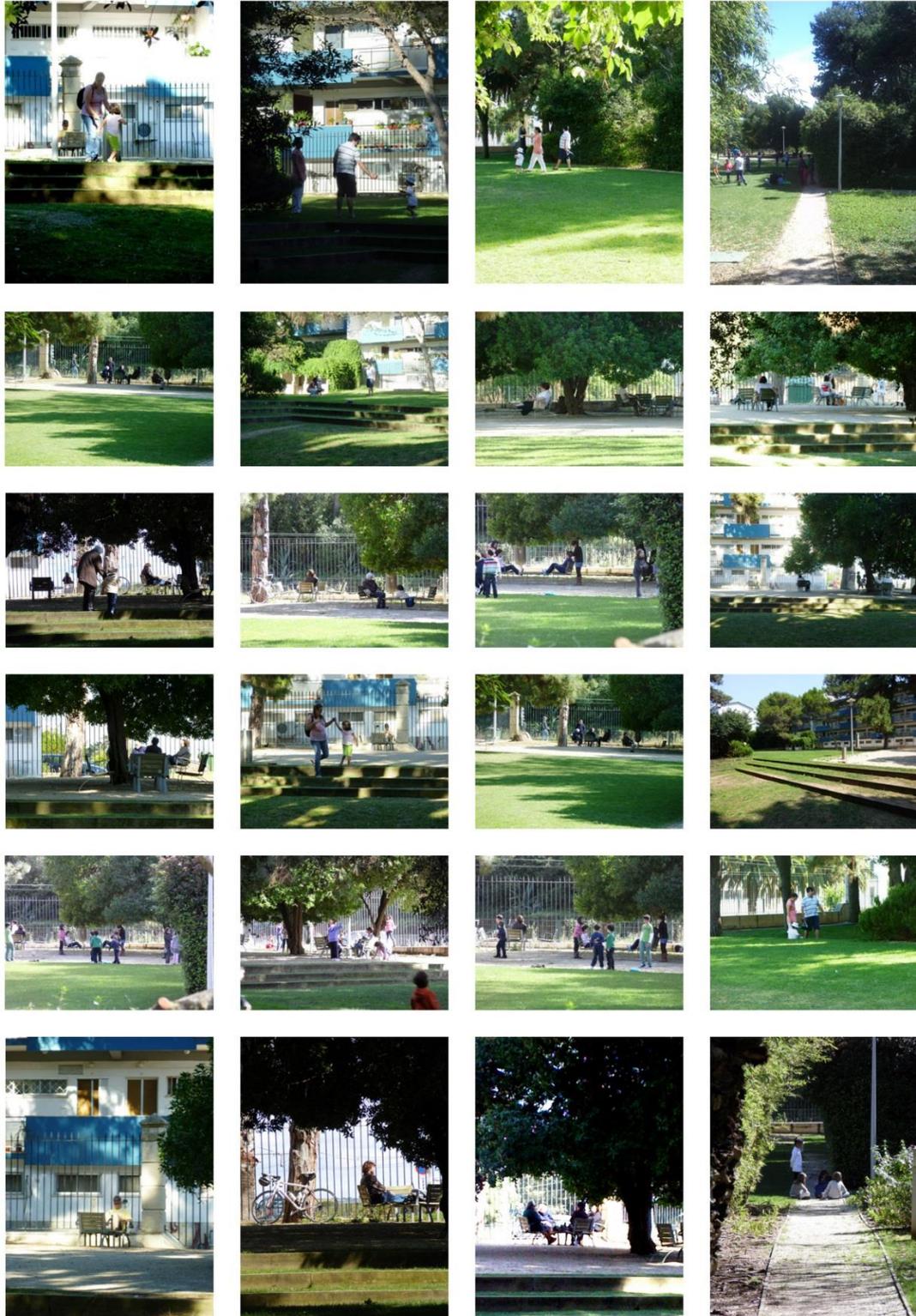
Grelha 5 (pinhal – continuação)

PINHAL



Grelha 6 (relvado grande e estadia a Sul)

RELVADO GRANDE E ESTADIA A SUL



Grelha 7 (relvado pequeno)

RELVADO PEQUENO



Grelha 8 (zonas de transição)

ZONAS DE TRANSIÇÃO



Grelha 9 (elementos e pormenores)

ELEMENTOS E PORMENORES



ANEXOS

Anexo 1 – Correspondência

1.1. E-mail de Célia Garret Florêncio

De: Célia Garrett Florêncio
Enviada: terça-feira, 23 de Abril de 2013 12:43
Para: Maria Gabriela Salgado
Cc: Maria Isabel Soromenho; Luís Manuel Saavedra
Assunto: RE: Qtª 7 Castelos - Informação histórica

Olá Gabriela

Este é o assunto que te falei e que sei que o Arquivo tem o processo de obra e a planta (aliás muito bonita) exposta em vitrine. Tenho pouca informação histórica como podes ver abaixo, e agradeço a tua colaboração no que puderes completar com as referências que achares oportuno e a enviar para a Divisão de Gestão Patrimonial, Dr. Luis Saavedra.

A 25 de Julho de 1899, Waldemar Augusto de Albuquerque d'Orey (Horta, 1866 – Sto. Amaro Oeiras, 1950), solicitou autorização à Câmara M Oeiras para construir uma casa de habitação conforme planta, no sítio dos Sete Castelos, onde terá adquirido um terreno. A capela da Quinta foi construída mais tarde em 1929, de invocação a N Sra. das Graças. A Quinta dos Sete Castelos era constituída pela casa de habitação apalaçada, que ainda hoje mantém a robustez e traça originais, a capela, o picadeiro, as cocheiras, a horta com árvores de frutos dos quais ainda permanecem as nespereiras, figueiras, laranjeiras e noqueira.

Hoje esta propriedade é património municipal desde 18 de Outubro de 2000, por aquisição aos herdeiros.

A Quinta compreende cerca de 1,5 hectares de área incluindo o pinhal e a casa apalaçada. Foi reabilitado o jardim e aberto ao público como espaço de lazer.

Bjs

Célia Garrett Florêncio

Câmara Municipal de Oeiras

Divisão de Património Histórico e Museológico

Palácio Marquês de Pombal

2780-501 Oeiras

Telefone: 21 4404870

21 4408300 – Ext. 2182

@celia.florencio@cm-oeiras.pt

1.2. E-mail de Rodrigo Alves Dias

De: Rodrigo Alves Dias

Enviada: quarta-feira, 13 de Março de 2013 11:16

Para: Luís Baptista Fernandes; Luís Manuel Saavedra

Assunto: RE: Qtª 7 Castelos

Mas essa quinta tem um processo municipal referente ao edifício e á sua recuperação e transformação que creio foi acompanhado pelo Carrilho. Quanto ao jardim foi recuperado pela DEV, que deve ter o projeto.

Creio que é dos exemplares de Quintas do final de século principio do vinte, onde se insere o nosso Palácio Anjos, são quintas com jardins de estilo romântico, que acompanham as casas do mesmo estilo, e com jardins com apontamentos revivalistas naturalista; nesta mesma linha e muito mais bem conservados podemos apontar os jardins Palmela em Cascais, e os jardins dos viscondes Castro Guimarães. Nos nossos casos depois de tantas intervenções sem ter em conta as características desse estilo de jardins, praticamente só existe parte da arborização, e alguns traçados do desenho dos jardins originais. Ainda que o “genius locci “esteja bem presente e permaneça em muito das características climáticas e de exposição solar, bem como a luz que advém da proximidade do oceano.

Existem dados históricos que tanto a Filó como a Célia devem poder fornecer, há todo o aspeto da arquitetura da casa que possui uma capela mais antiga.

Há também levantamentos cartográficos antigos onde talvez seja possível traçar os contornos, dos primórdios da Quinta, mas que necessitam de pesquisa histórica.

Em termos de desenho urbanístico e paisagístico, há muito a mostrar e divulgar sobre um roteiro e um percurso marginal destas quintas românticas em Oeiras, e Cascais, há alguns anos fiz uma apresentação nas jornadas europeias do património que decorreram em cascais, e também nas jornadas sobre vilegiatura que decorreram no Palácio Anjos em Algés, onde apresentei palestras sobre a vilegiatura na Linha Oeiras- Cascais, onde se constrói interessantes paisagens fantasiosas ao longo das encostas e junto ás enseadas e ao mar, com algumas casas hoje museus ou jardins públicos, pouco enaltecidos no seu valor histórico paisagístico e da sua vegetação sub tropical, que ainda permanece agora totalmente desenvolvida e que abriga um ambiente de perfeito e riquíssimo equilíbrio de fauna e flora.

Espero que as dicas ajudem.

Rodrigo

Anexo 2 – Tabelas do Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011

2.1. População Residente por grupos etários

Zona Geográfica	População Residente					
	Em 2011					
	Total		Grupos etários			
	HM	H	0-14	15-24	25-64	65 ou mais
1	8	9	10	11	12	13
Oeiras e São Julião da Barra	33827	15241	4454	3137	18498	7738

2.2. População Residente por países de naturalidade

Zona Geográfica	População Residente em 2011	
	HM	H
1	2	3
Oeiras e São Julião da Barra	33827	15241
Portugal	27802	12707
Estrangeira	6025	2534
Europa	975	416
União Europeia 27 (S/PT)	688	293
França	163	63
Países Baixos (Holanda)	34	18
Alemanha	91	38
Itália	35	17
Reino Unido	60	27
Irlanda	10	4
Dinamarca	4	1
Grécia	3	2
Espanha	122	53
Bélgica	32	18
Luxemburgo	2	0
Suécia	8	4
Finlândia	0	0
Áustria	5	3
Malta	1	0

Estónia	0	0
Letónia	2	0
Lituânia	3	0
Polónia	7	1
República Checa	8	2
Eslováquia	0	0
Hungria	6	3
Roménia	60	25
Bulgária	32	14
Eslovénia	0	0
Chipre	0	0
Outros países (parcial)	287	123
Noruega	2	0
Suíça	24	8
Rússia (Federação da)	44	15
Outros países - Europa	217	100
África	3384	1436
África do Sul	101	50
Angola	1447	596
Cabo Verde	404	192
Guiné-Bissau	86	41
Moçambique	1169	488
São Tomé e Príncipe	69	25
Outros países - África	108	44
América	1364	551
Argentina	10	5
Brasil	1222	479
Canadá	14	6
Estados Unidos da América	29	14
Venezuela, República Bolivariana da	43	26
Outros países - América	46	21
Ásia	298	130
China	58	27
Índia	108	47
Japão	3	1
Macau	68	29
Paquistão	0	0
Timor Leste	21	10
Outros países - Ásia	40	16
Oceânia	4	1
Austrália	4	1
Outros países da Oceânia	0	0
Outros países	0	0